



Distribution limitée

RM/AT/CONSULTANT

78
2
119.24
11.11

brésil

Protection et mise en valeur
du patrimoine culturel brésilien
dans le cadre du développement
touristique et économique



(24 novembre 1966 - 8 janvier 1967)
(19 avril - 1er juin 1967)

par M. Parent

IPHAN
ARQUIVO

AS MISSÕES DA UNESCO NO BRASIL: MICHEL PARENT

N° de série : 492/BMS.RD/CLT
Paris, mars 1968

unesco



PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DO IPHAN
série

PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DO IPHAN

série

**AS MISSÕES DA
UNESCO NO BRASIL:
MICHEL PARENT**

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA CULTURA

João Luiz Silva Ferreira

PRESIDENTE DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Luiz Fernando de Almeida

PROCURADORA-CHEFE

Lúcia Sampaio Alho

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

Maria Emília Nascimento Santos

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO

Dalmo Vieira Filho

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Márcia Genésia de Sant'Anna

DEPARTAMENTO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS

José do Nascimento Junior

COORDENAÇÃO-GERAL DE PROMOÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Luiz Phillippe Peres Torelly

COORDENADORA-GERAL DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA

Lia Motta

GERENTE DE PESQUISA

Márcia Regina Romeiro Chuva

PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DO IPHAN

série

**AS MISSÕES DA
UNESCO NO BRASIL:
MICHEL PARENT**

CLAUDIA FEIERABEND BAETA LEAL (ORG.)

RIO DE JANEIRO · IPHAN · 2008

SÉRIE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DO IPHAN Nº 3

ORGANIZAÇÃO E TEXTO

Claudia Feierabend Baeta Leal

PESQUISA

Analucia Thompson

Claudia Feierabend Baeta Leal

Luciano dos Santos Teixeira

SELEÇÃO DE IMAGENS

Bettina Zellner Grieco

REVISÃO TÉCNICA

Luciano dos Santos Teixeira

Márcia Regina Romeiro Chuva

TRADUÇÃO

Rejane Maria Lobo Vieira

REPRODUÇÃO DE IMAGENS

Oscar Henrique Liberal

PROJETO GRÁFICO

Marcela Perroni – Ventura Design

DIAGRAMAÇÃO

design [casa 8]

ELABORADO PELA BIBLIOTECA NORONHA SANTOS / IPHAN

M678

As Missões da Unesco no Brasil : Michel Parent. [tradução de Rejane Maria Lobo Vieira] ; organização e texto de Claudia Feierabend Baeta Leal . – Rio de Janeiro : IPHAN, COPEDOC, 2008.

344 f.: il., 20,5 x 27,5 cm. – (Série Pesquisa e Documentação do IPHAN ; 3)

ISBN: 978-85-7334-109-6

Inclui bibliografia.

1. Patrimônio. 2. Preservação. 3. Unesco. 4. Turismo. 5. Patrimônio mundial.
6. História. 7. PARENT, Michel, I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). II. Título. III. Série.

CDD 363.690981

IPHAN / RJ

Sumário

Apresentação 7

I - A missão de Michel Parent no Brasil

Claudia Feierabend Baeta Leal

O contexto da missão **13**

O "turismo cultural" **15**

O patrimônio mundial **23**

A missão de Michel Parent **28**

II - Proteção e valorização do patrimônio cultural brasileiro 33 no âmbito do desenvolvimento turístico e econômico

Michel Parent

III - Reprodução documental fac-similar 193

Protection et mise en valeur du patrimoine culturel brésilien dans le cadre
du développement touristique et économique (fac-símile)

Michel Parent

Bens referidos por Michel Parent em seu relatório 327

Índice de imagens 339



Vista da Praça da Aclamação, Cachoeira, Bahia, 1964

Apresentação

Este número da série Pesquisa e Documentação, das publicações da Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência (Copedoc) do IPHAN, edita o relatório *Protection et mise en valeur du patrimoine culturel brésilien dans le cadre du développement touristique et économique* [Proteção e valorização do patrimônio cultural brasileiro no âmbito do desenvolvimento turístico e econômico], do perito Michel Parent, referente a duas visitas ao Brasil, em 1966 e 1967, publicado em francês pela UNESCO em março de 1968 e cuja tradução a Copedoc apresenta nesta edição.¹ Atendendo ao intuito de divulgar o acervo do Arquivo Central do IPHAN, esta publicação possibilita acesso a informações que dão conta das relações de cooperação entre IPHAN, então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), e UNESCO; da valorização do turismo no âmbito da preservação e promoção desse mesmo patrimônio; da influência da gestação da idéia de Patrimônio Mundial na valorização e proteção do patrimônio cultural brasileiro; da própria história do IPHAN e dos conjuntos históricos e monumentos protegidos por essa Instituição e reconhecidos por aquele organismo.

Está prevista também, nessa mesma série e com objetivos semelhantes, a publicação das traduções dos relatórios de missão de Paul Coremans sobre o Rio de Janeiro, Sabará, Congonhas e Ouro Preto, em 1964; de Frédéric Limburg de Stirum a respeito de Parati, no Estado do Rio de Janeiro, em 1967; de Graeme Shankland sobre sua visita a Salvador e outras cidades na Bahia, em 1968; de Alfredo Evangelista Viana de Lima a respeito de suas estadas em Ouro Preto, em 1968 e 1970; de Pierre Habib sobre Olinda e Ouro Preto, já em 1979. Essas publicações estão incluídas em um programa de pesquisa desenvolvido pela Gerência de Pesquisa da Copedoc – Memória e Documentação – sobre a história da Preservação no Brasil e da inserção do Brasil no sistema internacional de patrimônio.

A escolha do relatório de Michel Parent como o primeiro entre os vários consultores da UNESCO que estiveram no Brasil entre as décadas de 1960 e 1970 deveu-se em parte à data de sua visita às cidades brasileiras, que foi uma das primeiras de que se teve notícia; à extensão de sua visita, que compreendeu 35 cidades; mas principalmente à importância de Parent no campo da preservação do patrimônio e seu compromisso com instâncias várias de proteção dos bens culturais. Sua biografia atesta largamente essa escolha: licenciado em Matemática e Física, com dois anos de estudos em Direito e em Letras, experiência no trabalho com sítios por meio de um projeto nacional de prospecção de sítios nos Pirineus e de inventário da arquitetura rural,² Parent era inspetor do Serviço Principal de Inspeção dos Monumentos e de Inspeção de Sítios na França há mais de vinte anos quando de sua vinda ao Brasil e foi enviado

1 PARENT, Michel. *Protection et mise en valeur du patrimoine culturel brésilien dans le cadre du développement touristique et économique*. Paris: UNESCO, 1968, Biblioteca Noronha Santos e Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro – AA01/Módulo 066/ Cx. 0076/ P. 0246. Tradução de Rejane Maria Lobo Vieira.

2 Cf. PREVOST-MARCILHACY, Christian. “L’Inspection des Monuments Historiques après la Liberation” in: *Jubilé Michel Parent – Une vie au service du patrimoine*. Paris: Comité des amis de Michel Parent/ Comité d’Histoire de la Culture, c.1997, pp. 17-18.

como especialista pela UNESCO no âmbito do programa “Turismo Cultural”. Foi também membro do Comitê que elaborou o texto da Convenção do Patrimônio Mundial, de 1972, e tornou-se, em 1980, por um breve período, presidente do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO. Entre 1981 e 1987, Parent foi presidente do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), quando retornou ao Brasil, em 1983, com a missão de avaliar a proposta brasileira de reconhecimento oficial do Centro Histórico de Salvador como Patrimônio Cultural da Humanidade, o que se consagrou em 1984. Em 1999, recebeu a Medalha de Honra da Europa Nostra, em reconhecimento à sua contribuição eminente, durante mais de cinquenta anos, à defesa e conservação do patrimônio.³ É preciso sublinhar, ainda, a relevância que esse texto teve tanto no âmbito da preservação do patrimônio cultural brasileiro quanto entre os demais consultores que o seguiram na elaboração de propostas para a DPHAN no que diz respeito à proteção das cidades brasileiras.

As avaliações feitas pelo perito francês das mais de 35 cidades visitadas durante suas duas estadas no Brasil renderam frutos importantes, como a criação da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, hoje Instituto (atual IPAC).⁴ Sua avaliação dos bairros históricos de Salvador e a proposta de ampliação da área de proteção também foi pioneira e decisiva nas medidas tomadas nessas localidades.⁵ As observações do perito francês sobre Parati reforçaram a importância da cidade junto à UNESCO, que determinou, em seguida, a ida de outro perito para avaliar a região – o belga Frédéric Limburg de Stirum.⁶ No que diz respeito a Ouro Preto, as sugestões de Parent tornaram-se referência, tendo servido de base para as análises propostas por Viana de Lima em seus relatórios para a UNESCO sobre a cidade mineira.⁷ Em São Luís, Parent teve importância fundamental na revitalização e proteção do centro histórico da capital maranhense,⁸ assim como influenciou fortemente os trabalhos desenvolvidos por Viana de Lima em São Luís e Alcântara.⁹

3 “M. Michel Parent – en reconnaissance de sa contribution éminente, pendant plus de cinquante ans, à la défense et à la conservation du patrimoine.” http://www.europanostra.org/lang_en/0261_activities_en_awards_medals.html, visitado em 11/11/2008.] Tradução de Claudia Feierabend Baeta Leal.

4 “Restauração do Centro Histórico de Salvador”, Secretaria da Cultura e do Turismo http://www.sct.ba.gov.br/sudecult_marcos.asp – consultado em 15/8/2006]; SHANKLAND, Graeme. *São Salvador de Todos os Santos. Town Planning, Conservation, and Tourism. A Report to UNESCO* [São Salvador de Todos os Santos. Conservação de Bairros Antigos e Desenvolvimento Turístico de Salvador]. Londres: s.l., s.d., pp. 3 e 13 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA01/M. 066/ Cx. 0076/ P. 0242.

5 SHANKLAND, Graeme. op.cit., p. 14.

6 STIRUM, Frédéric Limburg de. *Plan National de mise en valeur de Parati dans le cadre d’un développement touristique*. Paris: UNESCO, 1968, p. 3 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA01/M. 066/ Cx. 0076/ P. 0242.

7 LIMA, Alfredo Evangelista Viana de. *Rénovation et mise en valeur d’Ouro Preto*, octobre-décembre 1968. Paris: UNESCO, 1970; IDEM. *Renovation et mise en valeur d’Ouro Preto. (Second Rapport)* Paris: UNESCO, 1972 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA01/ M. 066/ Cx. 0076/ P. 0246.

8 “Programa de Preservação” (Governo do Maranhão) [http://www.ma.gov.br/cidadao/saoluis/centro_historico/programa_preservacao.php – consultado em 15/8/2006.]

9 LIMA, Alfredo Evangelista Viana de. *Estado do Maranhão – São Luís. Relatório e propostas para a conservação, recuperação e expansão*. Porto, Portugal: 1973; idem. *Estado do Maranhão – Alcântara. Relatório e propostas para a conservação, recuperação e expansão*. Porto, Portugal: 1973.

Esta publicação tem o objetivo de apresentar o relatório *Protection et mise en valeur du patrimoine culturel brésilien dans le cadre du développement touristique et économique* e sua tradução, destacando importantes discussões presentes no próprio texto de Michel Parent, que apontam para debates então relevantes e influentes no contexto internacional de preservação e para o contexto histórico, institucional e político em que suas missões inserem-se.

Juntamente com um estudo sobre o relatório e a tradução deste para o português, esta edição traz a reprodução fac-similar do texto de Michel Parent, depositado no Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Vale chamar a atenção para o fato de que os “Anexos” mencionados no sumário do relatório de Parent não constam da edição do documento guardado tanto no Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, quanto da edição do acervo da Biblioteca Noronha Santos, também do IPHAN. Por isso, e buscando minimizar a falta dos “Documentos Fotográficos” mencionados, foi feita uma pesquisa e seleção de imagens para esta edição, com fotografias do Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, referentes aos bens citados pelo perito em sua visita e datadas, sempre que possível, de época próxima ao período de sua missão.

Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência

I

A missão de Michel Parent no Brasil



Ladeira João Homem, no Morro da Conceição, Rio de Janeiro, 1981. Foto de Jurema Arnaut

A missão de Michel Parent no Brasil

CLAUDIA FEIERABEND BAETA LEAL

O inspetor Michel Parent, técnico do Serviço Principal de Inspeção dos Monumentos e de Inspeção de Sítios na França, esteve no Brasil em missão financiada pela UNESCO nos anos de 1966 e 1967, tendo produzido, em seguida, o relatório que esta edição apresenta. Seu texto, além fornecer uma visão das ações, iniciativas e perspectivas daquele organismo no que concernia ao conhecimento e preservação dos bens culturais em uma abrangência mundial, contribui para se entender a relação estabelecida ao longo dos anos entre o órgão brasileiro responsável pela proteção do patrimônio cultural, o IPHAN, e a UNESCO, assim como para se acompanharem as mudanças ocorridas na própria forma de se pensar o patrimônio nessas duas organizações. Uma pesquisa, portanto, que busque situar essa missão de Parent dentro dos contextos internacional e brasileiro deve partir exatamente da relação entre IPHAN, então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), e UNESCO, e, para isso, pode lançar mão de um acervo riquíssimo guardado pela própria instituição responsável pela preservação do patrimônio no Brasil em seu Arquivo Central/ Seção Rio de Janeiro. Este texto pretende, nesse sentido e com vistas a apresentar o relatório de Michel Parent, introduzir questões que marcaram essa relação entre DPHAN e UNESCO e chamar a atenção para alguns dos pontos levantados pelo perito em seu texto, dentro da perspectiva do programa *Memória e Documentação*, desenvolvido pela Gerência de Pesquisa da Copedoc, de pesquisa da história da preservação no Brasil, da memória do IPHAN e de divulgação dos documentos guardados nos arquivos desta Instituição.

O contexto da missão

Os contatos da DPHAN com a UNESCO não tiveram início com a vinda de Michel Parent ao Brasil, mas foi precisamente na década de 1960 que essa relação tornou-se ainda mais próxima. Em setembro de 1964, época em que a “Organização dava passos em direção à descentralização”,⁹ estabeleceu-se a Representação da UNESCO no Brasil, “como parte do acordo de cooperação técnica firmado com as autoridades brasileiras em 1964.”¹⁰ Essa cooperação também se concretizou, ainda nesse ano, com a vinda de Paul Coremans, diretor do Real Instituto de Estudo e Conservação do Patrimônio Artístico, em Bruxelas, Bélgica. O sentido que a imprensa brasileira parece ter atribuído a essa missão, no entanto, relacionou-a primordialmente a uma

⁹ *Marco estratégico para a UNESCO no Brasil*. Brasília:UNESCO, 2006 [http://www.brasilia.unesco.org/unesco/organizacaoBrasil – consultado em 28/10/2008.]

¹⁰ Idem.

iniciativa da UNESCO, sendo descrita como resultado de sua preocupação “com a situação de abandono e de desprezo das coisas da cultura brasileira”, conforme se lê em uma edição do jornal *O Globo*.¹¹ É certo que o papel da UNESCO foi determinante para a realização da missão, que teria sido organizada para atender a solicitação da Organização de avaliação dos laboratórios da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), de “estabelecimento de um programa para o futuro”, visita às edificações antigas do sítio urbano de Ouro Preto e encaminhamento de “propostas para sua conservação”, como se lê no relatório publicado em maio de 1964.¹² No entanto, Coremans deixou claro o contato com as autoridades brasileiras e o interesse destas em relação à sua análise e propostas: além de sublinhar a participação do diretor da DPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade, no próprio detalhamento da missão, descreveu-a como “missão de orientação que, **bem preparada pelas partes interessadas**, tenta propor bases válidas a serem acompanhadas por adaptações posteriores.”¹³

Na historiografia referente à DPHAN, os contatos entre este órgão e a UNESCO também aparecem nesse viés de auxílio especializado e cooperação técnica, com ênfase no interesse do primeiro em buscar, junto a essa Organização, diretrizes para “reformular e reforçar sua atuação” no que dizia respeito ao patrimônio cultural, em vista da industrialização acentuada que marcou as décadas de 1950 e 1960 no Brasil.¹⁴ Maria Cecília Londres da Fonseca, em seu *O patrimônio em processo*, deu destaque às tensões que surgiram no âmbito da Instituição no que concernia à “preservação das cidades históricas e dos centros históricos das grandes cidades”, dada a desarticulação dos “processos espontâneos de preservação do patrimônio”,¹⁵ processos esses definidos pela historiografia como culturais, em oposição a critérios mais voltados para uma política estatal de preservação. Márcia Sant’Anna também sublinhou a demanda da DPHAN por uma “nova política para a conservação do patrimônio” frente aos problemas urbanos advindos da arrancada industrial que impedia que a atuação do Instituto se voltasse principalmente, como até então ocorria, para “problemas de manutenção das (...) características formais” dos conjuntos e monumentos.¹⁶

Especificamente, a documentação oficial fazia referência a uma série de perigos que esse contexto oferecia ao patrimônio, perigos esses sistematizados no documento *Recomendação da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cul-*

11 “UNESCO pediu há dois anos defesa do nosso patrimônio histórico” *O Globo*, 21/12/1966 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA01/M066/P. 05/Cx. 0059/P190.

12 COREMANS, Paul. *Brésil – La preservation du patrimoine culturel*. Paris: UNESCO, 1964 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA01/ M0066/ P06/ Cx0077/ P0247. Tradução de Rejane Maria Lobo Vieira.

13 Idem. Grifos nossos.

14 MEC/SPHAN/FNPM. *Proteção e vitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória*. Brasília: MEC/SPHAN/FNPM, 1980, p. 32; FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC/IPHAN, 2005, p. 142.

15 FONSECA, Maria Cecília Londres. op.cit., p. 141.

16 SANT’ANNA, Márcia. *Da Cidade-Monumento à Cidade-Documento. A Trajetória da Norma de Preservação de Áreas Urbanas no Brasil (1937-1990)*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, dezembro de 1995, p. 153.

tura, mais conhecida como *Recomendação de Paris*, elaborado durante a Conferência Geral da UNESCO em 1962. Entre as ameaças a paisagens e sítios, muitas delas relacionadas a um crescimento urbano desordenado, estavam a “construção de edifícios públicos e privados de qualquer natureza”; a “construção de estradas”, item que, no contexto brasileiro, aparecia como a “ameaça das BRs” em referência às rodovias interestaduais construídas em larga escala na década de 1960; as “linhas de eletricidade”; a “construção de auto-serviços para distribuição de combustíveis”; a distribuição indiscriminada de “cartazes publicitários e anúncios luminosos”; questões concernentes ao meio ambiente como o desmatamento, a poluição do ar e da água, a “exploração de minas e pedreiras e evacuação de seus resíduos”, bem como a “captação de nascentes, trabalhos de irrigação, barragens, canais, aquedutos, regularização dos cursos de água etc”; além do descarte do lixo, por causa dos “depósitos de material e de matérias usadas, assim como detritos e detritos domésticos, comerciais ou industriais.”¹⁷ Para além desses problemas de última hora, havia também os problemas causados pela especulação imobiliária, a crônica falta de recursos destinados à cultura e à preservação do patrimônio cultural, os escassos recursos humanos empregados nessa área, a pouca especialização dos técnicos responsáveis.

O “turismo cultural”

No que diz respeito mais especificamente aos esforços da UNESCO pela preservação do patrimônio cultural, é interessante notar a ênfase dada ao turismo, como atividade de promoção, desenvolvimento e sustento do patrimônio cultural, por esse organismo na década de 1960.

As chamadas *Cartas Patrimoniais*, documentos referentes a reuniões sobre a proteção do patrimônio cultural ocorridas em diversas partes do mundo,¹⁸ abriram grande espaço para o tema ao longo dos anos. Na citada *Recomendação de Paris*, de 1962, os órgãos responsáveis pelo fomento ao turismo nos Estados Membros foram incluídos entre outros organismos “envolvidos com a proteção das paisagens e sítios” e “encarregados da proteção da natureza”.¹⁹ Já a 72ª Reunião do Conselho Executivo da UNESCO, ocorrida em Budapeste em maio de 1966, adotou como ordem do dia a “preservação dos monumentos e outros bens culturais em sua relação com o desenvolvimento com o turismo.” Nessa reunião, o Diretor-Geral da UNESCO, René Maheu, apresentou um estudo sobre a “possibilidade e utilidade de associar a conservação dos bens culturais ao desenvolvimento do turismo, levando-se em conta os valores históricos, artísticos e educativos inerentes a esses bens culturais.”²⁰ Estavam em jogo, por exemplo, as solicita-

17 *Recomendação de Paris* (1962) in: Isabelle Cury (org.) *Cartas Patrimoniais*. (3ª edição rev. e aum.) Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

18 Isabelle Cury (org.). op.cit.

19 *Recomendação de Paris* (1962) in: Isabelle Cury (org.). op.cit.

20 *Resolutions et Decisions adoptées par Le Conseil Executif en sa soixant-douzième session*, documento anexo a HAGUE-NAUER, René. Ofício a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 08/08/1966 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA01/M066/Cx.59/P0189. Em francês no original; tradução de Claudia Feierabend Baeta Leal.

ções de assistência apresentadas pelos Estados Membros, em que se conjugavam “a conservação dos bens culturais e o desenvolvimento do turismo”, assim como “a importância dos projetos relativos ao turismo cultural para o progresso econômico dos países em desenvolvimento.”²¹

A questão do progresso econômico e sua relação com o turismo vai aparecer ainda mais fortemente em documento do ano seguinte, na Reunião sobre Conservação e Utilização de Monumentos e Lugares de Interesse Histórico e Artístico, organizada pela Organização dos Estados Americanos (O.E.A.), em Quito, em que foram estabelecidas as chamadas *Normas de Quito*. Deu-se, então, uma grande ênfase ao valor econômico dos bens culturais, entendidos como “susceptíveis de constituir-se em instrumentos do progresso.”²² As *Normas* defendiam a mobilização dos “esforços nacionais no sentido de procurar o melhor **aproveitamento** dos recursos monumentais de que se disponha, como meio indireto de favorecer o **desenvolvimento econômico do país**.”²³ Isso significava uma grande ênfase na promoção dos bens culturais e na “revalorização do patrimônio monumental em função do interesse público”, ou seja, na ênfase nas características e qualidades dos bens com vistas ao incentivo ao turismo. Nota-se, nessa perspectiva, um sentido bastante específico atribuído a “interesse público”, voltado para o desenvolvimento econômico e distinto da noção de “interesse público” dos anos 1930, notadamente no Brasil, em que estavam evidentes principalmente referências à construção da identidade nacional.²⁴ Nesse sentido da década de 1960, porém, tratava-se de apontar estratégias tanto para contribuir com o “benefício econômico da nação” – e os “países em desenvolvimento” receberam lugar de destaque nessas *Normas* – quanto para solucionar os problemas referentes à própria preservação dos bens.

Parte das referências adotadas nesse documento foi recuperada de reuniões que haviam focado na importância econômica do patrimônio cultural e, mais especificamente, no turismo, como a Conferência das Nações Unidas sobre Viagens Internacionais e Turismo (Roma, 1963); o Conselho Econômico e Social, que recomendou considerar 1967 o “Ano do Turismo Internacional”; estudo realizado pela União Internacional de Organizações Oficiais de Turismo; a 4ª Reunião da Comissão Técnica de Fomento do Turismo, ocorrida entre julho e agosto de 1967; e a Reunião dos Chefes de Estado, em Punta Del Leste, também em 1967. Nesse sentido, destacaram-se algumas preocupações referentes a perigos que uma atividade turística predatória poderia representar ao patrimônio cultural de uma nação, mas a defesa do turismo como atividade potencialmente benéfica foi o tom mais freqüente; daí a afirmação de que “os valores propriamente culturais não se desnaturalizam nem se comprometem ao vincular-se com os interesses turísticos” e que “a maior atração exercida pelos monumentos e

21 Idem.

22 “Normas de Quito” (1967) in: Isabelle Cury (org). op.cit.

23 Idem. Grifos nossos.

24 Nesse sentido, é interessante a leitura da “Exposição de motivos submetida pelo Ministro Gustavo Capanema ao Presidente Getúlio Vargas em novembro de 1937”, transcrita em *Proteção e vitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória*. op.cit, pp. 109-110.

a fluência crescente de visitantes contribuem para afirmar a consciência de sua importância e significação nacionais.”²⁵

Em janeiro de 1968, em Túnis, na África, a reunião do Comitê de Peritos Internacionais para a Valorização do Patrimônio Cultural em prol do Desenvolvimento Econômico, que contou com a presença de Michel Parent entre os especialistas, tirou uma série de recomendações que foram organizadas em relatório publicado em maio de 1968 – poucos meses depois de vir a lume seu *Protection et mise en valeur du patrimoine culturel brésilien dans le cadre du développement touristique et économique*.²⁶ Nesse documento, os temas abordados nas “Normas de Quito” foram mantidos: de um lado, o destaque aos perigos que ameaçavam conjuntos, monumentos e sítios, resultantes tanto da “falta de meios para preservá-los” quanto “da industrialização progressiva e dos grandes trabalhos públicos”; de outro, a ênfase no estreitamento da relação entre as exigências do desenvolvimento econômico e a valorização dos bens culturais a partir da perspectiva do turismo. O relatório primeiramente mencionou outras reuniões a fim de referendar os tópicos defendidos, como a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Turismo Internacional, realizada em 1963, e a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento, de 1964, nas quais teria sido recomendado “a todos os países, e mais particularmente àqueles em desenvolvimento, encorajar o turismo, contribuição vital para seu crescimento econômico”. Também se defendeu que as agências especializadas das Nações Unidas e as agências de financiamento internacional fornecessem assistência para o desenvolvimento do turismo, em especial por meio da valorização dos sítios arqueológicos, históricos e naturais.²⁷

As 13ª e 14ª Reuniões da Conferência Geral da UNESCO também foram citadas nesse relatório por causa do espaço que dedicaram à questão do turismo. Enquanto a primeira, realizada em 1965, determinara a realização de um estudo para avaliar em que medida a preservação do patrimônio monumental de um país contribui para o desenvolvimento do turismo e, conseqüentemente, para o desenvolvimento econômico do país, a última, de 1966, já tomou essa premissa como certa. Entre suas resoluções, encontrava-se a defesa da preservação e valorização do patrimônio cultural dos Estados Membros em relação ao desenvolvimento do turismo e de medidas que encorajassem o turismo cultural.²⁸ A Declaração de Tlatelolco, por sua vez, adotada pela 4ª Conferência Regional das Comissões Nacionais do Hemisfério Ocidental, que se reuniu em junho de 1967 no México e que teria lançado as bases para o desenvolvimento do turismo

25 Idem.

26 *Comité d’experts internationaux pour la mise en valeur du patrimoine culturel par le développement économique – Rapport Final*. Paris: UNESCO, 1968, documento anexo a MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (MRE). Ofício enviado à DPHAN, em 18/10/1968 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA01/M066/Cx.59/P0189. Em francês no original; tradução de Claudia Feierabend Baeta Leal. Este relatório foi enviado pelo Ministério das Relações Exteriores à DPHAN em junho de 1968, e a técnica Lygia Martins Costa deu ciência de seu recebimento, observando que o documento era “Da maior importância para a DPHAN, uma vez que lhe abre caminho para uma ação bem mais efetiva.” (MRE. Ofício enviado à DPHAN, em 26/06/1968 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA01/M066/Cx.59/P0189.)

27 *Comité d’experts internationaux... – Rapport Final*. doc. cit.

28 Idem.

cultural na América Latina,²⁹ também foi citada, com transcrição de sua defesa dos “programas para a valorização dos bens culturais e para o desenvolvimento integrado dos povos em sua própria civilização” por meio do turismo cultural.³⁰ Igualmente, a menção à Assembléia Geral da União Internacional das Organizações Oficiais de Turismo, reunida em Tóquio em outubro de 1967, reforçou a idéia de vinculação da proteção de sítios e monumentos ao desenvolvimento do turismo, “a fim de facilitar seu financiamento.”

Quanto ao conteúdo do próprio *Relatório Final* do Comitê de Especialistas Internacionais, destacam-se os itens 3, 4 e 5 de sua Ordem do Dia,³¹ que buscaram mais especificamente relacionar sítios e monumentos ao desenvolvimento de programas culturais voltados para o progresso econômico e com base no desenvolvimento do turismo cultural. O Comitê reunido procurou frisar, nesse sentido, que a atração dos conjuntos, dos monumentos e dos sítios, assim como das instituições culturais era, então, “uma das motivações mais importantes do turismo cultural”. E continuava: “Este [o turismo cultural] constitui, sob suas diversas formas, um fator essencial do desenvolvimento econômico do país.”³² Também buscou chamar a atenção para os problemas apontados pelos peritos, “notadamente [por] aqueles vindos de países em desenvolvimento”, e para formas de assistência prestada pela UNESCO, tais como o envio de peritos que poderiam “ajudar os governos a definir e estabelecer os programas, particularmente aqueles concernentes ao turismo, que devem integrar-se aos planos de desenvolvimento gerais dos países.”

A vinda de Michel Parent ao Brasil enquadrou-se exatamente nesse contexto de ênfase na relação entre turismo, desenvolvimento econômico, preservação e valorização do patrimônio cultural; da busca de cooperação entre os dois organismos voltados para a preservação do patrimônio cultural – DPHAN e UNESCO –; e de esforços por parte do governo brasileiro nesse sentido:

Plano de incentivo ao chamado Turismo Cultural, importando em concurso financeiro de estabelecimento de crédito internacional, sob responsabilidade da UNESCO, para conservação e recuperação de monumentos e proteção da natureza nos territórios dos Estados Membros. Esse plano foi adotado por proposta feliz do Diretor Geral [da UNESCO] René Maheu (acrescentado por sugestão do Embaixador Carlos Chagas). Pleiteamos a aplicação dele ao Brasil. Se a Conferência Geral tiver que incluir no orçamento recursos destinados a favorecê-lo, há grande conveniência de que a Delegação BRASILEIRA, sob sua presidência, apóie a medida.³³

29 *Rôles et activités des Commissions Nationales – Consultation Collective des Secrétairies des Commissions Nationales*. Paris, 1970. [http://unesdoc.unesco.org/images/0000/000004/000410FB.pdf – consultado em 30/10/2008.]

30 *Comité d’experts internationaux... – Rapport Final*. doc. cit.

31 Vale mencionar que esses itens foram grifados pela técnica Lygia Martins Costa, que apreciou o documento em nome da DPHAN.

32 *Comité d’experts internationaux... – Rapport Final*. doc. cit.

33 ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Ofício ao Ministro da Educação e Cultura, Moniz Aragão, em 20/10/1966 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx. 0059/P. 0190.

É interessante notar, nesse documento, a apresentação que o então diretor da DPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade, fez do plano de incentivo da UNESCO, a fim de entender melhor o processo estabelecido para assegurar a assistência desta organização e definir que tipos de ações estavam contemplados, quais as expectativas criadas e atendidas e os interesses envolvidos. Essa análise, além de ajudar a ler o relatório de Michel Parent dentro das perspectivas lançadas por esse organismo e aquelas acolhidas pela DPHAN, joga luz sobre a própria relação que vinha sendo estabelecida entre essas duas instituições.

No que diz respeito ao recurso ao “plano de incentivo ao chamado Turismo Cultural”, e recuperando a discussão acima do contexto internacional, o peso dado à atividade turística pela UNESCO mostrava-se superior àquele atribuído a tal atividade pela DPHAN. Os documentos sugerem um maior interesse, por parte desta Diretoria, pela assistência financeira e técnica envolvida no plano de incentivo e que poderia ser utilizada em prol da “conservação e recuperação de monumentos e proteção da natureza” do que propriamente pela criação de relações mais íntimas entre o turismo e o patrimônio cultural brasileiro. Os contatos estabelecidos pela DPHAN com a UNESCO buscavam, é claro, parceria com o principal organismo de proteção do patrimônio e seu aval técnico, mas também havia a busca por assistência financeira, que poderia vir por meio de diversos programas. É o que se pode notar, por exemplo, em memorando do arquiteto Renato de Azevedo Duarte Soeiro, chefe da Divisão de Conservação e Restauração da DPHAN e que se tornou presidente em 1967, substituindo Rodrigo Melo Franco de Andrade, dirigido a este em 1966, informando-o sobre os programas oferecidos pela UNESCO, por meio dos quais poderiam “obter recursos para nossa repartição”.³⁴ Sua lista incluía o programa de “Recuperação de Recursos Naturais”, que ajudaria aquela Diretoria a enfrentar “a ameaça das BRs”, e o plano de “Incremento ao Turismo”, programa que oferecia “medidas que beneficiariam Ouro Preto, Parati e áreas tombadas como Salvador”, sem maiores destaque a este último.³⁵ O próprio chefe da Delegação Permanente do Brasil junto à UNESCO, o embaixador Carlos Chagas Filho, ao informar o diretor da DPHAN sobre as medidas que tomara em relação “ao programa de proteção do Patrimônio Histórico”, escreveu que conseguira uma missão daquele organismo para o Brasil “sob a denominação mais ou menos esdrúxula de ‘turismo cultural’”.³⁶ A ênfase, portanto, estava na assistência *tout court*; a questão do turismo parecia então constar como uma porta de acesso ao Organismo e a seus programas de assistência.³⁷

34 SOEIRO, Renato. Memorando a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 21/06/1966 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx. 0059/P. 0190.

35 Idem.

36 CHAGAS FILHO, Carlos. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 21/06/1966 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx. 0059/P. 0190.

37 Vale também mencionar que as referências que a direção da DPHAN e seus técnicos fizeram sobre a missão de Parent sublinhavam principalmente objetivos técnicos, de avaliação dos trabalhos realizados por aquela diretoria, sem maiores menções à questão do turismo. Ver, por exemplo: ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Ofício ao chefe da Missão da UNESCO no Brasil, John M. Howe, em 22/11/1966; IDEM. Carta ao diretor do Departamento Cultural da UNESCO, Ali Vrioni, em 05/12/1966 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx. 0059/P. 0190.

O turismo, porém, não era um assunto inédito no Brasil. Leila Bianchi Aguiar, em sua tese de doutorado *Turismo e preservação nos sítios urbanos brasileiros: o caso de Ouro Preto*,³⁸ apresentou iniciativas de associações empresariais desde a década de 1920, com a criação da Sociedade Brasileira de Turismo, mais tarde Touring do Brasil; da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, em 1936; e da Associação Brasileira de viagens, em 1953.³⁹ No contexto do Estado brasileiro, é possível recuperar menções à atividade turística na legislação já da década de 1930 (Decreto-Lei nº 406/1938)⁴⁰ e tem-se a própria criação da Divisão de Turismo, no âmbito do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo Vargas.⁴¹ Em 1958, foi instituída a Comissão Brasileira de Turismo (Combratur),⁴² subordinada à Presidência da República, comissão que foi extinta alguns anos depois e, em 1966, criou-se a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) com o “objetivo de desenvolver políticas de incentivo ao turismo em uma estrutura semelhante à extinta Combratur”, ou, em termos mais recentes – que remetem à aproximação do turismo em relação ao desenvolvimento sustentável –, visando a “fomentar a atividade turística, criando condições para a geração de emprego, renda e desenvolvimento em todo o país.”⁴³

Mesmo na DPHAN, o tema do turismo foi ganhando importância no final da década de 1960, e não é demais afirmar que isso de se deveu, pelo menos em parte, às parcerias estabelecidas com a UNESCO nesse período. Em ofício de 1968 enviado por Renato Soeiro, então diretor dessa Diretoria, ao Ministro das Relações Exteriores, Nestor dos Santos Lima, o primeiro sublinhou a aproximação entre os objetivos da DPHAN e o tema da reunião do Comitê de Peritos Internacionais para a Valorização do Patrimônio Cultural, que fora a “valorização do nosso patrimônio cultural e sua integração nos planos de turismo e desenvolvimento econômico do país”, justamente ao comentar o relatório final da reunião do Comitê de Peritos da UNESCO ocorrida em Túnis em janeiro daquele ano.⁴⁴ Soeiro também esteve presente no Congresso Extraordinário Interamericano do Turismo, entre 18 a 25 de agosto de 1972, no Rio de Janeiro, durante o qual o diretor da Embratur, Paulo Manoel Protasio, teria mostrado interesse em firmar uma cooperação entre essa Empresa e a UNESCO, ao mesmo tempo em que manifestou a intenção de entrar em contato com Soeiro para “estabelecer, com ele, um programa de cooperação que permitirá à Embratur apoiar e estimular os projetos atualmente desenvolvidos pelo

38 AGUIAR, Leila Bianchi. *Turismo e preservação nos sítios urbanos brasileiros: o caso de Ouro Preto*. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2006.

39 Idem, p. 96

40 O Decreto-lei nº 406 de 1938, “que dispunha sobre a entrada de estrangeiros em território nacional”, restringia a venda de passagens às agências autorizadas pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio”, permissão essa que se estendia às operadoras turísticas. (Cf. Leila Bianchi Aguiar, op. cit., p. 97).

41 Idem, p. 98.

42 Idem, p. 100.

43 Cf. “EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo” [<http://www.turismo.gov.br/> – consultado em 31/10/2008.]

44 SOEIRO, Renato. Ofício ao Ministro da Relações Exteriores, Nestor dos Santos Lima, em 14/11/1968 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx. 0059/P. 0190.

patrimônio.”⁴⁵ O contato entre a DPHAN e a Embratur estreitou-se efetivamente em 1975, data da primeira ação conjunta entre as duas instituições, com o Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas.⁴⁶

Nesse sentido, é importante levar em conta como as resoluções da UNESCO voltadas para o turismo foram fazendo parte do universo de possibilidades para ajudar na preservação, desenvolvimento e aproveitamento do patrimônio cultural brasileiro, principalmente por meio dos contatos estabelecidos pela DPHAN com os peritos enviados por aquele organismo ao Brasil. É o caso de Michel Parent, sua ênfase no turismo como atividade importante para o desenvolvimento econômico e preservação dos bens culturais, além do destaque dado à Embratur em seu relatório.

O título do relatório de Parent – *Proteção e valorização do patrimônio cultural brasileiro no âmbito do desenvolvimento turístico e econômico* –, aliado à importância que o turismo vinha assumindo no contexto internacional de preservação do patrimônio, reforça o espaço destinado à questão do turismo em seu estudo. Essa atividade foi descrita, logo nas primeiras linhas de seu texto, como uma importante possibilidade de planejamento e desenvolvimento global. Seu enfoque buscou sublinhar, por um lado, a potencialidade que a atividade turística representava para um país em desenvolvimento e com as virtudes com que esta nação contava. É interessante perceber que a noção de patrimônio apresentada por Parent em seu relatório não se limitava ao patrimônio edificado ou natural, mas incluía as tradições, as manifestações culturais, o que aparece também em sua proposta de desenvolvimento do turismo como um processo de intercâmbio cultural, de “compreensão mútua entre os povos e o desenvolvimento e salvaguarda de suas culturas específicas”, beneficiado, no Brasil, pela diversidade do patrimônio, pela amenidade do clima e pela “disposição inata do brasileiro de ser um anfitrião”. Por outro lado, o perito francês chamou a atenção para o pouco desenvolvimento que tal atividade tinha então no Brasil, e defendeu seu fomento na mesma linha desenvolvida por algumas *Cartas Patrimoniais*, enfatizando a relação entre turismo e a proteção do patrimônio:

O turismo pode, com certeza, constituir uma das fontes do futuro desenvolvimento da renda nacional e fornecer um alibi econômico aos esforços consideráveis que devem ser feitos se quisermos salvaguardar o vasto patrimônio cultural que está há muito tempo em perigo, mas cuja ruína brevemente será irreversível.⁴⁷

⁴⁵ “A Chave do Império” *Última hora*, 17/08/1972; “Carta do Rio de Janeiro, ponto final” *Correio da Manhã*, 26/08/1972 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P03/Cx. 0046/P. 0153.

⁴⁶ Cf. AGUIAR, Leila Bianchi. op. cit., p. 130.

⁴⁷ PARENT, Michel. op.cit., p. 46 desta edição, grifos nossos.

Juntamente à urgência das ações de preservação e de estímulo ao desenvolvimento econômico, como se lê acima, Parent apresentou sua defesa do turismo a partir de linhas de ação bem definidas e detalhadas, com ênfase nos conjuntos urbanos e sua infra-estrutura, baseadas na relação entre planos de preservação e expansão e que priorizavam “o estabelecimento de um inventário exaustivo”, “a adoção de medidas administrativas conseqüentes de proteção”; e “a dotação dos meios financeiros necessários para a manutenção, restauração e animação desse patrimônio”.⁴⁸ Nesse sentido, e mostrando conhecimento da organização administrativa do governo brasileiro, buscou sublinhar as instâncias administrativas que deveriam se envolver nesse processo, que envolveria questões de urbanismo, entre elas a habitação, notadamente a habitação popular, a proteção do patrimônio e o turismo. Os serviços de planejamento estaduais, federais e internacionais, o Banco Nacional de Habitação, a DPHAN e a recém-criada Embratur foram instados, em seu relatório, a se responsabilizar pela salvaguarda do patrimônio.

Vale, no entanto, destacar os trechos do relatório de Parent em que este mostrou ciência em relação aos possíveis danos que o turismo poderia causar ao se aliar aos “demais fatores de degradação e, tanto material como psicologicamente, contribuir para degradar os bens naturais e culturais e, por conseguinte, negar-se a si próprio.” Para tanto, o perito sugeria que a atividade fosse acompanhada e controlada – seus elogios à criação da Embratur foram essencialmente nesse sentido – e que a rentabilidade do turismo não fosse o único critério a ser utilizado como medida do sucesso da atividade:

Ao contrário, importa que o turismo não constitua um fim em si mesmo, nem mesmo um meio de satisfazer simultaneamente a curiosidade e o conforto de não-brasileiros ou de uns poucos brasileiros desconectados da realidade nacional, mas que o modelo técnico da infra-estrutura associe o modo de conhecer a cultura brasileira à maneira de vivê-la e, desse modo, possa integrar a tradição, a ciência e a salvaguarda dos valores do Brasil antigo ao desenvolvimento do Brasil futuro.⁴⁹

Ao lado da relação entre turismo, desenvolvimento econômico e preservação do patrimônio cultural, Parent introduziu uma outra idéia importante sobre este patrimônio e que remete novamente à UNESCO e à gestão proposta por este organismo para os bens culturais: a noção de Patrimônio Mundial.

⁴⁸ Idem, p. 42, grifos no original.

⁴⁹ Idem, p. 50.

O patrimônio mundial

A *Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural*, de 1972, procurou apresentar disposições que estabelecessem “um sistema eficaz de proteção coletiva do patrimônio cultural e natural de valor universal excepcional, organizado de modo permanente e segundo métodos científicos e modernos”.⁵⁰ Há, no texto da *Convenção* e nesse projeto, que permanece em voga por meio da atuação do Comitê do Patrimônio Mundial, várias questões importantes para esta discussão. Primeiramente, tem-se a combinação entre patrimônio natural e cultural em um só documento, devido, por um lado, a uma concepção mais integral de patrimônio e relacionada à noção de um legado para o futuro, de usufruto para as próximas gerações, de “fontes insubstituíveis de vida e inspiração”.⁵¹ Por outro, dava-se particular atenção a ameaças de destruição por causas naturais e por efeitos do desenvolvimento social e econômico, o que afetava igualmente bens culturais e naturais.

Um segundo ponto importante do projeto lançado pela *Convenção* era a idéia de “proteção coletiva” do patrimônio. Essa idéia estava presente no próprio papel da UNESCO, de promover a colaboração entre as nações por meio da educação, da ciência e da cultura,⁵² com atenção também para “a conservação, o avanço e a promoção do saber voltado para a conservação e proteção do patrimônio universal”.⁵³ Na *Convenção*, a ênfase recaiu sobre a noção de patrimônio como bens compartilhados por “todos os povos do mundo”, por “toda a humanidade” e cuja responsabilidade cabia, conseqüentemente, a “todos os povos do mundo”, a “toda a humanidade”. Daí o destaque à assistência coletiva que deveria ser oferecida pela “coletividade internacional”, complementando as ações dos Estados nacionais no que concernisse a recursos financeiros, científicos e técnicos, principalmente nos casos em que faltasse, no âmbito do país em que o bem estivesse localizado, os meios financeiros, técnicos e científicos necessários, notadamente “métodos científicos e modernos”, para preservar e identificar esse patrimônio, assim como evitar a degradação e o desaparecimento do bem em questão.

Entre as modalidades de assistência internacional previstas no texto da *Convenção*, encontra-se a “formação de especialistas em todos os níveis na área de identificação, proteção, conservação, valorização e reabilitação do patrimônio cultural e natural”; o fornecimento de equipamento que o Estado onde o bem se encontra não possua nem tenha condições de adquirir; empréstimos e subvenções; além de estudos dos problemas que afetem o patrimônio natural e cultural, com vistas à sua proteção, conservação, valorização e reabilitação, e a “disponibilização de peritos,

50 *Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural*. [<http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf> – consultado em 14/09/2008]

51 “World Heritage”. Em inglês no original; tradução de Claudia Feierabend Baeta Leal. [<http://whc.unesco.org/en/about/> – consultado em 14/11/2008]

52 “Constitution of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization”. [http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=15244&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html – consultado em 14/11/2008]

53 *Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural*. doc. cit.

técnicos e mão-de-obra qualificada”, que são as duas modalidades que mais interessam a esta análise, dada a aproximação em relação à própria missão do perito Michel Parent no Brasil.

A elaboração e apresentação da idéia do “valor universal excepcional” é o terceiro ponto de grande interesse para esta análise e a marca principal da *Convenção* de 1972. Essa idéia estava intimamente ligada ao projeto de assistência coletiva proposto pela *Convenção*, uma vez que partia exatamente da noção de que haveria bens significativos para toda a humanidade, bens cujos significados seriam universais, e ainda alguns com valor único, insubstituível, excepcional. Dez critérios foram elaborados para auxiliar na identificação dos bens culturais e naturais, envolvendo “obras-primas do gênio criador humano”; testemunhos de “intercâmbio de valores humanos consideráveis” e de tradição cultural de civilização viva ou desaparecida; tipos de construções, conjuntos arquitetônicos ou paisagens representativos de “um ou vários períodos significativos da histórica humana”; exemplos relevantes de formas de assentamento ou ocupação da terra; relação com acontecimentos ou tradições vivas; resultados de fenômenos naturais; testemunhos de fases da história da Terra; exemplos de processos ecológicos ou biológicos; ou ainda conjuntos de habitats representativos ou importantes – enfim, critérios que reforçassem o caráter único, excepcional e insubstituível desses bens.⁵⁴

Ainda que a *Convenção* estabelecesse, com tais critérios, uma certa hierarquia entre os bens, diferenciando os de valor universal excepcional daqueles de valor unicamente nacional ou regional, o objetivo do documento não era diminuir a importância destes últimos, mas fortalecer a possibilidade de uma intervenção internacional de proteção a bens culturais e naturais, sem ofender a soberania nacional dos países. A própria idéia do Patrimônio Mundial teve origem frente a um episódio que envolveu a preocupação internacional de proteção de bens: trata-se da construção da Represa de Assuã, no Egito, em 1959, que colocou em perigo a integridade dos templos de Abu Simbel e Philae, considerados tesouros da antiga civilização egípcia. A UNESCO lançou, então, uma campanha de proteção que possibilitou que os monumentos fossem desmontados, movidos para um lugar a salvo da inundação provocada pela construção da represa e novamente montados, peça a peça. Cinquenta diferentes países teriam contribuído financeiramente para o projeto. O sucesso da iniciativa abriu, em seguida, espaço para campanhas semelhantes, com a finalidade de proteger sítios e monumentos na Itália, Paquistão e Indonésia,⁵⁵ fortalecendo, assim, o papel da UNESCO como organismo de proteção mundial, endossando suas interferências em prol da preservação dos bens culturais e naturais e criando um espaço propício para a elaboração de um documento que definisse a possibilidade de se protegerem bens em uma escala mundial.

Apesar de a *Convenção* só ter sido finalizada em 1972, esse episódio e uma série de debates que o seguiram dão noção do processo de elaboração da idéia de Patrimônio Mundial, processo esse que marcou bastante a atuação da UNESCO no período, assim como dos peritos envolvidos com esse Organismo – entre eles, Michel Parent, que viria a participar ativamente da redação do

54 Idem.

55 “World Heritage – Brief History” [<http://whc.unesco.org/en/169/> – consultado em 14/11/2008]

documento, mas que já deixara, em seu relatório referente às cidades brasileiras, vários traços de seu envolvimento com a noção de um patrimônio que pertencesse a toda a humanidade.

Na década de 1960, alguns debates ocorridos nos Estados Unidos já tratavam da questão da necessidade de cooperação para proteger “as áreas naturais e paisagísticas e os sítios históricos do mundo para o **presente e o futuro dos cidadãos do mundo inteiro**.”⁵⁶ As *Cartas Patrimoniais*, por sua vez, também documentaram discussões que apontam para a valorização do patrimônio em nível mundial e a cooperação internacional em prol do patrimônio cultural e natural dos diversos países do mundo. A *Carta de Veneza*, de 1964, resultado do Segundo Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, reunido em Veneza em de maio de 1964, é exemplar nesse sentido:

Portadoras de mensagem espiritual do passado, as obras monumentais de cada povo perduram no presente como o testemunho vivo de suas tradições seculares. A *humanidade*, cada vez mais consciente dos *valores humanos*, as considera um *patrimônio comum* e, perante as gerações futuras, se reconhece *solidariamente responsável por preservá-las*, impondo a si mesma o dever de transmiti-las na plenitude de sua autenticidade.⁵⁷

Apesar de reconhecer a particularidade de cada povo, com suas próprias “tradições seculares”, a *Carta* deu ênfase aos “valores humanos” e abriu espaço para a percepção de um patrimônio comum a toda a humanidade, independentemente de fronteiras e administrações nacionais. Os cuidados com os monumentos, ainda de acordo com essa *Carta*, deveriam ser “elaborados em comum e formulados num plano internacional”, ainda que coubesse “a cada nação aplicá-los no contexto de sua própria cultura e de suas tradições.” As próprias *Cartas Patrimoniais* também podem ser entendidas a partir dessa chave, dado seu caráter de recomendações internacionais voltadas para a proteção do patrimônio cultural e natural de forma abrangente, e a *Carta de Veneza* lembrou como tal noção já estava presente na *Carta de Atenas*, de 1931, que teria contribuído “para a propagação de um **amplo movimento internacional** que se traduziu principalmente em documentos nacionais (...) e na criação (...) do Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauração dos Bens Culturais.”⁵⁸

Esse sentido da valorização das qualidades universais e excepcionais dos bens e de defesa de ações coletivas de proteção está presente na análise, nas recomendações e no texto que Michel Parent elaborou sobre suas estadas no Brasil. Logo em suas primeiras linhas, o perito francês chamou a atenção para as qualidades dessa nação, que descreve como “um país dotado pela

56 Idem. Grifos nossos. Em inglês no original; tradução de Claudia Feierabend Baeta Leal.

57 *Carta de Veneza* (1964) in: Isabelle Cury (org.). op.cit. Grifos nossos.

58 Idem. Grifos nossos.

natureza, pela história e pelas qualidades inatas e potenciais de seus habitantes, de oportunidades excepcionais”.⁵⁹ Sua ênfase, voltada para a questão das oportunidades de desenvolvimento turístico e econômico, recaiu naquilo que denominou uma “dupla relação, quantitativa e qualitativa” de virtudes, especialmente “um espaço natural tão rico em lugares espetaculares e em espécies preciosas úteis para a ecologia em geral como em potenciais agrícolas e industriais”; “uma vida cultural vigorosa e complexa nascida da confluência histórica de três correntes: América indígena, Europa latina e África negra”; e “a capacidade virtual de seus habitantes, inúmeras vezes posta à prova em quatro séculos de história, de empenhar em combates vitais todas as forças de seu espírito e de seus braços.”⁶⁰ Nota-se que o esplendor da paisagem tropical brasileira foi sublinhado não apenas por suas características naturais, mas entendida como “importante repositório cultural, especialmente sob a forma tangível e fixada de seus monumentos e suas cidades de arte.” Parent identificava, no patrimônio brasileiro, características únicas, excepcionais, que buscou destacar em seu texto, ao mesmo tempo em que explicitava uma abordagem integral de patrimônio, relacionando natureza e cultura, todas questões muito caras à *Convenção* que ajudaria a redigir alguns anos mais tarde.⁶¹

Alguns estilos arquitetônicos e construções são descritos em seu relatório com cores fortes, de forma enfática e com destaque para sua excepcionalidade, como a arquitetura barroca, particularmente aquela desenvolvida nas igrejas da Bahia, de Recife, de Olinda, do Rio e de todo o Estado de Minas Gerais, e seu “caráter verdadeiramente explosivo”; a “arquitetura civil particular” das fazendas, que Parent julgou ser “uma contribuição específica do Brasil à criação arquitetônica universal”; a arquitetura brasileira modernista, nomeada “contemporânea” pelo perito, cujas construções constituiriam “atração turística de primeira grandeza”.⁶² Cidades também foram apresentadas em comparação com outras, em nível mundial, a partir de suas qualidades singulares, excepcionais, e, portanto, de interesse universal, como Parati e sua arquitetura urbana de “excepcional homogeneidade”; o Rio de Janeiro, “cuja paisagem é uma das mais belas e mais famosas do mundo”; Salvador, “uma das mais surpreendentes cidades de arte do mundo” e onde as tradições culturais seriam tão variadas e vivas que “o Brasil pode testemunhar diante dos visitantes suas culturas específicas”. Parent deu destaque ainda, entre tantas outras cidades a que se referiu, a Olinda, “uma das jóias do Brasil”; São Luís, “a cidade dos pequenos palácios”; Alcântara, uma cidade entre arruinada e preservada, “a Pompéia ou a Herculano brasileira”; Brasília, obra urbanística e arquitetônica descrita como “a principal atração do Brasil” naquele momento, enfatizando também a singularidade da cidade colonial de Goiás e as “cidades de arte” de Minas Gerais: Sabará, Congonhas do Campo, São João del Rei, Tiradentes, Caetés, Barão de Cocais, Santa Bárbara, Catas Altas, Santa Rita Durão, Ma-

⁵⁹ PARENT, Michel . op. cit., p. 42, grifos no original.

⁶⁰ Idem, p. 43, grifos no original.

⁶¹ Nesse sentido, vale chamar para a primeira parte de seu relatório, que intitulou “A Natureza e a Cultura Brasileiras”, em que busca, ainda que de forma esquemática, relacionar cultura e natureza pela via do turismo.

⁶² Idem, pp. 49 e 53, grifos no original.

riana e Ouro Preto, a principal delas. No Rio Grande do Sul, o perito chamou atenção para São Miguel, “o testemunho mais comovente de um empreendimento histórico fundado pelos jesuítas para preservar os índios do genocídio”. É claro que nem todas as regiões, monumentos e sítios visitados por Parent foram descritos igualmente, mas havia um propósito mais geral, que comportava tanto os bens culturais valorizados por seus significados locais quanto aqueles cujas virtudes ultrapassavam sentidos nacionais e interessavam a humanidade como um todo.

Levando em conta critérios artísticos, arquitetônicos, paisagísticos, históricos, urbanísticos, até etnográficos, Parent buscou sublinhar a importância do patrimônio cultural e natural brasileiro em uma perspectiva dupla: por um lado, visava contribuir, como foi apontado acima, para a valorização interna desse patrimônio, chamando a atenção do governo brasileiro para suas potencialidades econômicas e turísticas; em outras palavras, estimulando um processo de “revelação do Brasil para si próprio”.⁶³ Por outro, voltando sua apresentação, argumentos e interlocução para a UNESCO e demais organismos internacionais interessados, tencionava sublinhar o valor único, excepcional e insubstituível do patrimônio brasileiro como forma de estimular mais planos de assistência técnica e financeira destinados ao Brasil. Também nesse sentido, adotava uma postura próxima àquela que seria adotada na *Convenção sobre a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural*: a de defender a responsabilidade compartilhada e a proteção coletiva do patrimônio cultural e natural da humanidade.

Sua argumentação, assim, buscou dar conta de atender a essa dupla intenção, valorizando os bens culturais e naturais brasileiros no âmbito local e para o contexto internacional, ou, nas palavras do perito, propor programas de assistência técnica ao Brasil “não apenas para beneficiar-se a si próprio, mas para o bem de todos”.⁶⁴ A ênfase nos benefícios e nos interesses de todos em relação ao patrimônio cultural brasileiro apareceu principalmente na forma como Parent entendia e propunha os planos de assistência – perspectiva que ele mesmo representava em sua missão patrocinada pela UNESCO e cujo objetivo era criar condições para a proteção desse patrimônio, dada a falta de recursos financeiros e técnicos dos órgãos brasileiros competentes. Em seu relatório, foram propostas ações como o envio de especialistas para tratar de questões técnicas específicas e emergenciais de determinadas cidades; capacitação de técnicos brasileiros por meio da concessão de bolsas de estudo e a cooperação para obras internacionais em um esquema que envolvesse jovens da Europa, Brasil e África. Também estavam presentes como recomendações de assistência técnica estudos específicos voltados para a arqueologia pré-colombiana, dada a então candente esperança de ainda se encontrarem “tesouros de arte pré-colombiana ignorados”; planos de organização dos festivais, baseados nos festivais que ocorriam em Ouro Preto e como forma de afirmar o prestígio do patrimônio brasileiro e promovê-lo turisticamente; estudos de renovação dos bairros antigos no interior dos planos gerais de urbanismo, assim como estudos financeiros gerais.

⁶³ Idem, p. 45, grifos no original.

⁶⁴ Idem, p. 43, grifos no original.

A semelhança entre essas modalidades de assistência e aquelas presentes na *Convenção* de 1972 não é coincidência, mas faz parte desse processo do qual Parent participou ativamente e que foi fortemente estimulado pela UNESCO de proposição de um compartilhamento coletivo e solidário entre as nações do mundo em prol do patrimônio da humanidade, no qual Parent procurou inserir sítios, monumentos, paisagens e conjuntos urbanos brasileiros.

A missão de Michel Parent

Dando despacho à solicitação apresentada pelo Governo brasileiro e voltada à assistência da UNESCO para o estudo e execução de um programa com vistas à aceleração do movimento turístico para a proteção e a valorização do patrimônio cultural e dos sítios naturais, um perito da Organização, senhor Michel Parent, encontra-se no Brasil para uma primeira missão de informação que durará um mês.⁶⁵

O acerto da vinda de um perito ao Brasil foi feito em setembro de 1966, quando o Embaixador Carlos Chagas recebeu o aval do então Diretor Geral da UNESCO, René Maheu, para envio do perito, “a fim de estudar a conservação do patrimônio artístico”, com vistas ao turismo cultural.⁶⁶ O contato, no entanto, deveria ser feito entre as partes diretamente interessadas, ou seja, o pedido de missão de perito deveria ser enviado pela DPHAN ao chefe da Missão da UNESCO no Brasil, John M. Howe.⁶⁷ O pedido foi atendido e o especialista indicado para a realização da missão, denominada “Turismo Cultural”, seria o perito Michel Parent, então Inspetor do Serviço de Inspeção Principal dos Monumentos Históricos e de Inspeção Nacional dos Sítios na França.⁶⁸

Para o itinerário da missão de Michel Parent, houve uma proposta inicial, elaborada pela própria DPHAN, que foi seguida bem de perto pelo perito da UNESCO. Em documento de provável autoria de Rodrigo Melo Franco de Andrade, este delegou ao perito a definição da área a ser abrangida pela missão, sugerindo, porém, duas possibilidades, que diferiam quanto à sua abrangência: a primeira – e defendida pela Diretoria do Patrimônio – era um plano de maior

⁶⁵ VRIONI, Ali. Ofício ao diretor da DPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 29/11/1966 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx. 0059/ P. 0190. Em francês no original; tradução de Claudia Feirabend Baeta Leal.

⁶⁶ CHAGAS FILHO, Carlos. Telegrama à DPHAN, em 06/09/1966 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx. 0059/ P. 0190.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ CHAGAS FILHO, Carlos. Cartas ao diretor da DPHAN, em 21/09/1966 e 22/09/1966; VRIONI, Ali. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 29/11/1966 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx. 0059/ P. 0190.

envergadura e estender-se-ia “desde o extremo Norte à extremidade Sul do Brasil e do litoral à região central do país”.⁶⁹ Incluía os estados do Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Goiás, com destaque para cidades, monumentos e sítios já protegidos pela DPHAN. A segunda proposta voltava-se para questões e regiões mais emergenciais, notadamente a cidade de Alcântara, no Maranhão; o sítio do Pelourinho, em Salvador, Bahia; Parati, no Rio de Janeiro; São Miguel, no Rio Grande do Sul; Ouro Preto e Tiradentes, em Minas Gerais, e a cidade de Goiás, no estado de mesmo nome. Parent optou pela área mais extensa.

Sua missão teve início, segundo o próprio perito, em 24 de novembro de 1966, mas Parent desembarcara no Brasil no primeiro dia daquele mês. Suas primeiras semanas foram dedicadas a informar-se sobre a organização da DPHAN e sobre o programa de viagens que realizaria “a fim de dar sua opinião a respeito dos planos que trabalho” que a Diretoria submeteu a ele.⁷⁰ Várias informações contidas em seu relatório sugerem que o perito teve acesso a informações fornecidas por essa Instituição, apesar de Parent não apresentar a bibliografia utilizada por ele nem os documentos que porventura havia consultado – nesse sentido, pode-se entender a descrição pormenorizada da própria Diretoria do Patrimônio, com o detalhamento da estrutura do órgão; referência a diretores, técnicos, conselheiros e chefes das Divisões internas da Instituição; menção ao orçamento desta autarquia para o ano de 1966; conhecimento da legislação brasileira referente a temas afins; informações sobre a rede viária nacional, entre outros dados que certamente foram fornecidos pela DPHAN e outros órgãos do governo brasileiro.⁷¹

A viagem começou na região Sudeste, com visitas aos estados do Rio de Janeiro e Guanabara, São Paulo e Espírito Santo, com especial ênfase nas cidades e sítios dos primeiros e acompanhando sempre a atuação da DPHAN até aquele momento: Parati e a baía de Ilha Grande; Cabo Frio e lagoa de Araruama; Rio de Janeiro; São Paulo e seus arredores; além de breve menção aos “pólos de atração” do Espírito Santo – Anchieta e Serra. Parent seguiu então para o Nordeste: na Bahia, dedicou especial atenção a Salvador, a qual descreveu como a “primeira cidade de arte do Brasil”, passando também por Cachoeira e Belém; em Pernambuco, Olinda, Igaraçu, Paulista, Recife e os arredores da capital pernambucana foram seus destinos. A terceira parte da viagem foi dedicada à costa norte: primeiramente, São Luís e Alcântara, no Maranhão, e depois Belém, no Pará. A região central do país foi assunto da quarta parte do relatório de Parent, com a apreciação de Brasília e breve menção à cidade de Goiás, e um longo trecho dedicado a Minas Gerais, especial-

⁶⁹ ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Documento sem título. s/d – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx. 0059/ P. 0190.

⁷⁰ ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Ofício a Ali Vrioni, em 5/12/1966 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx. 0059/ P. 0190.

⁷¹ Desde outubro daquele ano, a DPHAN estava ciente da necessidade de elaboração de “um estudo mais desenvolvido” sobre a ação desta Diretoria para apresentar ao perito e informá-lo mais detalhadamente a respeito das características do país que visitaria. (ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Ofício ao embaixador Carlos Chagas Filho, em 04/10/1966 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx.0059/ P. 0190) É bastante provável que tal estudo tenha sido efetivamente elaborado e oferecido a Parent para ajudá-lo na elaboração de seu relatório.

mente ao “circuito das cidades de arte” desse estado: Ouro Preto, Sabará, Mariana, Congonhas do Campo, São João Del Rei, Tiradentes, Diamantina, além de Belo Horizonte, por causa do conjunto da Pampulha. A quinta e última parte da missão voltou-se para a região Sul: no Paraná, Paranaguá e os Sambaquis próximos a esta cidade, Vila Velha e Foz do Iguaçu foram os sítios que receberam destaque; São Miguel e as reduções indígenas, no Rio Grande do Sul, concentraram as atenções finais da missão do perito da UNESCO. Com essa abrangência, Parent acreditava estar estudando “todos os centros de interesse artístico do Brasil”, excetuando-se Manaus, pois esta cidade “não constava da solicitação do governo”.⁷²

É preciso entender o desenho da missão de Parent, ou seja, o itinerário, os destinos, as cidades, sítios, edificações e monumentos visitados, dentro da perspectiva de uma “solicitação do governo” brasileiro, como transcrito acima. Ainda que o objetivo da missão fosse “o estudo e execução de um programa com vistas à aceleração do movimento turístico para a proteção e a valorização do patrimônio cultural e dos sítios naturais”,⁷³ o que poderia sugerir certa liberdade por parte do perito para identificar, ele mesmo, os lugares mais propícios para uma “aceleração do movimento turístico”, a análise de Parent voltou-se principalmente para o patrimônio cultural já reconhecido e protegido pela DPHAN, ou seja, para a análise das ações realizadas por essa Diretoria e para a conformidade de tais ações em relação ao programa de “Turismo Cultural” defendido pela UNESCO. Daí o sentido da preocupação de seu diretor expressa em carta a Selim Abdul Hak, chefe da Seção de Monumentos e Museus da UNESCO e membro do Conselho Consultivo do ICOM, quanto ao conteúdo do relatório de Parent: “espero que seu relatório nos seja favorável, pois ele pôde observar em várias regiões do Brasil os trabalhos que nós realizamos com meios quase irrisórios.”⁷⁴ Daí também a coincidência entre os bens referidos por Parent e aqueles protegidos pela DPHAN: dos mais de 220 bens nominalmente citados em seu relatório, entre conjuntos, edificações e sítios espalhados pelas cidades visitadas, 70% eram tombados pela DPHAN à época de sua missão, e muitos outros estavam incluídos na proteção a conjuntos mais amplos.⁷⁵

A análise de Parent, portanto, não estava necessariamente voltada para a sugestão de novos tombamentos, ainda que tenha defendido “tombamentos globais” ou “extensivos” para São Luís, Salvador e Olinda, partes de Congonhas, Tiradentes e São João del Rei,⁷⁶ mas para as formas de proteção, utilização e promoção dos bens – tanto para aquelas em vigor quanto para as que

72 PARENT, Michel. *op.cit.*, p. 69.

73 VRIONI, Ali. Ofício a Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 29/11/1966 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx.0059/ P. 0190. Em francês no original; tradução de Claudia Feierabend Baeta Leal.

74 ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Ofício ao chefe da Seção de Monumentos e Museus da UNESCO, Selim Abdul Hak, em 09/01/1967 – Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, AA 01/M066/P05/Cx. 0059/ P. 0190. Em francês no original; tradução de Claudia Feierabend Baeta Leal.

75 Ver o anexo com a lista dos bens referidos por Michel Parent e sua situação em relação à proteção oferecida pela DPHAN.

76 PARENT, Michel. *op.cit.*, p.63; SANT’ANNA, Márcia Sant’Anna. *op.cit.*, p. 154.

defendeu em seu texto, em conformidade com os objetivos de sua missão: “recensar bem mais do que os destroços de um cenário que ainda permanece como o mais fecundo e homogêneo do continente americano”.⁷⁷

É interessante chamar a atenção também para sua ênfase, influenciado pela Lei Malraux, promulgada na França em 1962,⁷⁸ no planejamento urbanístico de conjunto, baseado em um forte controle administrativo, ainda que descentralizado; na revitalização global dos sítios, com a identificação das construções cuja restauração fosse mais urgente e a reconversão dos usos desses edifícios; e a preservação da natureza, principalmente por meio da determinação de áreas *non aedificandi* e de reservas naturais. Também está presente em seu relatório a valorização das tradições e manifestações culturais das diversas regiões brasileiras; do conhecimento das potencialidades turísticas de cada local e do desenvolvimento da infra-estrutura viária e hoteleira oferecida para fins turísticos.

A importância que Parent deu à identificação dos bens por meio de inventários pormenorizados também é digna de nota. O perito teceu elogios à DPHAN exatamente por causa do “inventário monumental, extremamente minucioso, relativo a mais de mil edifícios que permanece como o melhor instrumento desse gênero em todo o continente”, ainda que estivesse se referindo especificamente aos estudos realizados pelos técnicos da Diretoria para embasar as escolhas e processos envolvidos nos tombamentos, uma vez que, nessa Instituição, os inventários só se tornaram expressivos como prática institucional a partir da década de 1980.⁷⁹ A questão, porém, era importante para o inspetor francês, que inclusive sugeriu dados para constar em uma possível ficha de inventário que gostaria de ver aplicado como meio mais eficaz para se estabelecerem áreas de proteção mais amplas em alguns sítios históricos. Nesse inventário, Parent sugeria que fosse feito um esboço sumário da fachada e a planta dos andares; indicação das modificações sofridas pelo bem; descrição do estado geral da edificação no momento do inventário e a descrição arqueológica desse, com destaque para o formato e uso originais, inclusive com menção a eventuais personagens conhecidos que ali tivessem morado; características decorativas e descrição do interior. Além disso, o inventário deveria ser acompanhado por um levantamento fotográfico e por uma ficha que desse conta de pesquisas sociológicas sobre proprietários e locatários dos imóveis. Dessa forma, previa o próprio inventário não apenas como ferramenta para subsidiar outros trabalhos de proteção, mas como uma forma de preservação em si mesma e relacionada com o turismo, com a identificação e a promoção de áreas de interesse.

Vale ainda comentar a análise que Parent fez da organização e atividades da DPHAN. Para além dos elogios tecidos a seus técnicos e à expertise destes, por identificar “uma osmose entre o

⁷⁷ PARENT, Michel. *op.cit.*, p. 46.

⁷⁸ Cf. SANT'ANNA, Márcia. *op. cit.*, p. 154.

⁷⁹ MOTTA, Lia e SILVA, Maria Beatriz Resende (orgs). *Inventários de identificação: um panorama da experiência brasileira*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998, p. 13. Uma exceção interessante é o estudo da cidade de Ouro Preto realizado no final da década de 1940 por Sylvio de Vasconcellos e Paulo Thedim Barreto, que é o objeto de análise da publicação da Copedoc, “*Salvemos Ouro Preto*”: A campanha em benefício de Ouro Preto, 1949-1950. (Rio de Janeiro: IPHAN, 2008).

conhecimento do passado e o pleno domínio dos problemas arquitetônicos contemporâneos”, o inspetor francês deu especial destaque às necessidades dessa Diretoria, principalmente voltadas a “pessoal reduzido e à insuficiência de recursos financeiros”. A sugestão de Parent para que a Diretoria pudesse dar conta integral e eficazmente de sua função era de se criarem condições para “multiplicar, em um futuro próximo, por seis e em seguida por dez a atividade atual do ‘Patrimônio’ [DPHAN]”. Isto só poderia ser alcançado por meio de uma maior qualificação de técnicos, da ampliação do quadro com a contratação de mais especialistas, do aumento de recursos financeiros e da reorganização do serviço de salvaguarda e vigilância, com mais frentes de trabalho.

Nota-se que a avaliação feita sobre essa direção parecia visar muito mais informar a UNESCO das condições enfrentadas pela DPHAN do que dar sugestões ao corpo técnico desta de como aprimorar seus serviços. Novamente, a interlocução de Parent voltava-se para os organismos internacionais, em especial para aquele que financiara sua vinda ao Brasil. É particularmente interessante comparar a avaliação da atuação da DPHAN expressa por Parent em seu relatório com a lista de problemas apontados pelos especialistas que participaram da reunião do Comitê de Peritos Internacionais para a Valorização do Patrimônio Cultural, da qual Parent participou e que ocorreu em Túnis em janeiro de 1968, ou seja, pouco depois das missões do inspetor francês e no mesmo ano de publicação de seu relatório referente ao Brasil.⁸⁰ Os pontos levantados foram quase idênticos àqueles apresentados neste documento, em particular “os poucos fundos disponíveis para os serviços nacionais de preservação”; a “necessidade de quadros e pessoal altamente qualificado”; a “multiplicação de serviços responsáveis pelo patrimônio cultural e a falta de comunicação entre eles e as administrações públicas”; a defesa dos “inventários de proteção, que deveriam ser generalizados”; e as próprias limitações de assistência oferecida pela UNESCO. Essa comparação entre documentos reforça a inserção do relatório de Parent nesse contexto internacional e mais amplo de avaliação das medidas tomadas mundialmente pela preservação do patrimônio, do incentivo do estreitamento entre patrimônio, desenvolvimento econômico e turismo, e do processo de construção da noção da proteção coletiva do patrimônio no mundo, na figura do Patrimônio Mundial.

⁸⁰ *Comité d'experts internationaux... – Rapport Final*. doc. cit.

II

Proteção e valorização
do patrimônio cultural brasileiro
no âmbito do desenvolvimento
turístico e econômico

(24 de novembro de 1966 - 8 de janeiro de 1967)

(19 de abril - 1 de junho de 1967)

Proteção e valorização do patrimônio cultural brasileiro no âmbito do desenvolvimento turístico e econômico

MICHEL PARENT (TRADUÇÃO DE REJANE MARIA LOBO VIEIRA)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: ORIENTAÇÃO GERAL 42

PRIMEIRA PARTE: A NATUREZA E A CULTURA BRASILEIRA 47

- A. A ÁREA NATURAL A PRESERVAR 47
 - I. O espaço vazio 47
 - II. A costa brasileira 48
- B. A ÁREA CULTURAL A PRESERVAR 49
 - I. A arquitetura antiga 49
 - II. As culturas tradicionais 50
 - III. Tradição e modernidade 52
 - IV. Arquitetura contemporânea 53
- C. PLANEJAMENTO E TURISMO 55
 - As relações entre a natureza e a cultura brasileiras 55
 - I. A natureza, fonte de cultura 55
 - II. O martírio da floresta 56
 - III. O estado das estradas e sua melhoria 56
 - (a) Rede viária 57
 - (b) Rede aérea 57
 - (c) Rede marítima e fluvial 58
 - IV. Turismo e intercâmbios culturais 58
 - V. Harmonização da estada 59
 - (a) O ciclo climático 59
 - (b) A acolhida 59
- D. A PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL 60
 - I. A DPHAN 60
 - (a) A estrutura da DPHAN 61
 - (b) Necessidade de desenvolvimento na DPHAN 61

- (c) Necessidade de aumentar o orçamento da DPHAN 62
 - (d) Extensão da noção de proteção 63
 - 1. As transformações urbanas 63
 - 2. O mecanismo do tombamento 63
 - 3. Salvaguarda e restaurações integrais 64
 - (e) Restauração dos elementos decorativos integrados e dos objetos mobiliários 64
 - (f) O papel da DPHAN na obra completa 65
 - II. Participação da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) 65
 - III. Participação do Banco Nacional da Habitação 66
- E. A PROTEÇÃO DA NATUREZA NO BRASIL 66

SEGUNDA PARTE: DETALHAMENTO 69

PRIMEIRO CAPÍTULO: REGIÃO DO RIO DE JANEIRO E DE SÃO PAULO 69

- I. O ESTADO DO RIO DE JANEIRO 69
 - A. PARATI E A BAÍA DA ILHA GRANDE 69
 - Situação geográfica e histórica 69
 - Singularidade de Parati 70
 - Patrimônio monumental e conjunto arquitetônico 70
 - Plano urbanístico 71
 - Tombamento de Parati 71
 - (a) Medidas referentes à cidade antiga 71
 - (b) Área verde *non aedificandi* e área verde de lazer 72
 - (c) Bairros futuros 73
 - (d) Proteção da floresta circundante 73
 - (e) Proteção da baía da Ilha Grande 73
 - (f) Plano diretor da área Rio - São Paulo 74
 - (g) Desenvolvimento hoteleiro 75
 - (h) Estudos edafológicos 75
 - (i) Conclusões 76
 - B. CABO FRIO E A LAGOA DE ARARUAMA 78
 - Cenário natural 78
 - Situação climática 78
 - Interesse arquitetônico 78
 - Experiência exemplar 79
 - Agressões inconseqüentes 79
 - Ação cultural 79
 - Organização viária 79
 - Monumentos no circuito turístico 80
 - Infra-estrutura hoteleira 80

- II. O ESTADO DA GUANABARA **81**
 - C. RIO DE JANEIRO **81**
- III. O ESTADO DE SÃO PAULO **83**
 - D. OS ARREDORES DE SÃO PAULO – AS FAZENDAS **83**
 - Situação geográfica e histórica de São Paulo **83**
 - As primeiras fazendas **83**
 - As fazendas de café **83**
 - O circuito das fazendas **84**
 - Infra-estrutura rodoviária e turística **85**
 - Papel da Bienal de São Paulo **85**
- P.M. O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO **86**

SEGUNDO CAPÍTULO: O NORDESTE **87**

- IV. O ESTADO DA BAHIA **87**
 - E. SALVADOR (BAHIA) E SEUS ARREDORES **87**
 - (1) SALVADOR **87**
 - Desenvolvimento econômico **88**
 - A primeira cidade de arte do Brasil **88**
 - A destruição em curso **88**
 - Meios para a salvaguarda **88**
 - A necessária transformação dos bairros antigos **89**
 - O Pelourinho – Plano de restauração **89**
 - Praça Anchieta **90**
 - Bairro da Soledade **90**
 - A obra do “Patrimônio” fora dos bairros a serem renovados **92**
 - Plano museográfico e Bienal Nacional **93**
 - Capital do folclore afro-americano **93**
 - Criação de uma fundação **94**
 - Pesquisas sobre o Pelourinho **94**
 - (2) CACHOEIRA E CONVENTO DE BELÉM **99**
 - Riqueza monumental **99**
 - Perigos devidos às inundações **99**
 - Insuficiência dos meios de acolhida **99**
 - Convento dos Jesuítas em Belém **100**
 - Acesso **100**
 - (3) CASTELO DA TORRE DE GARCIA D’ÁVILA **100**
- V. O ESTADO DE PERNAMBUCO **101**
 - F. OS ARREDORES DE RECIFE: OLINDA E IGARAÇU **101**

- (1) OLINDA **101**
 - Arquitetura e paisagem **101**
 - Uma cidade intacta **102**
 - Tombamento e plano urbanístico **102**
 - A vocação de Olinda **102**
 - Por um festival em Olinda **102**
 - (a) Problemas pedológicos: deslizamento de São Bento **102**
 - (b) Obras do “Patrimônio” em Olinda **103**
 - (c) Reconversão do uso do Seminário **104**
 - (d) Desenvolvimento da infra-estrutura turística **104**
- (2) IGARAÇU **105**
- (3) PAULISTA: o porto holandês de Pau Amarelo **105**
- (4) SÍTIOS AO SUL DE RECIFE:
 - O Parque do Monte de Guararapes **106**
 - Cabo de Santo Agostinho **106**
- (5) RECIFE **107**

TERCEIRO CAPÍTULO: COSTA NORTE **108**

VI. O ESTADO DO MARANHÃO **108**

G. SÃO LUÍS E ALCÂNTARA **108**

- (1) SÃO LUÍS **108**
 - Histórico **108**
 - Edifícios civis e religiosos **109**
 - Inventário das casas antigas **109**
 - Projetos urbanísticos – a universidade **111**
 - Infra-estrutura hoteleira **111**
 - As praias da ilha de São Luís **112**
 - Atividades culturais **112**
 - Prioridades financeiras **112**
- (2) ALCÂNTARA **113**
 - Histórico **113**
 - Descrição **114**
 - Propostas: 1) Revitalização rural **114**
 - 2) Revitalização turística **114**
 - Proteção em três níveis **115**
 - A ação do “Patrimônio” **115**
 - Conclusão **116**

VII.	O ESTADO DO PARÁ	117
	H. BELÉM	117
	Histórico	117
	Santo Alexandre	118
	Outros edifícios religiosos	119
	Museografia amazônica	119
	Turismo amazônico	120
	QUARTO CAPÍTULO: CENTRO	121
VIII.	DISTRITO FEDERAL	121
	I. BRASÍLIA	121
	A penetração do desenvolvimento econômico no centro do país	121
P.M.	GOIÁS (ESTADO DE GOIÁS)	122
	CIDADE DE GOIÁS	122
IX.	O ESTADO DE MINAS GERAIS	123
	J. OURO PRETO, SABARÁ E O CIRCUITO DAS CIDADES DE ARTE DE MINAS GERAIS	123
	As cidades de arte de Minas Gerais	123
	Resumo histórico	123
	(1) BELO HORIZONTE E A PAMPULHA	125
	(2) OURO PRETO	125
	Ouro Preto no estudo de conjunto	127
	(a) Estudo detalhado anexo	127
	(1) As igrejas barrocas	127
	São Francisco de Assis	127
	Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias	129
	Nossa Senhora do Monte do Carmo	129
	Mercês de Baixo	129
	Mercês de Cima	129
	Nossa Senhora do Pilar	129
	Nossa Senhora do Rosário	131
	Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	131
	São Francisco de Paula	131
	São Miguel das Almas	131
	Outras igrejas	132
	Capelas	132
	(2) Edifícios civis	134
	Antigo Palácio Municipal	134

- Palácio dos Governadores **135**
- A Casa dos Contos **135**
- Teatro **135**
- (3) A arquitetura urbana **135**
 - (b) Medidas para a conservação **136**
 - (c) Festival de Ouro Preto **137**
 - (d) Conclusões sobre Ouro Preto **138**
- (3) SABARÁ - ESTUDO DETALHADO ANEXO **138**
 - (a) Museu do Ouro **138**
 - (b) Matriz **140**
 - (c) Carmo **140**
 - (d) Nossa Senhora do Ó **140**
 - (e) Conclusões **140**
- (4) MARIANA **140**
- (5) CONGONHAS DO CAMPO **141**
- (6) SÃO JOÃO DEL REI **143**
- (7) TIRADENTES **144**
- (8) CONCLUSÕES SOBRE MINAS GERAIS **145**

QUINTO CAPÍTULO : SUL **147**

- X. O ESTADO DO PARANÁ **147**
 - K. PARANAGUÁ **147**
 - (1) O velho porto e o centro **148**
 - (a) Bairro histórico **149**
 - (b) *Área non altus tolendi* **149**
 - (2) Área de expansão moderna **149**
 - L. A PRESERVAÇÃO DA NATUREZA E A POLÍTICA DE TURISMO DO PARANÁ **150**
 - Vila Velha **150**
 - Foz do Iguaçu **150**
 - Os sambaquis **150**
 - Conclusão **151**
- P.M. O ESTADO DE SANTA CATARINA **151**
- XI. O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL **152**
 - M. SÃO MIGUEL E AS "REDUÇÕES INDÍGENAS" **152**
 - O país gaúcho **152**
 - As "reduções indígenas" - histórico **152**

São Miguel **153**
Peregrinação **154**
Valorização **154**
Ligação viária **154**

N. OBSERVAÇÕES 155

- (1) Integração no Plano de Desenvolvimento Econômico **155**
- (2) Motivação para o turismo no Brasil **156**

TERCEIRA PARTE : CONCLUSÕES 158

- 1. Comparação com o México e com o Peru **158**
- 2. Do mistério ao familiar **158**
- 3. A sedução da festa **159**
- 4. O urbanismo e o turismo **159**
- 5. A forma de vida **160**
- 6. Avaliação quantitativa **161**
- 7. Escolhas geográficas e descontinuidades **161**
- 8. Plano de conjunto **161**
- 9. Dilemas brasileiros **162**
- 10. A alma conscienciosa do velho Brasil **163**
- 11. A participação universitária e as instâncias locais **163**
- 12. As urgências **163**
- 13. Equilíbrio regional **164**
- 14. Estudo de rentabilidade **164**
- 15. Recomendações de assistência técnica **167**
 - (a) Caso particular de Parati **167**
 - (b) Bolsas de estudo para técnicos brasileiros **167**
 - (c) Especialistas em edafologia **167**
 - (d) Cooperação para obras internacionais **168**
 - (e) Arqueologia pré-colombiana **168**
 - (f) Plano de organização dos festivais **169**
 - (g) Recomendações gerais **169**

QUARTA PARTE : ESTIMATIVAS 170

POSFÁCIO: Agradecimentos 190

ANEXOS: Documentos fotográficos
Cartas (no relatório)

Lista das estradas a serem recuperadas para a melhoria do turismo.

Introdução

Orientação geral

O Brasil é, por excelência, um país dotado pela natureza, pela história e pelas qualidades inatas e potenciais de seus habitantes, de oportunidades excepcionais às quais se somam atualmente, em especial, dados da conjuntura mundial como:

- o encurtamento das distâncias intercontinentais;
- a universalização da cultura técnica;
- o estado concorrencial dos investimentos, etc.

Mas o Brasil também continua sendo o país das dificuldades desmedidas quando se trata de realizar a mudança global e estrutural sem a qual não poderá tirar proveito de seus recursos mais profundos.

Qualquer “planejamento global para a conservação dos bens artísticos e de determinados patrimônios naturais” desejado pelo governo e levado em consideração pela Unesco deve, como enfatiza o embaixador Chagas, ser realizado “por meio de sua integração nos projetos de desenvolvimento do país”.

Uma dessas possibilidades de desenvolvimento pode ser o turismo. E o fato de o turismo se apoiar na qualidade e na multiplicidade dos bens culturais e naturais liga estruturalmente plano de preservação e plano de expansão – e isto dita previamente linhas de ação como:

- (1) o estabelecimento de um inventário exaustivo
- (2) a adoção de medidas administrativas conseqüentes de proteção;
- (3) a dotação dos meios financeiros necessários para a manutenção, restauração e animação desse patrimônio.

Tal empresa deve ser complementada pela infra-estrutura necessária ao conhecimento desse patrimônio por visitantes cada vez mais numerosos:

- ligações (terrestres, aéreas, marítimas);
- infra-estrutura das cidades históricas e artísticas;
- infra-estrutura hoteleira e de habitação;
- atividades culturais complementares.

Mas, na ânsia de satisfazer a uma grande clientela, fonte de lucros, o turismo pode, ele próprio, acrescentar danos aos demais fatores de degradação, e, tanto material como psicologicamente, contribuir para degradar os bens naturais e culturais e, por conseguinte, negar-se a si próprio.

Esse movimento, que é de âmbito universal e que preocupa a Unesco em todos os países, deve ser acompanhado e controlado, com particular atenção, no Brasil.

De fato, existe um tal distanciamento entre o fraco movimento turístico atual (100 mil estrangeiros em 1965) e o desenvolvimento potencial do turismo brasileiro na era do avião-cargueiro que se aproxima, que esse fenômeno pode pesar mais seriamente do que em outros lugares, tanto para o bem quanto para o mal. Mais particularmente em um país tropical que integrou no decorrer de séculos ao esplendor de sua paisagem um importante repositório cultural, especialmente sob a forma tangível e fixada de seus monumentos e suas cidades de arte.

É nesse duplo sentido que o Brasil pode solicitar de forma útil a assistência internacional, não apenas para beneficiar-se a si próprio, mas para o bem de todos.

Com efeito, diante das dúvidas que podem acometer hoje os países mais desenvolvidos quanto à vocação final que o hiper-desenvolvimento pode lhes determinar, é possível que:

- por um lado, a riqueza econômica latente,
- por outro lado, sua vitalidade cultural permanente, destinem o Brasil a ser um país onde o investimento de ordem cultural seja mais “rentável” a curto prazo do que em outros lugares, ou, em outras palavras, seja mais rapidamente benéfico para o mundo todo.

Certamente, durante os últimos 30 anos, o patrimônio cultural, em especial o arquitetônico, foi duramente atingido. Mas, justamente, se esse movimento persistisse, atingiria a especificidade brasileira e, talvez, lhe aplicasse um golpe mortal.

Pode-se estar seguro, no entanto, de que essa especificidade está bem viva, continua a ser “vívida”, e que ainda não foi desfigurada, como em outros países, sob a capa nova e voraz do cosmopolitismo.

Mas o tempo urge. Pois, se o Brasil detém a garantia de um passado cultural grandioso e de uma esperança imensa, seu presente é por vezes incerto, talvez desanimador; e a luta pela prosperidade e pela educação não é mais fácil do que em outros lugares. Pelo contrário, é a magnitude do risco que justifica o fato de combater com os melhores trunfos. Atinge-se no Brasil um momento decisivo, uma virada à qual ainda é possível atribuir espetacularmente a orientação.

De fato, trata-se de um dos domínios fechados nos quais o futuro do mundo é pesado simultaneamente em termos de quantidade e de qualidade. Mas a qualidade sem a quantidade hoje nada mais é do que o sinal de uma cultura voltada sobre si mesma e, no final das contas, vencida; e a quantidade sem qualidade é uma forma também cega de enterramento, de não-realização, tanto mais dissimulada quando reveste a aparência de generosidade e que de fato consome, sem recriar, o substrato vital necessário à sobrevivência da humanidade – e que não é inesgotável: a natureza e a cultura.

A oportunidade objetiva do mundo, é, no Brasil, sob essa dupla relação, quantitativa e qualitativa, pelo fato de ele possuir simultaneamente:

- (1) um espaço natural tão rico em lugares espetaculares e em espécies preciosas úteis para a ecologia em geral como em potenciais agrícolas e industriais;
- (2) uma vida cultural vigorosa e complexa nascida da confluência histórica de três correntes: América indígena, Europa latina e África negra;
- (3) e enfim, a capacidade virtual de seus habitantes, inúmeras vezes posta à prova em quatro séculos de história, de empenhar em combates vitais todas as forças de seu espírito e de

seus braços. Mas o que aumenta a urgência da empreitada é precisamente que essa parte do Brasil – que pode ser avaliada em termos demográficos, sociológicos e psicológicos – é a que está hoje mais ameaçada.

Pois, no momento de abrir este dossiê sobre o patrimônio cultural e seu emprego, impõe-se a nós uma realidade social que domina as demais e cujo caráter só pode ser avaliado *in situ*, ainda que dele façam eco há muitos anos as vozes dos maiores escritores brasileiros: é a obscura mistura de uma população que deixa territórios com estruturas agrícolas decadentes e só sobrevive nas grandes cidades o tempo de ver enganadas as esperanças nelas depositadas.

Entretanto, essa mesma população, aqui reduzida a um estado de miséria subumana, ali constitui uma mão-de-obra inteligente e hábil, que, a despeito do analfabetismo, é dotada o suficiente para criar, por exemplo, em menos de dez anos, no Brasil, uma ampla indústria automobilística. Este é o paradoxo e, ao mesmo tempo, o sinal de uma dissipação contínua de forças humanas latentes e da importância do desafio. Em especial, a falta de cultura tecnológica seria responsável por essa perda, e em certo sentido, a persistência da cultura tradicional constituiria ou não um freio ao acesso a um patamar econômico que assegurasse pelo menos uma vida biologicamente sadia? Qual poderá ser o resultado da criação de um importante impacto turístico próximo a esse universo já manifestamente desequilibrado das grandes cidades da costa e, em particular, as do Nordeste: Salvador e Recife? É o que devemos tentar avaliar neste estudo.

Limitemo-nos a enfatizar, no momento, que a cultura específica do Brasil nasceu historicamente por meio das lutas dos brasileiros para criar seu espaço vital desbravando uma natureza rebelde:

- (1) A epopéia da cana-de-açúcar, nos séculos XVII e XVIII, fez o Nordeste e suas cidades de arte: Salvador, Olinda, Recife, Igarçu, São Luís, Alcântara, etc.
- (2) A epopéia dos bandeirantes e a extração do ouro e das pedras preciosas, no século XVIII, fizeram as cidades de arte do Estado de Minas Gerais: Ouro Preto, Congonhas, Sabará, etc.
- (3) A epopéia do café, no século XIX, fez o desenvolvimento do Rio e de São Paulo.
- (4) Mais recentemente, a breve epopéia da borracha, na Amazônia, polarizou pela quarta vez as energias brasileiras e deixou como marca, no coração da floresta impenetrável, a fantasmática cidade de Manaus.
- (5) E, no século XX, devemos acrescentar a epopéia da criação mais promissora, Brasília, a “capital da esperança”.

Tantas empreitadas nas quais, se uma fabulosa quantidade de energia foi gasta sem que ele tenha conseguido até o momento abrir de forma decisiva seu horizonte no plano econômico, o Brasil, pelo menos, definiu sua própria cultura.

- (a) Um dos aspectos concretos dessa cultura é a prática recorrente dos ritos, decorrentes de crenças e costumes ancestrais e que é da alçada da etnografia. Quando for necessário considerar o desenvolvimento econômico, será preciso abordar em particular a delicada questão das relações entre o turismo e essa realidade específica.

- (b) Outro aspecto conhecido da cultura brasileira é sua aptidão para a modernidade, comprovada antes de Brasília pelo desenvolvimento de sua arquitetura posterior à guerra. Ora, a vitalidade da arquitetura brasileira pode, em condições que, entretanto, devem ser examinadas detalhadamente, fornecer uma garantia favorável ao problema da infra-estrutura turística.
- (c) Mas, entre essas duas tendências, pelo menos aparentemente contraditórias – de uma vida com tradições perpetuadas e da busca de um novo panorama de vida –, existe esse importante repositório cultural, no marco da vida passada, das cidades de arte, dos bairros antigos, antes aristocráticos e hoje populosos, outrora testemunho de esplendor e hoje em um estado de degradação paralelo à degradação econômica daqueles que ali vivem.

Ora, até o presente momento, quando se traça para uma cidade uma política de habitação visando à melhoria das condições de vida, essa política raramente se preocupa com a preservação do patrimônio monumental. O desconhecimento de seu valor no plano humano leva à sua substituição sistemática por uma arquitetura habitacional indiferenciada – em que a reconhecida qualidade da arquitetura brasileira quase não influi – o que também não constitui uma justificativa suplementar para a destruição.

Assim, vejamos como se encontram particularmente relacionados no Brasil:

- os fatos geoeconômicos e socioeconômicos,
- as especificidades biológicas e psicológicas,
- o destino do repositório cultural do passado, e, enfim, a dinâmica cultural presente.

Seria enganoso determinar para esse repositório cultural uma vocação “turística” sem levar em consideração todos esses fatores.

Mas, na verdade, por quanto tempo o papel da assistência internacional poderia ultrapassar singularmente ali a missão de retardar, na tendência de prolongar, a vida e o uso de um patrimônio cultural ameaçado?

Essa tarefa, para ser significativa, deve estar inserida em uma obra mais ampla de revelação do Brasil para si próprio: um empreendimento cultural, portanto, em dois níveis. O Brasil tem tantas riquezas potenciais que ele poderá estar amanhã, e talvez já esteja, psicologicamente falando, em condição de dar mais ainda do que de receber. Pelo mesmo movimento que geraria seu desenvolvimento econômico, ele deveria poder descobrir sua verdade específica e poderia ser chamado, graças à vitalidade de sua cultura e à exuberância de sua natureza, a propor ao mundo novos modos, novos caminhos de vida. Pois, por um lado, é ao chamado da orla marítima ensolarada que o homem moderno é cada vez mais sensível, e é ele que suscitará no futuro as grandes migrações sazonais de que se beneficiarão cada vez mais os países tropicais. Mas, por outro lado, o Brasil tem condição de oferecer ao mundo mais do que a realidade vazia dos paraísos ditos exóticos. Sua noção de acolhida, bem mais do que o espírito hospitaleiro perseverante das civilizações tradicionais, é, por assim dizer, o sentido filosófico da aceitação do outro, do que é diferente de si, é a extraordinária facilidade de assimilação nacional em um todo sempre aberto para o exterior, e desprovido de qualquer prevalência racial: em outras palavras, é o sentido do universal, mais raro hoje do que se poderia crer. Em suma, é a semente mais preciosa para

os tempos futuros, posta em um solo ao qual faltam culturas alternadas, mas que é, por si só, a garantia de colheitas futuras.

Esta metáfora muito banal, que associa os ciclos da cultura espiritual aos da cultura agrícola, pode ser entendida aqui em seu sentido próprio. A monocultura fez suas devastações, não apenas no plano da dependência econômica, mas ao esgotar as terras destituídas das vantagens da alternância. A prática das queimadas para criar terras agrícolas exterminou grande parte da floresta tropical sem permitir o enraizamento de uma verdadeira cultura agrária. A decadência agrícola e a degradação do antigo quadro da vida urbana têm causas e seguiram percursos paralelos: (a) desde o século XVII, a especialização e exigência de lucro imediato – critérios das agriculturas coloniais; (b) no século XX, abandono dos antigos centros urbanos coloniais pela classe dirigente e proprietária em prol dos grandes centros comerciais e industriais (para não dizer de um só: São Paulo, que produz sozinho quase a metade da renda nacional). A população rural, que abandonou terras e uma economia degradada acaba, seja nas favelas das grandes cidades industriais, seja precisamente nos antigos bairros aristocráticos tão degradados quanto a economia rural, testemunho igualmente sintomático de uma evolução regressiva onde se esperava um progresso decisivo.

A magnitude do problema da salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro é tal que passa, obrigatoriamente, pela transformação econômica do país inteiro.

O turismo pode, com certeza, constituir uma das fontes do futuro desenvolvimento da renda nacional e fornecer um alibi econômico aos esforços consideráveis que devem ser feitos se quisermos salvaguardar o vasto patrimônio cultural que está há muito tempo em perigo, mas cuja ruína brevemente será irreversível.

Mas o turismo não pode tudo. Deixar o patrimônio unicamente aos critérios da rentabilidade turística imediata seria fazer escolhas contestáveis, agravar determinados desequilíbrios, confrontar “efeitos de fachada” com o aumento da degradação interna; seria, finalmente, continuar por outros meios e para outros fins, a política da primeira metade do século XX: o cosmopolitismo, que, por toda parte onde pôde, destruiu a riqueza da cultura passada ao mesmo tempo que suas opressões, com o único benefício de um vazio ele próprio mais constrangedor do que fecundo.

O Brasil percebe tanto mais intensamente o vazio a preencher porque sua cultura tradicional ferida ainda está viva e, porque, devido a um traço dominante da psicologia nacional, ele sente, com particular impaciência, a aspiração a uma cultura do século XX fundada sobre uma alta tecnologia.

Trata-se então, para nós, de recensear bem mais do que os destroços de um cenário que ainda permanece como o mais fecundo e homogêneo do continente americano. Trata-se de investir em uma cultura viva, ou antes, em uma cultura dolorosa e incertamente sobrevivente ainda em gestação.

A natureza e a cultura brasileira

A. A ÁREA NATURAL A PRESERVAR

I. O ESPAÇO VAZIO

O Brasil: 8,5 milhões de km²: 1/16 das terras emersas, corresponde à metade da América do Sul; é o quinto país do mundo em extensão.

Essa extensão, por muito tempo considerada como um ponto desfavorável, constitui um privilégio que pode ser atestado pelo desenvolvimento dos Estados Unidos da América, da URSS e da China.

No Brasil, a extensão significa, além disso, um imenso espaço livre (densidade demográfica: 8,3).

Decorre disto que, desde que equilibre seu desenvolvimento interno, o Brasil é um dos países com maiores possibilidades de escapar à crise mundial provocada pela penúria de espaço, da qual resulta uma alta taxa de ocupação e, em conseqüência, de poluição, ocasionando toda espécie de carências.

O Brasil pode, portanto, sob a mesma condição essencial de preservar seu equilíbrio interno, acolher os fluxos da migração sazonal maciça do turismo e, simultaneamente, perseverar na sua política de assimilação da emigração, muito favorável à sua promoção, sem reduzir, para tanto, a taxa de crescimento interno.

É bem específico do problema do turismo no Brasil não considerá-lo como um fenômeno isolado de “visita por curiosidade”, destituído de maiores relações com outros vínculos entre o Brasil e o mundo. O turismo é freqüentemente, desde o presente, uma ação complementar a uma viagem que tem a profissão como estímulo central. Em um outro nível, o europeu que veio trabalhar no Brasil por vários anos, freqüentemente torna-se brasileiro. No futuro, entre o turista apressado, ávido de colecionar algumas imagens da vida tropical e do carnaval do Rio e o imigrante “técnico qualificado”, rapidamente assimilado, haverá no Brasil lugar para toda uma gama de visitantes diversamente associados tanto pelo interesse material e cultural, quanto pela fraternidade da acolhida e pela evidência das tarefas de toda espécie a serem ali realizadas. Prepara-se um tempo em que a mobilidade da juventude, hoje já evidente, será multiplicada e, nessa perspectiva, a noção de turismo de evasão pura deverá ser rapidamente ultrapassada. Acreditamos que seria necessário enfatizar o quanto as características do espaço brasileiro predisponham o Brasil a constituir um dos territórios onde estariam particularmente relacionadas as noções de turismo e de cooperação.

II. A COSTA BRASILEIRA

Nesse espaço vazio, a costa representa o ambiente privilegiado e não somente a área de contato; ela é, igualmente, a área de estadia mais utilizada. Descoberto em 1500, o Brasil foi, ao longo do primeiro século de sua história, menos uma costa que uma sucessão de pontos de impacto: alguns portos abrigados por amplas e admiráveis baías. Os tempos modernos só fizeram acentuar o caráter descontínuo da implantação costeira: algumas grandes cidades, inicialmente metrópoles: Belém, São Luís, Recife, Salvador (Bahia), Rio, Niterói, Santos... em seguida, sobretudo nas proximidades do Rio e entre o Rio e Santos (o porto de São Paulo), alguns pequenos portos menos afortunados, mas que se transformaram de repente em locais de veraneio à beira-mar. Entre eles, ao longo de mais de sete mil quilômetros de costa, praias desertas e sombreadas, alguns cabos rochosos em promontório acima de amplas paisagens que se estendem sobre estuários de rios, lagoas cintilantes, faixas de florestas litorâneas. Nem o brasileiro, nem o estrangeiro usufruem, verdadeiramente, desse capital de felicidade e saúde. Apenas de avião pode-se localizá-las. As estradas de acesso são raras. A massa de cidadãos pouco se afasta das cidades. O Rio tem suas próprias praias, famosas no mundo inteiro, onde a concentração ultrapassa a densidade das mais célebres praias mediterrâneas. À vista dos loteamentos de Búzios, ao norte de Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro, pode-se prever os danos que a implantação de uma infra-estrutura viária desvinculada de um plano global de gestão poderia provocar.

Se a costa brasileira se mantém como um capital precioso, é porque foi esquecida.

No futuro, há uma medida exata a ser encontrada entre dois excessos: a concentração excessiva e a diluição excessiva, que tirariam do conjunto da costa brasileira seu caráter de verdadeira natureza. Mas esses pontos de fixação da infra-estrutura turística na costa também deverão ser escolhidos em função de outros fatores além de sua própria capacidade e, em particular, em função de:

- (1) por um lado, de sua alternância com as áreas de reserva, nas quais a natureza tropical é estudada e protegida em suas espécies raras e ameaçadas;
- (2) por outro lado, de sua proximidade dos centros de interesse cultural, a fim de constituir uma rede coerente.

Além disso, a avaliação geral do patrimônio natural a ser preservado desemboca no exame do patrimônio cultural. Porém, sublinhemos que o inventário das áreas de reserva, que deveria ser realizado antes do das implantações turísticas, não nos parece ainda, pelo menos em uma primeira análise, suficientemente elaborado.

Deveremos, então, recomendar desde logo:

- (1) o estabelecimento, pelos serviços brasileiros competentes, e em particular pelas universidades, de um amplo inventário das reservas naturais costeiras;
- (2) a elaboração de um plano diretor geral da costa que defina os possíveis impactos do turismo costeiro, levando em consideração o respeito pelas áreas de reserva, a proximidade dos centros culturais e as ligações possíveis.

B. A ÁREA CULTURAL A PRESERVAR

I. A ARQUITETURA ANTIGA

Ao enumerar os principais acontecimentos socioeconômicos do Brasil, já situamos histórica e geograficamente o desenvolvimento de seu patrimônio artístico e monumental.

Assinalaremos brevemente suas características permanentes e indicaremos de que são compostos.

Surgindo em uma natureza quase virgem ocupada por populações que, diferentemente dos incas do Peru ou dos maias e astecas do México, não possuíam nenhuma tecnologia arquitetônica, os portugueses importaram para o Brasil, já no século XVI, os métodos europeus de construção. Os jesuítas instalados pelo primeiro governador, Tomé de Souza, na Bahia, sua capital, e depois em São Paulo – onde implantaram seu quartel-general –, foram os primeiros construtores.

A primeira série de igrejas brasileiras, do final do século XVI ao final do século XVII, é, portanto, essencialmente uma arquitetura jesuítica, feita com grande simplicidade, da qual subsistem alguns exemplares intactos e, sobretudo, numerosos vestígios nos imóveis construídos posteriormente.

No século XVIII, esse desenvolvimento é obra da arquitetura barroca que, com alguma defasagem em relação à Europa, adquire no Brasil um caráter verdadeiramente explosivo: a arte barroca que ornamenta as igrejas da Bahia, de Recife, de Olinda, do Rio e de todo o Estado de Minas Gerais, é além disso, no Brasil, a emergência de uma arquitetura apropriada ao ambiente, e que não tarda a assumir nos trópicos características particulares. Essas características são mais particularmente evidentes nos elementos decorativos interiores integrados, no desenvolvimento da talha dourada, dos forros pintados, e da estatuária que, no Brasil, se reveste de uma suntuosidade e ao mesmo tempo de um sabor popular muito peculiares. As obras-primas esculpidas pelo Aleijadinho em Minas Gerais, mostram, ao mesmo tempo, que por meio da arte barroca se manifesta no Brasil um expressionismo místico que só encontra equivalente na Europa durante a Idade Média. Dir-se-ia, de certa forma, que em quatro séculos o Brasil refêz por conta própria o ciclo estético que levou 20 séculos para ser elaborado na Europa.

Entretanto, é um equívoco freqüentemente cometido longe do Brasil reduzir o interesse da arte brasileira ao de sua arte sacra.

Desde o século XVII, o Brasil conheceu uma arquitetura civil particular, especialmente nos arredores de São Paulo. São as fazendas, admiráveis casas rurais no centro dessas propriedades e que constituem uma contribuição específica do Brasil à criação arquitetônica universal. Da mesma época, subsistem igualmente exemplos da arquitetura militar, fruto da tenaz competição que opôs os franceses, e sobretudo os holandeses, aos portugueses pela posse do Brasil.

Mas é principalmente a arquitetura urbana que se desenvolveu na época colonial que faz ainda de Salvador (Bahia) uma das mais surpreendentes cidades de arte do mundo. Quer se trate de uma simples casa térrea encontrada nas cidades pequenas ou de um sobrado de alguns andares, a casa urbana tem também, no Brasil, características específicas derivadas da arquitetura

portuguesa e das condições particulares da vida no Brasil colonial. Os contrastes de cores têm um papel de destaque. Os enquadramentos das aberturas se opõem pelo material e pela cor ao reboco nu das paredes. Os balcões e gelosias de madeira, apropriados às exigências de ventilação, são os principais ornamentos. Nas coberturas, a telha romana é soberana.

Assim apresentam-se as centenas de casas antigas coladas umas às outras nos antigos bairros de Salvador, pontuados por igrejas barrocas, da mesma maneira que em tantos outros conjuntos em Belém, São Luís, e, especialmente Ouro Preto.

Mas, esses conjuntos são os mesmos que a aristocracia que os havia mandado construir abandonou da mesma forma, aliás, que as fazendas; eles se tornaram os bairros mais densos e, excetuando as favelas, os menos salubres. Esses mesmos bairros desapareceram totalmente em São Paulo; alguns exemplares subsistem apenas no Rio e em Recife. Mas, em Salvador e nas cidades de menor porte, eles constituem, com as igrejas barrocas, – das quais são, aliás, a moldura –, a riqueza cultural do Brasil antigo, ao mesmo tempo a mais evidente e ameaçada. Ameaçada pelo desgaste, isto é, pela degradação espontânea que nenhuma manutenção corrige; ameaçada pela degradação pelo uso, pois a superpopulação de que esses bairros são receptáculos contribui para sua deterioração, e enfim, ameaçada pela destruição voluntária invocada pela exigência do desenvolvimento, do progresso, da modernidade.

II. AS CULTURAS TRADICIONAIS

É digno de nota que, no Brasil, nem a escravidão, que misturou as línguas, as etnias e, em seguida, as crenças originais, nem a bem-sucedida miscigenação entre brancos e negros, e marginalmente, os índios, provocaram a destruição da cultura africana pela cultura brasileira, mas, ao contrário, contribuíram para criar uma cultura brasileira própria, ao mesmo tempo muito diversificada e bem particular. Pois, por outro lado, a vocação da cultura européia que suscitou a grande revolução tecnológica moderna não foi ali comprometida, nem a capacidade do Brasil de receber e reelaborar as grandes revoluções do pensamento contemporâneo universal. Mas, paralelamente, a cultura popular afro-americana seguiu subterraneamente seu caminho, e hoje se revela aos pesquisadores em toda a extensão do seu significado humano e da força de seu sentido do sagrado.

Por um lado, a população negra e mulata assimilou as crenças cristãs de seus antigos padrões, colorindo-as com sua mentalidade e suas mitologias originais.

Por outro, a cultura filosófica de base racionalista e positivista do século XVIII até nossos dias, a partir da epopéia de Tiradentes, moldou o Brasil moderno, criou a independência e o Império, decretou a abolição da escravatura e instituiu a República.

Hoje, nenhum modelo sociocultural que ignore a realidade brasileira poderia concorrer eficazmente para o desenvolvimento e para o crescimento harmonioso do país. Nem tampouco seria vantajoso um planejamento parcial em um contexto sócio-rural ou urbano degradado. É importante, portanto, que a infra-estrutura turística não apareça, em momento algum, como álibi ou prolongamento de dominações econômicas externas ou internas. Ao

contrário, importa que o turismo não constitua um fim em si mesmo, nem mesmo um meio de satisfazer simultaneamente a curiosidade e o conforto de não-brasileiros ou de uns poucos brasileiros desconectados da realidade nacional, mas que o modelo técnico da infra-estrutura associe o modo de conhecer a cultura brasileira à maneira de vivê-la e, desse modo, possa integrar a tradição, a ciência e a salvaguarda dos valores do Brasil antigo ao desenvolvimento do Brasil futuro.

Contudo, se constatamos que um planejamento inteligente e cuidadoso pode reinserir um patrimônio arquitetônico no âmbito de uma política de desenvolvimento turístico, é infinitamente mais delicado revelar as formas exteriores de uma cultura de caráter sagrado a visitantes não preparados. No entanto, fora desse contexto do sagrado o Brasil não é o Brasil, apreendendo-se dele apenas a capa cosmopolita. E a própria arquitetura barroca brasileira pode ser apreendida em sua essência verdadeira? Basta visitar as numerosas igrejas dedicadas ao Rosário dos Negros; de lembrar, em Ouro Preto, a história de Chico Rei e as lendas vivas que a cercam, mesmo aquelas sobre o Aleijadinho, o “Miguel Ângelo mulato”, para avaliar até que ponto a verdadeira fonte do turismo cultural no Brasil está no seu aprofundamento, em todas as dimensões, tanto etnológicas quanto artísticas.

Não poderíamos, então, deixar de insistir sobre a eficácia de uma preparação para a visita ao Brasil, e no decorrer da própria visita. Poder-se-ia contribuir para desnaturar rapidamente um capital cultural que estudiosos atentos estão tentando atualmente preservar, e, paralelamente, nos arriscaríamos a induzir o visitante apressado a um engano que iria contra os objetivos fundamentais que a Unesco se atribui caso fossem vulgarizados, em nome do desenvolvimento turístico, os “quinze minutos” de candomblé e de macumba, ou se fossem comercializados objetos rituais. A preservação do patrimônio cultural é, também, a preservação de todas as autenticidades.

Se insistimos nos problemas apresentados pela cultura afro-brasileira e não nos da etnografia indígena, é, primeiro, em função da própria natureza dos estados e das cidades mais diretamente implicadas em nosso estudo. É também devido ao fato de que, afora a contribuição racial da mestiçagem do índio com o branco na região central, o fato ameríndio permanece no Brasil, diferentemente do fenômeno negro, ainda separado da comunidade, ainda que tenha sido possível e necessário criar, em 1910, um “Serviço de Proteção ao Índio”.

A própria existência desse órgão que, sob a inspiração generosa do general Rondon, prestou importantes serviços humanitários, não deixa de apresentar problemas que, em decorrência da criação de Brasília e dos grandes eixos de penetração interna dela resultante, se revestirão, em um futuro breve, de uma acuidade nova.

É bem razoável esperar que, nesse contexto brasileiro exemplarmente desprovido de qualquer espécie de racismo, a era que marcou a cruel e negativa epopéia do látex na Amazônia esteja encerrada. Porém, a aproximação dos povos indígenas da região central da civilização industrial, sem ser totalmente nova, coloca problemas de toda ordem: econômicos, sanitários, psicológicos, culturais. Em raios concêntricos em torno de Brasília, a universidade da nova capital estaria em condições de recensear e de estabelecer as condições de salvaguarda do patrimônio cultural em um duplo nível: por um lado, o patrimônio puramente indígena, por outro, especialmente no Estado de Goiás, o patrimônio elaborado pelo contato entre o país e a primeira penetração por-

tuguesa: um patrimônio cultural pouco conhecido e tanto mais vivo, em que a “festa” se reveste de grande riqueza e variedade. Menos exposto até o momento do que o patrimônio cultural afro-americano da costa, esse patrimônio indígena e americano-português corre o risco de se dissolver sob o efeito da penetração econômica e de seu corolário turístico.

III. TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Na verdade, além do próprio confusionismo que freqüentemente atinge as culturas quando elas entram em comunicação, parece que o Brasil já soube extrair algumas linhas mestras de sua modernidade, seja de modo autônomo, isto é, sem comprometer determinadas condições, seja nutrindo-se delas.

O sucesso da escola de arquitetura brasileira contemporânea, a vida cultural do Rio e de São Paulo, a empreitada de Brasília ou eventos ocasionais como a Bienal de São Paulo, ou, recentemente, a primeira Bienal Nacional da Bahia, nos mostram que o Brasil é um dos países cuja modernidade é das mais empreendedoras.

Todavia, no plano humano da atual conjuntura brasileira, qualquer revolução artística formal não permanece por muito tempo estranha ao seu conteúdo. A contribuição das artes tradicionais para o despojamento das formas, a busca de contrastes coloridos, fecundou, no Brasil, revoluções pictóricas que não têm, em outros lugares, maiores vínculos com os repertórios culturais do passado. Reciprocamente, a modernidade parece mais rapidamente assimilada pelo próprio povo do que em outros países: prova disto, por exemplo, é a rapidez da implantação de novas tendências, mesmo nas cidades mais afastadas, a combinação e harmonia dos novos contextos e dos gostos tradicionais, o caráter específico e nacional da renovação da música popular.

Aliás, é a atitude da juventude brasileira que, diante das novas correntes da expressão moderna, permite prever, no Brasil, o desenvolvimento de uma cultura popular que assimile ao mesmo tempo as fontes tradicionais e o questionamento universal do século XX. Por um lado, como já sublinhamos, a juventude popular ainda permanece impregnada pela necessidade de ritualização – daí a vitalidade de festas como o carnaval –, por outro, a juventude estudantil vivencia o mesmo fenômeno pela conquista lúcida da cultura histórica, artística, etnográfica e tem acesso, desse modo, a uma cultura simultaneamente nova e enraizada na realidade nacional brasileira; ou então busca, nessa realidade, pelo menos o objeto de suas descrições. É o que atesta hoje o arrojo da literatura, da poesia, do teatro e do cinema jovens.

Existem aparências que poderiam levar a conclusões menos otimistas: o sucesso de determinados grandes espetáculos que oferecem, do Brasil para o Brasil, a imagem que um exotismo pueril dele transmitiu, inicialmente, para o exterior. A degradação de algumas grandes festas populares também seria motivo de preocupação.

O primeiro fato é apenas um caso particular de um fenômeno mundial: a prosperidade comercial do *show business*. Ora, no mundo, o único meio com o qual contou desde sempre o teatro de qualidade, mesmo o teatro popular do século de ouro espanhol ou de Shakespeare até nossos

dias, foi o mecenato público ou privado. Sem mecenato não há teatro, nem na França, nem na Itália ou na Alemanha, o que justifica que o teatro esteja na rubrica cultural. Entretanto, tivemos oportunidade de conhecer grupos teatrais de grande qualidade – que têm, no Brasil moderno, e no sentido de sua cultura tradicional, uma idéia clara e elevada de sua função social – e que não recebem ajuda financeira alguma nem das cidades, nem dos estados, nem do governo. Após dois, três ou quatro anos de atividades corajosas e eficazes, esses grupos distantes do Rio ou de São Paulo não conseguem se manter, e se dispersam. A participação de todas as artes que o exercício teatral implica é, contudo, um meio eficaz de catalisar as energias para o desenvolvimento cultural, sobretudo em um país onde o sentido do ritmo e da máscara são inatos (ao passo que, ao contrário, a cultura puramente literária ainda é, no ambiente de analfabetismo das classes pobres, o privilégio de uma elite).

Uma ajuda financeira significativa aos animadores teatrais existentes e que já demonstraram amplamente sua capacidade, permitiria, além disso, criar uma política de animação do patrimônio monumental, em Ouro Preto e em Olinda, por exemplo, que criaria em outros períodos do ano, fora do carnaval, uma atração turística mundial.

Paralelamente, o amplo desenvolvimento de um teatro brasileiro entregue a produtores qualificados repercutiria na manutenção das tradições culturais populares: por um lado, por meio de oficinas relacionadas com o desenvolvimento do teatro, seria possível manter a qualidade plástica das festas populares atualmente ameaçadas; por outro lado, existe e poderia se desenvolver um repertório de expressão essencialmente visual e de essência tradicional; esse repertório manifestaria e legitimaria seu caráter de espetáculo e polarizaria a atração das massas de turistas, evitando que viessem sem preparação e que desnaturassem manifestações de caráter especificamente sacro.

IV. A ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

No inventário de um “Brasil cultural”, mesmo no de um patrimônio a ser preservado e, até certo ponto, ameaçado, incluiremos os principais monumentos da arquitetura contemporânea brasileira.

Independentemente de seus outros papéis, não há dúvida que Brasília constitui hoje para o Brasil uma atração turística de primeira grandeza. Mas, se Belo Horizonte (Pampulha), o Rio e São Paulo tornaram-se, desde 1946, importantes marcos da arquitetura contemporânea – determinados imóveis foram, como tais, tombados como “monumentos históricos” – e é inquietante constatar que algumas dessas obras recentes necessitam tanto de manutenção quanto obras do século XVIII. Mais do que isto, a cidade de São Paulo não hesitou em descaracterizar o projeto do Parque do Ibirapuera, cuja concepção de conjunto havia sido confiada a Niemeyer.

Contudo, o Brasil está legitimamente orgulhoso do arrojo de sua arquitetura contemporânea. Causa surpresa, às vezes, que, diferentemente do que ocorre em outros setores da expressão artística, o corte entre o passado e o presente pareça tão nítido na arquitetura. É preciso considerar primeiramente que, se na pintura a continuidade se manifesta apenas por meio da veia

popular (e não por sucessos efêmeros de um academismo que enche de suas lembranças determinados museus históricos), em matéria de arquitetura o hiato é efetivamente causado, antes de tudo, pela soberania, até a aproximação da guerra, da mais pomposa arte neoclássica. A reação foi tanto mais viva como salutar, e Le Corbusier encontrou no Brasil mais do que sucessores – homens que criaram sua própria estética.

O fato de Lúcio Costa ser ao mesmo tempo alto funcionário do “Patrimônio histórico” e um dos autores de Brasília confirma que o arquiteto brasileiro pode ser, simultaneamente, um defensor atento de seu patrimônio antigo e o criador de um Brasil futuro.

Contudo, não podemos deixar de nos afligir porque, nos lugares onde o desenvolvimento da urbanização moderna ameaça mais diretamente o patrimônio antigo, ela não seja feita em proveito da qualidade, mas – porque faltam os meios –, em benefício da arquitetura moderna mais banal e mais medíocre.

Mas, geralmente, se a verticalização das cidades resolveu, nos grandes centros, os problemas colocados pelas exigências da concentração administrativa e comercial, ela não pôde, e não parece dever resolver o problema da habitação – que permanece colocado por inteiro – assim como o da urbanização das cidades existentes (por oposição ao caso de Brasília, cidade inteiramente nova). Deixando de lado qualquer aspecto pitoresco, existem nas sórdidas favelas do Rio mais inovações arquitetônicas e urbanísticas (especialmente reveladas do alto do Corcovado) do que no muro quase contínuo de concreto que aprisiona e aquece a famosa Copacabana, imolada à especulação imobiliária. É de se prever que, no dia em que o Brasil resolver o problema da infraestrutura e o da disponibilidade dos terrenos, as novas gerações de arquitetos saberão criar uma arquitetura de habitação digna do povo brasileiro – um dos mais deserdados do mundo sob esse aspecto – e que essa arquitetura, ao mesmo tempo, fará uso da tecnologia moderna mais avançada e fará as escolhas mais estritamente adaptadas aos dados permanentes, e não ocasionais, da realidade brasileira. Pois a placa de vidro, por exemplo, não é decididamente o material de eleição para um país tão quente e luminoso. Podemos confiar – nesta área ainda mais do que em outras –, no temperamento dos brasileiros de saberem se renovar. Mas tudo leva a pensar que, também neste caso, quanto mais nos aproximarmos da realidade brasileira, mais a arquitetura contemporânea estará apta a resolver o principal problema que lhe é apresentado (que não é nem a construção de bancos ou de mansões, mas o da habitação para milhões de pessoas), e, por outro lado, mais a contribuição da arquitetura urbana do século XVIII se manifestará como um precioso componente da arquitetura brasileira de amanhã. E como seria grave deixar que essa riqueza fosse dilapidada hoje!

C. PLANEJAMENTO E TURISMO

As relações entre a natureza e a cultura brasileiras

I. A NATUREZA, FONTE DE CULTURA

Consideramos, inicialmente, o espaço vazio natural do Brasil como tal, e o investimento cultural introduzido pelo homem. Porém, para se ter a medida exata dos perigos que pesam sobre um e outro é preciso estudá-los em suas relações mútuas. Sob esse enfoque, a natureza tropical é menos uma área disponível do que a base do nutriente cultural. De fato, há países em que a natureza foi disciplinada há muito tempo, e onde os séculos modelaram, justapondo sucessivamente seus vestígios sobre conjuntos de relevos e de vegetação, lotes e caminhos tão coerentes como criações especificamente artificiais, cidades ou obras de arte. A cultura desses países é, então, em grande parte o reflexo de uma natureza humanizada e disciplinada, e em seguida, sem qualquer incômodo, a cultura aí se distancia da natureza, chegando até mesmo a ignorá-la. Tal é o esquema da relação entre natureza e cultura em países tão exemplares sob esse aspecto como a França.

No Brasil, ao longo de sua história, a cultura estabeleceu com a natureza relações ao mesmo tempo infinitamente mais violentas e mais constantemente próximas, de alguma forma, de relacionamentos passionais. O Brasil não nasceu de uma lenta adaptação do homem à terra ou do sítio ao homem; um homem cujas exigências em relação à natureza teriam sido lentamente progressivas ao longo de sua evolução. O Brasil é, inicialmente, uma escolha deliberada além do acaso, de homens de antigas culturas que surgem em uma natureza virgem que os emociona e que eles vêm possuir. A escolha de locais como a baía da Guanabara ou a baía de Todos os Santos (Bahia) tem a ver tanto com o amor quanto com a razão. Cinco séculos mais tarde, o carioca sente o fato de viver no Rio como ser eleito pela sorte. Nunca deixou de sentir essa paisagem e a vida social que ela proporciona como um grande espetáculo perfeitamente organizado até nas surpresas que ela reserva. Mas o amor que une o Rio à sua localização geográfica é do tipo que sufoca o objeto amado. O crescimento do Rio sobre si mesmo tem levado ao cisalhamento do seu relevo, ou mesmo de seu nivelamento, enquanto as últimas ilhas verdes estão sendo aniquiladas. E nessa terra martirizada, os desastres geológicos, sancionados por terríveis sacrifícios, caminham em conjunto com o desgaste generalizado do relevo.

Contudo, o Brasil inteiro vive o drama do Rio. E é em termos de tragédia que podem ser contadas as relações históricas do brasileiro com a natureza tropical. Ele é fanaticamente apaixonado por ela, avalia seu poderio e mede seu próprio valor em sua capacidade de vencê-la. Mas ele a vence sem pô-la a seu serviço. O colono português fez do africano seu escravo, mas não conseguiu domar da mesma forma a natureza brasileira, nem seu primeiro ocupante – o índio. A natureza permanece como a rival da posse do território. É preciso mutilá-la para impedi-la de retomar um bem duramente adquirido. Diante da dificuldade de integrar o homem a uma ecologia natural tão forte, deve-se, então, destruir os ciclos orgânicos e ignora-se, por conseguinte, que não há vida humana possível sem a integração do homem a essa ecologia geral. É um

deplorável mal-entendido, e que se perpetua. No século XX, o Brasil descobre que, com exceção da Amazônia, sua imensa floresta tropical desapareceu quase totalmente. Do primeiro colono a todas as ondas sucessivas da imigração, do escravo ao agricultor livre, que, por falta do ganho mais elementar, dos mais elementares recursos básicos, só é capaz de sobreviver ao dissipar sua verdadeira riqueza potencial, perpetuando esse catastrófico “arboricídio”.

II. O MARTÍRIO DA FLORESTA

Inicialmente, cortou-se a floresta tropical para se poder passar. Queimou-se a floresta para poder plantar, ou ainda para poder “lavar” a terra e recolher o ouro que aflorava na superfície dos morros do leste de Minas Gerais. Uma vez esgotadas a terra vegetal e as minas, o solo ficou tão devastado que nem a floresta nem as culturas conseguiram, após vários séculos, se recompor. A queimada das florestas tropicais subsistentes persiste ainda hoje, apesar da regulamentação. Esta de nada servirá, já que é o preço a ser pago pela sobrevivência dos agricultores. Além disso, a vigilância é impensável. Unicamente uma profunda reforma das estruturas agrárias poderá salvar a floresta e revitalizar a agricultura. Nesse caso, assim como nas demais áreas da salvaguarda dos conjuntos arquitetônicos urbanos, a proteção do patrimônio passa por uma decidida reforma das estruturas. Sem a reconstituição da floresta, o solo móvel do Brasil será, também, cada vez mais atingido pela erosão, que compromete a urbanização das novas cidades e, sobretudo, a rede viária – uma condição essencial para o desenvolvimento econômico e, naturalmente, o turístico.

No início de 1967, um deslizamento de terra cortou uma ligação rodoviária vital para o país – a estrada Rio – São Paulo –, destruindo um vilarejo que devia sua expansão à importância econômica dessa artéria e causando mais de 500 vítimas. Fica-se surpreso com a fragilidade geral da infra-estrutura brasileira. Contudo, ela se deve menos a escolhas técnicas ou à brutalidade dos agentes naturais do que ao fato de que, com grande freqüência, o equilíbrio natural foi destruído pela mão do homem e que assim, muitas vezes imprudentemente, foi desencadeado o processo que leva ao caos. Neste caso ainda, é chocante o paralelo entre a história da terra do Brasil e a história da sua cultura urbana.

III. O ESTADO DAS ESTRADAS E SUA MELHORIA

Sendo assim, a infra-estrutura viária, que é atualmente objeto de um planejamento elaborado com cuidado por um órgão especializado, o Geipot, deve, antes de tudo, enfrentar a principal dificuldade que se opõe ao desenvolvimento do Brasil: as consideráveis distâncias internas. É, evidentemente, o preço da magnitude do espaço disponível. A educação, a economia industrial, a preservação do próprio patrimônio natural e cultural estão condicionadas ao estabelecimento do quadrilátero viário nesse imenso país. Com certeza, o desenvolvimento do turismo não depende menos disto, sobretudo o do turismo interno do continente, no qual o uso do automóvel pode permanecer prioritário.

Analisemos, com precisão, as vantagens comparativas das redes viária, aérea e marítima e suas interferências nos problemas que nos preocupam:

(a) Rede viária

Apesar do esforço iniciado há 15 anos, as condições da rede viária são medíocres, com exceção do eixo norte-sul de Salvador, na Bahia, ao Rio Grande do Sul; do polígono Rio de Janeiro – Belo Horizonte – Brasília – São Paulo e de algumas estradas periféricas nos arredores do Rio e de São Paulo. O eixo Rio – São Paulo está sendo duplicado e transformado em auto-estrada de pista dupla, o que será apenas suficiente para o intenso tráfego entre as duas metrópoles. Outro caminho entre as duas cidades está previsto ao longo do litoral. Mas, de um modo geral, a infraestrutura rodoviária enfrenta o seguinte dilema: ou fazer melhorias com trabalhos superficiais e extensivos em uma ampla rede de estradas em péssimo estado, ou concentrar os esforços em operações de ponta, mas limitadas. Até o presente momento, prevaleceu a primeira política. No entanto, a ação do calor sobre os revestimentos, mais finos do que os europeus, os efeitos da chuva, que abre fendas nas terras móveis e que nenhum muro de contenção consegue conter, põem muitas vezes em questão o resultado dos trabalhos realizados. Quaisquer que sejam os esforços do governo nessa área, o resultado não será espetacular antes de uma dezena de anos. E, como o desenvolvimento do turismo deve ser assumido simultaneamente, e não em sua seqüência, é pertinente conceber uma primeira fase de desenvolvimento turístico sobre outras bases além da dependência da implantação de uma ampla rede viária bem conservada.

Pelo menos, o programa que nos interessa mais diretamente poderia considerar prioritariamente as ligações de curta distância entre os pontos de chegada das outras redes (aérea, marítima e fluvial) e as cidades turísticas e de lazer (locais famosos, cidades de arte, monumentos excepcionais, lugares antigos, de peregrinação, ou organizados para o lazer). Paralelamente, o governo do Brasil deverá construir grandes ligações continentais.

(b) Rede aérea

A importante rede aérea atual, que deve continuar sendo aperfeiçoada, permanece, necessariamente, como a base para uma visita mais ampla ao Brasil. É essencialmente por avião, e, futuramente, *avião-cargueiro*, que os países que podem mandar o maior número de visitantes estão ligados ao Brasil. Mas o avião também é o meio apropriado para levar o turista a oito ou dez centros vitais do Brasil histórico, a partir dos quais ele se deslocará, em vez de integrar duas ou três escalas brasileiras em um vasto circuito continental. Da mesma forma que nos Estados Unidos, onde são oferecidas aos europeus condições vantajosas para visitarem o país de avião durante um mês logo depois de atravessarem o Atlântico, os países sul-americanos deveriam se conjugar para oferecer possibilidades semelhantes a todos aqueles que são candidatos a visitar este continente.

Enfim, notemos que o táxi aéreo e, sobretudo, o helicóptero, poderiam igualmente constituir um meio de ligação para as pequenas distâncias entre os aeroportos e os portos e sítios a serem visitados, e mesmo fornecer serviços particulares das praias até os sítios culturais.

(c) Rede marítima e fluvial

Sendo o Brasil histórico essencialmente litorâneo, a via marítima poderia constituir, igualmente, um meio de visita eficaz.

A visita marítima do Rio a Belém pode ser prolongada pela travessia da Amazônia pelo curso do Amazonas e de seus afluentes. Manaus poderia, então, ser incluída na visita geral. As agências se voltam para esse problema, cuja realização poderia, aliás, ser particularmente benéfica para o turismo interno: a fórmula atrairia muitos brasileiros, que, no final das contas, freqüentemente conhecem mal seu país, e, do Rio, vão mais facilmente para Nova York e Paris do que para Belém ou a Bahia.

(d) Assinalamos apenas para registro a rede ferroviária. Seu desenvolvimento perdeu o melhor momento no século XIX. Se a conquista do oeste dos Estados Unidos foi feita em parte pela estrada de ferro, imortalizada desde então nas lendárias epopéias dos *westerns*, a conquista do centro brasileiro, no século XX, foi obra das rodovias, e não da estrada de ferro. Esta só constitui hoje um elemento importante no tráfego para distâncias médias ou para a ligação internacional com o sul e com o oeste. Os cerca de 3.800 quilômetros de linhas são antes objeto de melhorias e reforço do que de desenvolvimento.

IV. TURISMO E INTERCÂMBIOS CULTURAIS

Tanto a natureza dos problemas que se colocam, como os meios para resolvê-los nos convidam a buscar simultaneamente possibilidades diversificadas de penetração – de alguma forma, motivos diferentes – e, em correspondência, formas diferentes de acolhida apropriada.

Como o objetivo do apoio da Unesco ao Brasil e a vocação geral da Organização não são, evidentemente, o desenvolvimento do turismo por si só, mas essencialmente a compreensão mútua entre os povos e o desenvolvimento e salvaguarda de suas culturas específicas, somos levados a preparar a visita ao Brasil por vias bem distintas:

- (1) por um lado, a de um “grande turismo”, fonte eficaz de divisas;
- (2) por outro, a de uma estreita associação da juventude dos outros países a uma ampla empreitada de revelação da realidade brasileira.

Para atingir esses dois objetivos, existem meios próprios a cada um, mas há também elementos comuns de infra-estrutura a serem implantados. São eles, evidentemente, que têm a maior urgência e cuja definição deverá ser estabelecida ao final do exame com a maior precisão.

V. HARMONIZAÇÃO DA ESTADA

(a) O ciclo climático

O clima é às vezes considerado como um entrave relativo à popularização do turismo, e especialmente, aos longos veraneios nos trópicos.

Mas a única exigência que faz o clima ter um peso significativo na organização turística do Brasil consiste em prever sua integração às estações mais apropriadas. Entretanto, o carnaval do Rio, que polariza atualmente o fluxo turístico essencial, se situa no período menos favorável: o fim do verão antártico, sujeito a chuvas torrenciais. Contudo, o inverno – correspondente ao verão europeu – é, no sudeste do Brasil, uma estação mais temperada. Quanto ao Nordeste, se a temperatura é bastante bem distribuída, a brisa contínua que refresca todo seu litoral torna o clima de Salvador e de Recife muito acolhedor o ano inteiro.

O essencial consiste em organizar simplesmente um ritmo de deslocamento moderado, distante do ritmo acelerado em voga na Europa Ocidental, de turismo cultural coletivo ou individual. Ou seja, na eventualidade de os dados climáticos brasileiros estarem em perfeita sintonia com as preferências do homem moderno de todos os países pelas praias ensolaradas, elas incitarão, no entanto, a buscar fórmulas de visitas mais apropriadas: uma alternância entre a estada no litoral, própria dos empreendimentos turísticos leves e a permanência nas cidades de arte costeiras e em outros centros de interesse cultural – uma organização graças à qual a estada de repouso será associada às melhores possibilidades de informação e de diálogo, preparando o contato com a realidade brasileira.

(b) A acolhida

O primeiro meio é associar estreitamente o desenvolvimento do turismo interno e do turismo externo. Graças à disposição inata do brasileiro de ser um anfitrião ao mesmo tempo extremamente simples e cheio de atenção calorosa, deveríamos poder esperar muito desses contatos, por menos que tenham sido preparados e por pouco que as informações turísticas estejam à altura do problema. Não há dúvida de que contaremos, para uma empreitada dessa natureza, com o inteiro apoio da juventude estudantil brasileira, assim como dos professores. A estrutura administrativa do turismo brasileiro sendo até este momento, por assim dizer, inexistente, mas estando em via de ser implantada nos próximos meses, uma oportunidade suplementar se oferece de alguma forma para fazer bem as coisas na falta de tê-las feito mais cedo.

Raros são os países, é preciso admitir, nos quais a informação turística e o pensamento que tenta orientar o visitante, poupando seu livre arbítrio e seu gosto pela descoberta, estão à altura do problema. A associação dos melhores arquitetos para resolver o problema da acolhida e dos melhores pedagogos e estudiosos para apresentar o Brasil não será demasiada para a grande empreitada nacional que deve ser promovida. Mas tudo pode depender, no final das contas, do intermediário, daquele que fará o contato direto. A dignidade do brasileiro, que não é por isso desconfiado, é um outro fator adequado para criar um clima psicológico particular, propício para definir um novo tipo de relações humanas por meio de viagens que tenham a face da amizade

e do conhecimento profundo do “outro”. Um gênero de relações humanas exatamente oposto àquele de que um certo turismo, quer seja de massa ou elitista, se prevalece: o da transplantação de grupos homogêneos, que preserva de modo ciumento no próprio deslocamento seu modo de viver e de julgar, sua satisfação e conviências, preconceitos e isolamento. Nada é mais destrutivo para o país visitado e para o grupo de visitantes que um contato que se limite à confirmação de certos esteótipos baseados em um exotismo fácil e condescendente, por um lado, de avidez, por outro, e de ignorância comum. O turismo, cada vez mais disseminado é, de agora em diante um fato próprio que pesa cada vez mais na vida cotidiana de todos, e não cabe aos organismos internacionais de vocação cultural e humanitária realizar o que, obrigatoriamente, acontece por si só e que as molas da sociedade de consumo suscitam na escala mais ampla, ao mesmo tempo que pervertem seu conteúdo humano essencial. O que me parece lícito importar cada vez mais da Unesco em face de um desenvolvimento turístico inevitável em escala mundial, situa-se em três níveis.

- (1) Orientá-lo, de preferência, para países que, como o Brasil, associam patrimônio cultural e beleza natural, e para os quais ele pode trazer um complemento singular de divisas indispensáveis ao seu desenvolvimento.
- (2) Vincular o desenvolvimento do turismo a todas as medidas de proteção, manutenção e valorização de um patrimônio cultural e natural em perigo, e que o próprio desenvolvimento do turismo pode contribuir para extinguir.
- (3) Formular, por intermédio desse contato inevitável, as bases de um conhecimento objetivo e de uma cooperação amigável entre os povos e, em particular, entre os jovens, elevando o sentido da infra-estrutura turística para além dos critérios da pura rentabilidade comercial imediata, mas visando a rentabilidade econômica sustentável.

D. A PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL

I. A DPHAN

Estudaremos, neste capítulo, a estrutura administrativa do órgão ao qual cabe a proteção dos monumentos históricos e dos sítios do Brasil, e que depende do ministério da Educação e da Cultura.

Notemos que, se esse serviço é federal e apresenta, por conseguinte, uma grande unidade, esse não é exatamente o caso da organização dos museus brasileiros, alguns ligados a vários serviços federais, outros situados no nível estadual, municipal ou administrados por fundações privadas. De tal modo que, se um determinado museu, especialmente de arte moderna, for beneficiado por um mecenato público ou privado, estará em situação invejável, pois outros padecem dessa situação, mostrando-se ao visitante de maneira lamentável. Felizmente, esse não é o caso dos museus arqueológicos e tecnológicos da DPHAN, que são modelos do gênero.

(a) A estrutura da DPHAN

A Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), correntemente denominada “Patrimônio”, foi fundada em 1936. Seu promotor, Rodrigo Melo Franco de Andrade, permaneceu até 1976 como diretor; foi um trabalhador incansável e a alma da instituição. E dele permanece a consciência exemplar. Rodrigo Melo Franco teve como sucessor seu colaborador mais próximo, o arquiteto Renato Soeiro.

O “Patrimônio” divide-se em duas seções: a Divisão de Estudos e Tombamento, dirigida por Lúcio Costa, o eminente urbanista de Brasília; e a Divisão de Conservação e Restauração, dirigida até agora por Renato Soeiro. Dessa divisão depende o laboratório, fundado em 1947, e dirigido por Edson Motta. Desde 1936, a DPHAN tombou e salvaguardou um grande número de obras arquitetônicas e adquiriu algumas por preço bastante vantajoso – que teriam desaparecido sem o combate corajoso que empreendeu. A DPHAN é, desta maneira, em nome do Estado Federal, proprietária de diversos imóveis, cujo valor de mercado ultrapassa atualmente em muito as disponibilidades financeiras que lhe foram acordadas ao longo dos anos. Naturalmente, esses bens não são alienáveis.

A obra científica da DPHAN consiste em um inventário monumental, extremamente minucioso, relativo a mais de mil edifícios, que permanece como o melhor instrumento desse gênero em todo o continente. Ele está fundado nos critérios mais bem embasados da ciência arqueológica e da história da arte, e os colaboradores da DPHAN são, em seu conjunto, eminentes especialistas, cuja competência nada tem a invejar à de seus melhores colegas europeus.

Isto não exclui, com vantagem para o Brasil, uma osmose entre o conhecimento do passado e o pleno domínio dos problemas arquitetônicos contemporâneos, osmose essa da qual a presença de Lucio Costa no “Patrimônio” é precisamente um símbolo.

(b) Necessidade de desenvolvimento da DPHAN

Mas o ponto fraco do “Patrimônio” é o pessoal reduzido e a insuficiência de recursos financeiros. Desta maneira, sua vigilância não consegue cobrir, ainda que teoricamente, todo o território nacional. E a autoridade de seus representantes fora do estado onde residem é apenas nominal, em muitos casos. Por esse motivo, o Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade propôs ao governo federal um plano de organização do serviço, mais consistente, e que seria adaptável às novas exigências: nove distritos seriam assim constituídos, com diretorias em Belém (Pará), São Luís, Salvador (Bahia), Recife, Brasília, Rio de Janeiro, Ouro Preto (Minas Gerais), São Paulo e Porto Alegre. Em um segundo nível, 16 residências seriam dotadas de museólogos que manifestariam sua presença em cada cidade de arte. Esse plano é coerente. Apresenta, com certeza, problemas de contratação, mas que não são insolúveis. Muitos arquitetos manifestam, no Brasil, interesse pela arquitetura antiga, mas não encontram facilmente trabalho nessa especialidade. Seria preciso que o ensino, nas escolas de arquitetura, fosse paralelo à abertura de vagas para a contratação de arquitetos especializados. Entretanto, se é freqüente abrirem-se possibilidades de contratação para agentes de formação indiferenciada e de diversos níveis para o conjunto dos ministérios brasileiros, a contratação específica de especialistas para esse estreito ramo do Ministério da

Cultura é quase nula. De modo que a formação e a excepcional qualidade do pequeno grupo de colaboradores atuais da DPHAN são fruto de circunstâncias ocasionais e da ação obstinada de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Mas, para enfrentar os novos problemas no mesmo nível em que se operará o desenvolvimento do país, um nível com ampla descentralização e de questionamento global, é necessário que haja desenvolvimento e, em conseqüência, uma formação e um recrutamento que fazem falta.

(c) Necessidade de aumentar o orçamento da DPHAN

Mais preocupante ainda é o problema das verbas. No orçamento regular de 1966, as verbas eram de 1.935.000.000 de cruzeiros velhos, ou seja, cerca de um milhão de dólares por ano. Contudo, esses créditos devem financiar não somente os trabalhos de restauração, mas igualmente o pagamento das despesas de pessoal, de funcionamento, de estudos, de publicações, de deslocamentos, etc. Tendo em vista os mil imóveis tombados que constituem apenas uma parte do patrimônio monumental, isto representa, em relação aos trabalhos, uma média irrisória de 600 dólares por imóvel, por ano, o que seria indispensável para a manutenção e deixaria, portanto, sem financiamento os projetos de restauração propriamente ditos, sem a execução dos quais uma parte essencial do patrimônio monumental antigo está fadada a desaparecer. Essa parcimônia tem similar apenas na alta qualificação e no desprendimento dos agentes do “Patrimônio”, e freqüentemente dos artesãos que trabalham para ele em condições financeiras extremamente modestas comparativamente ao mercado da construção civil brasileira. Entretanto, as práticas são geralmente tais que, desde quando um proprietário, público ou privado e especialmente as prefeituras, vêem suas propriedade tombadas, deixam os custos integrais de manutenção e de restauração pesarem exclusivamente sobre o “Patrimônio”. Essa situação é anormal. Uma divisão equitativa entre a autoridade federal e os diferentes níveis de autoridade local deveria arcar com esses custos. Mas acontece freqüentemente que as municipalidades que herdaram os mais pesados encargos do patrimônio antigo são, ao mesmo tempo, as cidades mais degradadas no plano social. Assim, as verbas municipais são alocadas para urgências prioritárias das quais a salvaguarda do patrimônio está excluída.

Contudo, a dupla preocupação de aumentar os investimentos culturais e estabelecer uma maior coesão entre os diferentes organismos chamados a praticar uma política cultural estimulou o governo a criar, em 1967, o Conselho Federal de Cultura, presidido pelo Sr. Montello, encarregado de partilhar uma dotação financeira suplementar, com a vantagem de escapar à noção de anualidade orçamentária, e de poder, desta forma, transferir a despesa para o ano seguinte caso ela não tenha sido feita no ano em curso. O Conselho Federal é composto de quatro câmaras, correspondentes a quatro áreas culturais distintas. Uma delas, presidida por Rodrigo Melo Franco de Andrade, trata do patrimônio histórico e monumental. O “Patrimônio” apresenta anualmente ao Conselho Federal uma proposta de programa suplementar sobre a qual ele se pronuncia, e que se soma ao programa anual do “Patrimônio”, que é submetido a um orçamento anual. Mas, outros órgãos além do “Patrimônio” podem, igualmente, apresentar ao Conselho Federal propostas de financiamento para trabalhos de restauração, especialmente os estados e municípios.

Lembraremos que esse novo sistema, a despeito da dispersão eventual que ocasiona, tem pelo menos a vantagem de trazer um substancial financiamento suplementar para trabalhos de restauração, sem ser, entretanto, suficiente para permitir a restauração de amplos conjuntos ainda não tombados. Pois, sendo insuficientes para assegurar a salvaguarda das áreas já tombadas, os recursos atuais são desproporcionais às necessidades das áreas a serem tombadas. No estado em que se encontram, pouco estimulam o “Patrimônio” a aumentar sua proteção.

Porém, seria lamentável que, devido a financiamentos concedidos diretamente de um modo ou de outro às municipalidades, obras em monumentos sejam executadas por pessoal insuficientemente qualificado.

Nos lugares onde o “Patrimônio” não executasse ele próprio o trabalho, seria importante que pudesse exercer seu controle com toda a autoridade necessária.

De qualquer modo, é certo que, diante das grandes mutações urbanas que se preparam hoje, paralelamente ao seu próprio trabalho, o “Patrimônio” deve ser cada vez mais chamado a cooperar com os demais serviços públicos.

(d) Extensão da noção de proteção

É preciso não esquecer que, pela lei, a noção de proteção pode se referir tanto ao espaço amplo de um sítio, quanto ao de um monumento particular.

Contudo, na prática, a noção de sítio se referia, essencialmente, a áreas naturais. Para as áreas mais amplas, a legislação dos sítios é, aliás, coberta pela legislação dos Parques Nacionais.

1. As transformações urbanas

Mas a própria salvaguarda dos monumentos conservou durante muito tempo um caráter pontual. Ora, a repentina transformação das cidades levou, nesses últimos 20 anos, à degradação de cidades que, como Salvador, na Bahia, possuíam uma grande homogeneidade. Desse modo, recorreu-se ao tombamento para conjuntos cada vez maiores: o mais recente exemplo é, após o tombamento dos bairros de Soledade ou do Pelourinho, em Salvador, o tombamento de todo o território do município de Parati. Entretanto, o recurso ao tombamento global não deixa de preocupar o Serviço do Patrimônio, que parece hesitar em tomar a área ampla de Olinda. Contudo, eu recomendo enfaticamente que ele o faça.

Porém, a insuficiência atual de suas estruturas e de seu orçamento podem, legitimamente, fazer com que o “Patrimônio” acredite que estará muito rapidamente submerso em tarefas decorrentes de uma política extensiva de tombamento.

2. O mecanismo do tombamento

Em primeiro lugar, o mecanismo jurídico do tombamento provocará, necessariamente, com a prática de tombamentos extensivos, um trabalho administrativo sob o qual, com seu reduzido quadro de pessoal, o Serviço do “Patrimônio” corre o risco de se vergar. Eis aqui, rapidamente, esse mecanismo.

No caso de a iniciativa ser do próprio “Patrimônio”, o tombamento é determinado pelo ministro mediante proposta do diretor, mas o proprietário tem a possibilidade de recorrer

da proposta. O Conselho do “Patrimônio”, composto de personalidades escolhidas fora dos quadros da instituição, dá seu parecer, que o ministro acata. O presidente da República só pode anular o tombamento caso fique comprovado que ele é contrário ao interesse público. No caso de um pedido do proprietário, o “Patrimônio” tomba, ou não, mediante um parecer do Conselho. Verifica-se que, no Brasil, se os recursos financeiros são insuficientes, o instrumental legislativo é excelente. A legislação é infinitamente mais forte, por exemplo, do que a de que dispõem os serviços franceses, em que o tombamento feito contra a vontade do proprietário obriga à indenização, perante os tribunais civis, que avaliam o prejuízo causado.

Contra a oposição dos proprietários, às vezes poderosos, o “Patrimônio” tem, em seu ativo, vitórias espetaculares. Mas ele deve temer, no seu despojamento financeiro atual, não poder assumir os encargos subtraídos, não de direito, mas de fato, aos proprietários. Sobretudo, estes não deixarão de assaltar o “Patrimônio” para solicitar a realização de modificações no estado dos locais. Contudo, uma outra objeção é feita à prática generalizada de tombamentos amplos: a inclusão de elementos medíocres, de casas cuja arquitetura teria sido modificada e cujas modificações serão evocadas como álibis e precedentes. O “Patrimônio” teme, assim, enfraquecer sua posição nas negociações referentes a trabalhos de terceiros. Na realidade, ele guarda uma legítima apreciação destes, e os considerandos do tombamento sempre podem especificar que um elemento modificado não foi incluído a título de referência de modificações toleráveis, mas, a fim de que, em um conjunto, esse elemento já modificado não sofra uma degradação suplementar.

3. Salvaguarda e restaurações integrais

Na realidade, eis o problema fundamental: é preciso tomar amplos conjuntos para os controlar, sem dúvida, mas, sobretudo, com vistas a sua restauração integral. Pois, em Salvador, por exemplo, a degradação dá-se por si mesma nos bairros históricos com grande rapidez. É necessário tomar para permitir grandes operações de renovação urbana de caráter social e cultural. Para atingir esse objetivo, o “Patrimônio” não pode agir sozinho. É preciso unir esforços aos do Banco Nacional da Habitação, da Embratur (novo órgão nacional de turismo), dos estados, dos serviços de Planejamento federal, e, enfim, aos da cooperação internacional.

(e) Restauração dos elementos decorativos integrados e dos objetos mobiliários

A ação do “Patrimônio” estendeu-se igualmente com muito sucesso à salvaguarda e à restauração, e às vezes mesmo à descoberta de conjuntos decorativos integrados importantes pertencentes a igrejas tombadas; talha (madeira esculpida e dourada), forros e painéis pintados, azulejos, conjuntos de retábulos e mobiliário diversos, constituem uma das riquezas artísticas mais específicas e mais preciosas do Brasil do século XVII ao XIX. A obra de Germain Bazin sobre a arte barroca no Brasil lhes dá merecidamente um lugar de destaque. As restaurações minuciosas da talha pintada e dourada e das pinturas sobre tela e sobre madeira, assim como das esculturas policromadas, não são de custo elevado comparativamente às restaurações arquitetônicas. Porém, exigem muito talento, e temos a satisfação de enfatizar que os colaboradores do “Patrimônio”, dirigidos pelo laboratório do Rio, distinguem-se particularmente nesse mister.

Mas restaurar com bons resultados elementos decorativos e ter de, por falta de crédito, que adiar sem cessar os trabalhos de base é uma situação alarmante para o “Patrimônio”.

(f) Em suma, o problema consiste em multiplicar, em um futuro próximo, por seis e em seguida por dez a atividade atual do “Patrimônio”.

Esse programa exige uma orquestração geral na qual se insere a ação do “Patrimônio”.

Na priorização das urgências do desenvolvimento sociocultural;

nos estudos para as restaurações;

no controle das operações realizadas por terceiros.

O que implica em uma determinada transformação do Serviço, que deve ser, assim, reforçado interna e externamente.

II. PARTICIPAÇÃO DA EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO - EMBRATUR

Um decreto-lei de 18 de novembro criou o Conselho Nacional de Turismo e a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) e definiu as grandes linhas da política nacional.

Esse decreto preenche uma grande lacuna, pois os organismos que se ocupam do turismo estavam até então dispersos, divididos desigualmente, e nem sempre tinham a competência desejada.

A Embratur terá autonomia financeira e contará com um capital de 50 bilhões de cruzeiros antigos, constituído em cinco anos por recursos do governo federal (ou seja, 20 milhões de dólares). Constata-se que é uma soma importante, se comparada aos recursos irrisórios do “Patrimônio”. A essa dotação governamental poderiam ser acrescentadas outras doações (taxas parafiscais, selos turísticos, dotações privadas, etc.) As atribuições da Embratur consistem em gerir esse capital, financiando programas que tenham por objetivo o desenvolvimento da indústria turística. A DPHAN está representada no Conselho Nacional de Turismo por seu diretor, mas conviria que esse Conselho e sua secretaria estivessem imbuídos de que é inútil desenvolver estruturas comerciais de turismo, se o capital cultural de base capaz de suscitá-lo desaparecesse. Conviria estudar de muito perto a alocação das verbas nacionais reservadas para o turismo. As rendas resultantes das taxas parafiscais não são suscetíveis de reembolso. Caberia, portanto, destiná-las a operações com rendimentos indiretos, mas a fundo perdido. É o caso da publicidade. Ela é bastante insuficiente atualmente, mas conviria estudá-la juntamente com o “Patrimônio” e os demais serviços culturais, a fim de que apresente todas as garantias necessárias.

Seria, por outro lado, desejável reservar uma parte substancial do capital destinado à Embratur à infra-estrutura turística de cidades e estações turísticas que seriam simultaneamente selecionadas em um plano de renovação urbana e de salvaguarda do patrimônio cultural. Uma outra parte deveria ser consagrada à animação cultural (especialmente festivais) com base em uma regionalização apropriada.

III. PARTICIPAÇÃO DO BANCO NACIONAL DA HABITAÇÃO

O Banco Nacional da Habitação poderia, por seu lado, ser convidado a dar prioridade à reinstalação, nos bairros antigos dessas cidades, de seus antigos moradores.

E. A PROTEÇÃO DA NATUREZA NO BRASIL

Não estudaremos neste relatório os problemas administrativos e financeiros decorrentes da proteção da natureza em seu conjunto. A quantificação dessas questões é de ordem agrônômica e rural.

O problema financeiro não se apresenta em relação aos sítios naturais da mesma maneira que para o patrimônio monumental. O problema da salvaguarda da natureza se inscreve no seguinte âmbito:

(a) A preservação e a recuperação da floresta brasileira é prioritária

Como dissemos anteriormente, a prioridade da preservação e recuperação da floresta brasileira é um problema capital relacionado com a política agrícola e com a política da infraestrutura global do país. A penetração para o centro e para o oeste do país não deve ser feita às expensas dos fragmentos de florestas que ainda subsistem. Mas, sobretudo, é preciso salvar a floresta tropical e reconstituí-la com base em uma revisão das práticas agrícolas, pois a degradação da estrutura agrícola da área litorânea e da zona intermediária entre o litoral e o sertão é uma das causas mais evidentes das dificuldades do Brasil. Na operação de reestruturação agrícola dessa área e do desenvolvimento industrial, a preocupação de poupar a floresta e reconstituí-la deve estar especialmente presente.



Rio de Janeiro (RJ).
Vista aérea do Jardim Botânico,
1984. Foto de Pedro Lobo

(b) Os grandes sítios naturais de caráter espetacular devem ser preservados, mas eles não são os únicos

As praias, mesmo as distantes dos grandes centros, deveriam ser recenseadas e dotadas de certos tipos de infra-estrutura leve com base em disposições gerais que deixariam sempre uma área *non aedificandi* na própria faixa litorânea. O encanto dessas praias é, além de sua calma e limpidez, a proximidade da vegetação.

(c) Nos estudos de detalhamento que se seguirão, só poderíamos nos limitar a propor a proteção de elementos naturais particulares ou implicados em conjuntos monumentais. Mas nos pareceu importante insistir, ideologicamente, sobre a necessidade da proteção do conjunto da natureza brasileira. Essa proteção só poderia ser avaliada e constituir objeto de recomendações técnicas especiais por intermédio de um estudo a ser feito em conjunto pela Unesco e pela FAO.

(d) Os parques nacionais, por fim, suscitaram no Brasil uma atenção e um esforço particulares. Entre os 14 parques nacionais do Brasil, alguns são conjuntos florestais e montanhosos de dimensões relativamente modestas e geralmente situados próximo a grandes centros turísticos ou climáticos importantes. É o caso de dois entre os que visitamos: o Parque Nacional da Tijuca, no Rio, e o de Teresópolis. A manutenção e a proteção desses parques está assegurada: o acesso de automóvel é limitado e controlado. Um trabalho botânico sério é realizado em ligação com os demais serviços competentes: o Jardim Botânico do Rio e o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, que engloba simultaneamente a organização dos parques nacionais e das reservas naturais sob a tutela do Ministério da Agricultura.

Outros parques nacionais têm uma característica diversa. Traçados em linhas amplas em ambientes virgens e de grandes proporções, eles constituem, antes de tudo, declarações de intenção. Sua conservação passa pelo estabelecimento de medidas de ordem mais geral, que evocamos a propósito da degradação da floresta, e que é justamente a preocupação do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, presidido pelo general Pinto da Luz.

(e) O Jardim Botânico, concebido como um laboratório próprio para o estudo e a salvaguarda das espécies, é igualmente uma fórmula que nos propomos a desenvolver em função dos contrastes que a natureza brasileira manifesta de norte a sul e de leste a oeste. Sugere-se que, além do Jardim Botânico do Rio, tombado como monumento nacional e modelo do gênero, um jardim botânico seja criado em Brasília, outro em Recife e outro, enfim, na Amazônia.

Parques nacionais e jardins botânicos não respondem, em todo o mundo, unicamente à necessidade de proteção da natureza, mas também, para melhor protegê-la e desfrutar dela, à necessidade de melhor conhecê-la: conhecimento científico e pesquisa nos jardins botânicos e nas reservas; conhecimento vulgarizado e utilização para o lazer nos parques nacionais e, secundariamente, nos jardins botânicos.

A ligação dos parques nacionais com os centros urbanos por estradas ou linhas aéreas, as infra-estruturas ao mesmo tempo de proteção e de permanência no próprio parque devem, portanto, ser consideradas em um planejamento da infra-estrutura turística brasileira. No Parque Nacional do Iguaçu, por exemplo, existe um hotel. O desenvolvimento de iniciativas similares em outros parques nacionais, entretanto, não deveria preceder o recenseamento científico e o estudo aprofundado dos parques que ainda estão em elaboração.

- (f) Uma fórmula em estudo na França sob o nome de Parques Naturais Regionais, e que se aproxima da fórmula dos parques japoneses e dos *field centers* britânicos, pretende associar mais estreitamente as idéias de alternativa ao lazer metropolitano, preservação e, em certa medida, de renovação rural.

O Brasil, um país simultaneamente de vastas extensões disponíveis e de grandes concentrações urbanas, seria, sem dúvida, muito indicado para expressar a versão tropical dessa fórmula.

Detalhamento

Decidimos agrupar os estudos de detalhamento em cinco capítulos.

O primeiro é consagrado à região costeira central do Rio de Janeiro – São Paulo.

Prosseguindo em direção ao norte, o segundo e o terceiro capítulos são consagrados, respectivamente, à costa do Nordeste e à costa norte.

O quarto capítulo estuda o centro do país e, em particular, o Estado de Minas Gerais.

O quinto capítulo, por fim, é relativo ao sul do Brasil.

Com exceção de Manaus, no centro da Amazônia, que não constava da solicitação do governo, todos os centros de interesse artístico do Brasil serão assim estudados.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Região do Rio de Janeiro e de São Paulo

I O ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A. PARATI E A BAÍA DA ILHA GRANDE

Situação geográfica e histórica

As oportunidades de Parati, tanto no plano cultural como no econômico, na perspectiva do desenvolvimento pelo turismo baseiam-se em diversos fatores:

(1) O primeiro, é sua situação privilegiada:

Às margens do oceano, tendo como cenário uma das maravilhas naturais do Brasil, a baía da Ilha Grande.

A igual distância entre o Rio e São Paulo, os dois maiores centros urbanos do Brasil.

(2) Sua história decorre dessa situação geográfica privilegiada:

Parati foi, no século XVIII, o porto de acesso à rica região de Minas Gerais. A partir do Rio, a única ligação até Parati era marítima. A partir de Parati, a “rota dos escravos”, da qual encontram-se vestígios na estrada Parati-Cunha, dirige-se para o interior. Parati perdeu sua importância quando, em 1725, o Rio foi diretamente ligado a São Paulo pela estrada (o “caminho novo”). Tinha então 20 mil habitantes.

Singularidade de Parati

- (3) Mas foi esse afastamento das correntes comerciais que, até o momento, salvou Parati, diferentemente dos demais portos vizinhos do Rio ou de São Paulo, mais facilmente ligados a essas metrópoles pela estrada, e que perderam quase toda sua arquitetura tradicional ao longo dos últimos cinquenta anos.
- (4) Ao contrário, Parati está praticamente intacta. Construída segundo uma planta em xadrez cujos eixos leste-oeste divergem ligeiramente em direção ao mar e cujas transversais norte-sul fazem uma leve curvatura que corresponde a essa divergência, Parati constitui um exemplo urbanístico bem-sucedido de um plano pré-concebido, mas não rígido. Assim, as perspectivas são muito felizes, e a simetria geral que inspira essa composição tem ali um caráter mais biológico do que friamente geométrico.

Patrimônio monumental e conjunto arquitetônico

Quatro igrejas barrocas – a Matriz, Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora do Rosário, Santa Rita de Cássia e a capela de Nossa Senhora das Dores – constituem os pontos monumentais desse quadrilátero. A segunda é objeto de uma excelente restauração aos cuidados do “Patrimônio”. As três outras igrejas necessitam de intervenções, mas faltam recursos.

O principal interesse de Parati resulta da excepcional homogeneidade de sua arquitetura urbana, composta de cerca de 500 residências, algumas delas sobrados, outras casas térreas, cujas características são típicas da arquitetura brasileira do século XVIII: coberturas de telhas-canal com cornija muito proeminente, altas aberturas com lintéis curvos ou festonados, gelsias de madeira, paredes geralmente coloridas com contrastes quentes e realçadas pela coloração dos enquadramentos das aberturas, e balcões no primeiro andar dos sobrados.



Parati (RJ). Vista aérea da cidade, 1964

O interesse crescente por Parati, demonstrado principalmente pelos moradores de São Paulo, iniciou um movimento de renovação dessas casas antigas, ainda que muitas permaneçam abandonadas e que, salvo por uma intervenção em futuro breve, estão em via de destruição irremediável. Por um lado, o movimento de restaurações individuais deve ser controlado, pois ele comporta o risco de descaracterizar o conjunto. O “Patrimônio” fez algumas aquisições, mas só tem condição, tendo em vista suas possibilidades atuais, de resolver alguns casos individuais.

Por outro lado, se além da cidade antiga, o bairro moderno ainda está pouco desenvolvido, corre-se hoje o sério risco, devido à atração que Parati exerce no plano turístico, de que ele acarrete implantações lamentáveis, espalhadas de forma anárquica nas proximidades da cidade antiga. A escola municipal, construída segundo critérios de um falso modernismo agressivo, é um exemplo bastante desagradável dessa tendência, e felizmente o único muito visível.

Plano urbanístico

Portanto, não apenas para a cidade antiga, mas para o sítio urbano completo impõe-se a adoção de um plano urbanístico, prevendo ao mesmo tempo os recursos para a salvaguarda e a manutenção da cidade antiga e o potencial de desenvolvimento da nova Parati. É a essa tarefa que o arquiteto Frédéric de Limburg-Stirum se dedica há vários anos, e cujo projeto, com alguns ajustes, foi oficialmente adotado pelo “Patrimônio”. Este último solicitou, portanto, ao governo, que a consideração do projeto resultasse no financiamento de um estudo detalhado suscetível de constituir tanto um instrumento jurídico de destinação do uso do solo como um procedimento financeiro de ajuda para sua salvaguarda e valorização.

Tombamento de Parati

O embasamento jurídico de tal ação, já foi, aliás, conquistado pelo tombamento como monumento nacional de todo o município de Parati, ou seja, de todo seu território municipal.

As múltiplas intervenções que dele podem decorrer, desde que se disponha dos recursos financeiros necessários e de um poder de gestão específico (fundação ou sociedade mista estabelecida junto ao poder municipal e que administre os recursos especialmente sob o controle do “Patrimônio”), se dividem em diversas categorias correspondentes a áreas concêntricas sucessivas a partir da antiga cidade de Parati.

(a) Medidas referentes à cidade antiga

(A Parati antiga, ou bairro histórico [18 ha])

1. Ação geral no território municipal (domínio público)
 - a. Restauração das ruas, conservando a pavimentação antiga.
 - b. A favor dessa restauração, instalação subterrânea da rede de distribuição elétrica e realização de toda a infra-estrutura urbana.
 - c. Agrupamento coletivo das antenas de televisão.
2. Gestão portuária.
3. Restauração dos imóveis públicos, especialmente das igrejas, pelo “Patrimônio”.

4. Política de aquisição ou de expropriação das casas antigas ameaçadas de ruir a fim de serem restauradas e revendidas.
5. Política de ajuda financeira às restaurações estritamente controlada pelo “Patrimônio”.
6. Plano diretor prevendo a atribuição dos lotes ainda livres no interior do bairro antigo: reservados de preferência para jardins, dependências das instalações hoteleiras e para a infra-estrutura pública necessária a esta cidade de estação.

(b) Área verde *non aedificandi* e área verde de lazer
(Área de proteção da cidade antiga)

Frédéric de Limburg-Stirum propõe o estabelecimento de uma “área verde *non aedificandi*” de 46 ha. e de uma “área verde de lazer” de 90 ha. incluindo, ao norte, além do rio Perequê Açu, o sítio da Santa Casa (hospital) e do morro da Vila Velha (morro florestado), com um forte militar dominando o mar. Para essa área deve ser implantada uma política de aquisição que “congelará” o terreno disponível e valorizará os terrenos exteriores a essa zona verde que serão, eles próprios, os terrenos de desenvolvimento da cidade nova. Devem igualmente ser incorporadas à área de proteção *non aedificandi* a praia situada entre o morro da Vila Velha e a cidade (Praia do Pontal), e a praia situada ao sul do novo porto e sua área secundária ao norte e ao sul do rio Patitiba. Nessa área verde de lazer fortemente arborizada, as únicas construções admitidas seriam as de interesse público: infra-estrutura esportiva, cultural, hoteleira. Essas construções estariam submetidas a uma regra de *non altus tolendi* muito estritas, com a altura máxima não ultrapassando a dos sobrados da cidade antiga.



Parati (RJ). Igreja de N. S. do Rosário e São Benedito. Foto de Eduardo Schultz

(c) Bairros futuros

Os bairros novos, por fim, se desenvolveriam fora dessa área, separados entre si por amplas faixas verdes. Eles teriam igualmente toda possibilidade de se estenderem para o norte do morro de Vila Velha no caso de uma eventual verticalização da arquitetura, e para oeste, segundo os critérios de desenvolvimento horizontal de residências espalhadas em meio à vegetação.

Como se vê, este projeto é decididamente otimista quando ao desenvolvimento futuro de Parati e possui um caráter evidente de antecipação. Mas não é aí que reside seu maior mérito. Trata-se menos de saber em quantos anos a nova Parati tomará tais proporções, do que de prever todas as disposições para que, caso isto venha a ocorrer, sua expansão não seja a causa irremediável da degradação do que teria sido sua fortuna: seu sítio e a cidade antiga.

(d) Proteção da floresta circundante

Muito mais que o desenvolvimento eventual da cidade nova, é importante assegurar a rigorosa proteção de uma natureza excepcionalmente bela, mas que não está mais intacta. Subindo em direção a Cunha pela antiga “rota dos escravos”, foi possível constatar, no próprio município hoje tombado, que os estragos do desmatamento pelas queimadas continua. A salvaguarda da floresta de Parati, intimamente ligada à aceitação dessa cidade balneária e de seu sítio artístico, apresenta o problema de uma ação em cooperação com o Ministério da Agricultura e o “Patrimônio” voltada não apenas para as florestas dominiais, mas para as florestas particulares. Isto, evidentemente, está ligado à política agrária do Estado do Rio de Janeiro e do governo federal. Tão logo vencidas as primeiras linhas de cume do anfiteatro de montanhas que emoldura Parati, o espetáculo do desmatamento sistemático é particularmente impressionante. Os arredores de Parati e o conjunto da baía da Ilha Grande surgem como um dos últimos santuários da floresta brasileira a ser preservada a qualquer custo.

(e) Proteção da baía da Ilha Grande

A proteção de Parati suscita, de fato, a questão do destino do conjunto desse admirável sítio da baía da Ilha Grande, cujo porto principal, Angra dos Reis, sofreu nestes últimos 30 anos o que se quer evitar que Parati sofra.

Angra dos Reis

Angra dos Reis possui ainda, na verdade, casas do século XVIII e três igrejas antigas, uma das quais se encontra arruinada. Os estabelecimentos industriais, as medíocres instalações portuárias e a hotelaria moderna anarquicamente situada degradaram a cidade em seu conjunto. Considerando, entretanto, que Angra dos Reis é o porto de entrada da baía da ilha Grande – pela qual se tem acesso por barco a Parati –, considerando a ligação direta entre o Rio e Angra dos Reis, e considerando, sobretudo, a beleza suntuosa da baía, apreciável tanto do interior (a descida para Angra ao longo de uma embocadura fluvial), quanto do mar (pontilhada de admiráveis pequenas ilhas, com uma delas encimada por uma capela antiga), é importante tentar recuperar a situação de Angra dos Reis pela implantação de um plano urbanístico. O “Patrimônio” precisaria restaurar as igrejas antigas, reestruturar o sítio urbano da Matriz, e o porto deveria ser convenientemente equipado.

(f) Plano diretor da área Rio – São Paulo

Isto nos leva a estudar os meios de ligação entre o Rio e Parati e entre São Paulo e Parati.

Em primeiro lugar, as condições para o restabelecimento de uma ligação por meio de transporte aéreo particular: a pista de aviação de Parati deve ser reformada e tombada. A ligação rodoviária do Rio para Parati atualmente é deplorável. A vicinal que leva da estrada Rio – São Paulo a Angra dos Reis está em péssimo estado. A estrada que margeia a baía de Angra até Parati raramente é transitável. Atualmente, a estrada de terra é, aliás, o canteiro de obras da futura estrada. Então, utiliza-se a barca de Angra para Parati. Mas ela é antiga, e os atracadouros, tanto em Parati quanto em Angra, são bastante rudimentares. Quanto à escala intermediária em Mambucaba, é feita por canoa. A construção de um ancoradouro em Mambucaba teria múltiplas vantagens. Primeiramente para a população local, obrigada a fazer manobras perigosas em pleno mar, pois a baía, nesse ponto, é muito aberta aos vagalhões do oceano. Por outro lado, ele diminuiria o tempo da ligação entre Angra e Parati em quase uma hora. Enfim, permitiria, sem dúvida, criar uma pequena implantação turística em Mambucaba, cuja praia e a coroa florestal são admiráveis, e onde há uma igreja com um convento cuja silhueta pode ser admirada a partir do mar.

Existe um meio de alcançar a estrada Rio – São Paulo a partir de Parati. É a antiga “rota dos escravos” que, em Bunho, encontra a estrada que está sendo reconstruída, que liga Guaratinguetá, na estrada Rio – São Paulo, a Ubatuba, na costa, a oeste de Parati. Vê-se que um grande esforço está sendo feito para dotar essa área turística situada entre o Rio e São Paulo de uma infra-estrutura viária suficiente. Impõe-se, portanto, melhorar igualmente o trecho Cunha – Parati, a fim de romper o isolamento de Parati. Contudo, a grande ligação viária Guaratinguetá – Rio, trecho da auto-estrada São Paulo – Rio, parece monótona para um carioca desejoso de passar um fim de semana em Parati. Assim, não é de admirar que, ainda que Parati dependa administrativamente do Estado do Rio, seu destino turístico e, em consequência, econômico, dependam até hoje do interesse dos paulistas.



Parati (RJ). Casa na rua Comendador José Luís.
Foto de Eduardo Schultz

A oeste de Parati, Ubatuba e São Sebastião tornaram-se os balneários alternativos de São Paulo, mas a contrapartida do desenvolvimento foi sua degradação artística, à qual Parati escapou. Acreditamos, contudo, que o plano de salvaguarda da Velha Parati, completado por um plano financeiro de infra-estrutura e de urbanização da nova Parati, deveria estar vinculado e integrado a um plano diretor relativo a todo o setor marítimo Rio – São Paulo, cujos limites para fins de estudo seriam, na costa, a estrada Santos – São Paulo e a auto-estrada Rio – São Paulo. Esse plano diretor incluiria integralmente os dados do plano urbanístico de Parati, preparado por Limburg-Stirum e referendado pelo Conselho do “Patrimônio”, ao qual se associariam as autoridades responsáveis do Estado do Rio de Janeiro, do Estado de São Paulo e, eventualmente, do Estado da Guanabara. Estariam assim coordenadas – nesse espaço relativamente estreito, mas tendo uma vocação precisa diante do fenômeno urbano bipolar do Rio e de São Paulo, que reúne mais de dez milhões de indivíduos –, as ações hoje autônomas demais dos ministérios da Agricultura, da Infra-Estrutura e da Educação. É também nesse âmbito preciso que a ação da Embratur deveria se inserir.

(g) Desenvolvimento hoteleiro

O desenvolvimento hoteleiro é, certamente, uma das condições *sine qua non* do desenvolvimento turístico. Mas é preciso situar a ajuda para a hotelaria no âmbito da salvaguarda artística de cidades como Parati. Desaconselhamos formalmente para Parati a construção de hotéis novos quando se busca reconverter para novos usos casas abandonadas cujas paredes externas são viáveis e de qualidade, e pertencem à decoração e à estrutura da cidade antiga. Dois proprietários de hotéis e dois restauradores se esforçam atualmente para criar infra-estruturas adequadas e uma verdadeira atração gastronômica na cidade velha, e é nesse sentido que os empréstimos para a hotelaria seriam mais bem empregados. Eles teriam como contrapartida uma estrita submissão às exigências do “Patrimônio” quanto à natureza dos trabalhos externos de restauração. Além do empréstimo hoteleiro, uma participação financeira pública para esses trabalhos de restauração externa deveria ser prevista tanto em proveito do comércio de caráter turístico quanto de outras formas de residências de caráter público ou privado (albergue da juventude, por exemplo).

(h) Estudos edafológicos

Se numerosos arquitetos, a começar por Limburg-Stirum, que poderia coordenar a operação de conjunto sob a tutela do “Patrimônio”, estão disponíveis para empreender esta operação em Parati e sua eventual extensão a Angra dos Reis e Mambucaba, todas essas intervenções também colocam em questão estudos de ponta referentes ao solo, aos leitos e estuários dos rios disponíveis para a construção de diques e ancoradouros, drenagens (a serem realizadas com muito cuidado), salvaguarda de praias, etc.

É preciso registrar aqui que recentemente foi realizada a retificação do leito do rio Perequê Açu, que se tornou retilíneo, sem que isto pareça ter sido benéfico para o saneamento do sítio ao norte de Parati, muito pelo contrário. As margens estão se erodindo mais do que no passado e, a crer no julgamento dos viajantes, o estuário está ainda mais assoreado.

Contudo, o crescimento de Parati como cidade de arte está ligado aos atrativos que ela poderá oferecer como cidade balneária. Condenando qualquer construção de alvenaria próxima às praias e admitindo apenas algumas formas de instalações leves, dever-se-á ter a preocupação com a drenagem e, se possível, com o aumento do assoreamento. Parece-nos indispensável que todo o setor seja objeto de um estudo edafológico de conjunto, tendendo antes a limitar as intervenções do que a multiplicá-las. Na frente da cidade, o mar deposita novos sedimentos: serão eles o resultado da implantação do porto atual? Quais seriam as conseqüências de seu deslocamento? Como rever a retificação inoportuna do rio Perequê-Açu? A área além de Jabaquara prevista por Limburg-Stirum para o estabelecimento da futura “cidade vertical” seria realmente própria para a habitação e para as fundações de blocos importantes? Antes de adotar o plano de urbanização definitivo de Parati, impõe-se um amplo estudo pedológico do setor, que incluiria, aliás, o estudo do solo da Velha Parati. Outrora, o mar penetrava nas ruas de leste para oeste: tratava-se de um fato intencional da estrutura urbana ou seria um fenômeno pedológico subsequente à construção? Isto é importante para o próprio futuro do projeto de conjunto.

(i) Conclusões

Concluïmos o estudo do problema apresentado por Parati e pelo sítio da baía da Ilha Grande por meio das seguintes propostas:

1. Assistência técnica, sob a forma de uma missão de edafologia. A definição dessa missão seria ligada ao programa conjunto de salvaguarda do patrimônio monumental comum do governo do Brasil e da Unesco.



Angra dos Reis (RJ). Igreja de Santa Luzia.
Foto de Eduardo Schultz

2. Desenvolvimento do estudo do plano diretor da região e do plano urbanístico de Parati. A missão que a Unesco acaba de confiar a Limburg-Stirum insere-se nessa perspectiva.
3. Criação, pelo governo do Brasil, de uma fundação ou outro organismo jurídico cuja vertente executiva seria uma sociedade mista gerida sob o controle artístico e técnico do “Patrimônio” a fim de realizar a política territorial e a infra-estrutura necessárias à promoção de Parati e sua salvaguarda. Essa operação seria composta de:
 - (a) Estudos.
 - (b) Obras municipais (infra-estrutura, pavimentação, obras portuárias, fluviais, etc., infraestrutura cultural, esportiva, reflorestamento).
 - (c) Trabalhos de restauração do conjunto da cidade antiga.
 - (d) Empréstimos para os empreendimentos hoteleiros concedidos pelos órgãos de turismo segundo critérios fixados pelo órgão central executor do projeto. Para realizar com êxito essa operação, o Brasil dispõe das competências necessárias. O mais difícil será dar a essas competências toda a autoridade requerida. As circunstâncias parecem mais favoráveis hoje do que anteriormente, sob esse aspecto, em Parati. Seria indispensável que o “Patrimônio” dispusesse, por um lado, dos recursos necessários para apoiar seu pessoal e aumentar seu alcance.
4. Um esforço de informação e de propaganda deverá ser feito simultaneamente no Rio, em São Paulo e no exterior para divulgar Parati e as possibilidades que ela oferece. Seria conveniente que todas as operações fundiárias fossem empreendidas antes dessa campanha.
5. A operação Parati deverá ser situada em uma operação mais ampla, que compreenda, de alguma maneira, Angra dos Reis e Mambucaba; a salvaguarda da floresta que emoldura todo o sítio da baía da Ilha Grande e que, no âmbito de um plano diretor que considere a vocação individual de cada aglomeração da região costeira Rio – São Paulo, fixe um calendário preciso para um plano de desenvolvimento das ligações viárias, marítimas e aéreas do setor.
6. Deveria ser despertado o interesse das universidades do Rio e de São Paulo para a operação Parati, a fim de que a cidade constitua, ao mesmo tempo, um centro de estada e um centro de estudos para seus membros, além de um centro de encontro com a juventude universitária estrangeira. A proximidade do Rio e de São Paulo representa uma facilidade, certamente, para que uma experiência de cooperação desse tipo possa constituir em Parati, um teste estimulante e significativo.

B. CABO FRIO E A LAGOA DE ARARUAMA

Cenário natural

Cabo Frio, cujo interesse arquitetônico está longe de se igualar ao de Parati, tem a vantagem da proximidade do Rio, que, hoje, pode ser atingido em duas horas. A ligação será facilitada quando a barca que atravessa o estreito da baía da Guanabara for substituída pela ponte ligando o Rio a Niterói. Esse dia ainda está distante.

Cabo Frio está situada na embocadura da lagoa de Araruama, entre os cabos Frio e de Búzios. A costa da lagoa e a do oceano são igualmente apreciadas. Nas redondezas, Búzios é uma estação mais conhecida do que Cabo Frio, mas bem mais degradada devido aos loteamentos. É o destino que deve ser evitado para Cabo Frio, cujo encanto é comparável ao dos pequenos portos mediterrâneos.

Situação climática

Cabo Frio é, como seu nome indica, uma estação balneária de clima privilegiado. Ventos contínuos, uma posição avançada sobre o oceano e correntes marítimas que se aproximam das praias, lhe proporcionam um clima cujo frescor é particularmente apreciado pelos moradores do Rio durante a estação quente. A vantagem de Cabo Frio é a de ser agradável o ano inteiro. Sua praia é muito freqüentada.

Interesse arquitetônico

Além disso, Cabo Frio é uma cidade antiga que salvaguardou uma parte de seu patrimônio. Sua igreja paroquial foi inteiramente restaurada pela Prefeitura graças a um mecenas, mas a operação não está isenta de algumas críticas.



Cabo Frio (RJ).
Cemitério do Convento e
Igreja de N. S. dos Anjos

Sobretudo o convento de Nossa Senhora dos Anjos (1686) é interessante. O “Patrimônio” começou a restauração de sua igreja. É preciso completá-la pela restauração dos edifícios conventuais que comportam o claustro.

Atrás desse edifício eleva-se um morro coroadado pela capela de Nossa Senhora da Guia. Por fim, casas antigas na frente da igreja constituem uma moldura harmoniosa parcialmente degradada, mas da qual um arquiteto hábil poderia tirar partido para reestruturar o conjunto.

O conjunto das edificações, sem ter o caráter de Parati, permaneceu, aliás, homogêneo. Existem poucas construções modernas com andares. A praça principal permanece bastante bem conservada.

Experiência exemplar

Miran Latif é o autor de um conjunto de residências turísticas modestas que é um modelo do gênero. De fato, em vez de distribuir essas residências em pequenos pavilhões separados, ou de fazer delas unidades impessoais de um amplo edifício retilíneo, o arquiteto Miran Latif compôs um conjunto coerente e fechado sobre si mesmo em torno de um amplo pátio, que integra perfeitamente suas linhas na paisagem. A preocupação de se preservar do calor é manifesta, e corresponde aqui à vocação de uma arquitetura que convida ao repouso e ao relaxamento diante da paisagem serena da lagoa de Cabo Frio.

Agressões inconseqüentes

Infelizmente, a gestão da Prefeitura de Cabo Frio não obedeceu, nos últimos tempos, a esses critérios. Para galgar algumas dezenas de metros, a colina de Nossa Senhora da Guia foi rasgada pela estrada destinada a facilitar seu acesso. Por outro lado, uma monstruosa estação rodoviária, aparentemente desproporcional às exigências funcionais (para que tanto desenvolvimento em altura?) veio enfeiar o bairro residencial.

É, portanto, indispensável que o plano urbanístico sugerido por Miran Latif, membro do Conselho do “Patrimônio”, seja adotado e preserve o aspecto geral de Cabo Frio.

Ação cultural

A região de Cabo Frio mostra-se muito rica em remanescentes das tradições locais. O pintor Guillaume, que ali reside, preocupou-se ao mesmo tempo com essas tradições e com a recuperação do artesanato local, suscetível de encontrar mercado na clientela do balneário. Um museu de arte de tradição popular poderia constituir, em Cabo Frio, o pólo de animação cultural.

Organização viária

A estrada menos má que conduz de Niterói a Cabo Frio toma inicialmente um desvio interno por Itaboraí e Rio Bonito. Depois, a partir de Silva Jardim, transpõe o morro Grande para atingir a lagoa de Araruama, em São Pedro da Aldeia. Se quisermos dar a Cabo Frio o desenvolvimento

que merece, seria desejável completá-lo pela estrada costeira que une Cabo Frio a Niterói por São Pedro da Aldeia, Araruama, Saquarema e Maricá.

Monumentos no circuito turístico

A igreja de Saquarema é digna de atenção mas, sobretudo, o são o conjunto da igreja e do colégio jesuíta de São Pedro da Aldeia, com seu velho cemitério. Obras de manutenção devem ser realizadas no conjunto.

Em suma, Cabo Frio pode constituir, a partir do Rio, o protótipo de um circuito cultural e de uma curta estadia de descanso.

Infra-estrutura hoteleira

A hotelaria deve seguramente ser melhorada em Cabo Frio se quisermos fazer dela o fecho de uma visita a uma área a ser valorizada em seu conjunto. Estudos devem ser realizados sobre esse assunto para avaliar especialmente a importância que o turismo interno poderia passar a ter. Muitos cariocas vão a Cabo Frio como, no verão, buscam o ar fresco no alto de Teresópolis ou de Petrópolis. Mas os brasileiros ricos têm, nos arredores dessas duas cidades, suas casas e, às vezes, propriedades. Aparentemente nada semelhante ocorre em Cabo Frio, onde as casas de veraneio são infinitamente mais modestas. Para uma determinada clientela, parece que o padrão da hotelaria local é insuficiente, para outra, o custo seria muito elevado. O nível de um pequeno hotel confortável, ou o de uma boa pensão familiar não parece corresponder, nas estações balneárias do Brasil, a uma clientela local numerosa. O desenvolvimento do turismo interno, entretanto, implica o acesso de uma clientela de classe média a uma infra-estrutura hoteleira como essa. O problema deve ser particularmente considerado no âmbito de um plano geral de expansão econômica.



São Pedro d'Aldeia (RJ).
Igreja e Colégio Jesuíta

II O ESTADO DA GUANABARA

C. RIO DE JANEIRO

Em um estudo sobre o conjunto do patrimônio artístico e natural do Brasil, é impossível não citar sua capital histórica, o Rio de Janeiro, cuja paisagem é uma das mais belas e mais famosas do mundo, sabendo-se, além disso, que, do Convento de São Bento até a encantadora igreja do Outeiro da Glória, o Rio possui alguns dos mais notáveis edifícios religiosos do Brasil, sem mencionar os numerosos museus, o parque nacional e a Fundação Castro Maia, na Tijuca.

Se, entretanto, o Rio de Janeiro não aparece entre os problemas mencionados na exposição de motivos das autoridades brasileiras, isto se deve às seguintes justas razões:

Por um lado, em seu conjunto, os monumentos históricos do Rio estão em melhor estado do que os do restante do Brasil. Foram objeto, com toda razão, de trabalhos prioritários, e se beneficiaram da presença, permanente, dos melhores especialistas. A restauração do interior da igreja de São Bento, uma das mais antigas do Brasil, é, nesse aspecto, reveladora: visitá-la é um deslumbramento e constitui, tanto pela qualidade e variedade de seus elementos decorativos, quanto pela maestria com que foram restaurados, uma antologia da arte brasileira e uma fonte de aprendizado.

Desta maneira, pode-se dizer que, nesse plano, que o Rio se basta a si próprio.

Entretanto, há um outro problema, e mais delicado: é o destino dos remanescentes dos bairros antigos, que testemunham no Rio menos do século XVIII que do século XIX, tendo o último conservado ali uma vitalidade barroca que o preservou durante muito tempo da degradação do gosto. Pode-se dizer que, com a exceção dos grandes edifícios oficiais elaborados nascidos sob a influência de uma certa “missão francesa” pouco inspirada em matéria de arquitetura, passou-se, às vezes, diretamente do barroco “clássico” à sua ressurgência no *modern style*. Muitas casas do Rio do século XIX têm um grande encanto. Mas elas possuem uma escala que a verticali-



Rio de Janeiro (RJ). Igreja do Mosteiro de São Bento.
Foto de Pedro Lobo

zação da cidade condenou. Assim, hoje, desaparecem uma após a outra: com elas desaparecem os jardins que as emolduravam e todos os testemunhos de uma certa alegria de viver. Devemos lamentá-lo, sobretudo ao ver que raramente são edifícios de qualidade que as substituem. Pode-se, no Rio, opor-se a essa mutação? Formularemos apenas o desejo de ver tombado um determinado número de residências antigas, em particular na rua do Catete, na rua Luiz de Camões, na rua Gonçalves Ledo, na rua do Lavradio e nos bairros da Lapa e do morro da Conceição.

Enfim, na Travessa do Comércio, entre a praça 15 de Novembro e a rua do Ouvidor, haveria, parece, a possibilidade de dar entrada em uma ação conjunta no plano urbano, com a ajuda dos comerciantes que ali moram e cujo interesse é não apenas conciliável como manifestamente em estreita conjunção com a preservação desses imóveis. Há, de fato, um ambiente muito favorável à prosperidade do comércio de arte e, se esse ambiente não for preservado, é provável que essas atividades comerciais periclitem. Em certos casos, seria preciso, evidentemente, favorecer a substituição de atividades comerciais.

Para concluir em relação ao Rio, não podemos deixar de lembrar o problema da destruição da natureza, cujas conseqüências trágicas se manifestam ritualmente a cada estação chuvosa. Mencionamos o problema de maneira geral. No Rio, ele simplesmente se reveste de um caráter de exemplaridade ainda mais cruel.

O problema mais grave da vida nas favelas do Rio, é preciso dizer, é o da sua insegurança. Enquanto o quadro do Coque de Recife é o da “morte lenta”, no Rio, a inteligente estruturação espontânea, a efervescência de vida que se manifesta, a surpreendente situação a cavaleiro sobre o sítio, sem se constituírem em compensações suficientes para a falta de higiene, a falta de água ou a superpopulação, tornam a vida mais tolerável, exceto quando as chuvas provocam deslizamentos de uma parte da favela com uma parte do morro.

É não apenas a conseqüência da precariedade das construções, mas dos desmatamentos e dos verdadeiros cortes operados em todo o relevo ondulado do Rio. Desejaríamos que a necessidade de preservar a natureza fosse cada vez mais entendida como a salvaguarda do que ela produziu de mais precioso: o homem.



Rio de Janeiro (RJ).
Travessa do Comércio

III O ESTADO DE SÃO PAULO

D. OS ARREDORES DE SÃO PAULO – AS FAZENDAS

Situação geográfica e histórica de São Paulo

Se a frenética expansão de São Paulo praticamente não deixou vestígios da cultura tradicional na área monumental, se sua expansão industrial e comercial, que representa 40% da renda nacional do Brasil – com seu desdobramento na arquitetura contemporânea, no sucesso do Museu de Arte Contemporânea e na Bienal –, São Paulo parece excluir qualquer preocupação com a cultura histórica, e é mais do que necessário inventariar na sua área de expansão o que ainda pode se referir a essa cultura.

De fato, São Paulo não nasceu armado de concreto e aço como um fenômeno estranho ao contexto, como pode parecer ao visitante apressado. Deve seu desenvolvimento a diferentes circunstâncias históricas, que orientaram sua prosperidade.

As primeiras fazendas

A primeira etapa dessa prosperidade foi a da implantação de uma agricultura mais diversificada do que no norte, em uma região onde sensivelmente os portugueses encontraram mais do que em outros lugares as condições climáticas da Europa. Foi a época das primeiras explorações agrícolas da região de São Paulo e da expansão devida aos jesuítas a partir dali.

Esse período, o século XVII, deixou sua marca: as fazendas desse século constituem o testemunho de uma civilização específica brasileira. Elas não têm, em termos arquitetônicos e sociológicos, nenhum equivalente na Europa. Não é uma arte importada e aclimatada como a arte barroca, é uma contribuição específica do Brasil à cultura universal. É por isso que as fazendas devem ser todas salvaguardadas com o maior cuidado, para o que, aliás, o “Patrimônio” já está se empenhando.

A segunda etapa histórica que fez a prosperidade de São Paulo foi a descoberta, pelos bandeirantes, de ouro, prata e pedras preciosas na região situada ao norte de São Paulo e que iria se tornar as “Minas Gerais”. A maioria dos bandeirantes era de paulistas. Foi em direção a São Paulo que foi canalizado um tráfico que, em certa medida – para as pedras preciosas – ainda perdura. Esse período deixou, evidentemente, poucos vestígios nos arredores de São Paulo, mas transformou Minas Gerais no Estado do Brasil mais rico em cidades de arte (século XVIII).

As fazendas de café

A terceira fase de prosperidade de São Paulo nos leva de volta aos arredores da metrópole: o café. Mal aclimatado no norte, no século XVIII ele encontra sua terra de eleição nas vizinhanças de São Paulo: o início do século XIX foi marcado pelo surgimento das fazendas de café. A picultura foi substituída, em toda parte, pelo café.

O circuito das fazendas

Parece-nos, então, muito apropriado – no plano histórico geral e da história tecnológica – atribuir prioridade à conservação e à valorização dessas duas gerações de fazendas espalhadas no interior do Estado de São Paulo e estudar para elas um programa de valorização e de designação.

O “Patrimônio” adquiriu cinco fazendas:

- a fazenda do Padre Inácio, já excepcionalmente bem restaurada;
- a fazenda Santo Antônio (em São Roque), a maior delas (que possui uma admirável capela) e que se encontra em processo de restauração;
- a do sítio Mirim, de uma época um pouco mais tardia (século XVIII); a ser restaurada;
- a fazenda Mandú, cuja restauração foi iniciada;
- a fazenda Tatuapé, a leste de São Paulo.

Duas outras pertencem à Prefeitura da cidade de São Paulo:

- a fazenda Coxingui, a ser restaurada;
- a fazenda de Butantã, já restaurada e onde está instalado um museu municipal que requer extensas melhorias.

Enfim, duas delas são ao mesmo tempo residência e colégios jesuítas com igrejas incorporadas, no Embu e em Carapicuíba, e seu interesse arquitetônico e histórico é duplo.



São Roque (SP). Casa Grande e capela da Fazenda de Santo Antônio

Quanto à fazenda Pau d'Alho (1818), vai tornar-se o Museu do Café. Trata-se de um conjunto de fazendas (cujo inventário deve, aliás, ser completado) que deverá ser tratado segundo uma política de conjunto. Não parece que todas devam ser transformadas em museus: seria expor-se a pleonasmos. Completando, todavia, o programa museográfico de Pau d'Alho (civilização do café), um destino particular seria reservado para a fazenda mais antiga da primeira geração – Santo Antônio (1643) – cuja admirável capela é datada de 1681. Conviria torná-la de certa maneira o museu da fazenda, e vincular esse programa ao desenvolvimento turístico da estação vizinha de São Roque. As primeiras culturas e as primeiras indústrias locais (água de rosas, chapéu de couro, maçã vermelha, cana-de-açúcar, marmelada) teriam sua expressão tecnológica juntamente com documentos relativos ao mobiliário e aos outros elementos da vida cotidiana. Esta fazenda está localizada às margens de uma lagoa que seria conveniente sanear, tornando-a adequada ao banho. A cidade de São Roque concordaria em converter uma bela floresta vizinha, da qual é a proprietária, em um parque público urbanizado. Seus vicultores estão interessados no desenvolvimento turístico da região. Seria conveniente financiar, nas imediações do parque, a construção de um hotel com vista sobre o vale.

Infra-estrutura rodoviária e turística

A grande rodovia São Paulo – Mato Grosso, em construção, vai passar nas proximidades. Seria conveniente que uma estrada secundária fosse prevista para deixar o complexo turístico São Roque – Santo Antônio a menos de meia hora de São Paulo. Mas a recuperação das duas estradas atuais que ligam a fazenda, por um lado, a São Roque margeando o parque, e a implantação futura do hotel, por outro lado, ao circuito geral das fazendas de São Paulo, deveria ser empreendida. Esse circuito poderia, aliás, ser melhorado em seu conjunto. Algumas dessas fazendas, próximas de São Paulo, poderiam se tornar a residência de artistas, especialmente no âmbito das atividades da Bienal. Mas todas deveriam poder ser visitadas.

Papel da Bienal de São Paulo

A Bienal de São Paulo se preocupa em criar, paralelamente a suas atividades atuais, importantes colóquios científicos que reúnem as maiores autoridades internacionais sobre um assunto determinado. Mais do que no ambiente cosmopolita dos clubes, a recepção dessa elite científica nas fazendas seria apropriada. É verdade que esse é o papel de São Paulo em um Brasil de múltiplas faces, o de oferecer a da modernidade mais resoluta e mais nítida. Mas é importante que essa modernidade não ignore suas raízes. Por que junto às fazendas-museus, ou às fazendas-residências, as demais não poderiam acolher exposições de arte contemporânea? Junto aos turistas que vêm especialmente ao Brasil para visitá-lo há muitos visitantes estrangeiros, atualmente a maioria, que vêm ao mesmo tempo a trabalho. A maior parte passa por São Paulo. A atmosfera da cidade é ofegante. Mesmo à noite, ela é muito barulhenta. A valorização turística desse setor, realizando, ao mesmo tempo, um importante programa de salvaguarda dos monumentos e de objetos que mostram três séculos de tecnologia e de arte teria um feliz

resultado, não de dissuasão cultural em relação às vocações da São Paulo moderna, mas de um indispensável equilíbrio.

A universidade deveria ser estreitamente associada a esse empreendimento.

PARA MEMÓRIA: O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Os dois pólos de atração desse Estado, que não foi objeto de um estudo particular, se situam em Anchieta e na Serra.

Em Anchieta, o governo brasileiro prevê:

- A restauração da igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção;
- A urbanização do entorno dessa igreja;
- O estabelecimento de um plano diretor para essa cidade balneária e monástica, cuja capacidade hoteleira é insuficiente.

Na Serra, o governo brasileiro prevê:

- A restauração da igreja dos Três Reis Magos;
- A proteção do sítio de Nova Almeida.

Essas operações foram contabilizadas ao final de nosso relatório, a título indicativo, na última rubrica, Outros Estados, que contém as operações isoladas.



Anchieta (ES). Igreja de N. S. da Assunção, 1980. Foto de Sabino Barroso

SEGUNDO CAPÍTULO

O Nordeste

Este capítulo contempla, em nosso estudo, os projetos relativos a dois Estados:

1. os projetos da Bahia, com a cidade de Salvador;
2. os projetos de Pernambuco, com os projetos do entorno de Recife.

O projeto de Salvador (Bahia) é, de longe, no plano financeiro, o mais importante deste estudo. Seu interesse nos parece capital, pois este projeto apresenta, em escala maior, o problema da salvaguarda global de uma cidade cuja magnitude e qualidade dos bairros antigos são comparáveis às mais célebres cidades de arte européias. Mas as degradações irreversíveis são iminentes, e daí a urgência extrema da intervenção. Mas tampouco poderíamos negligenciar neste capítulo a pura jóia que é Olinda (Pernambuco), uma cidade típica, absolutamente intacta.

IV O ESTADO DA BAHIA

E. SALVADOR (BAHIA) E SEUS ARREDORES

(1) Salvador

Bairros antigos: Pelourinho, Anchieta, Soledade

A Baía de Todos os Santos, onde os primeiros portugueses que aqui desembarcaram situaram o paraíso terrestre, oferece hoje ao Estado da Bahia um conjunto de elementos favoráveis que permitem formular bons presságios para a promoção geral do Brasil.



Salvador (BA). Casario (Ladeira do Pelourinho)

Desenvolvimento econômico

A economia do Estado está em via de transformação devido ao desenvolvimento da indústria petrolífera (extração submarina na baía e refinarias), mas é capital que em vez de provocar um traumatismo, esterilizando de repente todos os setores da economia tradicional e trazendo para aqui a congestão econômica e para lá a indignação, o desenvolvimento dessa nova e repentina riqueza se integre à economia geral do Estado da Bahia e à economia do Brasil inteiro. Dez por cento dos *royalties* recebidos pelo Estado da Bahia irão para o Departamento da Educação e Cultura, representando em todo caso, desde já, uma primeira plataforma de ação financeira estadual, no plano cultural, hoje sem equivalente em outros estados do Brasil.

A primeira cidade de arte do Brasil

Salvador, a capital do Estado da Bahia, conhecida no exterior por este nome, é a primeira cidade de arte do Brasil. Erguida sobre dois patamares de um promontório rochoso, Salvador conheceu uma era de grande riqueza no século XVIII, no centro da área de produção da cana-de-açúcar. Principal porto de ligação com Portugal para a exportação de açúcar e com a África para a importação de escravos negros, Salvador foi fundada pelo governador-geral Tomé de Souza para ser a sede da administração do Brasil, assim permanecendo por mais de dois séculos.

No final do século XVIII, no momento em que Salvador começa a declinar, ela é uma cidade de arte comparável a Toledo; cem igrejas erguem-se em suas praças, ruas e ruelas que serpenteiam ao longo de um relevo acidentado que oferece ao visitante uma contínua renovação de planos, vistas e acessos.

A destruição em curso do mais precioso conjunto arquitetônico brasileiro

Há apenas 30 anos, esta cidade única em todo o continente americano, atingida por uma lenta e inexorável decadência, ainda estava arquitetonicamente intacta. Hoje, de alguns pontos altos da cidade velha, pode-se ainda dominar o ondulado contínuo das coberturas antigas de telhas romanas, acima da qual despontam as torres e as fachadas das igrejas. Mas cerca de 30 blocos de concreto – é longe dali que se devem procurar as obras significativas da escola de arquitetura moderna – já descaracterizam esse imenso conjunto. A destruição sistemática da antiga Salvador começou. Onde ela irá parar?

Meios para a salvaguarda

Para afastar esse transtorno, deve-se atuar simultaneamente de dois modos: estabelecer uma área de proteção administrativa ampla o suficiente para salvaguardar doravante toda a cidade alta antiga. Essa área deve ser definida a partir dos panoramas elevados da cidade. E incluirá, inevitavelmente, algumas construções recentes lamentáveis. Nada nos impede de pensar que, em um estágio mais evoluído do desenvolvimento da Bahia, esses blocos, já em um estado de degradação revelador, poderão ser substituídos por estruturas mais adaptadas aos tempos futuros,

mas que estabeleçam um elo, ou pelo menos uma composição conscientemente definida, com o relevo da paisagem e o movimento tão visível da cidade antiga. Tal paisagem, uma das mais belas paisagens urbanas do mundo, poderá comportar notas arquitetônicas novas, desde que de qualidade, como inclui a emergência das múltiplas fachadas e torres sineiras das igrejas antigas. Mas só podemos recusar esse aniquilamento sistemático de uma das mais evidentes riquezas do Brasil por uma mediocridade invasora que nos é estranha.

A implantação de um plano geral de urbanismo de Salvador que preveja uma área de proteção tão ampla não se dará sem dificuldades. O Estado tem as possibilidades e os meios de intervenção, mas a cidade não está em situação financeira favorável. Ela precisa enfrentar problemas cotidianos primordiais devidos à sua expansão e ao seu crescimento demográfico e a seu papel de cidade-miragem de um interior muito pobre.

A necessária transformação dos bairros antigos

Entretanto, a salvaguarda da cidade antiga pode, em alguns anos, transformar a vocação econômica de Salvador, desde que os mais belos trechos da cidade – o Pelourinho, a praça Anchieta e o bairro da Soledade – sejam completamente restaurados, constituindo-se na principal atração urbana da América do Sul.

O Pelourinho – Plano de restauração

A densidade de casas de qualidade nesses bairros torna o objetivo possível. No que se refere ao Pelourinho, as intenções do Estado da Bahia, da cidade e as do “Patrimônio” convergem. Parece que um amplo plano de conjunto pode ser empreendido de acordo com a seguinte ordem:

1. Definição da área de restauração geral do bairro do Pelourinho.
Propomos que ela seja considerada em sua maior extensão e que englobe o bairro do Carmo (convento do Carmo, rua do Carmo, rua Ribeiro dos Santos, rua Luiz Viana, rua Eduardo Caruge, rua João de Brito), a praça do Pelourinho e as ruas adjacentes (praça José de Alencar, rua Gregório de Matos, rua C. de Carvalho, rua Alfredo Brito, rua São João de Deus, rua Silva Jardim).
2. Esse conjunto seria tratado da maneira seguinte:
 - (a) Infra-estrutura geral do bairro: água, esgotos, eletricidade (subterrânea), telefone (subterrâneo), repavimentação;
 - (b) Aquisição das 30 casas que compõem o núcleo desse conjunto: a praça do Pelourinho. Indenização aos locatários, para permitir-lhes morar em outros bairros, e associação dos que ficam aos trabalhos de renovação.
 - (c) Restauração dessas 30 casas sob o controle do “Patrimônio” no que se refere às fachadas externas (projeto de Paulo de Azevedo).
 - (d) Reversão dessas casas para uso comercial, turístico, cultural e residencial.

- (e) Criação de uma “fundação pública” que recupere o interior desses imóveis, reformando-os de acordo com as necessidades e alugando-os ou explorando-os diretamente, e eventualmente revendendo uma parte a fim de criar recursos para continuar a operação.

As mesmas operações (c), (d) e (e) deveriam ser realizadas em seguida no conjunto do bairro do Carmo, depois nas ruas que integram a área de renovação ao sul do Pelourinho.

Praça Anchieta

3. A mesma operação deverá ser realizada a seguir no bairro adjacente à primeira área a ser renovada, o Pelourinho, e que compreende a praça Anchieta e as ruas que a ligam à primeira área a ser restaurada (rua Santa Isabel, rua Ignácio Accioli, rua Francisco Barreto, rua Frei Vicente).

Bairro da Soledade

4. Uma operação similar poderia, por fim, ser empreendida no bairro da Soledade, onde o conjunto de casas da rua Augusto Guimarães (Soledade), do lado par, do número 126 ao número 158, constitui um grupo excepcional de construções, geralmente residências aristocráticas



Salvador (BA). Igreja e Convento de São Francisco, 1952. Foto de Marcel Gautherot

cujas fachadas do lado oposto à rua dominam jardins em terraço voltados para a baía. Muitas dessas casas são cobertas de azulejos. Pode-se até mesmo encontrar vestígios da decoração de azulejos do jardim e dos terraços do suntuoso sobrado de Pedro Rodrigues Bandeira (n. 126), casa cujo interior está dividido em uma dezena de apartamentos distintos, mas que conservou sua luxuosa decoração interna. Não há dúvida de que a renovação do bairro da Soledade, considerando a localização de seus imóveis, seria particularmente rentável, e poderia ser dedicada à residência e à estada turística de longa duração (pensão familiar, albergue da juventude, etc.). As casas de qualidade do lado ímpar, se tombadas, deveriam ser incluídas na operação.



Salvador (BA). Fachada da Catedral Basílica de Salvador, 1943. Foto de Pinheiros

A obra do “Patrimônio” fora dos bairros a serem renovados

No interior dessas três áreas de renovação encontram-se numerosos edifícios culturais que ainda podem ser salvos. O “Patrimônio”, dispondo dos recursos necessários, poderia empreender a restauração sistemática dessas igrejas. O estado de várias delas, aliás, não está tão mau. As obras de arte que esses monumentos possuem serão, igualmente, objeto de um plano de restauração que contemplará a igreja de São Francisco, a igreja da Ordem Terceira de São Francisco, a catedral (ex-igreja dos Jesuítas), São Pedro, São Domingos, o convento e a igreja do Carmo (restaurada pelo Estado da Bahia e sede da Bienal Nacional), a Ordem Terceira do Carmo, o Sacramento da Rua dos Passos e a igreja do Rosário dos Pretos, no centro do Pelourinho.



Salvador (BA). Interior da Igreja de São Pedro dos Clérigos, 1969. Foto de Clarival Prado Valladares

Seria necessário, entretanto, prever algumas outras operações pontuais em Salvador para beneficiar edifícios situados fora da área de renovação, especialmente a basílica da Conceição da Praia, o convento do Desterro, o convento das Clarissas, o forte de Montserrat e Nossa Senhora de Montserrat.

Plano museográfico e Bienal Nacional

5. O Museu de Arte Sacra instalado no Carmo de Santa Teresa, e o Museu de Arte Popular em fase de organização no antigo arcebispado, e enfim, o Museu Oceanográfico projetado em frente ao porto no forte da ilha de São Marcelo, constituem excelentes trunfos no plano da reputação cultural da cidade. Hoje, juntam-se a eles o convento do Carmo restaurado para receber a Bienal Nacional – manifestação cuja qualidade e magnitude estão fazendo da cidade de Salvador, até então atrasada em relação ao Rio e a São Paulo, uma cidade-piloto da arte viva no Brasil.

Capital do folclore afro-americano

É preciso acrescentar a esses elementos o atrativo da cultura afro-americana da qual Salvador é o centro vivo. O candomblé, rito religioso negro de origem ao mesmo tempo cristã e pagã; a capoeira, dança e luta simulada, o renome da Universidade, o papel do Instituto Afro-Oriental, e enfim, os objetos artesanais do Mercado Modelo e a multiplicidade de festas de caráter religioso e folclórico fazem de Salvador a cidade por excelência onde o Brasil pode testemunhar diante dos visitantes suas culturas específicas. É muito importante que toda essa vida cultural febril se manifeste em um admirável cenário arquitetônico, bem amplo, que está duplamente em risco pela degradação espontânea e por operações inadequadas de renovação urbana.

Por fim, Salvador está cercada de algumas das mais belas praias brasileiras. As ligações entre essas praias e a cidade são cômodas. Infra-estruturas balneárias poderiam ser previstas e salvaguardariam as franjas de floresta ao longo das praias.

A estadia no centro da cidade de Salvador poderia facilmente ser alternada com alguns dias de repouso em sítios marítimos naturais. Uma prospecção mais detalhada seria necessária para



Cena de rito religioso
do candomblé [Bahia, 1980]

examinar este problema e verificar se seria apropriado permitir a construção de alguns hotéis próximo às praias, que alternariam seus hóspedes com os dos hotéis que seriam instalados nos bairros antigos.

Criação de uma fundação

Uma segunda visita aprofundada a Salvador, realizada em companhia de Wladimir de Souza, diretor da Embratur, permitiu sondar proveitosamente as autoridades estaduais quanto à possibilidade de implantação deste plano de conjunto.

O exame revelou-se altamente positivo e categoriza o projeto de Salvador como prioridade das prioridades, não apenas porque existe a necessidade imperiosa de salvar, no prazo mais curto – consideradas as ameaças – a primeira cidade de arte do Brasil, mas igualmente porque existe localmente, ao que parece, a vontade eficaz de implantar esse projeto, e porque o Sr. Luis Viana, governador do Estado, tem a intenção de constituir brevemente uma fundação de direito público, que receberia fundos tanto do governo federal, do Estado e da Prefeitura, quanto de organismos semipúblicos, como a Embratur. Essa fundação teria a faculdade de adquirir os edifícios deteriorados do Pelourinho, e em seguida dos outros bairros, para restaurá-los e depois integrá-los à vida cultural e comercial da cidade, como indicado acima. O plano a ser estabelecido seria necessariamente colocado sob o controle do “Patrimônio”, mas é certo que todo o trabalho concreto deve ser precedido de um planejamento de conjunto muito preciso não apenas quanto à escolha da restauração, mas quanto ao da reconversão da utilização.

É por todas essas razões que, durante os múltiplos encontros que pontuaram minha segunda visita, pude formular sugestões metodológicas e técnicas que foram consideradas pelo governador Viana.

Pesquisas sobre o Pelourinho

A. Trata-se inicialmente de fixar os limites de uma área de proteção mais ampla que será objeto de tombamento por parte do “Patrimônio”, e cuja delimitação já foi indicada anteriormente. Esse tombamento só pode ser efetuado com base em uma primeira pesquisa descritiva, para a qual forneci um modelo de ficha individual específica para cada casa do bairro. Essa ficha prevê os seguintes dados:

- (a) Um esboço sumário da fachada e a planta dos andares;
- (b) Na elevação da fachada, a indicação do que se encontra no estado original e o que foi modificado;
- (c) Descrição do estado atual:
estado geral
modificações modernas,
restituições a serem efetuadas,
possibilidades de reordenamento, de extensão e de transformação.

(d) Descrição arqueológica:

época,
uso original,
personagem conhecido que morou na casa,
características: fachada: janela
 revestimento (cor)
interior: desaparecido
 mantido
 elementos interessantes
cobertura,
corredores,
terraços e jardins,
observações específicas.

Referências fotográficas,

referências bibliográficas,

referências ao plano: rua, nome atual, nome antigo, número, proprietário.

- B. Essa ficha, que deve ser preenchida pelos técnicos locais do “Patrimônio”, deve ser complementada por um levantamento fotográfico que ficou a cargo da Embratur, e que já começou a ser feito. A importância desse trabalho de pesquisa arqueológica requer o apoio do Estado. O governador comprometeu-se a colocar um determinado número de pesquisadores qualificados à disposição do “Patrimônio”.
- C. Os serviços turísticos da cidade de Salvador estão sendo atualmente reorganizados sob a direção de Flávio Costa. Essa direção se mostra positiva e eficaz e a fundação encontrará nele, certamente, um animador ao mesmo tempo sagaz e entusiasta. Para completar a pesquisa arqueológica, o Sr. Flávio Costa deve estabelecer uma pesquisa sociológica, feita como a primeira, com fichas individuais, por moradia, e contendo os dados necessários às transações futuras e relativas aos proprietários, aos locatários e suas possibilidades ou desejo de participarem da renovação do bairro.
- D. É com base nesse triplo levantamento, arqueológico, fotográfico e sociológico, posterior ao tombamento, que se poderá determinar o setor experimental a ser prioritariamente objeto do esforço global de transformação do bairro, do qual as 30 casas da praça triangular do Pelourinho constituem necessariamente o conjunto central.
- E. Paralelamente, devem ser ajustados os planos de renovação da infra-estrutura da cidade em função do desenvolvimento cultural, comercial e turístico do Pelourinho, da praça Anchieta e do bairro da Soledade (eletricidade, telefone, água, etc.). Essa infra-estrutura geral da cidade deve ser concebida em função de suas novas necessidades no que se refere à capacidade dos fornecimentos, mas, além disso, ela deve ser adaptada em sua forma externa às exigências dos bairros antigos. Desta maneira, se a pavimentação das ruas requer melhorias, ela deve conservar seu caráter, especialmente na praça do Pelourinho. Do mesmo modo, todas as instalações elétricas e telefônicas devem ser inteiramente subterrâneas dentro do perímetro



Salvador (BA). Venda de cerâmica no Mercado Modelo, 1950

preservado pelo tombamento. O fato de, justamente, todas essas infra-estruturas deverem ser realizadas em conjunto, torna essa realização exequível nas melhores condições.

- F. O “Patrimônio” foi convidado, no decorrer dessas reuniões, a avaliar uma primeira etapa das operações de restauração.

É preciso diferenciar aqui, da operação global, um determinado número de edifícios públicos ou particulares dos imóveis culturais que devem ser incluídos nos programas nacionais regulares do “Patrimônio” e que não pedem, para sua restauração, qualquer outro levantamento prévio além do estabelecimento do orçamento apropriado.

A seguir, a lista dessas avaliações, feita em cruzeiros novos (1.000 cruzeiros velhos) em 1º de agosto de 1967.

	ARQUITETURA	ESCULTURA E PINTURA
Catedral	441.000	56.000
Igreja de São Pedro	54.000	8.000
Igreja de São Domingos e casa da Ordem	270.000	30.000
Igreja e convento de São Francisco	875.000	50.000
Igreja da Ordem Terceira de São Francisco	570.000	10.000
Igreja do Rosário	82.200	15.000

	ARQUITETURA	ESCULTURA E PINTURA
Igreja do Paço	86.400	12.000
Igreja da Ordem Terceira do Carmo e casa da Ordem	350.000	18.000
Igreja e convento do Carmo	424.000	55.000
Totais	3.152.600	254.000

TOTAL : 3.406.600 cruzeiros novos

A título de indicação, o “Patrimônio” também avaliou a restauração de outros imóveis tombados incluídos no perímetro e cuja urgência destaca-se em particular. Dessa avaliação não consta, evidentemente, a restauração propriamente dita, bem como os trabalhos internos e as infra-estruturas necessárias à futura conversão de uso. Esses trabalhos poderiam ser contratados antes da implantação do mecanismo da fundação, caso a urgência o exija. Mas seria conveniente que eles fossem realizados em conjunto, apenas no âmbito da operação global.

Trata-se dos edifícios seguintes:

(1)	Praça Anchieta	
	Número 2, dando para a praça 15 de novembro	47.700
	Número 18, casa natal do poeta Gregório de Mattos	45.120
	Números 18 e 20	108.000
(2)	Rua Macio	
	Número 4	4.800
	Número 6	71.000
(3)	Rua Castro Rebello, nº 5	63.700
(4)	Palácio Ferrado	495.600
(5)	Rua Ribeiro dos Santos	
	Casa das "Sete Mortes"	95.700
	TOTAL	931.620
	Totais precedentes	3.152.600
		254.000
		4.338.200 cr./n.



Belém (BA). Igreja do Seminário de Belém. Fachada principal e lateral. Foto de Pinheiros

(2) Cachoeira e Convento de Belém

Riqueza monumental

Cachoeira é uma pequena cidade admirável de 12 mil habitantes, situada a 122 km de Salvador, às margens do rio Miritiba.

Sua praça central, a praça da Aclamação, de forma triangular e composição muito harmônica, é totalmente cercada de antigos monumentos civis e religiosos.

A igreja do Carmo, com uma linda fachada rococó, está bastante degradada.

A igreja dos Terciários do Carmo, em cujo interior predominam a talha dourada e os azulejos, possui um altar-mor com baldaquino particularmente suntuoso.

Dois belíssimas residências: a casa do governador e, em frente, a casa adquirida pelo “Patrimônio” para ser ao mesmo tempo museu e a sede da instituição. No andar superior, ela possui um excepcional forro pintado. Atualmente, essa casa está sendo mobiliada.

Além da praça da Aclamação, Cachoeira tem casas notáveis ao longo da rua Benjamin Constant e da rua Ana Néri e, por fim, convém admirar sua igreja Matriz, com as paredes da nave cobertas pelos maiores painéis de azulejos do mundo.

Perigos devidos às inundações

O conjunto de Cachoeira em sua totalidade – que é certamente um dos mais homogêneos do Brasil e que tem a vantagem de estar situado em um ambiente calmo, só encontrado longe das grandes cidades costeiras –, fica exposto anualmente às ameaças das águas do rio Miritiba. As obras realizadas para evitar essas inundações, que elevam o nível do rio em dois, e às vezes três metros acima do piso térreo dos imóveis, não produziram até o momento qualquer resultado. Os edifícios sofrem com essa situação. Trabalhos muito delicados de recuperação das pinturas e dos elementos decorativos esculpidos foram realizados pelo “Patrimônio”, mas seus resultados estão comprometidos. Deve-se temer que em fevereiro último (1967), depois de nossa missão, estragos ainda maiores possam ser lamentados.

Essas inundações acarretam um prejuízo muito sensível, não apenas para os tesouros artísticos de Cachoeira, mas igualmente para sua vida econômica. As plantações e as modestas habitações de particulares são sistematicamente destruídas.

Recomendamos a realização de estudos por especialistas com todos os meios de que a Europa dispõe. Na França, por exemplo, os serviços hidrológicos usam simulação em maquete para que sejam definidas as causas e apontadas soluções para essa calamidade.

Caso se tenha que esperar vários anos para encontrar soluções para remediar essa calamidade; a retirada provisória dos elementos decorativos deveria ser considerada.

Insuficiência dos meios de acolhida

Cachoeira não dispõe de qualquer hotel e seu único restaurante é pouco atraente. Seria apropriado que uma casa antiga fosse adquirida e transformada em um verdadeiro hotel do tipo existente em Ouro Preto.

Convento dos Jesuítas de Belém

A não ser confundida com a cidade de Belém, capital do Estado do Pará, a igreja do convento dos Jesuítas de Belém, a 20 km de Cachoeira, é um objetivo para uma excursão complementar. Esse imóvel deve ser restaurado.

Acesso a Cachoeira e Belém

A rodovia que contorna a baía é a mesma que se toma, a partir de Salvador, para descer para o Rio. Ela está em muito bom estado. As estradas vicinais que, a partir desta, levam a Cachoeira e Belém são estradas de terra, mas estão bem conservadas.

(3) Castelo da Torre de Garcia d'Ávila

Garcia d'Ávila, parente de Santa Tereza, construiu no século XVI uma casa-forte, próxima ao oceano, a 150 km ao norte de Salvador. Em seu testamento, ele assinala que vive em uma “torre”, daí o nome do local. A casa-forte, reconstruída no século XVII, é chamada, impropriamente, de castelo. Hoje ela é uma imponente ruína, com todas as paredes ainda em boas condições, mas cuja planta parece difícil de reconstituir. Anexada à torre se encontra uma notável pequena capela, de um tipo muito raro no Brasil: com uma cúpula redonda sobre um plano hexagonal, completada por uma abside com abóbada esférica.

A capela exigiria trabalhos de manutenção, mas não obras significativas.



Mata de São João (BA).
Castelo da Torre de Garcia
D'Ávila

V O ESTADO DE PERNAMBUCO

F. OS ARREDORES DE RECIFE

(1) Olinda

Arquitetura e paisagem

Olinda é uma das jóias do Brasil, onde se conjugam de forma admirável a paisagem marinha e uma cidade de arte rica, com cerca de vinte igrejas barrocas e um grande número de casas antigas de cores vivas. O que impressiona em Olinda é que, por um feliz concurso das circunstâncias, mas sem dúvida temporário, caso não se intervenha imediatamente, o sítio ainda permanece intacto. A única construção moderna visível é uma torre elevatória de água de arquitetura contemporânea. Com certeza, poder-se-ia desejar vê-la construída em outro lugar, pois não combina com o conjunto. Seu estado de degradação, além disso, é bem mais pronunciado do que o dos edifícios antigos.

Conviria confiar a um paisagista o cuidado de associar mais harmoniosamente esse elemento moderno ao conjunto da paisagem. A admirável homogeneidade de Olinda, contudo, faz esquecê-lo rapidamente.

Olinda pode ser comparada à Bahia, como um oposto. Na Bahia, a arquitetura cobre todo o imenso sítio. Em Olinda, a arquitetura emerge do esplendor da natureza tropical. O oceano aparece como um pano de fundo para as torres sineiras e as palmeiras. Entre as ruelas, a vegetação luxuriante ocupa a colina. Esse aspecto relaxado do tecido urbano deve ser preservado a qualquer custo. Olinda não é uma cidade, é um jardim pontilhado de obras de arte, que não pára de polarizar e povoar a imaginação dos artistas.



Olinda (PE). Vista da cidade de Olinda. Foto de Stille

Uma cidade intacta

É revelador que a quase cinco quilômetros de Recife, a “cidade doente” do Brasil, cuja taxa de crescimento demográfico é a maior do país, juntamente com a de São Paulo, não tenha sido no alto de Olinda, a cidade antiga, que os moradores mais abastados de Recife tivessem construído suas mansões, mas na parte baixa da cidade, na planície à beira-mar. Foi uma circunstância providencial, que poupou a velha Olinda de uma irremediável descaracterização.

Tombamento e plano urbanístico

Essa situação, porém, não poderia se manter por muito tempo sem o apoio do tombamento do conjunto da colina da velha Olinda como monumento nacional e sem o estabelecimento de um plano urbanístico que transformasse em zona *non aedificandi* todos os terrenos atualmente disponíveis. A construção deve ser estritamente limitada, em qualidade e em quantidade, aos elementos complementares ao longo das ruas atuais e sem renunciar, neste caso em particular, a copiar as casas existentes cuja simplicidade é, além disso, sua principal qualidade.

A vocação de Olinda

A vocação de Olinda está, aliás, definida pelos fatos: é uma cidade de artistas. Podem-se ver jovens pintores trabalhando nos ateliês, e buscando sua dupla inspiração no caráter paradisíaco da natureza tropical e na tragédia das aglomerações urbanas, como ela aparece no seu estado limite, em Recife. Relativamente próxima da América do Norte e da Europa, Olinda pode, na qualidade de cidade de arte, conhecer um prodigioso desenvolvimento no âmbito de uma política turística. O governo do Estado de Pernambuco compreendeu que o interesse geral deveria conduzir ali ao desenvolvimento do artesanato de arte, e esforços estão sendo feitos nesse sentido.

Por um Festival em Olinda

Olinda seria igualmente o cenário de manifestações teatrais apropriadas sob a forma de um festival ao ar livre. A vibrante literatura popular e dramática do sertão é suscetível de trazer sua própria originalidade a tal empreendimento, junto à literatura clássica – especialmente a hispânica – e à literatura moderna universal. É preciso, porém, poder dar ao interior nordestino os recursos que lhe fazem falta: com uma perseverança admirável, ele continua seu excelente trabalho, ainda que privado de qualquer subvenção. Examinaremos esse problema importante no plano geral em nosso relatório definitivo e compararemos as possibilidades que se oferecem sob esse aspecto em Ouro Preto (Minas Gerais) e em Olinda.

Problemas pedológicos

Enumeraremos, agora, os principais imóveis de Olinda, para assinalar os problemas particulares que se apresentam:

(a) Deslizamento do terreno do mosteiro de São Bento

Mosteiro de São Bento: a excepcional restauração dos elementos decorativos efetuada pelo “Patrimônio” é um exemplo da excelência das realizações desse órgão.

Mas o imóvel corre perigo, especialmente sua bela sacristia, devido ao deslizamento do solo. Um geólogo perito da Unesco fez um estudo sobre o assunto. O financiamento da operação que ele propôs deve ser incluído nas prioridades (100 mil dólares).

(b) Obras do “Patrimônio” em Olinda

A igreja de São Francisco e, sobretudo, sua capela dos Terceiros e seu claustro. A igreja de São João, a igreja do Amparo, a igreja da Misericórdia, a igreja de São Pedro, a igreja da Conceição, a igreja do Bonfim e a importante igreja do Carmo, às quais é preciso acrescentar a igreja e o convento de Santa Tereza, situados mais adiante, constituem alguns dos mais admiráveis museus de arte barroca do mundo. Cada um desses edifícios exigiria uma intervenção mais ou menos aprofundada. Mas essas intervenções podem se estender no tempo de acordo com um programa graduado compatível, além disso, com as disponibilidades dos especialistas.



Olinda (PE). Convento e igreja de Santa Teresa, 1966. Foto de Augusto C. da Silva Telles

(c) Reconversão do uso do seminário

O seminário, hoje desativado e sem uso, oferece possibilidades de acolhida que devem ser estudadas, seja para nele implantar uma fundação para artistas, seja para acolher a juventude internacional, ou, ainda, para instalar um hotel. Essas três soluções devem ser examinadas em detalhe no plano financeiro.

(d) Desenvolvimento da infra-estrutura turística

Uma vez excluída a possibilidade de construir hotéis modernos no sítio, é preciso prever a reconversão de determinados imóveis antigos, ou o estabelecimento de uma hotelaria a uma certa distância da cidade de arte, por exemplo, a oeste de Santa Tereza.

O “Patrimônio” transformou em Museu de Arte Moderna uma bela casa antiga de sua propriedade e que restaurou maravilhosamente bem. Essa casa deve, no futuro, graças a exposições de qualidade e, em particular, de seleções de obras dos artistas da própria Olinda e de Recife, constituir um pólo de atração cultural importante.

Em Olinda, o visitante pode associar aos atrativos da cidade velha os prazeres da praia. Poder-se-ia, portanto, aventar a instalação de uma infra-estrutura hoteleira ao pé da colina, à beira-mar, com a atração específica desse local de veraneio permanecendo a velha Olinda.



Igarauçu (PE). Igreja Matriz de São Cosme e São Damião

(2) Igarauçu

Se Igarauçu fica um pouco mais afastada de Recife do que Olinda, e se não está junto ao mar, como Olinda, ela também não deixa de constituir, nos arredores de Recife, um sítio igualmente repleto de atrativos que complementa Olinda.

Erguidos, igualmente, sobre uma colina arborizada, os edifícios religiosos são menos numerosos do que em Olinda, mas de qualidade comparável. O mais puro entre eles é, sem dúvida, São Cosme e São Damião (séculos XVI e XVII) que fica em frente à igreja de Malagrida (século XVIII), que se tornou Coração de Jesus e que se encontra em péssimas condições de conservação. Observamos também, em especial, o convento de Santo Antônio, cuja igreja possui um admirável forro em uma dessas belas sacristias tão características da arquitetura do Nordeste. Enfim, é preciso destacar igualmente uma interessante pinacoteca em que quatro quadros contam a história da cidade, poupada das provações que se abateram ao longo dos séculos sobre Recife e Olinda.

Os religiosos que ocupam atualmente o convento de Santo Antônio devem deixá-lo. O arcebispo de Recife estaria propenso a vender esse conjunto que, nesse caso, poderia tornar-se um centro de acolhida para a juventude, o que chegou a ser levado à consideração da Federação Internacional dos Albergues da Juventude.

Como em Olinda, as casas de Igarauçu são geralmente modestas, mas todas antigas e de um estilo característico, e alinhadas ao longo das ruas. Atrás delas, a vegetação tropical tomou conta do espaço, e é essa liberdade da vegetação associada ao surgimento dos monumentos barrocos que constitui o encanto tanto de Igarauçu, como de Olinda. É nesse sentido que os alunos da faculdade de Arquitetura de Recife estão estudando um plano de desenvolvimento para Igarauçu.

Olinda e Igarauçu representam os principais pólos de atração dos arredores de Recife. Recomenda-se fazer delas centros de estadia, de onde se poderá sair para visitar Recife e suas admiráveis igrejas barrocas, sem nela precisar se hospedar. Ao sul de Recife estendem-se admiráveis praias, preservadas pela linha de arrecifes que deu seu nome à capital do Nordeste.

(3) Paulista: o porto holandês de Pau Amarelo

Recife, construída sobre pequenas ilhas planas atravessadas por canais, foi o estabelecimento holandês que os portugueses atacaram a partir de Olinda e conseguiram conquistar.

Essa oposição entre a colonização holandesa e a colonização portuguesa manifesta-se em dois sítios característicos: em Olinda, o da colina costeira, conforme o modelo de Lisboa, e em Recife, o da planície marítima, baseada no modelo de Amsterdã.

A rivalidade das duas colonizações é atestada pela presença de numerosos fortes junto às praias.

O forte holandês de Pau Amarelo situa-se entre Recife e Igarauçu, na frente de uma praia muito apreciada, onde convém estabelecer uma área *non aedificandi* que mantenha as cons-

truções a uma distância suficiente do mar. Apesar da proibição de construir nas proximidades do forte, atualmente em restauração, uma autoridade militar está ampliando uma mansão bem próxima ao forte.

(4) Sítios ao sul de Recife

Ao sul de Recife, em simetria com Olinda, se eleva uma colina inteiramente arborizada cujas ladeiras descem em direção ao oceano. É o Parque do Monte dos Guararapes, transformado em parque nacional. No cume da colina ergue-se Nossa Senhora dos Prazeres, igreja de pe-



Recife (PE). Igreja de São Pedro dos Clérigos. Foto de Stille

regrinação da ordem beneditina que oferece à leitura uma verdadeira história da arquitetura religiosa no Brasil, pois esse edifício foi sendo construído aos poucos do início do século XVII ao final do século XVIII.

Mais adiante, no cabo de Santo Agostinho, ergue-se Nossa Senhora de Nazaré do Cabo, igreja que possui uma cúpula octogonal sobre trompas em forma de concha. Junto à igreja, encontram-se as ruínas de um estabelecimento conventual. De Nazaré do Cabo descortinam-se admiráveis panoramas. Para esse sítio muito privilegiado e de difícil chegada, seria conveniente reconstruir a estrada de acesso. As praias, que ao norte de Recife se alternam com cabos rochosos até a embocadura fluvial que delimita o cabo de Santo Agostinho, devem conservar seu caráter. Conviria não construir imóveis de alvenaria.

(5) Recife

Considerando que as cidades turísticas são Olinda e Igarapé, é por meio do seu desenvolvimento que desejamos ver resolvido o problema turístico de Recife. Mas, se Recife perdeu grande parte de seu interesse no plano do ambiente urbano, não se pode esquecer que ela ainda possui um dos mais belos conjuntos de igrejas barrocas do Brasil.

Entre elas podemos citar as igrejas do Carmo, de São Pedro dos Clérigos, São Pedro, Mãe de Deus, Rosário dos Pretos, Nossa Senhora da Douração (a capela é dourada). O Museu do Açúcar atrai igualmente os visitantes.

É por esta razão que propondo-se, ao mesmo tempo, que a acolhida e a ação cultural se concentrem em Olinda (a 2 km de Recife), é certo que Recife seja duplamente beneficiada por esse movimento: por um lado, os animadores, os artistas, o público e os comerciantes são os de Recife, por outro, na operação estão previstas verbas para as restaurações da cidade.

Costa Norte

VI O ESTADO DO MARANHÃO

G. SÃO LUÍS E ALCÂNTARA

(1) São Luís

Histórico

A situação excêntrica do Estado do Maranhão e de sua capital, São Luís, merece uma atenção particular em um estudo relativo à expansão cultural integrada no plano de desenvolvimento do Brasil.

Entre Recife, no ponto extremo do continente orientado em direção à Europa e à África, e Belém, na embocadura do Amazonas, São Luís – em sua posição costeira intermediária e bem abrigada em sua ilha – deve sua presente homogeneidade urbana ao fato de ter-se desenvolvido durante os séculos XVII e XVIII e de seu declínio coincidir com o surgimento da era industrial.



São Luís (MA). Fachada do Palácio do Governo. Foto de Erich Hess

A ilha foi descoberta em 1535. Os franceses ali fundaram, em 1612, uma cidade, chamando-a de São Luís em homenagem, ao mesmo tempo, a São Luís e a Luís XIII; a propósito, é necessário lembrar a esse respeito que é freqüente ver nas igrejas brasileiras imagens de São Luís representado com os traços de Luís XIII. Tratava-se de criar no Brasil uma “França equinocial”, mas, apesar dos esforços de Yves d’Evreux e de la Reverdière e da índole cooperativa dos índios tupinambás, os canhões portugueses puseram fim a esse empreendimento em 1615. A cidade de São Luís, com características portuguesas muito acentuadas, construída em uma planta ortogonal e encostada no antigo forte, possui numerosos edifícios religiosos, mas o que faz sua originalidade é antes a quantidade de residências de boa qualidade, cujas fachadas são cobertas de azulejos: tanto que São Luís também foi chamada de “a cidade dos pequenos palácios”.

Edifícios civis e religiosos

O palácio do governador foi construído sobre os vestígios do antigo forte militar, junto ao palácio episcopal da prefeitura. Mas o bairro mais rico em casas antigas de qualidade encontra-se na ladeira que desce em direção ao porto. Hoje, é um bairro muito populoso.

Entre as igrejas, citemos Nossa Senhora do Desterro, Santo Antônio, o Carmo, São Pantaleão, São João Batista, dos Remédios e a Sé (catedral). A restauração do bairro antigo é compatível com a manutenção de grande parte da população que ali vive. Seria adequado, portanto, realizar previamente, como em Salvador, um inventário detalhado que permita o tombamento global e a delimitação do bairro a ser prioritariamente preservado.

Inventário das casas antigas

Esse inventário de caráter “arqueológico” deve ser estabelecido para o conjunto da cidade, e dele resultará a elaboração de uma planta onde cada elemento de interesse será indicado. Desse primeiro trabalho poderá resultar um levantamento com fichas análogas às do Pelourinho, em Salvador, cuja ficha padrão foi entregue por meu intermédio ao secretário de Obras Públicas que, juntamente com o governador do Maranhão, está particularmente atento à salvaguarda de São Luís, assim como ao seu desenvolvimento. Como em Salvador, esse levantamento deve ser complementado por uma pesquisa sociológica e uma campanha fotográfica com o registro individual de cada fachada interessante.

A salvaguarda de São Luís se inscreve em um plano de desenvolvimento da capital do Maranhão e do conjunto do estado que suscita em especial o interesse dos órgãos de descentralização econômica do Brasil, como a Sudene. O Maranhão está em via de se tornar o primeiro estado petrolífero do Brasil, antes mesmo da Bahia. Ele deve, então, instituir o mesmo mecanismo de atribuição de *royalties* em favor da educação (5%) e da cultura (5%) como nesse último Estado.



São Luís (MA). Praça João Francisco Lisboa com Igreja do Carmo à direita, 1955. Foto de Pedro G. Pinto



São Luís (MA). Palacete Gentil Braga, na Rua Oswaldo Cruz, nº 782, 1978

Projetos urbanísticos – a universidade

Um amplo projeto urbanístico consiste em deslocar o porto de São Luís para a península vizinha, em sua ilha, onde haveria espaço para se desenvolver no seu entorno uma zona industrial. Uma longa ponte atravessará a baía, ligando, desta maneira, a nova São Luís à antiga. A função cultural e turística da velha São Luís poderá então firmar-se, mas se uma função precisa e permanente não for definida para o antigo assentamento, ele se encontrará, certamente, em grande risco. Tratou-se da implantação de uma grande universidade, sem a qual o desenvolvimento do Maranhão seria impossível. O governo do Estado parece hostil à instalação global da universidade no interior da cidade antiga, com a conservação estrita de sua decoração original e reforma apenas do interior das residências. Essa opção se choca, de fato, com os critérios racionais atuais das organizações de ensino, especialmente as de ensino científico e com as dimensões exigidas pelos laboratórios.

Poder-se-ia, contudo, considerar a possibilidade de separar as diversas funções universitárias de maneira a dar uma aparência viva, permanente e moderna, à cidade antiga estritamente conservada: as faculdades de Direito, de Letras, de Arquitetura e as residências estudantis poderiam, pelo menos em parte, integrar-se na cidade antiga. A essa conversão de uso se associaria o uso administrativo, comercial e turístico, enquanto a faculdade de Ciências e seus laboratórios seriam implantados perto, do outro lado da baía, nas cercanias do novo porto e da zona industrial.

Antes que decisões precisas sejam tomadas tanto no que se refere aos levantamentos arqueológicos e sociológicos quanto às funções e à conversão de uso urbano de São Luís, é difícil dedicar-se a uma apreciação rigorosa das necessidades financeiras no plano cultural e turístico.

Infra-estrutura hoteleira

Mas o que já é patente em São Luís é a insuficiência, para não dizer a inexistência de infra-estrutura hoteleira. Essa capital de Estado que, em um futuro próximo estará dotada de uma universidade importante, capital de uma região petrolífera primordial e cidade de arte, não possui um único hotel aceitável. Ainda que o seu turismo não seja desenvolvido, São Luís recebe cotidianamente numerosos visitantes, devido ao fato de ser um centro de negócios e à sua importante função administrativa.

Entretanto, inúmeras casas antigas poderiam ser recuperadas, restauradas e equipadas para acolher essa primeira clientela e, em um futuro breve, a clientela turística. É, portanto, fundamental que a Embratur estude, juntamente com o “Patrimônio” e as autoridades locais, um plano de conversão para o turismo de um certo número de casas antigas na velha São Luís, deixando para fora da cidade a eventual implantação de hotéis novos, perto das admiráveis praias que não constituem um atrativo turístico menor da ilha de São Luís.

As praias da ilha de São Luís (Olho d'Água)

Abrindo-se amplamente sobre o oceano Atlântico, são praias de areia fina que se estendem a perder de vista e cujo atrativo está também nas imensas extensões de areia, mas muito estáveis, deixadas pelas marés.

A pesca é praticada por alguns nativos; algumas casas esparsas foram construídas nas encostas junto às praias e um hotel está em construção. Se acrescentarmos que o clima equatorial de São Luís é relativamente bastante uniforme – as diferenças de temperatura são menores do que no Rio, por exemplo – e que, exceto no início da primavera, muito chuvoso, é agradável em todas as estações – de junho a dezembro o calor é amenizado pelo vento – vê-se que o conjunto da velha cidade de São Luís e suas praias constituem um dos pontos do Brasil onde o desenvolvimento do turismo teria as melhores condições de ocorrer.

Atividades culturais

O isolamento de São Luís em relação aos grandes centros brasileiros de atividade, levou tradicionalmente a cidade a contar consigo mesma. Historicamente, tem uma grande reputação literária. Essa atividade intelectual decaiu um pouco nos últimos 20 anos, mas as condições para seu renascimento e crescimento permanecem. Um belíssimo teatro de 1.000 lugares, o teatro Arthur Azevedo, construído em 1810, e que é, aliás, um dos mais belos edifícios da cidade antiga, deve ser restaurado prioritariamente. O problema de sua animação permanente deverá ser então ser resolvido. Por outro lado, São Luís é muito ativa musicalmente, e seria desejável que as sociedades musicais pudessem receber uma das casas antigas da cidade.

Prioridades financeiras

Entre as infra-estruturas urbanas prioritárias, apresentam-se atualmente os seguintes problemas:

1. reestruturação do aeroporto – 40.000 c/n (16.000 dólares);
2. construção do cais do pequeno porto – 20.000 c/n (8.000 dólares);
3. desenvolvimento da infra-estrutura rodoviária na ilha de São Luís e no Maranhão. A ligação entre a cidade e o aeroporto é atualmente precária;
4. estabelecimento de um *ferry-boat* entre o continente e a ilha;
5. instalação de uma sede comum para a Secretaria de Turismo, a Sudene e o “Patrimônio”.

Para o desenvolvimento geral do turismo, o governo do Estado alocou, em 1967, a quantia de 150.000 c/n (60.000 dólares) e, por sua vez, a Sudene previu para a infra-estrutura hoteleira, a estação rodoviária e o apoio ao folclore e ao artesanato a quantia de 500.000 c/n (200.000 dólares). Isto revela uma grande vontade de sair da letargia, de apostar amplamente no desenvolvimento do turismo, e que o fator cultural, devido à própria tradição e à qualidade da velha São Luís, será determinante.

Pareceu-me, porém, que o principal trunfo do Maranhão não é São Luís, mas Alcântara, a cidade esquecida, a cidade adormecida, a dez minutos de avião e a uma hora de barco de São Luís, na baía de São Marcos, na embocadura do rio Mearim.

(2) Alcântara

Histórico

Santo Antônio de Alcântara, escala natural entre Belém e São Luís, foi elevada a cidade em 1648. Foi a consagração da ocupação primitiva dos colonos. A segunda metade do século XVII foi um período de crise e de declínio, ligado à absorção de Portugal pela Espanha. Ao contrário, a segunda metade do século XVIII foi para Alcântara uma época de grande prosperidade com o desenvolvimento das fazendas de algodão e da companhia comercial do Grão-Pará e do Maranhão, fundada pelo marquês de Pombal. Nessa época, Alcântara suplantou São Luís por sua riqueza. Depois, foi um rápido desmoronamento. O resultado disto foi um fenômeno curioso que faz pensar no efeito de algum cataclisma telúrico que teria, ao mesmo tempo, arruinado e preservado uma cidade do século XVIII intacta de qualquer modificação ou expansão posterior: Alcântara é um pouco a Pompéia ou a Herculano brasileira.



Alcântara (MA). Ruínas da Igreja Matriz de São Matias, 1949. Foto de Marcel Gautherot

Descrição

Na praça central, retangular, composta de belos edifícios clássicos – alguns recentemente restaurados –, ergue-se a igreja Matriz, do século XVII; ela sofreu um incêndio e suas pedras marrons contrastam com o reboco branco dos edifícios vizinhos. É nessas ruínas que se propõe instalar uma exposição documental que explique o significado econômico do desenvolvimento de Alcântara, tão súbito quanto foi brutal sua queda.

Outros edifícios religiosos devem ser restaurados: o admirável convento do Carmo, cuja igreja possui um retábulo verde e dourado, ornamentado de anjinhos e desenvolvido em andares e um extraordinário Cristo esculpido, cuja inspiração mística o aproxima de um Cristo europeu medieval.

Seria desejável reunir, após a restauração, todas as riquezas do convento do Carmo e expô-las com uma apresentação à altura do seu valor.

Citemos, ainda, a igreja do Rosário, a capela do Desterro e as ruínas de São Francisco e de Santa Quitéria.

De um modo geral, a situação de Alcântara é a seguinte: o bairro central é composto de edifícios em estado de conservação regular; alguns já foram restaurados – um deles é uma agradável hospedaria – e em volta do bairro central encontram-se ruínas em estado extremamente avançado, cujas pedras avermelhadas compõem, com a vegetação invasora, uma paisagem romântica muito sedutora.

Propostas

Há, portanto, um partido claro a ser tomado diante dos projetos da nova expansão, e que são de dois tipos:

1. A revitalização rural de Alcântara, projeto de interesse da Sudene, e que está baseado na elevada potencialidade agrícola da região. Famílias seriam estimuladas pela concessão de terras e por uma política de construção de habitações a virem se instalar em Alcântara. No momento, algumas dezenas de famílias que ainda ocupam essa cidade fantasma parecem cortadas do mundo. Mas a miséria não parece grassar ali como em tantas outras áreas do interior ou em lugarejos do norte ou nordeste.
2. Outro trunfo da revitalização de Alcântara seria seu desenvolvimento turístico: tal como se apresenta, essa cidade, pela pureza de seus vestígios, pela beleza de sua planta original integralmente respeitada – que faz dela um protótipo excepcionalmente intacto do urbanismo clássico –, justifica um grande afluxo turístico, o que coloca de imediato diversos problemas de infra-estrutura, especialmente a melhoria da ligação marítima com São Luís e a da pista de pouso de Alcântara, que é, de fato, uma das mais rudimentares (uma estreita pista de terra, na qual os hábeis pilotos dos táxis aéreos de São Luís conseguem pousar com evidente alívio...), bem como o incremento da acolhida (hotel, albergues, rotas e caminhos, acampamento).

Proteção em três níveis

Constata-se a incidência deplorável que poderiam ter esses dois empreendimentos de desenvolvimento sobre a beleza pura e tranqüila do sítio caso eles não sejam acompanhados e não se implante um plano urbanístico do qual o “Patrimônio” detenha as chaves. Trata-se de fixar três perímetros concêntricos:

1. Perímetro de conservação e restauração integrais, que compreenda necessariamente o bairro central com a praça, o convento, o convento do Carmo, etc.
Restauração, manutenção e reconversão dos edifícios para um uso adequado, devendo ser assegurado o mais estrito respeito à verdade arqueológica.
2. Perímetro de preservação das ruínas: dificilmente se poderia, de fato, aventar a reconstrução exatamente fiel à antiga arquitetura de tudo o que ainda manifesta sua presença em qualquer extensão de muro arruinada. Mas também não seria legítimo demoli-las: essas ruínas são igualmente um momento da vida da cidade e uma garantia de sua atração: coroa verde em torno do núcleo central, guarnecido desses vestígios respeitáveis, mantido em seu aspecto de natureza romântica na medida em que isto for compatível com a preservação dos vestígios, tal seria o critério que definiria esta segunda área.
3. Perímetro de construções novas ou de reforma das construções atuais. No interior desse perímetro seriam definidas as servidões de construção, bem precisas, excluindo-se especialmente as construções verticais (proibição de edifícios com mais de um andar) e prescrevendo o uso de materiais tradicionais e de proporções definidas para edifícios da parte central. Não se trata, no entanto, de criar uma arquitetura clássica do pobre, nem a falsa arquitetura de acompanhamento. Trata-se de utilizar um recurso arquitetônico propondo resolver este problema difícil, mas não insolúvel: tornar possível o desenvolvimento de uma arquitetura rural associada à área das ruínas e ao centro artístico sem criar traumatismos, que possa, ao mesmo tempo, ser capaz de responder à vocação econômica fixada.

A ação do “Patrimônio”

Para a implementação dessa política, a ação do “Patrimônio” é primordial e se refere à:

- (a) fixação dos limites dos três perímetros, considerando o critério da preservação ampla;
- (b) restauração dos edifícios antigos;
- (c) fixação das servidões arquitetônicas do terceiro perímetro, os dois primeiros sendo *non aedificandi*;
- (d) Participação na animação cultural de Alcântara.

De fato, um esforço igual de salvaguarda e de promoção econômica pode ser duplicado em condições favoráveis por uma atividade cultural, suscitando um deslocamento sazonal. Alcântara é um cenário suficientemente amplo e livre para que a realização de manifestações artísticas possa reunir um grande público sem perturbar, de forma alguma, a vida cotidiana,

mas que lhe traga evidente prosperidade comercial. A ruína da Matriz, a surpreendente beleza da ambiência da praça central e do convento do Carmo constituiriam o cenário ideal para grandes encenações teatrais e para um espetáculo de “som e luz” que contasse a história desta cidade esquecida.

Conclusão

Para concluir, eu diria que se Salvador da Bahia me parece apresentar um problema prioritário entre todos aqueles que examinamos aqui, devido, justamente, à imbricação do problema cultural e do problema social e desse dado histórico que faz de Salvador a primeira cidade de arte do Brasil. A segunda prioridade me parece ser Alcântara, ligada naturalmente à expansão da capital do Estado do Maranhão, São Luís.

O problema de Alcântara impressiona evidentemente por sua simplicidade se comparado ao complexo problema de Salvador. Diríamos que, diferentemente de Salvador, não é um “ponto quente”: nem se devem temer grandes destruições, nem são necessárias escolhas dilacerantes. Alcântara pode continuar, durante longos anos, a se apagar lentamente do Brasil: a despeito de seu caráter único, ela é negligenciada de maneira sistemática nos guias e reportagens sobre o Brasil. Entretanto, essa cidade reúne as condições típicas de uma operação cultural bem-sucedida e relativamente fácil de conduzir com sucesso, em que os critérios do “Patrimônio” não poderão ser contestados porque o assunto pode ser tomado desde a base: um conjunto de grande pureza, de uma unidade ímpar, de desenvolvimento maleável já que hoje baseado no valor cultural e turístico por um lado, e por outro em infra-estruturas agrícolas que podem se integrar muito facilmente ao partido arquitetônico geral escolhido. Enfim, as vantagens do isolamento e as da proximidade da capital, ela própria uma cidade de arte e em plena transformação econômica e urbanística: nada é mais justamente tentador para o visitante do que atravessar esse braço de mar além do qual repousa o mistério da “cidade ideal”, dessa utopia materializada que foi Alcântara, que a decadência econômica, algumas décadas após seu nascimento abateu, tão de repente que ela praticamente se “congelou”, sem deixar marcas de uma decrepitude progressiva.

VII O ESTADO DO PARÁ

H. BELÉM

Histórico

Belém é o grande porto do Norte do Brasil e o escoadouro de toda a Amazônia. É uma cidade de 600.000 habitantes que, durante o breve período da exploração da seringueira na Amazônia se desenvolveu, e que conheceu e conhecerá um novo desenvolvimento com a construção da rodovia Brasília – Belém.

Belém é essencialmente uma cidade do século XIX, com largas avenidas e parques arborizados, onde os bairros mais antigos não são nem tão homogêneos, nem tão ricos quanto os de São Luís. O desenvolvimento ocorrido em meados deste século já se manifestou em numerosos arranha-céus, aliás de melhor qualidade do que em Salvador, e que chamam mais a atenção do que os conjuntos de casas antigas. Restam ainda casas antigas, sobretudo próximo ao porto,



Belém (PA). Igreja de Santo Alexandre e Colégio, Fachada principal. 1967

emoldurando-o, e igualmente entre o cais do porto e a rua 15 de Novembro. Esses conjuntos deveriam ser inventariados, tombados e conservados. O que não significa uma grande despesa.

Em razão de ter-se desenvolvido nos séculos XIX e XX, Belém é mais uma cidade de edifícios isolados do que de conjuntos urbanos.

Santo Alexandre

Um programa de obras já se refere de maneira muito precisa à igreja de Santo Alexandre, do colégio dos Jesuítas. Esta igreja possui um retábulo do século XVII e dois cadeirais de tipo espanhol excepcionalmente trabalhados. Outros elementos esculpidos foram levados para o edifício: um São Joaquim, uma Virgem da Conceição, etc. Esse prédio, que perdeu sua função primeira, deverá ser transformado em Museu de Arte Sacra; entretanto, deverá ser previamente restaurado. Em seguida, está previsto que o bispado faça sua cessão para a universidade, que garantirá sua gestão. O reitor, durante nossa visita, confirmou o acordo da universidade sobre este ponto. No futuro, todo o convento será, aliás, transferido para a universidade. Desta maneira, a restauração de Santo Alexandre nos parece revestir-se de uma urgência e um interesse prioritários em Belém, devido ao papel pedagógico que lhe será atribuído no interior de um conjunto universitário, e que permanecerá acessível aos visitantes externos.



Belém (PA). Catedral Metropolitana de Belém - Catedral N. Sra. das Graças. Foto de E. Kratzenstein

Outros edifícios religiosos

Além da igreja de Santo Alexandre, a maioria dos edifícios religiosos de Belém evidencia a passagem do arquiteto italiano Antonio Landi, que fez escola no final do século XVIII, e que é o responsável por seu acentuado italianismo. É o caso da catedral de Nossa Senhora das Graças que, além de restaurada, foi pintada internamente por outro italiano no final do século XIX. As obras da catedral de Nossa Senhora das Graças estão sendo realizadas atualmente por uma comissão local e supervisionadas pelo “Patrimônio”.

A igreja do Carmo, com seu interior português de 1740 e sua nave italiana mais tardia, acrescentada por Landi, possui uma bela fachada clássica na qual reina o número áureo. Os cadeirais da nave, de características espanholas, lembram os de Santo Alexandre. O estado geral desse imóvel é bom, mas sua fachada precisa de uma limpeza. O “Patrimônio” deseja libertar esse imóvel de sua espantosa pintura interna.

Entre os imóveis civis, a Prefeitura Municipal (palácio Antônio Lemos) e o palácio do governador apresentam suas fachadas dispostas simetricamente na praça Dom Pedro II. A eventual restituição do palácio Antonio Lemos à sua disposição original não nos parece estar entre as operações de restauração necessárias.

Museografia amazônica

Num plano geral, Belém não pode ser ignorada no programa de expansão cultural do Brasil devido à sua situação geográfica: ela é a entrada obrigatória na Amazônia brasileira. É essa proximidade da Amazônia que torna excepcionalmente interessante o Museu Etnológico Emílio Goeldi, que constitui com o parque zoológico um conjunto educativo de primeira ordem.



Belém (PA). Museu Parque Emílio Goeldi. Parque e fachada principal do Museu Parque Emílio Goeldi, 1974. Foto de Eurico Antônio Calvente

No mesmo sentido, pode-se considerar o porto de Belém como um verdadeiro museu vivo das embarcações do rio Amazonas e seus afluentes; mas por quanto tempo ainda? Os meios tradicionais de navegação no Amazonas não serão infalivelmente substituídos nos próximos anos? Nesse caso, não seria possível sonhar em incluir no Museu Goeldi um museu sobre os transportes fluviais que seria alimentado por antigas embarcações, escolhidas entre as mais típicas à medida que fossem substituídas? A navegação fluvial e a pesca marinha constituem duas séries de tipos a serem conservados em tamanho original contanto que se dispusesse, de acordo as técnicas museográficas atuais, de uma extensão suficiente de areia na qual seriam cavados os portos próprios para receber as quilhas dos barcos fora de uso.

Turismo amazônico

Não resta dúvida de que a navegação no Amazonas a partir de Iquitos, no Peru, deve se desenvolver como itinerário turístico. Esse itinerário não é mais considerado tão aventureiro como no passado. Os recursos contra os insetos encorajam os visitantes, cada vez mais numerosos, a irem de Iquitos a Belém, descendo o Amazonas. Na região de Iquitos, a descoberta de surpreendentes aldeias indígenas despertará, um dia, o interesse de um determinado público, assim como o de especialistas. O desenvolvimento das ligações comerciais ao longo do Amazonas e de seus afluentes, as implantações da Petrobrás no interior da Amazônia, que contribuem para facilitar a penetração geral, a valorização da grande ilha de Marajó, diante de Belém, a transferência da capital do Rio para Brasília, tudo isto concorrre para antever para Belém um novo salto de desenvolvimento, em razão de sua própria situação geográfica iminente às portas da Amazônia. Grande cidade brasileira, a mais próxima do hemisfério Norte, Belém encontra-se na confluência de importantes correntes turísticas:

Na direção norte – sul: Nova York – Belém – Brasília – Rio ou São Paulo;

Na direção oeste: penetração na Amazônia ou descida do Amazonas a partir do Peru;

Na direção leste: Belém – Maranhão (São Luís e Alcântara), depois Recife – Bahia – Rio ou Recife – Europa.

A ênfase deve, portanto, ser posta em Belém, nessa sua vocação de plataforma giratória, de centro de informação científica e turística e de porta de entrada da Amazônia. É por isto que tudo o que puder ser feito para o desenvolvimento do museu etnográfico e, de modo geral, tudo o que possa vincular a pesquisa e a informação sobre as raízes indígenas do Brasil se reveste de grande importância. Em oposição a São Luís, Alcântara, Olinda ou Salvador, o patrimônio arquitetônico antigo é evidentemente menor. Mas o financiamento da operação de Santo Alexandre e de uma verba global destinada a imóveis tombados isoladamente se impõe no âmbito de um plano geral.

Centro

VIII DISTRITO FEDERAL

I. BRASÍLIA

A penetração do desenvolvimento econômico no centro do país

Brasília, a nova capital federal, surgida em um planalto vazio, está, desde já, drenando atividades econômicas e populações para o interior do país. Cidades nascem e se desenvolvem ao longo da rodovia Brasília – Belém. A aposta em relação a Brasília está, até o momento, sendo ganha: a “capital da esperança”, como André Malraux a chamou, pode se tornar amanhã a capital do desenvolvimento, e como um não poderia existir sem a outra, a capital da cultura.

É preciso, portanto, esperar que a nova capital seja impulsionada de dentro por uma atividade cultural que lhe falta. O desenvolvimento de sua universidade foi interrompido, e há um certo paradoxo em contemplar um cenário de vida tão comprometido com o futuro e constatar a imobilidade de seu desenvolvimento cultural.



Brasília (DF). Conjunto urbanístico de Brasília construído em decorrência do plano piloto traçado para a cidade/ Catetinho ou R.P. Autopistas com superquadras ao fundo

Não se deve ignorar o fato seguinte: a obra urbanística e arquitetônica de Lúcio Costa e de Oscar Niemeyer já é, desde este momento, a principal atração do Brasil. Não se pergunta mais em primeiro lugar ao estrangeiro que chega do Brasil o que ele achou do Rio, mas o que ele pensa de Brasília. “Você viu Brasília?” A pergunta está em todos os lábios. De modo que um panorama dos problemas culturais, um balanço do patrimônio arquitetônico e um plano de ação turística seriam não só incompletos se não mencionassem Brasília; eles seriam verdadeiramente falsos.

Estagnado durante algum tempo, o desenvolvimento de Brasília foi retomado, e o governo atual considera a transferência da capital como um fato irreversível. A conclusão do Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores), a obra-prima de Niemeyer, marca uma etapa. O desenvolvimento harmonioso das superquadras e a realização do projeto paisagístico com amplas composições coloridas começam a conferir ao conjunto uma vida que, por sua vez, atrairá a vida.

Acreditamos dever sublinhar aqui, simplesmente o lugar que Brasília deve ocupar no desenvolvimento turístico do país e fazer votos para que a Universidade de Brasília, concebida como uma universidade modelo e hoje muito relegada, não tarde a retomar o impulso que teve nos anos seguintes aos de sua fundação.

PARA MEMÓRIA: O ESTADO DE GOIÁS

Cidade de Goiás

O interesse da cidade antiga de Goiás, anteriormente capital do Estado do mesmo nome, está hoje em sua relativa proximidade de Brasília.

O acesso é feito pela nova capital de Goiás, a moderna cidade de Goiânia.

A cidade colonial de Goiás, única no interior do país juntamente com as cidades de Minas, sem ter o caráter de Salvador ou de São Luís, justifica uma operação de restauração de sua praça principal e de sua rua antiga. Essa operação ocupa um lugar ínfimo na contabilidade da rubrica “outros Estados”.



Goiás (GO).
Largo do Rosário

IX O ESTADO DE MINAS GERAIS

J. OURO PRETO, SABARÁ E O CIRCUITO DAS CIDADES DE ARTE DE MINAS GERAIS

As cidades de arte de Minas Gerais

Caso se continue a dizer que o Brasil antigo está restrito ao litoral – de Belém ao Rio Grande do Sul – existem, contudo, duas exceções: o conjunto das cidades do Estado de Minas Gerais e a cidade histórica de Goiás, antiga capital do Estado de mesmo nome.

Minas Gerais é um Estado cuja extensão é maior do que a da França e cujas terras altas são pontuadas por cidades de arte, que se chamam: Ouro Preto, Sabará, Congonhas do Campo, São João del Rei, Tiradentes, Caetés, Barão de Cocais, Santa Bárbara, Catas Altas, Santa Rita Durão e Mariana. A multiplicidade dos centros de interesse exige aqui uma escolha, mas ao mesmo tempo justifica uma ação de conjunto para a salvaguarda e para a exploração turística: é por isso que a possibilidade de organizar circuitos de visita a cidades vizinhas umas das outras deve ser precisada e lhes confere um interesse que se soma ao seu mérito intrínseco.

Seguiremos, então, para o estudo desse importante Estado o seguinte plano: após um resumo histórico que situa o patrimônio de Minas Gerais, estudaremos em detalhe e, como exemplo, a principal cidade de arte, que é Ouro Preto, a antiga capital. Em seguida, situaremos as riquezas das outras cidades e os problemas que elas colocam em função de um plano conjunto que gira em torno da capital atual do Estado – Belo Horizonte.

Qualquer outro plano consistindo em tratar cada uma das 12 cidades citadas com a mesma atenção detalhada de Ouro Preto nos levaria a exceder a proposta equilibrada do presente estudo geral sobre o Brasil. Tal pesquisa justificaria uma missão específica e um estudo particular cujo interesse e necessidade são incontestáveis.

Resumo histórico

O prestígio de Minas Gerais está ligado à época da corrida do ouro durante o século XVIII no Brasil. Mas, como escreveu Pierre Monbeig, essa fama também é solidária com as ambições do Brasil de hoje. As minas de ferro e de outros metais industriais substituíram as minas de ouro, de prata e as pedras preciosas descobertas a partir de 1740.



Belo Horizonte (MG). Vista do Yacht Club e Cassino sobre lago artificial, Pampulha, 1950. Foto de Florence Arquim

A exploração industrial, tanto no século XVIII quanto no século XIX, não ocorreu sem se constituir em um violento traumatismo para a economia agrícola. O solo de Minas sofreu com a “lavagem” dos morros destinada a recolher o ouro e com o desmatamento sistemático: em amplos territórios e nas próprias cidades é raro ver uma árvore, e um mato tenaz cobre irregularmente a terra vermelha, às vezes sujeita a deslizamentos e desmoronamentos. Mas, nesse meio natural martirizado, surgem testemunhos sempre vivos de uma civilização brilhante. No século XVII, 300.000 imigrantes tinham vindo para o Brasil, no século XVIII vieram 3 milhões, principalmente com destino a Minas Gerais.

No século XVIII, bandeirantes partiram de São Paulo e seu chefe, Fernão Dias Pais, os conduziu ao custo dos piores sofrimentos, até o coração do futuro Estado, cujas terras tinham a fama de impenetráveis. A partir de 1693, as primeiras pepitas de ouro foram descobertas. Em 1709, foi constituída a capitania de São Paulo e das Minas e, em 1709, Vila Rica de Albuquerque, a futura Ouro Preto, foi fundada no centro das grandes jazidas. Aventureiros chegam em quantidade e inúmeros escravos negros foram destinados às minas. Os colonos reúnem grandes fortunas que provocam, em seguida, um amplo tráfico comercial entre a Europa e Minas Gerais. Rapidamente, alastra-se no país um espírito de independência. A revolta contra o quinto, em 1720, isto é, contra a taxa devida ao poder central, conduzida por Felipe dos Santos, resulta na separação de Minas Gerais do Estado de São Paulo. E, em 1788, é a revolta contra a derrama que substituiu o quinto que estará na origem do complô dos Inconfidentes e do mártir da independência brasileira, Tiradentes. O coração do Brasil bate em Minas Gerais, e é Minas que prepara sua personalidade nacional, adquirida em 1822. Mas foi no momento em que o impulso de Minas levou o país inteiro, que a decadência súbita atingiu Minas Gerais. As minas de ouro se esgotaram. A população de Ouro Preto, que chegou a ser de 300.000 habitantes, caiu para 30.000. As minas de ferro, que aos poucos passam a ser exploradas, retêm uma parte da população negra descendente dos antigos escravos, mas muitas delas são administradas por sociedades estrangeiras.

O progresso do século XVIII proporcionou hoje, para Minas Gerais, inúmeros testemunhos de uma cultura claramente específica: em nenhum outro lugar a arquitetura barroca foi tão rica, tão diversa e, ao mesmo tempo, tão homogênea. Minas é, sob esse aspecto, uma espécie de Baviera tropical. A importância do fator racial mestiço e negro deve ser ressaltada. Numerosas são as igrejas de negros, consagradas principalmente ao rosário. Um abundante folclore literário e artístico negro está ligado à exploração das minas e à dura condição da escravidão negra nessas minas. Chico Rei é o Espártaco, meio histórico e meio lendário dessa epopéia do trabalho: graças ao pó de ouro que as mulheres negras deixavam na pia de água benta da igreja quando ali mergulhavam o cabelo, os correligionários de Chico compraram sua alforria e sua liberdade.

Terra de homens trabalhadores, impregnada da nostalgia da idade do ouro, Minas Gerais, que foi no século XVIII a terra da corrida do ouro fabulosa e desordenada, transmite hoje uma impressão de gravidade ou mesmo de tristeza singularmente tocante. Sem conhecer Minas Gerais, uma dimensão do Brasil escapa ao visitante, o sentido de uma profundidade que não deixou de impressionar os maiores espíritos do Brasil, tal como o do ilustre poeta Manuel Bandeira, que não deixou de escrever um guia de Ouro Preto.

1. Belo Horizonte e a Pampulha

No plano que nos interessa há relativamente pouco a dizer sobre Belo Horizonte, a nova capital, fundada em 1897 para substituir Ouro Preto: ela conta hoje com 1 milhão de habitantes, e com seus arranha-céus e bancos é o signo do início da nova expansão de Minas. Único marco entre o Rio e Brasília, Belo Horizonte não pode deixar de se beneficiar com a transferência da capital federal. Belo Horizonte não é uma cidade bonita. Sua expansão deu-se de forma bastante desordenada. Mas, quando o Presidente Kubitschek foi governador de Minas Gerais, a escola brasileira de arquitetura moderna foi desenvolvida nas imediações, em torno do espelho d'água da Pampulha. Foi nesse lugar que, a partir de 1943, com a célebre igreja de São Francisco, o Cassino, – atualmente Museu de Arte Moderna – e o Clube do Centro Náutico, mais recentemente o novo centro náutico, que Oscar Niemeyer buscou definir, inicialmente no rastro de Le Corbusier e depois como manifestação pessoal e nacional crescente, as formas de uma arte que a partir de então entrou na história da arquitetura e que explodiu com Brasília. Foi na Pampulha que se deu a associação da arquitetura com os talentos do pintor Portinari e do paisagista Burle Marx. Em toda ligação aérea, ferroviária ou rodoviária, o conjunto da Pampulha conduz o visitante obrigatoriamente a Belo Horizonte.

Belo Horizonte é, além disso, uma cidade com atividades culturais prósperas e que pode servir, paralelamente a Ouro Preto, de *dispatching* turístico para o conjunto de Minas Gerais.

2. Ouro Preto

Ouro Preto é, depois de Salvador, na Bahia, a cidade de arte mais rica do Brasil. Mas a impressão geral é bem diferente: Salvador tem a malha urbana comprimida de uma cidade portuária que se desdobra em dois planos: a cidade baixa, com o traçado octogonal, e a cidade alta, moldada pelo relevo, que se desenvolve em raios concêntricos em torno de um elemento inicial, e que conquista e recobre esse relevo.

Ao contrário, em sua fase inicial, Ouro Preto não é mais urbanizada do que uma dessas aglomerações do *Far-West* com que os *westerns* nos familiarizaram. As minas ocupam os morros não em razão de qualquer ligação lógica, mas em função da exploração dos veios. Sobrou alguma coisa em Ouro Preto, além da época de sua superpopulação, dessa desarticulação. Mas as igrejas barrocas substituíram as minas, e o mato cobre as encostas dos morros que as águas auríferas lavavam. Esse tecido distendido da cidade leva a descobertas e, como uma conquista progressiva do olhar, associa, à medida que se a visita, o próximo e o distante, algumas ruelas incrustadas no fundo, alguma torre sineira coroando e assinalando a colina ao longe. Assim, Ouro Preto também não se deixa apreender tão depressa quanto Salvador ou o Rio. Sua beleza não é favorecida pela evidência de um sítio suntuoso: ela se deixa pressentir desde o início, e depois se esquiva e foge, e por fim conquista. É uma cidade para longas estadas de descanso meditativo. O clima, muito fresco no inverno, se presta a esse tipo de recolhimento. O céu é, então, de uma pureza absoluta, à qual só se iguala a qualidade de seu silêncio, um silêncio a que os garimpeiros da cidade do ouro negro não estavam, sem dúvida, acostumados outrora.

Não se trata de tentar reconstituir uma Ouro Preto histórica: isto seria fazer uma pseudo-reconstituição. Trata-se de favorecer um equilíbrio que se estabelece entre o brilho da sinfonia barroca e a simplicidade e descontinuidade do tecido urbano antigo por intermédio da emergência de uma natureza por muito tempo martirizada e, de alguma forma, residual. Esse equilíbrio é frágil em matéria de topologia e de estética.

Os deslizamentos de terra devem ser prevenidos. Algumas obras na rede viária são urgentes e outras devem ser realizadas apenas por prudência. Acabamos de tomar conhecimento de que o governo decidiu realizar, prioritariamente, o desvio da estrada federal que contornará Ouro Preto. Essa decisão é capital, pois o intenso tráfego de caminhões pesados que até então atravessavam a cidade não era apenas um incômodo que desnaturava as evidentes virtudes de Ouro Preto, mas também uma ameaça à estabilidade das fundações de seus mais preciosos edifícios. Destes façamos agora um rápido inventário. Primeiramente, sublinhemos a importância de um artista a quem a arquitetura de Ouro Preto deve muito e que se manifestou em toda Minas Gerais: o Aleijadinho, o maior escultor barroco brasileiro. Inúmeros de seus desenhos e maquetes estão conservados no museu. A decoração de algumas igrejas de Ouro Preto é de sua autoria, ou foi modificada por ele. Enfim, seu estilo característico, feito de um extremo vigor e lirismo que elevam a estética barroca tão alto quanto a estética gótica, se lê em inúmeras esculturas de sua



Ouro Preto (MG). Vista de Ouro Preto. Foto de Alfredo Evangelista Viana de Lima

lavra, ou da de seus discípulos. A visita a Minas Gerais é indiscutivelmente uma peregrinação à terra do Aleijadinho; o santuário dessa peregrinação não é Ouro Preto, mas sim, Congonhas. Voltaremos ao mito do Aleijadinho oportunamente.

Ouro Preto no estudo de conjunto

O estado de adiantamento dos estudos do “Patrimônio” e a excepcional publicação do guia de Ouro Preto do grande escritor e poeta Manoel Bandeira nos permitem, a título de ilustração detalhada, valorizar a descrição e destacar os problemas relativos às igrejas de Ouro Preto e a seus edifícios civis. Não poderia ser o caso, sem ultrapassar os limites do razoável, dedicar igual desenvolvimento aos edifícios de outras cidades de arte do Brasil. Mas pareceu-nos apropriado escolher Ouro Preto como exemplo de um estudo mais aprofundado, pois as circunstâncias o permitiam mais facilmente do que a outro lugar. É evidente que essa escolha não foi inspirada por nenhum critério subjetivo, seja por parte dos serviços brasileiros, seja por parte do autor deste relatório. *A fortiori*, ele não influencia em nada os pareceres financeiros nem a comparação das necessidades respectivas, por sinal que as quantias destinadas a Ouro Preto e mesmo para todo o Estado de Minas Gerais não estão na mesma escala do que as indicadas para Salvador.

Em suma, o fato é que em nenhum outro lugar além de Ouro Preto, o Brasil oferece um conjunto tão completo de edifícios religiosos. As condições desses imóveis evidenciam, além disso, mais do que em outros lugares, por um lado os interessantes trabalhos efetuados pelo “Patrimônio”, e por outro, o que ainda resta a fazer. Minas Gerais e em especial Ouro Preto são, com certeza, o campo de experiência e o laboratório mais apropriado para o trabalho do “Patrimônio”. Pareceu-nos justificável traduzir no estudo anexo, a seguir, essa atenção particular dispensada a Ouro Preto, por um refinamento da análise, o que não implica de forma alguma, em uma hierarquia de valores, ou à prevalência de projetos.

(a) Estudo detalhado anexo dos edifícios de Ouro Preto

1. As igrejas barrocas

São Francisco de Assis

A igreja de São Francisco de Assis, concebida pelo Aleijadinho, em 1771, possui um admirável trabalho do mestre: o coro executado entre 1790 e 1796. O forro da nave foi pintado em *trompe l'oeil*, em 1802, de modo muito hábil, por Manuel da Costa Ataíde. Contudo, em 1850, foram feitos, segundo desenhos mal interpretados do Aleijadinho, seis altares laterais bastante medíocres. O painel do altar central é dedicado a São Luís, retratado como Luís XIII, rei da França. Quanto aos azulejos, eles são, como geralmente em Minas Gerais, substituídos por uma decoração em madeira talhada e aplicada às paredes que retoma os temas decorativos dos quadrados de cerâmica, em camafeu. A sacristia, com sua bela fonte do Alei-

jadinho e seu belo forro de caixotões pintado, é muito característica da arquitetura religiosa brasileira. As sacristias, que em Salvador são ainda mais suntuosas, são espaçosas, cuidadosamente decoradas e ocupam tradicionalmente a cabeceira da nave, atrás do altar-mor. Elas respondem à amplitude das funções eclesíásticas por ocasião das manifestações puramente rituais. Sublinhemos, para concluir, o arranjo, sempre cuidadosamente estudado, entre a fachada e o átrio: uma fachada da lavra do Aleijadinho até o medalhão superior.

Descrevemos este imóvel a título de exemplo; nos limitaremos a citar os demais, ainda que, sendo todos mais ou menos da mesma época, cada um tenha uma personalidade própria tanto pela concepção de sua planta, quanto por sua ornamentação.

A ornamentação interna da igreja de São Francisco de Assis – pinturas e esculturas –, foi salva pelo “Patrimônio”, e sua excelente restauração é uma amostra da habilidade de seus colaboradores. Aí está o mais difícil, mas, ao mesmo tempo, o menos caro. Pois, um conjunto tão precioso tanto por seu valor intrínseco quanto pelos sensatos esforços que lhe foram consagrados recentemente, está sob um teto que espera sua restauração há vários anos, operação adiada por falta de verbas. O piso da igreja de São Francisco também deve ser refeito.



Ouro Preto (MG). Igreja de São Francisco de Assis, 1980. Foto de Pedro Lobo

Este é um exemplo típico da situação das edificações de Minas Gerais: a constatação, ao mesmo tempo otimista e pessimista da obra de um serviço que realiza com sucesso o que é mais difícil, mas que nem sempre pode empreender o que é mais caro e, ao mesmo tempo, prioritário. Não é preciso insistir no fato de que, na situação atual, todas essas restaurações bem-sucedidas do interior de imóveis correm o risco de terem sido inúteis se os trabalhos arquitetônicos não forem realizados logo. É evidente também que teria sido preferível que essas intervenções tivessem sido precedidas das obras em vez de as antecederem.

Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias

É a Matriz, igreja paroquial que se ergue no local da capela que Antônio Dias mandou construir em 1699 em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Foi a fortuna legada pelo bandeirante que permitiu erguer a igreja atual, iniciada em 1727. Essa igreja, várias vezes restaurada, está em bom estado. O “Patrimônio” empreende atualmente a restauração de seus belos ornamentos dourados. É nessa igreja que se encontra enterrado o Aleijadinho.

Nossa Senhora do Monte do Carmo

É um admirável imóvel, concebido em 1766 pelo com base nas plantas arquiteto Manuel Francisco Lisboa, pai do Aleijadinho. A Ordem Terceira do Carmo confiou a decoração a um grupo de artistas eminentes sob a direção do próprio Aleijadinho, que a transformou. As esculturas de pedra-sabão do Carmo são especialmente notáveis, assim como os azulejos da capela-mor, representando os episódios sagrados da Ordem, e as pinturas dos forros. A igreja do Carmo está em bom estado, foi restaurada em 1936.

Nossa Senhora das Mercês, dita Mercês de Baixo

Nossa Senhora das Mercês, ou “Graças de Baixo”, deve seu cognome à sua situação topográfica, por oposição à igreja das “Mercês de Cima”. Construída em 1722, sofreu várias restaurações no século XIX.

Nossa Senhora das Mercês de Cima

A igreja das Mercês de Cima, construída a partir de 1771, possui belos quadros e móveis interessantes, e, sobre seu pórtico, um medalhão no qual a Virgem estende seu manto para proteger os cristãos segundo uma tradição medieval. Seria útil, nesta igreja, apagar os efeitos de um trabalho intempestivo do início deste século.

Nossa Senhora do Pilar

É a igreja paroquial da cidade baixa. É atribuída a Pedro Gomes Chaves. Foi em 1733 que se realizou a memorável cerimônia do “Triunfo Eucarístico”, que conduziu o Santíssimo Sacramento da igreja de Nossa Senhora do Rosário até a igreja de Nossa Senhora do Pilar, ainda inacabada. A descrição detalhada que se tem dessa suntuosa cerimônia permitiria sua reconstituição histórica, que faria de toda Ouro Preto um amplo teatro sacro. A fachada da igreja do Pilar só ficou pronta em 1848, porém a nave, atribuída, sem dúvida, a Antonio Francisco Pombal, é mais antiga, e apresenta a particularidade de oferecer um plano oval no interior e retangular no exterior. O “Patrimônio” executou a restauração completa das pinturas e esculturas de madeira.



Ouro Preto (MG). Igreja Matriz de N. S. do Pilar. Foto de Marcel Gautherot

Nossa Senhora do Rosário

Erguida em 1785 sobre uma planta que representava a associação de dois ovais – um para o coro e outro para a nave –, ela se abre para uma ampla fachada em planta curva. O conjunto é em pedra talhada. O interior da igreja é muito pobre, apesar de seu aspecto monumental.

Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz, ou Santa Ifigênia

A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz, ou de Santa Ifigênia, parece ter sido terminada pela fachada em 1785, mas pertence à mais antiga paróquia de Ouro Preto. Sua silhueta se ergue sobre a colina mais alta da cidade, na extremidade oposta à igreja de São Francisco de Paula. O “Rosário dos Pretos” está ligado à história lendária de Chico Rei, assim como a construção da igreja. Chico teria sido rei na África antes de ser trazido como escravo para o Brasil e de conseguir sua alforria e a de numerosos negros, que fizeram dele novamente o rei de sua comunidade.

Ao Rosário da Virgem, tema cristão de eleição dos negros, foi, então, dedicada a igreja pela comunidade da qual Chico era rei e que era dona de uma rica mina denominada Encardideira.

No coro deste imóvel, o “Patrimônio” acaba de descobrir uma belíssima decoração profana, em camafêu, com destaque para uma cena representando Robinson Crusoé. O forro do coro, igualmente redescoberto, assim como o da nave, seria datado de 1760. A igreja do Rosário possui belíssimos objetos. O conjunto do interior do imóvel foi admiravelmente bem restaurado. A restauração da ornamentação está em via de conclusão, mas falta realizar ainda a recuperação geral do exterior, que está muito deteriorado, e a urbanização do sítio: um muro vizinho rouba a vista admirável do conjunto da cidade que se descobre ao longo do muro sul da igreja.

São Francisco de Paula

A igreja de São Francisco de Paula coroa uma outra colina de Ouro Preto, a sudoeste da cidade. Muito tardia, pois foi edificada somente entre 1804 e 1878 para ser realmente concluída apenas 100 anos depois de sua fundação, ela se apresenta no topo de uma escadaria monumental emoldurada por imagens de faiança dos quatro evangelistas. O interior não é destituído de interesse, com seus seis altares laterais e uma escultura de São Miguel. A São Francisco de Paula o culto ligou a pequena capela edificada no morro do Cruzeiro, onde existia uma escultura de Nossa Senhora da Piedade que voltou para a igreja de São Francisco de Paula, pois a capela está hoje arruinada. A igreja, ela própria, requer trabalhos de restauração, e seu sítio, de urbanização.

São Miguel das Almas

Esta igreja possui dois bons quadros que deveriam ser restaurados, mas o interior do imóvel não apresenta interesse. No entanto, a fachada ostenta interessantes elementos decorativos esculpidos e uma escultura, feita pelo Aleijadinho, de São Miguel dominando a cena, em baixo relevo, da purificação das almas do purgatório pelo fogo, representadas por corpos nus. São Miguel tem o aspecto de um índio mexicano, com a cabeça coberta de plumas. Esse imóvel exige manutenção. Um amplo adro ladeado por um colégio permitiria utilizar a igreja de São Miguel para a realização de festivais.

Outras igrejas

É preciso ainda mencionar a igreja de Nossa Senhora das Dores, iniciada em 1783 e localizada em uma terceira colina e a igreja de São José, iniciada em 1752 e cujo altar-mor é atribuído ao Aleijadinho.

Capelas

Uma parte do encanto de Ouro Preto, porém, deve-se também à multiplicidade de pequenas capelas; a mais bela dentre elas é a capela do Padre Faria. Seu altar-mor e seus altares laterais são de excelente fatura. As pinturas laterais do coro alternam-se com as janelas de acordo com uma disposição muito harmoniosa. A decoração do arco triunfal é particularmente original: ornamentação fantasiosa sobre uma estrutura antiga que remete às decorações mexicanas tanto pelo colorido como pelos motivos. Essa capela foi restaurada, mas requer uma nova intervenção.



Ouro Preto (MG).
Capela do Padre Faria

É preciso ainda citar outras capelas: Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Piedade do Morro do Cruzeiro, Sant'Ana, Santa Cruz, Nosso Senhor do Bonfim, São João – Sebastião, bem como alguns oratórios privados em casas particulares de Ouro Preto e as pequenas capelas do caminho da cruz denominadas, no Brasil, “Passos”.

Todo esse conjunto precisa de determinadas intervenções de salvaguarda, sem as quais o caráter religioso da cidade correria o risco de se atenuar, de não ser mais perceptível em seu significado específico. Esse imenso patrimônio testemunha nesta cidade o que foi, ao mesmo tempo, o trabalho e a dolorosa escravidão dos negros – que não foi isenta de revoltas e, às vezes, de espetaculares vinganças – uma vez que associava e outras opunha não apenas os brancos, mulatos e negros, mas também, com frequência, confrarias rivais que disputavam locais de culto e patronatos sagrados. Essa vida efervescente, impregnada de religiosidade ingênua e atravessada por rivalidades profanas não deixa de lembrar o ambiente do mundo medieval europeu. É esse sentimento que os esforços para desenvolver Ouro Preto devem poupar e, se possível, tornar ainda mais perceptível.



Ouro Preto (MG). Passo da Ponte Seca, 1980. Foto de Pedro Lobo

2. Edifícios civis

Antigo Palácio Municipal (Museu da Inconfidência)

O palácio Municipal, construído a partir de 1784, está situado na praça Tiradentes, cujo declive acentuado constitui para ele uma espécie de pedestal. Em 1944, foi ali inaugurado o museu da Inconfidência, que homenageia o sacrifício dos precursores da Independência reunidos em torno de Tiradentes e que, por outro lado, constitui um notável museu histórico e artístico de Minas Gerais. Uma grande parte das coleções provém de doações de D. Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana. O museu está perfeitamente inventariado e mantido. É um exemplo típico do valor científico e artístico dos trabalhos do “Patrimônio” em matéria de museografia. Auguremos apenas uma coisa: que o “Patrimônio” disponha de recursos financeiros próprios para permitir-lhe concluir seu programa.



Ouro Preto (MG). Chafariz do Passo de Antônio Dias.
Foto de Pedro Lobo

Palácio dos Governadores (hoje Escola de Minas)

O Palácio dos Governadores fica em frente ao Museu, na praça Tiradentes. Sua planta data de 1741. Possui a única fachada de mármore existente em Ouro Preto. Seu uso como Escola de Minas enfatiza a mutação do Estado, orientando sua economia para a extração do ferro. Seria desejável que a estátua de Tiradentes e seu imenso pedestal, fora da escala dessa bela praça, fossem deslocados para a praça da Estação, onde ficariam melhor.

A Casa dos Contos

É, de acordo com Manuel Bandeira “o melhor e o mais belo exemplo de residência de Ouro Preto”. Construção de pedra talhada de autoria de João Rodrigues de Macedo, foi concluída em 1787 e convertida em agência dos Correios. O objetivo do “Patrimônio” é, após a restauração, torná-la sede do “Patrimônio” de Ouro Preto e, ao mesmo tempo, Centro de Documentação e museu. Este projeto deve, com muita propriedade, ser inserido no desenvolvimento turístico artístico de Ouro Preto. Seria indicado requerer a cooperação da Embratur.

Teatro

Sem se igualar em qualidade ao teatro de Sabará, o de Ouro Preto é digno de atenção. Apesar de suas transformações, é o mais antigo teatro da América do Sul. Situado na praça do Carmo, próximo à igreja de mesmo nome, deve poder ser restaurado, restituído a suas disposições originais e, ao mesmo tempo, equipado a fim de satisfazer às exigências técnicas atuais. Ele será, então, o complemento que faltava para o sucesso decisivo do Festival de Ouro Preto e o desenvolvimento cultural de Minas.

3. A arquitetura urbana

A arquitetura urbana é geralmente muito simples. Alguns sobrados têm um balcão de madeira como em certas casas da rua da Glória ou do largo do Rosário. Entre as características arquitetônicas dessas numerosas residências de cores vivas, assinalemos as coberturas de telhas canal que se prolongam acima das fachadas em abas de telhado em modilhão, as persianas com rótulas e as impostas curvas das janelas.

Há ainda dois elementos característicos de Ouro Preto que contribuem imensamente para seu encanto: suas fontes e suas pontes. As fontes são, em Ouro Preto, o pretexto para um adereço arquitetônico. Dir-se-ia que a engenhosidade dos arquitetos rivalizou constantemente sobre esse tema, no qual a invenção não sofre qualquer cerceamento. Citemos a fonte do largo de Marília, a do Paço de Antônio Dias e, sobretudo, a fonte dos Contos. Mas seria preciso citar umas 20 cujo estado é mais ou menos satisfatório e que exigiriam uma verba global para sua recuperação.

Quanto às pontes de Ouro Preto, sobre as quais Manuel Bandeira chama nossa atenção, um outro poeta, Gonzaga, cantou-as há 200 anos: não é apenas sua arquitetura que é digna de interesse, mas a vista para os fundos dos imóveis que elas revelam, como a da rua Tiradentes, a partir da ponte dos Contos.

(b) Medidas para a conservação e o desenvolvimento de Ouro Preto

Definitivamente, é com certeza o caráter global de Ouro Preto, outrora Vila Rica, que lhe atribui seu valor. Sua homogeneidade é única no Brasil, excetuando-se Parati e a cidade morta de Alcântara. É por isto que seu tombamento integral como “monumento nacional” justifica-se perfeitamente. É por isto também que o desvio do tráfego pesado industrial e comercial é indispensável e constitui a primeira medida prioritária concreta de salvaguarda.

Mas é preciso enfrentar simultaneamente dois riscos: por um lado, muitos imóveis exigem intervenção de salvaguarda imediata visto que a cidade do ouro, empobrecida, vive há dois séculos do que havia adquirido. Há agora um prazo de vencimento: ou Ouro Preto será objeto de um plano de restauração sistemática, ou então seu excepcional capital artístico se esgotará. Para começar, a cobertura vegetal dos morros deve ser recomposta.

O outro risco, que pode ser uma sorte, ocorre devido à sua capacidade de desenvolvimento. Ouro Preto já dispõe de bons hotéis. No hotel Chico Rei, por exemplo, é-se recebido



Ouro Preto (MG). Ponte do Rosário

no ambiente de uma bela casa antiga, guarnecida de excelentes móveis da época colonial e apreciam-se as especialidades da cozinha brasileira. É essa a fórmula que reterá o visitante em Ouro Preto para estadas. Com certeza, desde agora nenhum visitante sério deixa de ir a Ouro Preto quando vem ao Brasil: desde 1816 até nossos dias, os relatos de Saint-Hilaire, de Supervielle ou de Jean-Paul Sartre, por exemplo, testemunham em favor de Ouro Preto, onde numerosos pintores também estiveram ou mesmo fixaram residência. Entretanto, o atrativo de Ouro Preto deve, hoje, transbordar essa aristocracia espiritual sem, por isso, modificar o caráter da cidade. Os problemas não têm a mesma escala dos de Salvador, que exigem uma reestruturação urbana. Aqui, o ambiente, que não está isento, como já dissemos, de uma estranha melancolia, deve antes ser preservado do que criado.

São precisos recursos financeiros para manter o adquirido; também é preciso cuidar continuamente de um tal conjunto; é preciso, enfim, encontrar soluções para aumentar a capacidade hoteleira, manter a atividade tecnológica (Escola de Minas) sem descaracterizar. O novo hotel, cujo projeto é de Oscar Niemeyer, é um exemplo satisfatório de integração arquitetônica sem pastiche.

(c) Festival de Ouro Preto

Uma excelente iniciativa foi realizada no último inverno (isto é, no último mês de julho). Trata-se de um festival principalmente musical associado a manifestações de artes plásticas, e, especialmente, a três meses de cursos teóricos e práticos que foram acompanhados por estudantes vindos de todo o Brasil e de outros países da América Latina.

Na origem, um projeto de festival de teatro explorando o admirável patrimônio monumental tinha sido concebido pela grande atriz Domitila Amaral, que muitos parisienses não conseguiram esquecer pela criação de Yerma, de Federico Garcia Lorca, há uns 15 anos.

Com o apoio do “Patrimônio”, o desejo de Domitila Amaral era consagrar principalmente o festival de teatro de Ouro Preto ao teatro da cultura ibérica, antiga e moderna, desde os autos sacramentais portugueses e espanhóis até Valle Inclan, Lorca e os melhores autores brasileiros atuais.

A realização atual, conduzida com sucesso este ano pela Universidade, parece ir ao encontro do desejo de Domitila Amaral, que animaria no sentido pretendido a parte teatral do festival.

Nessas condições, o Festival de Ouro Preto poderia se tornar um grande acontecimento mundial. Conhecemos os dons e as capacidades de numerosos grupos teatrais, que, do Nordeste ao Rio, se inspiraram na grande tradição medieval de Portugal (e da Espanha), e barroca do Brasil. É um teatro de caráter popular, apoiado em uma bela tradição plástica, ela própria em plena renovação. Poderia ser obtida ajuda internacional em favor desse movimento artístico em Ouro Preto, para que, com certeza, seja mantida a orientação sugerida por Domitila Amaral e pelo “Patrimônio”. As grandes figuras históricas que pairam sobre Ouro Preto: Chico Rei, Aleijadinho e Tiradentes não deveriam deixar de inspirar novas peças juntamente com a reanimação de manifestações culturais como a do “Triunfo Eucarístico” de 1733. Seria preciso também devolver o brilho às procissões litúrgicas da Semana Santa.

(d) Conclusão sobre Ouro Preto

Para concluir, propomos para Ouro Preto:

1. uma verba importante destinada às restaurações dos imóveis;
2. outra para o estabelecimento de um plano diretor;
3. uma outra para o reflorestamento;
4. outra para a organização da infra-estrutura urbana (sítio) e o desenvolvimento hoteleiro;
5. e outra, enfim, para o festival.

Lembremos que o governo federal decidiu recentemente financiar o desvio rodoviário.

3. Sabará

Sabará tem sobre Ouro Preto a vantagem de sua extrema proximidade de Belo Horizonte. Essa cidade pode, então, constituir com a Pampulha um dado turístico único. Antes de ir passar uns dias em Ouro Preto, o visitante desfruta em Sabará de um excelente contato com a arte barroca de Minas Gerais e pode associá-la, no mesmo dia, com a arte moderna da Pampulha.

Não me parece desejável, ao contrário, dar a Sabará uma função de estada de longa duração comparável à de Ouro Preto. Entretanto, seus centros de interesse são inúmeros. Vamos descrever apenas o Museu do Ouro na Casa da Intendência, a Matriz, a igreja do Carmo (1761), de Nossa Senhora do Ó. É preciso citar ainda a igreja do Rosário, a fonte do Rosário, Nossa Senhora das Mercês, o convento e a capela da Terra Santa (1715) e entre as casas civis, a Casa da Ópera (1812) e a Prefeitura (1773).

Estudo detalhado anexo

(a) Museu do Ouro

O Museu do Ouro foi instalado na Casa da Intendência pelo “Patrimônio”. É uma belíssima casa do início do século XVIII, da época em que Sabará já iniciava seu declínio. Todos os elementos tecnológicos que ilustram a extração e a metalurgia do ouro foram reunidos tanto com cuidado, quanto com inteligência. Esse museu, por outro lado, muito agradavelmente mobiliado com móveis coloniais cuja maioria provém de Sabará mesmo, é um modelo de pequeno museu documental que poderia ser multiplicado no Brasil em função das particularidades etnológicas, econômicas e culturais de cada região. Sua biblioteca especializada pode ser igualmente útil.

A restauração da Casa da Intendência, realizada com a mesma segurança e bom gosto do que a organização do museu, está sendo concluída. O próprio museu ainda deve ser completado.



Sabará (MG). Museu do Ouro. Sede restaurada e adaptada pela DPHAN, 1941. Foto de Erich Hess



Sabará (MG). Museu do Ouro. Sala de exposição, 1941. Foto de Erich Hess

(b) Matriz ou Nossa Senhora da Conceição

É uma das mais antigas, das maiores e mais belas igrejas de Minas. Datada de 1703, possui três naves e um coro com forro. O forro da nave é branco e dourado. A profusão da ornamentação barroca, dourada, azul e vermelha, cria um ambiente de riqueza preciosa e de um misticismo popular não desprovido de sensibilidade e de elegância. Uma única nota falsa: a estátua da virgem em um nicho do coro, uma virgem antiga, recentemente pintada com um custo elevado, mas cujo resultado deixa a desejar. Nessa época, o “Patrimônio” arcou sozinho com a restauração de toda a ornamentação do imóvel com um respeito e uma delicadeza exemplares. Homens como Dom Clemente, o eminente conservador do Museu de Arte Sacra de Salvador, poderiam ser utilmente associados a uma obra educadora de guardiões naturais de tesouros da arte consagrada, que deveria envolver em conjunto a Igreja e o Estado.

(c) Carmo

A igreja do Carmo de Sabará é um imóvel barroco muito interessante, cuja balaustrada do coro (atribuída ao Aleijadinho) e tribuna, ambos elementos arquitetônicos muito trabalhados, são particularmente notáveis. O forro pintado é do início do século XIX. A fachada, de 1720, foi modificada pelo Aleijadinho em 1770. Esta edificação muito original encontra-se em péssimo estado, devendo ser inteiramente restaurada: estrutura e elementos decorativos.

(d) Nossa Senhora do Ó

Em compensação, este pequeno imóvel com o interior inteiramente pintado foi muito bem restaurado pelo “Patrimônio”. Os painéis “chineses” sobre fundo negro, denotam a influência, no Brasil, da colônia oriental de Portugal – Macau. Nessa época, pode-se notar a freqüência, no Brasil, da mescla dos vocabulários decorativos devida à penetração dos navegadores portugueses tanto na Ásia quanto na África ou na América.

(e) Conclusões sobre Sabará

É possível que um plano de expansão industrial e econômica acarrete profundas modificações urbanas em Sabará. É preciso, portanto, adiantar-se, estabelecer um plano diretor, concluir os tombamentos úteis e alocar verbas para a restauração dos imóveis de Sabará.

4. Mariana

A cerca de 12 quilômetros a oeste de Ouro Preto, localiza-se uma outra cidade de arte, Mariana, a antiga Vila do Carmo, igualmente tombada como monumento nacional desde 1945.

Citaremos seus principais edifícios: São Pedro (1770), cuja planta característica, com um duplo oval, está implantada em uma elevação de onde se descortina um admirável panorama e foi transformada em museu.

A igreja de São Francisco da Confraria (1784) e o Grande e o pequeno Seminários (e sua encantadora pequena capela – 1750) são enriquecidos por numerosas esculturas e belos afrescos

no forro. No largo de São Francisco (largo do Paço), a principal praça da cidade, situam-se a Câmara Municipal, a igreja do Carmo e a igreja de São Francisco de Assis, que, iniciada em 1763, só foi concluída no século XIX, e que por sua fachada, sua decoração externa e seu mobiliário, constitui um conjunto de qualidade. Devemos, enfim, assinalar a Sé de Mariana (catedral), outro notável edifício religioso, enquanto entre os demais edifícios civis é preciso mencionar as casas da rua Nova e as da rua São Francisco, da praça da Independência, da rua Direita e da rua Conde da Conceição, onde se situa a Casa Capitular (Museu de Arte Sacra). O conjunto das igrejas de Mariana exige intervenções de restauração e de manutenção, e, assim como em Ouro Preto, de urbanização viária. Um plano diretor deve ser colocado em estudo, assim como em Ouro Preto.

5. Congonhas do Campo

Em relação à rodovia Rio – Belo Horizonte, a cidade de Congonhas se situa do lado oposto a Ouro Preto e Mariana, e a 126 quilômetros de Ouro Preto. Mas sua inserção no circuito de Minas impõe-se pela presença de uma obra-prima incontestável da arte universal: o santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, cuja peregrinação religiosa atrai multidões de fiéis no mês de setembro de cada ano, possui, de fato, o mais famoso conjunto esculpido da América do Sul. Não é de se espantar que tenha a assinatura do Aleijadinho.

Filho mulato do arquiteto Lisboa, com o corpo disforme, e daí seu apelido, que significa estropiado, o Aleijadinho conquistou, por sua genialidade, uma glória que faz dele, hoje, uma personagem de lenda. Entre todas as obras dessa época de desabrochar da arte barroca, as do Aleijadinho se destacam sempre pela amplitude e pelo lirismo das formas. Em nenhum lugar do mundo a arte barroca atingiu, de fato, essa grandeza vigorosa, da qual toda a afetação, mesmo a pieguice da qual o século XVIII às vezes foi vítima, são absolutamente banidas. Os ritmos são poderosos, os drapeados esvoaçantes têm uma força que mostra que a observação do real foi transcendida menos por motivos decorativos do que para expressar a dignidade, a majestade do modelo. E, em Congonhas, soma-se a esse lirismo estilístico um lirismo de expressão que aparenta o Aleijadinho mais aos escultores da Idade Média e a Miguel Ângelo do que a seus contemporâneos. O conjunto esculpido de Congonhas comporta duas partes: as 12 estátuas em pedrasabão dos profetas, executadas de 1800 a 1805 e que ornaram o terraço do adro do Bom Jesus, e as 55 estátuas de madeira da Via Sacra, executadas um pouco antes, e que constituem especialmente as estações do Jardim das Oliveiras, da Paixão, do Carregamento da Cruz e a admirável Ceia. São esses conjuntos que estão organizados como verdadeiras cenas teatrais (e nesse sentido nos fazem pensar um pouco nas Deposições no Túmulo da arte da região da Champagne do século XVI), na qual a expressão mística dos rostos é levada ao extremo. Podemos dizer a esse propósito que o Aleijadinho é, nos primórdios do século XIX, o último escultor medieval de imagens – que nem por isso deixa de se beneficiar de três séculos de estudos anatômicos e de *savoir-faire*.

Há alguns anos apenas, essas obras-primas estavam degradadas por camadas de tinta que haviam pervertido totalmente sua beleza. O “Patrimônio” empreendeu esse trabalho de risco e conseguiu restaurar as figuras da Via Sacra, devolvendo-lhes a beleza original. Lourival Gomes



Mariana (MG). Igreja de São Pedro. Foto de Stille



Congonhas (MG). Vista da cidade tirada a partir da Igreja de Bom Jesus de Matosinhos, 1964.
Foto de Leopoldo Castedo

Machado e o fotógrafo Eduardo Ayrosa, em um admirável álbum, renderam uma justa homenagem a esse empreendimento do qual o “Patrimônio” deve orgulhar-se em particular.

Essa obra exemplar, que testemunha de forma excepcional a capacidade dos especialistas do “Patrimônio”, justifica a criação de um programa global de restauração que encontra, especialmente em Minas, pontos evidentes de aplicação.

6. São João del Rei

Outra cidade de arte cheia de mérito, São João del Rei possui numerosos edifícios religiosos barrocos: São Francisco de Assis, Nossa Senhora do Carmo, onde o Aleijadinho trabalhou, a Catedral da Sé e Nossa Senhora do Pilar, repleta de relíquias de ouro e prata, são as mais belas construções religiosas dessa cidade, comparáveis às de Ouro Preto.



São João Del Rei (MG). Igreja Matriz de N. S. do Pilar

Como em Ouro Preto, uma parte do encanto de São João del Rei deve ser atribuído a suas pontes, especialmente a ponte do Rosário e a da Cadeia. Entre os imóveis civis devemos citar a Câmara Municipal e o Museu Regional do “Patrimônio”.

O desenvolvimento recente de São João del Rei, mais manifesto que o de Ouro Preto, deu-se, entretanto, distante da cidade antiga, que permanece relativamente intacta. Mas a deterioração se manifesta como no conjunto de Minas e exige importantes intervenções de restauração.

7. Tiradentes

Tiradentes encontra-se a 16 quilômetros de São João del Rei. Foi fundada em 1718, com o nome de São José del Rei e, em seguida, foi-lhe dado o nome do precursor da independência brasileira. A catedral de Tiradentes foi construída segundo uma planta do Aleijadinho e possui notáveis relíquias de ouro e de prata; a cidade justifica um plano diretor. O circuito das cidades de arte de Minas Gerais pode incluir também Caeté, Barão de Cocais, Santa Bárbara, Catas Altas e Santa Rita Durão. À margem desse circuito, Diamantina, cujo nome está ligado à descoberta das minas de diamante no Brasil, é também uma antiga cidade colonial com dois edifícios religiosos a serem preservados: a Catedral da Sé e o Carmo, São Francisco de Assis. Entre os edifícios civis, a Casa de Chica da Silva.



Diamantina (MG). Igreja de N. S. do Carmo

8. Conclusões sobre Minas Gerais

- (1) As primeiras medidas a serem tomadas em Minas Gerais consistem em completar os tombamentos por tombamentos integrais, como existem para o conjunto da cidade de Ouro Preto e Mariana. Os tombamentos estendidos deveriam incluir parte de Sabará, uma parte de Congonhas, uma parte de Tiradentes e, sobretudo, uma parte de São João del Rei.
- (2) Planos diretores urbanísticos deveriam ser elaborados para essas cidades, além de planos para Mariana e, evidentemente, Ouro Preto. Esses planos de urbanismo deverão levar em consideração a definição:
 - (a) Das áreas consideradas santuários arqueológicos.
 - (b) Das áreas de sítios urbanos estendidos, incluindo especialmente as ruas típicas, as margens dos rios e suas pontes, etc. Servidões *non aedificandi* deverão beneficiar essas áreas, nas quais se poderá, ao contrário, concentrar o esforço principal de implantação em habitação, hotelaria e oficinas de artesanato em casas coloniais.

Os museus existentes poderão ser igualmente desenvolvidos e na maioria reinstalados nas áreas mencionadas.
 - (c) Das áreas onde serão permitidas novas construções, submetidas, no entanto, a servidões precisas referentes às dimensões e aos materiais. Trata-se também de, além de servidões precisas, que o critério de qualidade inspire os construtores que trabalharão nessas áreas, e que o serviço do “Patrimônio” seja o juiz dessa qualidade.
 - (d) O plano diretor poderá, enfim, fixar – exceto em Ouro Preto e Mariana –, mas nas outras cidades, áreas para a implantação de arquitetura livre e para concepções urbanísticas totalmente novas.
- (3) Verbas importantes deverão ser atribuídas aos imóveis dessas cidades de arte, que constituem em si mesmas conjuntos, e, todas juntas, um conjunto regional que não tem equivalente no Brasil. No final deste relatório, apresentaremos algumas sugestões quantificadas.
- (4) É preciso vincular a essas restaurações a infra-estrutura rodoviária, a melhoria das estradas dessas cidades que, na maioria dos casos, e especialmente em Ouro Preto, estão em estado precário. A decisão referente ao desvio da estrada em torno de Ouro Preto é um bom sinal. Nós a consideramos um ponto capital. Ela deverá ser seguida pela manutenção da ligação do conjunto do circuito e pela implantação de estações rodoviárias na periferia para proteger as cidades da circulação de veículos pesados.
- (5) A infra-estrutura hoteleira deve ser desenvolvida no sentido da acolhida tradicional, especialmente em Ouro Preto. Menos indicada em Sabará, que é muito próxima de Belo Horizonte, ela deveria igualmente ser prevista em Congonhas, em Diamantina, em São João del Rei e em Mariana. Se Ouro Preto e Belo Horizonte podem ser consideradas como pólos hoteleiros (a primeira de estada cultural, de repouso e, de maneira geral, tanto de longa esta-

dia como de etapa e a segunda associando estadias de negócios ao turismo ocasional), seria preciso que, pelo menos nas outras cidades, em particular em Sabará, Mariana, Congonhas e São João del Rei, se pudessem encontrar restaurantes agradáveis em casas coloniais, assim como em Tiradentes, Caetés, no Serro e em Santa Bárbara.

- (6) O esforço no plano cultural já é vigoroso em Belo Horizonte, uma das cidades do Brasil onde, por exemplo, as conferências são mais numerosas e mais freqüentadas. Mas é em Ouro Preto que seria preciso expandir esse atrativo intelectual especialmente pelo desenvolvimento do festival do mês de julho, que poderia utilizar sistematicamente os monumentos da cidade como cenário das manifestações teatrais; as sugestões de Domitila Amaral sobre esse assunto nos parecem particularmente dignas de atenção.
- (7) Todo este programa, o único proposto em escala global para um Estado, somente poderá ser realizado por etapas: ele exigirá perseverança e recursos apropriados. Mas enquanto em um caso como o do Maranhão (São Luís e Alcântara) parte-se praticamente do nada e enquanto em Salvador se trata de reverter completamente o curso, pode-se dizer que em Minas Gerais existem mais do que potencialidades, e sim realidades exemplares às quais se trata de dar, sobretudo, uma crescente amplitude.

QUINTO CAPÍTULO

Sul

X O ESTADO DO PARANÁ

K. PARANAGUÁ

Problema geral

Em 1966, o arquiteto Frederic de Limburg-Stirum foi sondado pela professora Dalena dos Guimarães Alves, do Departamento de Cultura do Paraná, para apresentar sugestões referentes a um plano de urbanização para a cidade antiga de Paranaguá.

Disto resultou um interessante estudo que, sob reserva de uma análise aprofundada por parte do “Patrimônio” e de um parecer do Conselho Federal da Cultura, poderia constituir, ao mesmo tempo, a base do plano diretor urbanístico dessa cidade e de uma operação de renovação de seus bairros antigos.

Situação histórica e geográfica

Possibilidade de desenvolvimento econômico e turístico

Antes que Curitiba se tornasse a capital do Estado do Paraná, Paranaguá, implantada na embocadura do rio Itiberê e em comunicação direta com o oceano, foi sua capital e seu mais importante estabelecimento comercial. Desde meados do século XVI, os colonos ali se instalaram, e 100 anos mais tarde, Paranaguá se tornou “vila” antes de se tornar “cidade”, em 1842. Assim que



Paranaguá (PR).
Colégio dos Jesuítas,
fachada principal e
lateral direita.
Foto de Erich Hess

Curitiba, a nova capital no interior do Estado foi criada, foi construída uma estrada ligando-a a Paranaguá, logo em seguida duplicada por uma estrada de ferro. Atualmente, está sendo concluída uma nova ligação: uma auto-estrada que deve drenar todo o tráfego pesado.

A antiga estrada, inteiramente asfaltada, está em excelentes condições, atravessa belas florestas e admiráveis paisagens, e daí seu nome revelador de “Graciosa”. É, por excelência, uma estrada turística a ser recomendada com uma parada, na metade do caminho, na pequena cidade colonial de Morretes, e que conduz do centro administrativo do Paraná ao seu porto principal, que é, ao mesmo tempo, sua cidade de arte. Assim se concebe nesse Estado um evidente equilíbrio das funções no âmbito geral do desenvolvimento econômico e cultural do Brasil.

A ocasião nos parece oportuna para empreender uma operação em Paranaguá, tendo em vista as disposições favoráveis das autoridades locais de Curitiba e a abertura prudente que o estudo de Limburg-Stirum constitui.

Esta operação se refere:

- (1) Ao velho porto e ao centro da cidade;
- (2) À área de expansão moderna, o que inclui o novo porto.

(1) O velho porto e o centro

É característico que Paranaguá, após ter conhecido um passado brilhante, tenha entrado em decadência, até o dia não tão distante em que o café e o petróleo o transformaram em um dos principais portos do Brasil. Os cinco primeiros arranha-céus já surgiram ao acaso da disponibilidade de espaço no contexto das ruas apertadas. O movimento está apenas começando. De melhor maneira do que em outros lugares, é possível, então, reorganizá-lo, mas já, sem demora. Limburg-Stirum prevê três áreas escalonadas a partir da margem do rio:

- (a) O bairro histórico, que possui edifícios já tombados, entre os quais a “Chácara do Caju”, antiga capitania ameaçada de arruinamento que se ergue sobre uma plataforma arborizada mais elevada; a antiga fonte, a igreja de São Bento, em via de restauração pelo “Patrimônio”, e ao longo da rua Conselheiro Sinimbu numerosas residências coloniais deveriam ser sistematicamente preservadas. Na sua extremidade erguem-se a Matriz, iniciada em 1575, e diversos sobrados. Citemos ainda o antigo convento dos Jesuítas, transformado em museu e que sofreu várias restaurações. O museu, bem organizado e de grande interesse é, segundo as melhores fórmulas atuais, um museu diacrônico de civilização e de história natural do país. O edifício enfrenta o problema da luta contra cupins devastadores. Apresenta também um problema arqueológico que alguns trabalhos poderiam elucidar. O cais do velho porto possui edifícios antigos arruinados. Citarei ainda a igreja da Ordem Terceira de São Francisco (1741), que foi incendiada e cuja restauração está em andamento, e a antiga residência do visconde de Nácar, transformada em Prefeitura. Quanto à rua 15 de Novembro, suas fachadas antigas foram modificadas, mas a unidade dos volumes foi preservada. Limburg-Stirum observa muito justamente que as perspectivas desses diferentes edifícios constituem uma cadeia contínua que compõe o bairro histórico – que deve ser conservado integralmente e restaurado. Nesse bairro, convém tomar uma medida geral de *non aedificandi*, assim como

a proibição de abater as árvores. A fonte antiga deve ser mais bem protegida e suas águas saneadas, impedindo a infiltração de óleo. Raspagens podem permitir a extensão da área dos jardins. Entre a Chácara, São Bento e a velha fonte poderia ser definida uma pequena área comercial e artística protegida do trânsito.

A opção prioritária é o velho porto. Caso fosse reformado e adaptado às necessidades atuais, ele seria descaracterizado, pagando-se um preço alto e sem real proveito. O tráfego pesado comercial seria obrigado a atravessar a cidade e um dia poderia rompê-la. Esta solução é, ao mesmo tempo, incompatível com as exigências da vida portuária moderna e com a preservação do patrimônio cultural de Paranaguá.

Sabe-se que a nova fórmula do urbanismo portuário – adotada na França, em Fos, para duplicar a capacidade portuária de Marselha – consiste em integrar ao porto certas usinas de transformação ou, preferencialmente, integrá-lo a uma área industrial. É a esse tipo de desenvolvimento que pode responder o novo porto de Paranaguá, atualmente em via de crescimento constante – ainda que se trate, sobretudo, de fazer o transbordo do café e de produtos inflamáveis.

Trata-se, portanto, de preservar o velho porto e de impedir uma transformação inútil, e até mesmo de livrá-lo de construções recentes e de converter seu uso para o lazer. De qualquer modo, ele não teria no futuro a profundidade necessária para a navegação comercial. Outra operação útil: a valorização da igreja da Ordem Terceira de São Francisco.

(b) *Área non altus tolendi*

Enfim, atrás do bairro histórico, Limburg-Stirum propõe definir uma área *non altus tolendi* correspondente ao atual centro da cidade.

(2) Área de expansão moderna

Além da área *non altus tolendi*, Limburg-Stirum sugere que as construções podem se verticalizar à medida que se distanciarem do bairro histórico.

Talvez fosse preferível distinguir, ou mesmo opor, dois conjuntos distintos de maneira bem marcada e prever a delimitação entre um e outro após um estudo ponto a ponto *in loco*, levando em conta a topografia de detalhe. Uma audaciosa liberdade de concepção e de estruturação da cidade nova se expandindo, em vez de subúrbios desordenados, pode se contrapor com êxito ao santuário antigo, sem que a proximidade de um influencie o outro ou exija alguma familiaridade.

Ao contrário, dois elementos harmônicos autônomos podem estabelecer uma “tensão” propícia à “presença do ser nas coisas”. Eis uma filosofia da construção da qual o Brasil precisamente com freqüência deu exemplos salutarres, mas cuja empreitada raramente pôde concluir. O exemplo de Paranaguá seria uma ocasião a não ser perdida, sob a reserva de que ainda seria preciso haver tempo para confrontar pacientemente o princípio e sua aplicação *in loco* – com as opções feitas por Limburg-Stirum servindo de base para uma análise a ser feita pelo “Patrimônio”, e que deveria comprometer o Estado do Paraná a uma renovação geral de Paranaguá.

L. A PRESERVAÇÃO DA NATUREZA E A POLÍTICA DE TURISMO DO PARANÁ

Vila Velha

A mais singular e a mais importante curiosidade natural do Paraná é Vila Velha, a 84 quilômetros a oeste de Curitiba. É constituída por um conjunto de altas rochas verticais erodidas pela água e pelo vento que, emergindo acima de uma planície desnudada, têm o aspecto de ruínas de uma cidade monumental.

Vila Velha surge no centro de um dos vastos parques nacionais do Brasil. Conviria que à legislação específica dos parques sobre a preservação das espécies fosse acrescentada uma de proteção *non aedificandi* que abarcasse um amplo perímetro em torno de Vila Velha e o controle dos empreendimentos agrícolas e turísticos sobre uma área ainda mais extensa. É evidente que qualquer implantação industrial ou urbana deve ser banida do Parque Nacional. (De um modo geral, as circunstâncias foram mais favoráveis à proteção da natureza no Sul do que no Norte).

Do ponto de vista turístico, a floresta que a “Graciosa” atravessa deve ser integralmente preservada, e o inventário administrativo das demais deveria ser determinado.

Foz do Iguaçu

O Iguaçu, rio do Paraná cuja nascente se encontra no Paraguai, é célebre na América do Sul devido às cataratas situadas no Brasil, na fronteira com o Paraguai, e dignas de serem comparadas às do Niágara.

A ligação aérea é atualmente organizada de modo a permitir a visita às cataratas do Iguaçu, entre Assunção e Curitiba.

Os Sambaquis

É preciso assinalar, enfim, próximo a Paranaguá, no litoral, a presença de depósitos de conchas – os “sambaquis” – que podem constituir no centro de sua paisagem costeira uma real atração turística, desde que protegidos da exploração industrial, pois essas jazidas se prestam à exploração de cal. Mas é sobretudo por razões científicas que o tombamento deve ser feito e estabelecida uma área de proteção.



Foz do Iguaçu (PR). Vista aérea das Cataratas

Conclusão

Na própria Curitiba está prevista a organização de um museu, seja na atual Prefeitura, seja em uma edificação especialmente concebida para ele. Vimos a parte que cabe ao “Patrimônio” na preservação e restauração de Paranaguá, mas, no Paraná, o esforço de organização turística será decisivo. A Embratur poderia aproveitar a situação privilegiada entre São Paulo e a Argentina e sítios naturais excepcionais para desenvolver a publicidade turística do Paraná, primeiramente na América do Sul e depois no resto do mundo.

PARA MEMÓRIA: ESTADO DE SANTA CATARINA

Próximo ao sul do Estado do Paraná, o Estado de Santa Catarina possui, em Florianópolis, uma cidade em plena expansão, cujos quatro fortes militares do século XVII devem ser restaurados (contabilizado na rubrica : “Outros Estados”).



Florianópolis (SC). Vista aérea da Fortaleza de N. S. da Conceição de Araçatuba, 1976.
Foto de Luís Saia Neto

XI. O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

M. SÃO MIGUEL E AS “REDUÇÕES INDÍGENAS”

O país gaúcho

Na extremidade sul do Brasil, o Estado do Rio Grande do Sul apresenta atrativos totalmente diferentes daqueles aos quais nos acostumamos no Brasil tropical. É o país “gaúcho”, com suas “pradarias” sempre verdes, sua próspera pecuária, suas florestas e sua costa arenosa diante das grandes lagoas.

Porto Alegre, capital industriosa, tem o aspecto de uma cidade européia, mais particularmente da Europa central, mas sem o menor elemento arquitetônico antigo. Remeteremos apenas ao panorama que se descortina acima da cidade sobre a Lagoa dos Patos e o rio Guaíba.

A bela estrada que conduz de Porto Alegre à Argentina passa por Pelotas, uma das raras cidades do Estado a ter conservado seu aspecto colonial.

Ao atravessar a serra do Sudeste, a estrada que de Porto Alegre se embrenha nas campinas leva a Cachoeira do Sul e a Caçapava do Sul, que possui uma fortaleza de 1835. Uma estrada de terra, a oeste de Cachoeira, leva a Santa Maria, depois, ao final de 12 horas a partir de Porto Alegre, para Santo Ângelo, grande burgo germânico, a partir do qual se pode, enfim, atingir São Miguel.

O que é São Miguel para justificar uma expedição tão cansativa, que a ligação aérea encurta pouco, pois, não sendo diária, não assegura ao mesmo tempo a ida e a volta para Porto Alegre após uma estada razoável de um ou dois dias em São Miguel?

As “reduções indígenas” – Histórico

São Miguel é, no Brasil, o testemunho mais comovente de um empreendimento histórico fundado pelos jesuítas para preservar os índios do genocídio que pesava sobre eles nos primeiros tempos da colonização do Sul. As reduções indígenas foram materializações aparentemente bem-sucedidas de projetos de sociedades e de cidades utópicas tais como os humanistas do século XVI as haviam concebido, em particular Thomas Moore. Aliás, é singular que *Utopia*, de Thomas Moore, publicado em 1551, a ilha imaginária, tenha sido, contudo, situada no Brasil e que no momento de definir suas leis democráticas e igualitárias, Moore tenha tido conhecimento, por um jesuíta, das leis do império Inca do Peru, que acabava de ser descoberto. No entanto, em 1586, os jesuítas, tendo recebido a incumbência de evangelizar o Paraguai, ali fundaram suas primeiras missões. Em 1626, eles penetraram na região do Rio Grande e fundaram São Nicolau, depois, em 1707, Santo Ângelo. Essas terras eram ocupadas pelos índios guaranis, povo pacífico ameaçado de extermínio pelas colonizações vizinhas, mas convergentes, de Portugal e da Espanha. Beneficiando-se da indeterminação que reinava nessa próspera região pela aplicação do Tratado de Tordesilhas, que dividia, a partir da descoberta, o Novo Mundo entre a Espanha e Portugal, os jesuítas, atraindo os guaranis para o interior dos recintos fortificados

que os protegiam, e que foram chamados de “reduções”, procediam ao mesmo tempo à sua evangelização e à organização do que seria chamado hoje de sua “autogestão”. As “reduções” parecem ter sido inspiradas em modelos “utópicos” a partir de observações feitas por um deles [que teria vivido] entre os incas do Peru. Em todo caso, constitui-se sob sua inspiração uma espécie de República Guarani pacífica, mas vigilante, e cuja presença as novas levas de colonização não podiam tolerar. Em 1750, a Espanha cede as “Sete Missões” para Portugal, porém os índios resistem vitoriosamente. Foi então que nasceu a lenda do mais valente entre eles, o chefe Sepe Tiaraju, que lhes dá por emblema o “Cruzeiro do Sul” que brilha no céu. Foi em 1828 que o conjunto das 36 missões estabelecidas tanto no Paraguai, quanto no Uruguai e no Brasil foi finalmente destruído, depois de um acordo entre os três países. Índios e jesuítas, os únicos brancos autorizados a entrar nas “reduções”, resistem heroicamente e são exterminados, e as “reduções”, queimadas.

São Miguel

Essa dolorosa epopéia conserva um testemunho muito evocador: as ruínas da igreja de São Miguel, no mais puro estilo jesuítico, edificada em 1735, e que o incêndio não conseguiu destruir inteiramente.

Próximo à igreja de São Miguel, o “Patrimônio” edificou um museu. Seria necessário desenvolvê-lo a fim de retirar das próprias ruínas o alpendre que protege outras obras de arte. A restauração da igreja já foi iniciada, mas é indispensável que seja prosseguida. Um orçamento da ordem de 50.000 dólares foi estabelecido para os trabalhos mais urgentes. São Miguel é uma ruína absolutamente espetacular. Ao lado dela, as outras “reduções” do Brasil são muito mais modestas. Parece-me que em São Miguel deve ser feito, portanto, o esforço essencial no plano da



São Miguel (RS).
Remanescentes e
ruínas da igreja de
São Miguel. Fachada
principal, 1954. Foto
de Edgard Jacintho

apresentação, da propaganda e da estadia, garantindo ao mesmo tempo a manutenção adequada das demais ruínas.

As visitas de moradores de Porto Alegre, de São Paulo e do Rio, assim como da Argentina sendo freqüentes, um hotel está em construção nas vizinhanças. Mas se poderia fazer de São Miguel um local de peregrinação artística infinitamente mais freqüentado.

Peregrinação

Da mesma forma que, na Europa, Vézelay – onde São Bernardo pregou a Cruzada – tornou-se tanto no plano religioso quanto no laico (amigos de Teilhard de Chardin, círculo Romain Rolland, etc.) um lugar de fraternidade humana, São Miguel, terra de embates entre portugueses e espanhóis, e onde antes de ser sufocada foi vivida uma “utopia” bem real e aparentemente bem-sucedida e fraterna, poderia sediar colóquios nos quais a história das missões seria evocada. Um espetáculo de “som e luz” muito atraente também poderia ser instalado. Geralmente não somos muito favoráveis a esse tipo de manifestação espetacular, mas é preciso reconhecer que, no caso de São Miguel, existem ao mesmo tempo o material histórico e o lendário para animá-la e o suporte arquitetônico necessário.

Valorização

Permanece o fato de que a valorização de São Miguel exigiria cuidados e esforços especiais. Recentemente, uma bomba de gasolina foi instalada sem autorização do “Patrimônio”, próximo às ruínas.

Ligação viária

A estrada de Santo Ângelo para São Miguel, tomada na estação das chuvas, é absolutamente impraticável para os carros de passeio. Foram necessárias 3 horas para vencer 40 quilômetros, graças a um motorista particularmente experiente em derrapagens controladas na lama, ao uso de correntes e ao peso de um veículo utilitário. Como dissemos, a ligação com Porto Alegre é, ela própria, precária: a ligação aérea é cansativa: o avião “ônibus”, em final de percurso, aterrissa a cada 20 quilômetros. A ligação férrea é irregular devido à freqüência de acidentes e a ligação de ônibus, em uma estrada não asfaltada, exige muita paciência. Penso, de fato, que a ligação entre São Paulo e Santo Ângelo, ou melhor, diretamente para São Miguel, seria possível caso fosse construída uma pista de pouso adequada – pois a pista de Santo Ângelo é muito simples. Outra solução: uma ligação de táxi aéreo a partir de Porto Alegre com a Argentina, o Uruguai, ou com São Paulo; caso contrário, não se poderá ir ao Paraguai, bem próximo, nem de Porto Alegre, nem de Santo Ângelo. No aeroporto de Porto Alegre ignoram-se absolutamente os horários de vôos que, via Buenos Aires, poderiam conduzir a Assunção. Definitivamente, essa terra “gaúcha” – transição geográfica entre quatro países da América do Sul –, apesar de seus laboriosos povoadores atuais (brasileiros, italianos, poloneses) e de

sua prosperidade (que se distingue da subnutrição endêmica dos Estados do Norte), constitui, sob o ponto de vista das ligações turísticas, em vez de um vínculo sólido, um obstáculo que se transpõe. Um lançamento turístico de São Miguel implica no aperfeiçoamento dessas ligações, que poderiam concorrer simultaneamente com o desenvolvimento do próprio turismo interamericano.

N. OBSERVAÇÕES

1. Integração no plano de desenvolvimento econômico

O plano de desenvolvimento econômico do Brasil destacou cinco prioridades regionais que se inscrevem, desta forma, no plano geoturístico:

(a) Primeira prioridade: região do Rio

Ao norte e ao sul do Rio, urbanização geral ao longo da costa (ao sul, até a altura de São Paulo).

Nossos projetos: Parati (A), Cabo Frio (B) e Rio de Janeiro (C) se inscrevem exatamente nessa prioridade, e igualmente o circuito das fazendas em torno de São Paulo (D).

(b) Segunda prioridade: eixo de penetração no sul

(Através dos Estados do sul e, especialmente, do Rio Grande do Sul).

(Comunicação com a Argentina e o Uruguai).

Estão inseridos nesta rubrica os projetos de São Miguel (J) e o de Paranaguá (K).

(c) Terceira prioridade: penetração a partir do Estado do Pará (Amazônia)

Inserem-se neste item especialmente os projetos relativos a São Luís – Alcântara (G) e Belém – Pará (H).

(d) Quarta prioridade : no centro, desenvolvimento do entorno de Brasília

Estão aqui inseridas, sobretudo, as observações feitas sobre o Estado de Minas Gerais (J), de Brasília (I) e de Goiás (I).

(e) Quinta prioridade, no Nordeste: ligação Recife-Bahia (Salvador) e penetração para o interior

Nesta prioridade inserem-se os projetos do Estado da Bahia (IV) e do Estado de Pernambuco (D).

2. Motivação para o turismo no Brasil

A partir da Europa e da América do Norte: o apelo de uma natureza admirável, livre e ampla; de um ambiente rico em civilização tradicional, uma encruzilhada viva de três culturas; o atrativo de um país em via de industrialização – cuja escola de arquitetura foi, no pós-guerra, a mais avançada do planeta, e que se deu como capital a única cidade do mundo concebida segundo a estética e as técnicas de meados do século XX. Tudo isto está presente, de uma maneira cada vez mais insistente, no campo onírico do europeu e do norte-americano. Talvez esses apelos sejam afetados pelo fato de terem sido elaborados sob o signo de um “exotismo” que encerrava, desta forma, o sonho sobre si mesmo. Hoje, viajar está ao alcance das pessoas abastadas, mas em alguns anos estará ao alcance do que a sociologia chama de “classe média”.

Segundo esses mesmos critérios, haverá brevemente, na era do avião-cargueiro, a mesma possibilidade – e a mesma legitimidade – de visitar o Brasil e aí ficar alguns dias, do que passar as férias na Espanha, na Grécia, ou na Iugoslávia.

Por hora, no entanto, apenas 25.000 europeus e 25.000 norte-americanos visitam anualmente o Brasil.

A partir da África: a persistência das práticas culturais e o desenvolvimento de estudos etnológicos recriam hoje, sob o signo da negritude, laços entre a África e o Brasil negro. De Dacar a Recife, a travessia é curta. Não se pode negligenciar esse contato progressivo, em suas próximas perspectivas, contato não somente considerado como aporte mútuo de recursos, mas também como meio de conservar a autenticidade dessa cultura específica.

A partir dos demais países latino-americanos: mas do ponto de vista cultural e turístico também não se pode separar a vocação do Brasil e a dos demais países da América Latina; 50.000 latino-americanos visitam anualmente o Brasil, principalmente argentinos. A comunidade de cultura – apesar da barreira bastante relativa da língua –, liga o Brasil aos seus vizinhos, no sentido de que em vez de se parecerem, eles se completam. Essa complementaridade também é apreciável tanto para alguém de dentro como para os de fora dela. Aliás, formas rápidas e sintéticas da visita ao universo latino-americano e mesmo a todas as “Américas” podem incluir algumas partes do Brasil mais particularmente do que outras. Sob esse ponto de vista, a Bahia e Recife devem se beneficiar de sua localização mais central. Ao contrário, a proximidade da Argentina e do Uruguai, e a necessidade de o Paraguai se abrir para o exterior, podem justificar a melhoria e o desenvolvimento de determinados acessos e, em consequência, de estabelecimentos hoteleiros.

Para os próprios brasileiros: a interpenetração das diversas comunidades brasileiras constitui, para o futuro, um dos maiores benefícios psicossociológicos que o Brasil poderia tirar de um desenvolvimento conjunto da salvaguarda de sua cultura e da infra-estrutura turística. A “rentabilidade” desse efeito não poderá jamais ser avaliada monetariamente, e, no entanto, pode ser tanto em relação às origens como para o espírito, a mais rica.

O brasileiro mais abastado vive, freqüentemente, muito distante da realidade brasileira. Algumas profissões o aproximam dela e muito pode ser feito nesse campo pela integração de professores, arquitetos e naturalistas neste projeto de conjunto.

Se o turismo de massa pode trazer divisas e rentabilizar os investimentos no plano estritamente contábil, a cooperação fraterna da juventude brasileira e dos estrangeiros para esse empreendimento será infinitamente mais lucrativa, concretamente falando, pois pode contribuir para dar aos jovens brasileiros uma profissão e a competência na profissão que lhes falta. Sabe-se, e é demonstrado a cada vez que se faz a experiência, que suas aptidões são reais e justificam essa aposta. É também justificada a aposta na atração exercida pelas cidades de arte brasileiras ou por suas praias tropicais. No fundo, as escolhas são claras, mas é preciso muita fé, muito trabalho, bastante habilidade também para evitar confusões em um assunto, apesar de tudo, complexo; por fim e em primeiro lugar, muitos recursos financeiros, pois há no início um grande salto a transpor, sob pena de perder-se tudo ao mesmo tempo.

O Brasil, com certeza, sofreu com o fato de que algumas dessas transformações tenham sido formais, pois foram operadas a partir de fora. A própria abolição da escravidão não redundou em estruturas econômicas que tenham dado a todos uma cidadania efetiva – o estado subumano, a “morte lenta”, ainda pesa em determinadas regiões sobre os descendentes dos escravos como uma fatalidade, às vezes pior do que a escravidão. Nesse contexto, seria simplesmente indecente e inútil que o turismo, mesmo popular, dos países ricos, não fosse outra coisa além de um passeio ocioso de gente bem nutrida em busca de sol e da vida selvagem, ou mesmo de iniciação e de evasão estética.

O mesmo pode ser dito do técnico ocidental que vem trazer sua experiência para um país tropical em troca de um alto salário, sem se preocupar em conhecer e vivenciar a realidade brasileira. Seu ato, limitado em si mesmo e sem efeito prolongado, é apenas um sinal de uma dupla alienação suplementar.

É preciso introduzir no espírito de todos os participantes desse movimento de abertura cultural do Brasil para o mundo e para si mesmo, um sentido de apostolado laico, como o que existe na assistência médica ou na luta contra a fome, e que possa ter valor de comprometimento, como, no plano religioso, o “Economia e Humanismo” do padre Lebreton, obra que sua santidade Paulo VI destacou como fecundante no próprio Brasil.

Esse sentido de apostolado já anima profundamente o trabalho do “Patrimônio”. Trata-se de um serviço com alta qualificação técnica que é preciso alimentar com os recursos apropriados e em torno do qual uma estrutura mais ampla, mas movida pelo mesmo espírito, pode se propor, e conseguir realizar essa obra mais vasta.

Se existem no Brasil todas as disponibilidades morais e intelectuais para realizá-la, é fundamental que o estrangeiro não venha ao Brasil para “dar uma aula”, mas que venha buscar a fonte de uma nova fórmula de vida civilizada. É por isto que não é insensato pensar que a vacuidade do homem que, na primeira aproximação, viria ao Brasil “de férias” seria um bom ponto de partida, o de chegada sendo – como já o enfatizamos –, uma cooperação profunda, uma participação ativa de culturas, uma fraternidade entre juventudes.

Conclusões

Ao término deste estudo analítico e antes de quantificar suas incidências financeiras e indicar as urgências, cabe fazer algumas observações que clarifiquem o problema brasileiro e, primeiramente, para melhor fixar a argumentação, convém citar o exemplo do México e do Peru.

1. Comparação com o México e com o Peru

Com certeza, o desenvolvimento cultural e turístico do México mostra até que ponto o desenvolvimento cultural concebido como uma linha de força de uma política nacional pode ser eficaz sob o ponto de vista turístico e o peso que o turismo pode ter, então, na economia geral; um único indicador serve para atestá-lo: 65% do conjunto das exportações mexicanas constituem unicamente exportações de bens e serviços turísticos. Mas, se este resultado deve servir de exemplo para o Brasil e inspirar-lhe, ao mesmo tempo, otimismo e determinação, a experiência não é totalmente transferível, *mutatis mutandis*, mesmo passados 10 ou 15 anos.

Os critérios do México são, sem dúvida, bem mais apropriados para o Peru. Em relação a esses dois países, suas civilizações pré-colombianas prestigiosas exaltam a imaginação ocidental; seus sítios artísticos e arqueológicos eminentes contam-se entre os mais famosos do mundo e constituem um apelo para os homens, com toda a sugestão de seus mistérios.

E o homem moderno pode ir a Machu-Picchu ou a Uxmal não apenas para sonhar, mas para ali receber, para além dos séculos, uma lição de arquitetura pura, estranha aos nossos critérios atuais de civilização e, em conseqüência, no contexto de nossas incoerências e dúvidas, tanto mais polarizantes.

Para resumir, o poder sugestivo do México e do Peru é o do poderoso domínio da metáfora. Vai-se buscar mais do que o “além”, mas, de alguma forma, o insondável. Contudo, em termos plásticos, a arte contemporânea nos prepara para a revelação sensível sem nada perder da originalidade de seus significados, que para nós permanecem inacessíveis, e portanto inesgotáveis, inalteráveis. Assim colocado, o apelo do México e do Peru só pode, no futuro, ser multiplicador; aliás, e falando literalmente, ele não multiplicará apenas os visitantes, mas igualmente os sítios a serem revelados, descobrem-se ainda novos Palenque na floresta guatemalteca, ou na mexicana e na Amazônia peruana, além de Iquitos.

2. Do mistério ao familiar

Em seu conjunto, o conteúdo da arquitetura brasileira é primordialmente de uma espécie diferente. É formado de cidades antigas, contemporâneas do desenvolvimento das cidades européias. Como na Europa, ali predomina, dependendo do lugar, um tecido arquitetônico tradi-

cional ou o tecido moderno, mas freqüentemente eles estão imbricados, e um decorre do outro. Os lugares culturais têm uma religião viva, a mesma que moldou a civilização ocidental. São primeiramente igrejas, antes de serem monumentos de arte. Sem dúvida, o especialista poderá refinar a análise das diferenças entre o barroco da Baviera ou o lusitano e o barroco de Minas ou da Bahia. Mas o homem comum ou o simples curioso ficará, paradoxalmente, menos deslocado que o especialista. A chave do turismo brasileiro, pelo menos no plano monumental, ao contrário do turismo mexicano, não é um apelo do estranho. É, ao contrário, a atração da similitude e, eu diria, da familiaridade.

É preciso tomar consciência, sem se permitir estabelecer nenhuma hierarquia de valores sobre o substrato, de que esta motivação é menos forte do que aquela. Mas, no contexto brasileiro, ela pode ser também igualmente promissora, desde que o problema seja tratado em conformidade.

3. A sedução da festa

Vejo duas particularidades nesse tratamento: a primeira é que é preciso suscitar o apelo que falta e substituir o poder de permanente sugestão provocado pelo mistério das civilizações desaparecidas e diferentes pelo da animação viva, em datas determinadas, desse cenário arquitetônico mais familiar. Assim, é preciso atualizar permanentemente o interesse e o meio é a ligação tanto orgânica quanto publicitária da noção de festa e de cenário arquitetônico.

Os monumentos representativos valem tanto pelo cenário de conjunto urbano colonial como por eles mesmos. Por sua vez, esse conjunto urbano vale tanto para a animação da vida cotidiana quanto por suas virtudes estéticas singulares. E enfim, a vida cotidiana deve ser, a propósito, exaltada, seja pela manutenção rigorosa das festas tradicionais, seja pelos rituais estéticos modernos que são os festivais, cujos cenários apropriados são na Europa, de Salzburgo a Aix, justamente essas cidades de arte ricas em uma ambiência específica. Com certeza, a festa tradicional também é um atrativo no México, mas o elo entre o patrimônio arquitetônico das civilizações desaparecidas e as comunidades vivas que as representam situa-se menos do que no Brasil na noção de cidade colonial, mas no nível da etnologia e nas profundezas da alma.

No Brasil, o sucesso do carnaval do Rio nos ensina que o conteúdo episódico de uma festa pode nela fixar o poder de sugestão e de atrativo do cenário de vida e, em todo caso, constituir o pretexto decisivo para visitar “um dia” uma cidade que nos prometemos “um dia” conhecer. O problema principal do turismo brasileiro é criar para equilibrar, no tempo, o atrativo do carnaval do Rio e dos pólos sazonais de atração que a qualidade do contexto urbano e monumental brasileiro justificam: daí a importância do calendário das festas tradicionais.

4. O urbanismo e o turismo

Por outro lado, afora a reestruturação rural, que nos parece incontestavelmente uma exigência prévia para a prosperidade do Brasil, o problema do desenvolvimento reside em grande parte na harmonização e no equilíbrio da vida urbana entre o antigo e o novo contexto brasileiro. O estabelecimento de um turismo próspero é, então, um dos dados do urbanismo. Muitas cida-

des brasileiras, – e nós visitamos e estudamos as principais –, possuem uma grande qualidade potencial de organização da habitação por causa da existência de seus bairros antigos. Como na Itália, na França ou na Espanha, sua beleza não é boa somente para ser mostrada ao estrangeiro, mas própria para oferecer cotidianamente alegria ao brasileiro. Não há, de fato, um estudo sobre qualquer ponto importante de nosso relatório que não conduza a um problema urbanístico amplo. Pode-se restaurar, manter, mostrar Uxmal ou Machu-Picchu, no México ou no Peru, prevendo somente, por outro lado, uma ampliação da rede hoteleira sem pré-julgar o restante de uma política nacional. No Brasil, não se pode salvar o monumento sem inseri-lo pelo menos em dois níveis: em um plano de desenvolvimento cultural global (de conteúdo tanto moderno quanto tradicional), e em uma ampla política de urbanismo (ao mesmo tempo de conservação e de desenvolvimento), porque além das belezas naturais, há para admirar cidades (de arte) em atividade e não ruínas de monumentos enterrados. Mas, nesse país que esteve na vanguarda do movimento arquitetônico do século XX e que criou Brasília, é singular a ausência de uma política geral de dotação para projetos urbanísticos.

Por um lado, existe um banco da Habitação, por outro um ministério de Obras Públicas e Transportes, mas não, propriamente falando, um ministério da Construção e do Urbanismo. A existência de projetos urbanísticos globais é raríssima. E, nesse ponto, a descentralização das iniciativas se traduz em uma lentidão crescente. Sem dúvida, por ter sido ao mesmo tempo o país mais bem dotado do continente americano em arquitetura tradicional e que o próprio desequilíbrio de sua expansão tenha deixado subsistir amplos conjuntos dessa arquitetura antiga, o Brasil detém uma riqueza arquitetônica que é, no fundo, ainda mais útil do que decorativa, mas que ao mesmo tempo também está mais ameaçada hoje pela expansão do que se pertencesse a uma esfera da cultura separada da vida cotidiana, como as jazidas arqueológicas. Para essa arquitetura, o problema é de fácil solução: é uma questão de vontade, de cota do esforço nacional a consagrar ao passado e à cultura, é uma aposta em sua rentabilidade turística; o México está resolvendo de forma exemplar esse problema, e o Peru se prepara para tanto (não que esses dois países não possuam cidades de arte, mas o fenômeno é mais restrito e secundário no contexto).

5. A forma de vida

No Brasil, toda a política de desenvolvimento e a política social em sua totalidade estão imbricadas nas políticas de salvaguarda e de criação.

Conservar somente alguns exemplares não teria sentido algum. São os conjuntos que é preciso inserir na nova vida e oferecer como moldura da vida de amanhã. Esse problema é, portanto, extensivo, e a tal ponto que a ele também está associada a preservação da natureza e a sua inserção no âmbito de vida. É um primeiro ponto que torna qualquer apreciação numérica muito incerta: a salvaguarda do patrimônio brasileiro só será assegurada por uma política que ultrapasse a política das artes, ou a do turismo, mas que se relacione com a forma de vida e que envolva o país inteiro.

6. Avaliação quantitativa

A inexistência de um ministério do urbanismo faz com que nenhuma arbitragem, no nível mais elevado, tenha condição de nos fornecer uma avaliação quantitativa relativa aos diferentes projetos mencionados. O primeiro efeito da intervenção da Unesco poderia ser obter essas avaliações, ao mesmo tempo globais e precisas, de tais operações urbanísticas definidas por nosso estudo de detalhe. Aliás, isto já está sendo realizado. Nossa segunda visita a Salvador nos permitiu, especialmente, registrar a vontade do Sr. Luís Viana, governador da Bahia, de proceder desde agora a essa primeira etapa, e de realizar os levantamentos prévios indispensáveis.

Mas, no estado atual, nenhuma operação de conjunto foi orçada, nem tampouco são passíveis de serem calculadas e as indicações que fornecemos foram feitas de forma puramente indicativa, com a finalidade de determinar:

- (1) A ordem de grandeza do custo da renovação geral;
- (2) A proporção entre as operações de simples restauração e manutenção dos monumentos e os investimentos de ordem urbana, cultural, turística, publicitária, etc.;
- (3) Os percentuais de verbas a serem dedicados às diferentes operações, distribuídos em planilhas.

7. Escolhas geográficas e descontinuidades

A propósito deste assunto, observa-se uma outra diferença clara entre o Brasil e os demais países suscetíveis de serem envolvidos em uma operação semelhante. **No Brasil, a questão das distâncias é tal que não permite empreender somente uma operação preferencialmente geográfica contínua.** Salvo exceções, ela não permite integrar ao projeto longos trechos de estradas. No Peru, por exemplo, as estradas que ligam Cuzco a Nazca e Puno a Machu-Picchu ligam centros maiores, e seus efeitos sobre o turismo podem ser decisivos.

Mas, no Brasil, como prever a melhoria da ligação Rio – Bahia, como criar a ligação Recife – Bahia – São Luís e asfaltar a nova estrada Brasília – Belém tendo por álibi o turismo, se cada operação se refere a vários milhares de quilômetros, e se se trata essencialmente de grandes ligações econômicas internas de características vitais, e decididas, em todo caso, para provocar a expansão, e mesmo, às vezes, mais simplesmente para permitir ao país subsistir.

8. Plano de conjunto

É por isto que a questão da infra-estrutura rodoviária é em si difícil de delimitar. Acreditamos ter que restringir a análise, salvo exceções, às ligações diretas dos aeroportos às cidades de arte, aos desvios e a algumas ligações no interior dos Estados. Além disso, se existe atualmente por intermédio do Geipot, uma empresa de planejamento federal cujos trabalhos foram até agora atualizados nos quatro Estados do sul, esse planejamento está em fase de implantação para os outros Estados, e se refere apenas às estradas federais. As estradas estaduais ou municipais escapam a essa planificação, e a situação do seu planejamento específico varia segundo o caso. Devemos, então, nos limitar, a este propósito, a fazer figurar apreciações indicativas relativas a uma

parte da despesa e a estabelecer uma lista de operações viárias que cada organismo competente no Brasil estaria, nos próximos meses, em condições de orçar.

Por outro lado, apresentamos em anexo um recenseamento exaustivo, calculado em quilômetros, de todas as estradas brasileiras que poderiam ter alguma incidência sobre o conjunto da valorização do patrimônio artístico e arquitetônico, sem limitar esse recenseamento às regiões e aos conjuntos prioritários que descrevemos. É certo que, sem querer pretender manifestar a mesma incidência sobre o turismo internacional que as operações prioritárias integradas no presente projeto, a melhoria das ligações de todos os sítios e monumentos brasileiros à rede rodoviária teria uma incidência positiva sobre o desenvolvimento do turismo interno.

Uma coordenação não menos estreita deve ser estabelecida entre o plano geral de desenvolvimento cultural e as alocações do programa da Embratur, cujo capital permite de hoje até 1971 uma planificação de investimentos da ordem de 4 milhões de dólares anuais. Acrescentemos que, além desse capital destinado a investimentos diretamente lucrativos, como a hotelaria, a Embratur terá a seu dispor recursos destinados a seu funcionamento provenientes principalmente da emissão de um selo sobretaxado pelas disposições fiscais apropriadas; e enfim, de uma verba provisional para instalação de 800.000 dólares.

Nessas condições fazem falta, sobretudo, recursos referentes a:

- (a) estritamente à salvaguarda e à valorização do patrimônio artístico;
- (b) infra-estrutura geral dos conjuntos e infra-estrutura urbana que torne socialmente viável a inserção dos bairros antigos no desenvolvimento;
- (c) apoio às manifestações culturais exemplares, aos centros de estudos etnológicos, à preservação das culturas tradicionais;
- (d) organização dos intercâmbios da juventude internacional e da cooperação do Brasil com seus próprios visitantes neste plano de conjunto de salvaguarda.

9. Dilemas brasileiros

Apresentamos os motivos pelos quais parece que o Brasil está menos preparado que os demais países para entrar no combate turístico em uma perspectiva apenas competitiva e quantitativa. É mais ao aprofundar o contato, criando laços de familiaridade cultural (nas correspondências com a latinidade, com a negritude e com as raízes indígenas) do que no plano do turismo de massa que o Brasil poderá criar seu próprio “mercado”, em lugar de submeter-se com atraso às leis em vigor em um mercado no qual estaria em inferioridade e com o qual até o momento esteve muito pouco envolvido. Esse aprofundamento do conhecimento não deve fazer temer que se descubram suas carências e até mesmo suas tragédias. Aí está a verdadeira exposição do solo e da alma brasileiras desnudados. O Brasil é um país onde as circunstâncias históricas e geográficas empurraram os “contrastes naturais” até o estado de dramas humanos permanentes e manifestos. Uma fatalidade que agora é hora de conjurar. Mas não se resolve um drama sem antes ficar fascinado por seus dilemas. Este é o caminho a ser mostrado de agora em diante ao visitante.

10. A alma conscienciosa do velho Brasil

Aqui, em São Paulo, uma metrópole desordenada em plena expansão industrial e demográfica que atrai homens de negócios do mundo inteiro, pólo econômico cujas “recaídas” devem beneficiar a urbanização dos sítios urbanos após tantos deles terem sido destruídos. Lá, em Recife, ao lado da miséria humana extrema, jardins paradisíacos, Olinda e suas torres sineiras brancas alinhadas junto ao mar, a tomada de consciência da proximidade do paraíso e do inferno na terra do *Orfeu Negro*. Entre esses extremos, a alma conscienciosa e reta do velho Brasil naufraga. Contudo, foi ela que até aqui salvou tudo o que podia ser salvo: foi ela que conseguiu esse milagre provisório, obra da salvaguarda da arquitetura antiga como esse outro milagre da proteção indígena.

Mas se, contra a tolice e a crueldade, os critérios da inteligência e da consciência pesassem, estes estariam infinitamente mais desarmados diante da infalibilidade das transformações econômicas, da estagnação ou da degradação de determinados setores e da explosão de outros.

É nesta falha que se evidencia a necessidade de cooperação. É preciso que a mutação da cultura brasileira seja bem-sucedida, porque é na riqueza cultural que residem simultaneamente sua permanência e suas possibilidades de desenvolvimento, e até mesmo de recuperação econômica e de reencontro de seu equilíbrio.

Sendo assim, é preciso insinuar a cooperação nas melhores aptidões do terreno, e onde residem, ao mesmo tempo os mais iminentes perigos: o gosto irresistível do brasileiro pela construção e pela “festa”, que é tanto uma ameaça como um fundamento do futuro. No que se refere à infra-estrutura administrativa, sabe-se que ela é desigual e que, com brilhantes exceções, tais como especialmente o “Patrimônio”, permaneceu durante muito tempo confusa em suas intenções e impotente em sua ação.

11. A participação universitária e as instâncias locais

É com os governos dos Estados e, no plano técnico, com as universidades e os institutos universitários, que de agora em diante seria preciso trabalhar estreitamente para cumprir a tarefa que preconizamos.

No plano humano, as universidades transbordam de dedicação e competências. Entretanto, elas são desigualmente equipadas. (Citamos como exemplo a Universidade de Brasília).

Quanto às autoridades estaduais, nós, com certeza, não pudemos visitar todas as envolvidas. Os governadores da Bahia e do Maranhão manifestam, em todo caso, disposições extremamente favoráveis aos projetos evocados, aos quais dão todo apoio. A fundação que o governador Luís Viana criou em Salvador deve ser uma dessas estruturas-tipo nas quais as intenções aqui manifestadas poderão se tornar realidade.

12. As urgências

Frente à magnitude dos projetos e à sua diversidade, podemos ventilar seu financiamento em duas urgências. Existe, porém, uma tal autonomia entre os diferentes projetos que a referência à urgência é menos da ordem de uma classificação por prioridade de interesse do que do ritmo

próprio a ser definido para cada operação geográfica. Contudo, para conhecer o ritmo útil da disponibilidade dos investimentos de cada operação, seria preciso realizar um estudo de viabilidade, para o qual não possuímos elementos de apreciação. Indicamos, portanto, duas faixas de urgência sem determinar para cada uma delas uma duração precisa.

É preciso também evitar incitar o governo a obter empréstimos em um momento em que ele não estaria em condições de investir em operações adequadas, pois seria obrigado a pagar juros sem a contrapartida de lucros. No entanto, um período de quatro anos, para dividir a primeira urgência, e um segundo período, igual, para a segunda urgência, me parecem plausíveis. Naturalmente, as operações administrativamente mais amadurecidas (Salvador, Parati) são prioritárias na primeira urgência. O que não significa que as operações de Olinda ou de Alcântara sejam secundárias. Somente no caso em que se devesse limitar globalmente o empréstimo internacional a uma quantia inferior à prevista aqui, seríamos levados a ventilar as operações de modo totalmente diferente, limitando algumas e suprimindo outras. As operações de Salvador, São Luís, Alcântara, Olinda, Igaracu, Parati e do conjunto de Minas Gerais permaneceriam prioritárias. Mas, no interior de cada uma dessas economias, elas formam um todo, e amputá-las seria comprometê-las.

13. Equilíbrio regional

Assim como tivemos a preocupação com um certo equilíbrio regional correspondendo às diversas possibilidades de apelo turístico (Rio Grande do Sul, voltado, por exemplo, para a Argentina), Recife, Olinda, Bahia, São Luís e Alcântara, integráveis nas visitas do norte da América Latina (Peru, México, norte do Brasil), e com a natureza de operações de caráter diferente e complementar a fim de não colocar o êxito global na dependência de uma fórmula única, é assim que vemos que as melhores condições para uma ampla operação urbana estão reunidas em Salvador. Para uma cooperação da juventude internacional, Recife – Olinda; para uma operação extensiva – toda a região de Minas Gerais; para uma associação de desenvolvimento cultural e de desenvolvimento agrícola, Alcântara (Maranhão), e para o acolhimento de congressistas internacionais, as fazendas em torno de São Paulo.

14. Estudo de rentabilidade

Enfim, é-nos apenas possível esboçar a orientação de um estudo de rentabilidade. Apressemos-nos em levantar algumas hipóteses. Tudo o que pode ser feito em favor da salvaguarda da natureza não pode, a curto prazo, ter algum efeito sobre o turismo, e, portanto, sobre uma rentabilidade direta ou indireta de entrada de divisas. Mas a luta contra o desmatamento não é menos indispensável; a vigilância das florestas e dos monumentos nacionais como o município de Parati é recomendável. Os deslizamentos de terra que podem ser evitados com a suspensão dos desmatamentos, o reflorestamento e os trabalhos pedológicos são incalculáveis e de ordem conjuntural. Ainda que estatisticamente seguros, alguns têm uma importante incidência financeira e humana.

O mesmo ocorre no que se refere às operações de ordem da salvaguarda cultural (tradições e arquitetura). O que existe, quaisquer que sejam as ameaças que pesam sobre elas, constitui no

estado em questão, a atração turística, o capital de base: se é preciso realizar um plano de conservação, é porque daqui a 20 anos ele estará destruído ou arruinado em pelo menos dois terços se a tendência dos últimos 20 anos perdurar. Os benefícios reais auferidos, porém, por uma política de integração desse patrimônio em operações urbanísticas ultrapassam em muito, no caso presente, a incidência turística. A organização de festivais, o incremento de festas tradicionais, a melhora da malha viária e das ligações rodoviárias, a infra-estrutura hoteleira, o desenvolvimento do artesanato, a implantação de cidades de artistas (como em Olinda) e um grande esforço de informação no sentido indicado são os meios precisos para um desenvolvimento do turismo. Mas, a partir da precária base do rendimento do turismo atual, não é imprudente orçar o aumento de alguma forma automático do turismo brasileiro sob o simples efeito do crescimento universal do fenômeno, à taxa anual de 10% do montante do ano precedente. Com base nos dados atuais (1966) de 100.000 visitantes anuais, com uma permanência média de oito dias, contamos 800.000 dias, com uma média de 50 dólares por dia (considerando os transportes), o que representa um rendimento de 40 milhões de dólares e, em conseqüência, uma progressão em dólares de:

4 milhões	no primeiro ano	para uma renda de	40 milhões
4,4 milhões	no segundo ano	para uma renda de	44 milhões
4,8 milhões	no terceiro ano	para uma renda de	48,4 milhões
5,3 milhões	no quarto ano	para uma renda de	53,2 milhões
5,85 milhões	no quinto ano	para uma renda de	58,5 milhões
6,4 milhões	no sexto ano	para uma renda de	64,35 milhões
7 milhões	no sétimo ano	para uma renda de	70,8 milhões
7,8 milhões	no oitavo ano	para uma renda de	77,8 milhões

Face a uma disponibilidade de 50 milhões de dólares em dez anos em um ritmo de 5 milhões de dólares por ano, implicam em 5% os juros seguintes:

Primeiro ano	250.000 dólares para	5 milhões de dólares
Segundo ano	500.000 dólares para	10 milhões de dólares
Terceiro ano	750.000 dólares para	15 milhões de dólares
Quarto ano	1.000.000 dólares para	20 milhões de dólares
Quinto ano	1.250.000 dólares para	25 milhões de dólares
Sexto ano	1.500.000 dólares para	30 milhões de dólares
Sétimo ano	1.750.000 dólares para	35 milhões de dólares
Oitavo ano	2.000.000 dólares para	40 milhões de dólares
Nono ano	2.250.000 dólares para	45 milhões de dólares
Décimo ano	2.500.000 dólares para	50 milhões de dólares

A partir do décimo primeiro ano, será necessário começar a reembolsar, e ver-se-á diminuir os juros de acordo com um quadro inverso do quadro acima. Se o reembolso se dá igualmente em 10 anos, o décimo primeiro ano exigirá uma disponibilidade máxima de 7,5 milhões de dólares (5:2), enquanto o desenvolvimento teria atingido 7,8 a partir do oitavo ano e 9,5 milhões no décimo ano.

É preciso levar em consideração, contudo, que essa renda entrará apenas em uma parte relativamente reduzida de impostos no caixa da Prefeitura (20%). Nem por isto a operação deixa de ser amplamente positiva.

Com base em uma renda da Prefeitura de 20% da renda nacional (é preciso levar em consideração, no Brasil, a repartição nos níveis da federação, Estados e municípios), obtemos as seguintes disponibilidades de créditos de investimento:

1º ano	4,75	÷	$\frac{4 \times 20}{100}$	(seja 0,80)	=	5,5
2º ano	4,50	÷	$\frac{4,4 \times 2}{10}$	(seja 0,88)	=	5,38
3º ano	4,25	÷	$\frac{4,8 \times 2}{10}$	(seja 0,96)	=	5,21
4º ano	4	÷	$\frac{5,3 \times 2}{10}$	(seja 1,06)	=	5,06
5º ano	3,75	÷	$\frac{5,8 \times 2}{10}$	(seja 1,16)	=	4,91
6º ano	3,50	÷	$\frac{6,4 \times 2}{10}$	(seja 1,28)	=	4,78
7º ano	3,25	÷	$\frac{7 \times 2}{10}$	(seja 1,40)	=	4,65
8º ano	3	÷	$\frac{7,8 \times 2}{10}$	(seja 1,56)	=	4,56
9º ano	-2,75	÷	$\frac{8,6 \times 2}{10}$	(seja 1,72)	=	4,47
10º ano	-2,50	÷	$\frac{9,4 \times 2}{10}$	(seja 1,88)	=	4,38

Os reembolsos aparecem, desta maneira, a partir do décimo primeiro ano. Contudo, só levamos em conta para este cálculo uma progressão aritmética da clientela turística sobre a base de 10% do montante do ano precedente. Na medida em que uma média de 5 milhões de dólares por ano é investida em equipamento e manutenção, valorização e publicidade, podemos considerar que, a partir de um determinado número de anos, a taxa de crescimento se elevará acima de 10%, ao mesmo tempo que as empresas comerciais apoiadas começarão

a reembolsar os empréstimos ao Estado. Esse crescimento turístico, na verdade incalculável, ajudará, ele também, a ultrapassar o período de dez anos de reembolso do Estado aos credores internacionais.

Em todo caso, as disponibilidades oferecidas à Embratur constituem uma margem permanente de segurança quase igual (4 milhões de dólares de investimentos anuais) a uma operação de empréstimo internacional. Trata-se de saber como irão se coordenar um e outro, a que especialidades de investimento cada qual irá se consagrar e se uma parte de um será alimentada por uma parte do outro. É essa decisão que permitirá calcular exatamente a parte dos investimentos cuja renda será direta e aquela cuja renda será indireta (estando entendido, por exemplo, que um hoteleiro paga os juros anuais das quantias investidas e os reembolsa ao Estado, que é apenas um simples intermediário entre o credor e o hoteleiro, enquanto o financiamento dos trabalhos de infra-estrutura municipal, das obras viárias ou de restauração dos monumentos têm apenas um efeito indireto no crescimento da renda global).

15. Recomendações de assistência técnica

(a) Caso particular de Parati

Já sugerimos, para responder ao pedido formulado em favor da nomeação de um especialista para Parati, que essa missão fosse confiada ao Sr. Limburg-Stirum, que já realizou um anteprojeto do plano de urbanização aprovado pelo governo. Mas, para tornar possível a execução do projeto, seria preciso que sua missão fosse prolongada por um ano pela Unesco, ou pelo governo brasileiro, de forma a permitir que o projeto se traduzisse em um plano urbanístico efetivo e integrasse o detalhamento da alocação dos recursos do empréstimo internacional destinado a Parati, e, por fim, para apoiar as autoridades brasileiras na montagem de uma estrutura de funcionamento administrativo e financeiro própria para a gestão da operação.

(b) Bolsas de estudo para técnicos brasileiros

Após a estada de um pintor restaurador em Bruxelas (convidado pelo governo belga) e de uma bolsa de estudo dada pela Unesco para Roma ao Sr. Paulo Azevedo, arquiteto do “Patrimônio”, acredito que seria desejável multiplicar as bolsas de estudo em favor de jovens técnicos brasileiros. Seria mais útil para a área da arqueologia e da arquitetura enviar alguns bolsistas brasileiros à Europa ou ao México do que trazer especialistas ao Brasil, pois a competência dos especialistas brasileiros é incontestável: eles são apenas pouco numerosos para o projeto previsto, e é necessário despertar o interesse de jovens estudantes. Mas a condição necessária para que esses bolsistas tenham uma colocação é a adoção, pelo governo brasileiro, do plano de desenvolvimento administrativo do “Patrimônio”, já sugerido pelo próprio governo.

(c) Especialistas em edafologia

Fui informado, aqui no Brasil, que um especialista em edafologia havia sido enviado pela Unesco para estudar a salvaguarda da igreja de São Bento, em Olinda, ameaçada pelo deslizamento de uma colina. Seria preciso conhecer o resultado efetivo reservado para esse es-

tudo e prever algumas missões análogas, permitindo tratar os casos referentes às áreas que constituem o objeto do plano de desenvolvimento cultural e turístico apoiado pela Unesco. E em Parati, em particular, um erro parece ter sido cometido pelos serviços que retificaram o leito do rio que corta a cidade. Outro erro parece ter sido cometido em Cabo Frio. Uma vez definido o plano geral, um perito em edafologia poderia ser encarregado de estudar atenta e sistematicamente as questões pedológicas apresentadas pelas áreas levantadas no plano a ser financiado. Entre as condições a serem preenchidas para a disponibilidade do empréstimo global, figuraria a implementação das recomendações desse perito. Poderiam, igualmente, figurar nele recomendações especialmente referentes ao futuro da floresta brasileira, de acordo com a FAO (contato que deveria ser feito com o Sr. J. Prato Laurado, chefe da *Institution Section* da FAO, em Roma – sala B-522), para ajustar as recomendações das duas instituições.

(d) Cooperação para obras internacionais

Insistimos no caráter de cooperação de que poderiam se revestir especialmente as experiências concentradas em Olinda, cidade onde já se reúnem jovens artistas, e em Igarauçu, onde pode ser criado um albergue da juventude. Essas duas cidades são vizinhas de Recife e dos maiores e mais trágicos espetáculos de miséria das favelas do Brasil. As tradições culturais (religiosas, teatrais, artesanais, pictóricas, musicais) são igualmente muito significativas em Recife, e os artistas que querem retomar seu desenvolvimento não dispõem dos meios necessários. É nas vizinhanças de Recife e depois no entorno de Salvador, vinculando-a neste caso, à operação de renovação urbana, que poderiam ser empreendidas duas amplas operações de cooperação das juventudes em um esquema triangular Europa, África, Brasil.

Essa sugestão ultrapassa os limites do presente estudo, mas pode-se pensar que a França e o Senegal, especialmente, poderiam dedicar a tal experiência um interesse particular. Seria preciso que no interior do quadro do plano geral ela fosse estudada primeiramente na própria sede da Unesco, no Comitê de Especialistas, reunindo os países e as especialidades envolvidas. É de bom grado que ofereço minha colaboração ao Senhor Diretor-Geral da Unesco e a esse Comitê de Especialistas no âmbito de minha presente missão.

(e) Arqueologia pré-colombiana

As importantes descobertas recentes na Amazônia peruana podem deixar pendente a questão de saber se no território da Amazônia brasileira existiriam tesouros de arte pré-colombiana ignorados. O balanço artístico brasileiro nessa área é fraco: a importante etnologia indígena que, da Amazônia ao Mato Grosso, ainda tem uma tarefa a ser realizada rapidamente: – ser exaltada pela descoberta de vestígios arquitetônicos. Antes de encerrar um projeto de assistência cultural ao Brasil orientado para o patrimônio arquitetônico e para o turismo internacional, seria preciso responder sem ambigüidades aos especialistas esta pergunta: Pode-se estimar que uma determinada parcela da cooperação internacional possa ser consagrada utilmente a missões de pesquisa (especialmente associada ao impacto das pesquisas petrolíferas), de tal modo que seja possível conjecturar descobertas, ou dar um impulso decisivo à etnologia indígena e fazer dela um elemento que reanime o turismo

amazônico? Por outro lado, que melhorias técnicas poderiam beneficiar o turismo amazônico? Qual é seu nível de desenvolvimento possível, considerando a evolução dos fatores saneamento, segurança e conforto dos meios, de seu uso?

(f) Plano de organização dos festivais

A idéia de festivais musicais ou teatrais se impôs em Ouro Preto. Ela pode se afirmar em Olinda e em Salvador. Um espetáculo de som e luz poderia ser lançado em São Miguel (Rio Grande do Sul). A arte teatral, apesar de seu despojamento, está em plena fase de renovação e, ao mesmo tempo, de volta às raízes no Brasil. Uma companhia brasileira se destacou nas competições mundiais de teatro universitário. Alguns jovens do teatro latino-americano estão na Europa na vanguarda da renovação da arte cênica. A Unesco poderia ajudar na sistematização dos intercâmbios? E, por exemplo, o sucesso de um Vitor Garcia em Portugal, e em seguida na Bienal de Paris, poderia encontrar, por meio de um plano coordenado dos festivais brasileiros – que poderia preparar, com a cooperação do Ministério da Cultura, do Sr. Agostinho Olavo Rodrigues, secretário-geral do IBICC (Comissão Nacional da Unesco) –, um terreno de eleição que serviria ao prestígio do patrimônio monumental brasileiro e seu desenvolvimento turístico. A Fundação Gulbenkian talvez se interessasse por tais projetos.

(g) Recomendações gerais

É evidente que, além dessa primeira abordagem dos problemas, outras serão necessárias, referentes:

1. Ao ajuste da imbricação da renovação dos bairros antigos no interior dos planos gerais de urbanismo, como o estudo que está sendo realizado em Parati e que poderia, proximoamente, começar a ser executado em Salvador.
2. Ao estudo financeiro geral, ao estudo de viabilidade pelos especialistas locais, ao estudo de rentabilidade.

Eu não poderia, para terminar, deixar de recomendar suficientemente associar à concessão do empréstimo algumas reformas evocadas ao longo deste estudo, em particular o aperfeiçoamento do pessoal do “Patrimônio” conforme o plano estabelecido pelo próprio governo; associar também as diferentes partes do projeto em um conjunto global, porque não seria, na minha opinião, favorável a ninguém limitá-lo a operações que visassem apenas uma rentabilidade imediata. É somente na reestruturação geral da vida urbana que o patrimônio monumental poderá ser preservado. E é somente na reestruturação rural que a natureza poderá ser salvaguardada.

Estimativas

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTALS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
RIO DE JANEIRO						
<u>I. PARATILÉ BAÍA DA ILHA GRANDE</u>						
Reconstituição da pavimentação das ruas. Colocação em subterrâneo da rede elétrica e telefônica. Infra-estruturas diversas [água e esgotos]. Agrupamento das antenas de TV, etc.	-	60	-	-	-	60
Urbanização portuária	-	100	-	80	-	180
Restauração dos edifícios públicos tombados [DPHAN]	100	-	20	-	120	-
Aquisição de casas antigas e respectiva restauração	40	-	40	-	80	-
Participação em restaurações particulares	170	-	150	-	320	-
Aquisição de terreno para reserva de área verde	-	100	-	20	-	120
Urbanização do morro de Vila Velha	10	-	10	-	20	-
Acomodação do rio Perequê-Açu	-	20	-	-	-	20
Equipamento cultural	-	10	-	-	-	10

Operações	Em milhares de dólares						
	1ª urgência		2ª urgência		TOTALS		Investimentos
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	
RIO DE JANEIRO							
Reflorestamento	-	30	-	-	-	-	30
Vigilância florestal [equipamento]	-	10	-	-	-	-	10
Empréstimo hoteleiro	-	200	-	200	-	-	400
Reanimação cultural	-	50	-	50	-	-	100
Organização viária Parati-Bunho	-	400	-	-	-	-	400
Organização viária Angra dos Reis-Parati [part.]	-	200	-	150	-	-	350
Edafologia [diversas operações]	-	110	-	50	-	-	160
TOTAL PARATI	320	1.390	210	550	530	1.940	
ANGRA DOS REIS E BAÍA							
Restauração dos imóveis tombados	30	-	30	-	-	-	60
Urbanização portuária	-	100	-	-	-	-	-
Plataforma em Mambucaba	-	50	-	-	-	-	50
Urbanização da praça da Matriz	50	-	50	-	100	-	-
Melhoria viária ligando Angra dos Reis à auto-estrada Rio-São Paulo	-	100	-	-	-	-	100
Informações turísticas e publicitárias sobre Parati e a Baía da Ilha Grande	-	20	-	20	-	-	40
TOTAL ANGRA E BAÍA	80	270	80	20	160	290	2.230
TOTAL PARA PARATI E BAÍA DA ILHA GRANDE	400	1.660	290	570	690	2.920	

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTAIS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
RIO DE JANEIRO						
<u>II. CABO FRIO E LAGOA DE ARARUAMA</u>						
Restauração dos imóveis tombados	15	-	-	-	15	-
Reconstrução das ruas	-	10	-	-	-	10
Equipamento hoteleiro	-	200	-	-	-	200
Coleta de objetos de tradição popular	10	-	10	-	20	-
Participação em restaurações particulares	170	-	150	-	320	-
Oficinas de artesanato	-	10	-	10	-	20
Museu de Arte e de Tradição Popular	30	20	30	20	60	40
Estudos para esses três projetos	5	-	-	-	5	-
Restauração do Convento Pedro d'Aldeia	20	-	-	-	20	-
Melhoria da estrada litorânea	-	200	-	200	-	400
Melhoria da estrada interna	-	400	-	-	-	400
TOTAL PARA O RIO DE JANEIRO	480	2.510	330	810	810	3.320
		2.990		1.140		4.130

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTAIS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
BAHIA						
<u>III. SALVADOR</u>						
<u>PELOURINHO-ANCHIETA E SOLEDADE</u>						
Infra-estrutura do conjunto do Pelourinho - Anchieta [água, esgotos, eletricidade, telefone, etc.]	-	1500	-	500	-	2000
Restauração de edifícios públicos tombados	800	-	560	-	1360	-
Aquisição de casas da Praça do Pelourinho	-	300	-	200	-	500
Indenizações aos locatários	-	100	-	100	-	200
Reforma interna das casas da Praça do Pelourinho	-	300	-	100	-	400
Renovação das fachadas	500	-	100	-	600	-
Reestruturação hoteleira	-	300	-	100	-	400
Reestruturação comercial	-	100	-	100	-	200
Aquisição de outros conjuntos [Anchieta - Pelourinho]	-	400	-	100	-	500
Urbanização de superfícies livres e de jardins	-	-	-	100	-	100
Reforma de interiores desta 2ª etapa	-	200	-	400	-	600
Restauração das fachadas da 2ª etapa	300	-	400	-	700	-
Empréstimos para artesanato e comércio	-	300	-	300	-	600
Reestruturação hoteleira [2ª etapa]	-	100	-	300	-	400

Operações	Em milhares de dólares						
	1ª urgência		2ª urgência		TOTALS		Investimentos
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	
BAHIA							
Reestruturação comercial [2ª etapa]	-	-	-	200	-	200	200
Aquisição [3ª etapa]	-	200	-	200	-	200	400
3ª etapa de trabalhos no Pelourinho-Anchieta [operação de restauração de fachadas]	-	-	400	-	-	400	-
3ª etapa de reformas de interiores	-	-	-	800	-	800	800
Outras reordenações de espaços livres	-	-	-	100	-	100	100
Complementos diversos e imprevistos	200	400	200	400	400	400	800
Publicidade e informação	-	200	-	200	-	200	400
Gestão	-	400	-	400	-	400	800
TOTAL PELOURINHO	1.800	4.800	1.660	4.600	3.460	9.400	12.860
BAIRRO DA SOLEDADE							
Infra-estrutura	-	100	-	-	-	-	100
Restauração de fachadas e telhados	50	-	100	-	200	-	-
Reforma interna comercial, hoteleira e de imóveis alugados	50	150	-	100	50	250	250
Terraços e jardins	-	-	-	100	-	100	100
Desvio parcial do trânsito [urbanização da rua inferior]	-	50	-	-	-	50	50
Publicidade e gestão	-	50	-	50	-	100	100

Operações	Em milhares de dólares						
	1ª urgência		2ª urgência		TOTALS		Investimentos
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	
BAHIA							
Diversos e imprevistos	-	50	-	50	-	-	100
TOTAL SOLEDADE	150	400	100	300	240		700
		550		400			950
<u>OUTROS ENCARGOS PARA SALVADOR</u>							
Etnologia [atividades culturais]	-	100	-	100	-	-	200
Museografia [atividades culturais]	-	100	-	100	-	-	200
Artesanato [atividades culturais]	-	100	-	100	-	-	200
TOTAL	-	300	-	300	-	-	600
TOTAL PARA SALVADOR							
Pelourinho-Anchieta	1.800	4.800	1.660	4.600	3.460		9.400
Soledade	150	400	100	300	250		700
Diversos	-	300	-	300	-		600
TOTAL	1.950	5.500	1.760	5.200	3710		10.700
		7.450		6.960			14.410
<u>IV. CACHOEIRA</u>							
Restauração	130	-	100	-	230	-	-
Museu	20	-	-	-	20	-	-
Infra-estrutura hoteleira	-	150	-	50	-	-	200
Acesso viário	-	300	-	300	-	-	600

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTALS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
BAHIA						
Estudos edafológicos	-	150	-	150	-	300
TOTAL CACHOEIRA	150	600	100	500	250	1.100
		750		600		1.350
V. CONVENTO DE BELÉM						
Restauração	20	-	-	-	20	-
Estrada	-	50	-	50	-	100
Hotelaria	-	50	-	50	-	100
TOTAL CONVENTO DE BELÉM	20	100	-	100	20	200
		120		100		220
VI. CASTELO DA TORRE DE GARCIA D'ÁVILA						
Pesquisa arqueológica e restauração	60	-	-	-	60	-
Reestruturação hoteleira	-	100	-	-	-	100
Organização viária	-	200	-	100	-	300
Ponte	-	200	-	-	-	200
TOTAL TORRE GARCIA D'ÁVILA	60	500	-	100	60	600
		560		100		660
TOTAL PARA A BAHIA		8.880		7.760		16.640

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTAIS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
MINAS GERAIS						
<u>VII. OURO PRETO</u>						
Restauração de igrejas [organização]	500	-	500	-	1000	-
Plano diretor [estudo]	-	50	-	-	-	50
Infra-estrutura	-	500	-	300	-	800
Restauração de construções particulares [auxílio]	-	150	150	-	300	-
Jardins, espaços verdes e trabalhos edafológicos	-	300	-	200	-	500
Casa dos Contos	20	-	-	-	20	-
Museu	10	-	-	-	10	-
Organização hoteleira	-	50	-	100	-	150
Animação cultural [festival e oficinas]	-	100	-	100	-	200
Desvio viário [estação rodoviária]	-	900	-	-	-	900
Empréstimo hoteleiro	-	50	-	50	-	100
Publicidade artística e turística	-	100	-	100	-	200
TOTAL OURO PRETO	680	2.050	650	850	1.330	2.900
		2.730		1.500		4.230

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTALS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
MINAS GERAIS						
VIII. <u>OUTRAS CIDADES</u>						
Sabará [restauração e reestruturação]	200	250	100	250	300	500
Mariana	200	250	100	250	300	500
Congonhas do Campo	200	250	50	200	250	450
São João del Rei	20	20	120	120	140	140
Tiradentes	20	20	120	120	140	140
TOTAL OUTRAS CIDADES	640	790	490	940	1.130	1.730
		1.430		1.430		2.860
IX. <u>VALORIZAÇÃO GERAL</u>						
Serviço aéreo [ligações por helicóptero, pista de aviação de turismo em Ouro Preto]	-	600	-	400	-	1.000
Melhoria do tráfego viário	-	400	-	600	-	1.000
Publicidade geral	-	200	-	100	-	300
Organização do circuito das estações rodoviárias	-	500	-	200	-	700
TOTAL	-	1.700	-	1.300	-	3.000
TOTAL PARA MINAS GERAIS						
Ouro Preto		2.730		1.500		4.230
Outras cidades		1.430		1.430		2.830
Valorização geral		1.700		1.300		3.000
TOTAL		5.860		4.230		10.090

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTAIS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
PERNAMBUCO						
<u>X. OLINDA</u>						
Plano urbanístico [estudo]	-	20	-	-	-	20
Restauração	200	-	200	-	400	-
Infra-estrutura - solo: ruas e estradas	-	760	-	400	-	1.160
Trabalhos edafológicos [São Bento]	-	50	-	-	-	-
Casa dos artistas	-	20	-	-	-	20
Manutenção de imóveis particulares [auxílio]	100	-	100	-	200	-
Sustentação dos jardins	-	30	-	100	-	130
Ações culturais diversas	-	20	-	50	-	70
Artesanato	-	30	-	40	-	70
Organização de festivais	-	60	-	30	-	90
Publicidade turística	-	30	-	30	-	60
Empréstimo hoteleiro	-	80	-	130	-	210
TOTAL OLINDA	300	1.100	300	780	600	1.880
		1.400		1.080		2.480

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTAIS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
PERNAMBUCO						
<u>XI. IGUARACU</u>						
Plano urbanístico [estudo]	-	20	-	-	-	20
Restauração	300	-	200	-	500	-
Infra-estrutura [solo, ruas e estradas]	-	300	-	200	-	500
Manutenção de imóveis particulares	50	-	50	-	100	-
Albergue da juventude	-	30	-	20	-	50
Ações culturais diversas	-	20	-	20	-	40
Empréstimo hoteleiro	-	30	-	20	-	50
Publicidade turística	-	30	-	20	-	50
TOTAL IGUARACU	350	430	250	280	600	710
		780		530		1.310

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTAIS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
PERNAMBUCO						
XII. RECIFE						
1. ENTORNOS [Paulista]						
Estrada de acesso a Pau Amarelo	-	50	-	-	-	50
Reestruturação do porto de Pau Amarelo	10	-	-	-	10	-
1. ENTORNOS [ao norte de Recife]						
Reorganização hoteleira	-	100	-	50	-	150
Urbanização balneária	-	100	-	-	-	100
Restauração de Nossa Senhora dos Prazeres	10	-	-	-	10	-
Urbanização do Parque dos Guararapes	-	10	-	-	-	10
Estrada de Nossa Senhora de Nazaré do Cabo	-	50	-	-	-	50
Restauração de Nossa Senhora de Nazaré	10	-	10	-	20	-
2. MONUMENTOS DE RECIFE						
Restauração	200	-	100	-	300	-
TOTAL RECIFE	230	310	110	50	340	360
		540		160		710
TOTAL PARA PERNAMBUCO						
Olinda		1.400		1.080		2.480
Igarapé		780		530		1.310
Recife e entorno		540		160		710
TOTAIS		2.720		1.770		4.500

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTAIS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
MARANHÃO						
XIII. <u>SÃO LUÍS</u>						
Restauração de edifícios públicos	200	-	400	-	600	-
Restauração de imóveis particulares [auxílios]	150	-	150	-	300	-
Reforma de interiores [investimentos comerciais]	-	150	-	150	-	300
Urbanização universitária [alojamentos ou moradias de aluguel]	-	100	-	300	-	400
Plano diretor [pesquisa]	-	100	-	-	-	100
Infra-estrutura	-	400	-	500	-	900
Reestruturação portuária	-	200	-	100	-	300
Urbanização balneária	-	200	-	100	-	300
Equipamento hoteleiro	-	500	-	200	-	700
Animação cultural	-	100	-	100	-	200
Estradas	-	300	-	300	-	600
Publicidade	-	100	-	100	-	200
TOTAL SÃO LUÍS	350	2.150	550	1.850	900	400
		2.500		2.400		4.900

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTAIS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
MARANHÃO						
XIV. <u>ALCÂNTARA</u>						
Plano diretor [estudo]	-	100	-	-	-	100
Restauração	300	-	100	-	400	-
Pista de aviação [ligações]	-	300	-	-	-	300
Ligação marítima	-	200	-	200	-	400
Urbanização	-	200	-	200	-	400
TOTAL ALCÂNTARA	300	800	100	400	400	1.200
		1.100		500		1.600

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTAIS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
PARÁ						
<u>XV. BELÉM</u>						
Santo Alexandre	50	-	-	-	50	-
Outros edifícios públicos	50	-	-	-	50	-
Desenvolvimento do turismo amazônico	-	150	-	150	-	300
Desenvolvimento do museu [canoas]	30	-	30	-	60	-
Arqueologia amazônica	20	-	20	-	40	-
Auxílio às restaurações particulares	20	-	20	-	40	-
Publicidade	-	50	-	50	-	100
TOTAL BELÉM	170	200	70	200	240	400
		370		270		640

PARANÁ						
<u>XVI. PARANAGUÁ</u>						
Plano diretor	30	-	-	-	30	-
Restauração de edifícios públicos	150	-	150	-	300	-
Infra-estrutura	-	200	-	200	-	400
Proteção de Vila Velha	10	-	-	-	10	-
Proteção de Foz do Iguacu e dos sambaquis	10	-	-	-	10	-

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTAIS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
Morretes e proteção da Graciosa	-	-	-	20	-	20
TOTAL PARANAGUÁ	200	200	150	220	350	420
		400		370		770

PARANÁ

SÃO PAULO	
XVII. CIRCUITO DAS FAZENDAS	
Conclusão das restaurações das fazendas [propriedade da DPHAN]	100
Mobiliário	10
Aquisição de outras fazendas [Tatuapé, Caxingui, Butantã]	150
Organização das outras fazendas	50
Restauração	50
Infra-estrutura hoteleira	150
Parque e lagoa de Santo Antônio	50
Via de ligação na auto-estrada	400
Ligação São Roque - Santo Antônio	300
Publicidade	30
TOTAL CIRCUITO DAS FAZENDAS	1.290
	1.290
	440
	1.730

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTALS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
RIO GRANDE DO SUL						
XVIII. <u>SÃO MIGUEL</u>						
Restauração de São Miguel	50	-	20	-	70	-
Outras "Reduções" [manutenção]	10	-	-	-	10	-
Estrada Santo Ângelo - São Miguel	-	400	-	200	-	600
Melhoria da pista de pouso de Santo Ângelo	-	300	-	-	-	300
Som e Luz de São Miguel	-	50	-	-	-	50
Hotelaria	-	50	-	50	-	100
Publicidade	-	20	-	30	-	50
TOTAL SÃO MIGUEL	60	820	20	280	80	1.100
		880		300		1.180

GOIÁS						
XIX. <u>GOIÁS</u>						
Praça principal [restauração, rua antiga]	100	-	100	-	200	-
Infra-estrutura [reestruturação]	-	500	-	500	-	1.000
TOTAL GOIÁS	100	500	100	500	200	1.000
		600		600		1.200

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTALS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
ESPÍRITO SANTO						
<u>ANCHIETA</u>						
Plano diretor	-	30	-	-	-	30
Restauração de Nossa Senhora da Assunção e outros edifícios	-	-	50	-	50	-
Urbanização [infra-estrutura]	-	100	-	100	-	200
Hotelaria	-	100	-	100	-	200
TOTAL ANCHIETA	-	230	50	200	50	430
		230		250		480
<u>SERRA</u>						
Restauração	-	100	30	100	300	200
TOTAL PARA O ESPÍRITO SANTO	-	100	30	100	30	200
		100		130		230

Operações	Em milhares de dólares					
	1ª urgência		2ª urgência		TOTAIS	
	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos	Monumentos e Sítios	Investimentos
SANTA CATARINA						
<u>FLORIANÓPOLIS</u>						
Restauração	30	100	30	100	60	200

GUANABARA						
<u>RIO DE JANEIRO</u>						
Estudos	-	100	-	-	100	-

DISTRITO FEDERAL						
<u>BRASÍLIA</u>						
Para memória	-	-	-	-	-	-

TOTAL OUTROS ESTADOS	130	1.030	210	900	340	1.930
		1.160		1.110		2.270

RECAPITULAÇÃO		1ª urgência			2ª urgência			TOTALS		
		Monum	Invest.	Total	Monum.	Invest.	Total	Monum	Invest.	Total
RJ	Parati e Ilha Grande	400	1.660	2.060	290	570	860	690	2.230	2.920
	Cabo Frio	80	850	930	40	240	280	120	1.090	1.210
BA	Salvador	1.950	5.500	7.450	1.760	5.200	6.960	3.710	10.700	14.410
	Cachoeira	150	600	750	100	500	600	250	1.100	1.350
	Belém [Bahia]	20	100	120	-	100	100	20	200	220
MG	Torre Garcia d'Ávila	60	500	560	-	100	100	60	600	660
	Ouro Preto	680	2.050	2.730	650	850	1.500	1.330	2.900	4.230
	Outras cidades	640	790	1.430	490	940	1.430	1.130	1.730	2.860
PE	Operações gerais	-	1.700	1.700	-	1.300	1.300	-	3.000	3.000
	Olinda	300	1.100	1.400	300	780	1.080	600	1.880	2.480
	Igarauçu	350	430	780	250	280	530	600	710	1.310
MA	Recife e entorno	230	310	540	110	50	160	340	360	710
	São Luís	350	2.150	2.500	550	1.850	2.400	900	4.000	4.900
	Alcântara	300	800	1.100	100	400	500	400	1.200	1.600
PA	Belém	170	200	370	70	200	270	240	400	640
PR	Paranáguá	200	200	400	150	220	370	350	420	770
SP	Fazendas	160	1.130	1.290	60	380	440	220	1.510	1.730
RS	São Miguel	60	820	880	20	280	300	80	1.100	1.180
Outros estados	Outras cidades	130	1.030	1.160	210	900	1.110	340	1.930	2.270
							TOTAL			48.450

Total _____ 48.450
Imprevistos [5%] _____ 2.420
TOTAL GERAL _____ 50.870

Agradecimentos à Unesco

Expressamos nossa gratidão ao senhor diretor-geral da Unesco, ao senhor diretor-geral adjunto e ao diretor do setor de Cultura da Unesco, pela confiança em nos terem confiado esta missão e de nos terem ajudado com conselhos para o seu cumprimento. No setor de Cultura, agradeço em particular ao Sr. Hardouin pelos cuidados especialmente atenciosos que reservou à minha missão.

É com prazer que manifestamos o quanto o chefe da Missão da Unesco no Brasil, o Sr. Howe, facilitou nossa tarefa e nos prestou um apoio constante. Foi, entre outros, graças à diligência do seu secretariado que pudemos, durante esse tempo relativamente curto que passamos no Rio, multiplicar os contatos administrativos. Também recebemos a ajuda eficaz do Sr. Albertal, chefe da Missão das Nações Unidas no Rio e de seus colaboradores.

Gostaríamos também de expressar nosso reconhecimento ao Embaixador Chagas, representante do Brasil junto à Unesco, em Paris, cujos conselhos e recomendações nos foram tão preciosos.

Desejamos, enfim, homenagear neste estudo a memória de Lourival Gomes Machado, que era um conhecedor bem avisado dos dilemas impostos à sua pátria, e que desejava que o empreendimento que introduz este estudo contribuísse para ajudar a resolvê-los.

Agradecimentos ao Brasil

Durante as duas estadas que compuseram minha missão, recebemos das autoridades brasileiras a melhor acolhida.

Fomos recebidos pelo ministro da Educação e da Cultura em exercício durante nossa primeira estada, e unicamente uma grave doença no final de nossa segunda estada nos impediu de apresentar nossos préstimos a seu sucessor.

O Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do “Patrimônio” desde 1936, e toda sua equipe, foram nossos guias constantes e amigos através do Brasil; o mais longo périplo foi efetuado na companhia do Sr. Renato Soeiro, o sucessor do Sr. Andrade na direção do “Patrimônio”.

Infinitamente preciosa foi a solicitude amigável do Sr. Miran Latif, presidente do ICOMOS, que, da mesma forma, nos acompanhou em nossa missão; o Sr. Agostinho Olavo Rodrigues, secretário executivo do IBECC (Comissão Nacional da Unesco) nos facilitou, igualmente, numerosos contatos, bem como o Sr. Wladimir de Souza, diretor da Embratur.

Entre os arquitetos brasileiros, encontramos, além de Lucio Costa, urbanista de Brasília e chefe do departamento de Estudos e Tombamento da DPHAN, Oscar Niemeyer, Henrique Mindlin e os representantes da nova geração.

Os arquitetos e arqueólogos da DPHAN por toda parte facilitaram minha tarefa e demonstraram grande competência: no Rio os

senhores Soeiro, Salvatelli, Motta; na Bahia os senhores Godofredo Filho e Paulo Azevedo; em Recife o Sr. Carvalho e seus colaboradores; em São Paulo, o Sr. Saia; em Porto Alegre, o Sr. De Curtis; em Brasília, o Sr. Fernando Leal e Miranda; em Ouro Preto, o Sr. Fernandes e, em Belo Horizonte, o Sr. Joaquim Almeida.

Fomos também recebidos pelos diretores dos museus do Rio: Museu Nacional, Museu de Belas-Artes, Museu de Arte Moderna, por Dom Clemente, diretor do Museu de Arte Sacra da Bahia, bem como pelo escultor Mário Cravo, diretor do Museu Etnográfico.

Encontramos, igualmente, numerosos animadores de teatro: o escritor Ariano Suassuna e Hermílio Borba, do Teatro Popular do Nordeste, em Recife; Domitila Amaral, Antônio Barros, Bela Leme, Thais Bianchi, Surama Pena, Araújo, etc.

No Rio, encontramos numerosos artistas, como o célebre paisagista Burle Marx, e na Bahia, o pintor Lenio Braga. Na Bahia, igualmente, encontramos os etnólogos do Instituto Afro-Oriental, especialmente o Sr. Costa Lima, bem como o diretor da Empresa de Turismo da Bahia, Flávio Costa, dedicado à restauração do Pelourinho.

Na Bahia, o governador do Estado, Sr. Luís Viana, nos recebeu diversas vezes, bem como o prefeito de Salvador e o secretário de Estado da Educação e da Cultura, Sr. Coutinho, e seu sucessor, Sr. Arco. Encontramos numerosos naturalistas, especialmente M. G.

Pinto, diretor do Jardim Botânico e seu assessor, Sr. L. E. Paes, o engenheiro agrônomo Strang, diretor do Parque Nacional de Teresópolis; Magnanini, diretor do Parque Nacional da Tijuca e Tortorelli, encarregado na missão da Unesco para problemas florestais.

Em São Paulo, fomos recebidos pelo secretário de Comércio e pelo Sr. Matarazzo, fundador da Bienal. Fomos também acolhidos pela grande imprensa brasileira, especialmente por Adolpho Bloch, diretor da revista *Manchete* e pela Sra. Bittencourt, pelo presidente da Fundação Getúlio Vargas, L. S. Lopes. Encontramos também o presidente da Aliança Francesa, L. M. Falcão e o célebre sociólogo Gilberto Freire.

No Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores), encontramos o diretor de Relações Culturais, Sr. Romero, e seu colaborador, Sr. Francisco Alvim. Conhecemos, igualmente, o Embaixador J. Mello Franco e o diplomata Romero de Souza. Da mesma forma, fomos recebidos pelo eminente advogado do Escritório do Rio, Mestre Nabuco e pelo economista Poyares. Em São Luís, fomos recebidos por José Sarney, governador do Maranhão, pelo secretário de Obras, Haroldo Tavares e pelo arquiteto Prochnik.

Também tive uma ótima acolhida no Geipot, serviço de planejamento viário, e de seu diretor, o Sr. Moura.

Na residência de Wladimir de Souza, encontrei o diretor-geral da Embratur, Sr. J. da Silveira.

III

Reprodução documental
fac-similar

Distribution limitée

RM/AT/CONSULTANT

brésil

**Protection et mise en valeur
du patrimoine culturel brésilien
dans le cadre du développement
touristique et économique**

(24 novembre 1966 - 8 janvier 1967)

(19 avril - 1er juin 1967)

par M. Parent

**IPHAN
ARQUIVO**

MED. REG./SPHAN/DTG
Divisão de Registro e Documentação

N° de série : 492/BMS.RD/CLT
Paris, mars 1968

unesco

SOMMAIRE

INTRODUCTION : ORIENTATION GENERALE	8
PREMIERE PARTIE : NATURE ET CULTURES BRÉSILIENNES	14
A. <u>Le domaine naturel à préserver</u>	14
I. L'espace vacant	14
II. La côte brésilienne	14
B. <u>Le domaine culturel à préserver</u>	16
I. L'architecture ancienne	16
II. Les cultures traditionnelles	17
III. Tradition et modernité	19
IV. L'architecture contemporaine	20
C. <u>Aménagement et tourisme</u>	22
<u>Rapports entre la nature et la culture brésiliennes</u>	
I. La nature source de culture	22
II. Le martyre de la forêt	23
III. Etat des liaisons et leur amélioration	23
(a) Réseau routier	23
(b) Réseau aérien	24
(c) Réseau maritime et fluvial	24
IV. Tourisme et échanges culturels	25
V. Harmonisation du séjour	25
(a) Le cycle climatique	25
(b) L'accueil	26
D. <u>LA protection du patrimoine culturel au Brésil</u>	27
I. Le D.P.H.A.N.	27
(a) Structure du D.P.H.A.N.	27
(b) Nécessité de son développement	28
(c) Nécessité d'un accroissement de son budget	28
(d) Extension de la notion de protection	30
1. Les mutations urbaines	30
2. Le mécanisme du classement	30
3. Les sauvegardes et les restaurations globales	31
(e) LA restauration des décors intérieurs et des objets mobiliers	31
(f) Le rôle du D.P.H.A.N. dans l'oeuvre d'ensemble	32

II.	Participation de l'Office brésilien du tourisme (EMERATUR)	32
III.	Participation de la Banque nationale de l'habitation . . .	33
E.	<u>La protection de la nature au Brésil</u>	33
DEUXIEME PARTIE : ETUDES DE DETAIL.		35
<u>Premier chapitre : Région Rio - São Paulo</u>		35
I.	Etat de Rio de Janeiro	35
A.	<u>Parati et la baie de l'Ilha Grande</u>	35
	Situation géographique et historique	35
	Singularité de Parati	36
	Patrimoine monumental et ensemble architectural	36
	Plan d'urbanisme	36
	Classement de Parati	37
	(a) Mesures concernant la ville ancienne	37
	(b) Zones vertes	37
	(c) Quartiers future	38
	(d) Protection de la forêt environnante	38
	(e) Protection de la baie de l'Ilha Grande	38
	(f) Schéma directeur de la zone Rio - São Paulo	39
	(g) Développement de l'hôtellerie	40
	(h) Etudes pédologiques.	40
	(i) Conclusions	41
B.	<u>Cabo Frio et le Lago d'Araruama</u>	42
	(circuit à partir de Niteroi)	
	Cadre naturel	42
	Situation climatique	42
	Intérêt architectural	43
	Une expérience exemplaire	43
	Des agressions inconséquentes	43
	Action culturelle	43
	Aménagement routier	44
	Monuments sur le circuit touristique	44
	Equipement hôtelier	44
II.	Etat de Guanabara	44
C.	<u>Rio de Janeiro</u>	44
III.	Etat de São Paulo	46
D.	<u>Environs de São Paulo : Les "fazenda"</u>	46
	Situation géographique et historique de São Paulo	46
	Les premières "fazenda"	46

N° de série : 492

Les "fazenda" du café	47
Le circuit des "fazenda".	47
Aménagement routier et touristique	48
Rôle de la Biennale de São Paulo	48
P.M. Etat de Espirito Santo	48
<u>Second chapitre : "Nordeste"</u>	49
IV. Etat de Bahia	49
E. <u>Salvador de Bahia et ses environs</u>	49
(1) <u>Salvador</u>	49
Essor économique	49
Salvador : la première ville d'art du Brésil	50
Destructions en cours	50
Moyens de sauvegarde	50
Mutations nécessaires des quartiers anciens	51
Le Pelourinho : Plan de rénovation	51
Place Aschieta	52
Quartier de Soledade	52
L'oeuvre du "Patrimônio" hors des quartiers à rénover.	52
Plan muséographique et Biennale nationale	52
Capitale du folklore afro-américain.	53
Création d'une fondation	53
Enquêtes sur le Pelourinho	54
(2) <u>Cachoeira et couvent de Belem</u>	57
Richesse monumentale	57
Périls dus aux inondations	57
Insuffisance des moyens d'accueil.	58
Couvent des Jésuites de Belem	58
Accès	58
(3) <u>Castello de la Torre de Garcia d'Avila</u>	
Accès	58
V. Etat de Pernambuco	58
P. <u>Environs de Recife : Olinda et Igarassu</u>	58
(1) <u>Olinda</u>	58
Architecture et paysage	58

N° de série : 492

Une ville intacte	59
Classement et plan d'urbanisme	59
Vocation d'Olinda	59
(a) Problème pédologique : glissement de São Bento . . .	60
(b) Travaux du D.P.H.A.N. à Olinda	60
(c) Utilisation du Séminaire	60
(d) Développement de l'équipement touristique	60
(2) <u>Igarassu</u>	61
(3) <u>Paulista</u> : le fort hollandais de Pau-Amarello	61
(4) <u>Sites du sud de Recife</u> : Le Parc du Monte de Guararapés.	62
Cabo do Santa Agostinho	62
(5) <u>Recife</u>	62
<u>Troisième chapitre : Nord</u>	63
VI. Etat de Maranhão	63
G. <u>São Luis et Alcantara</u>	
(1) <u>São Luis</u>	63
Historique	63
Edifices civils et religieux	63
Inventaire des maisons anciennes	63
Projets d'urbanisme - l'Université	64
Equipement hôtelier	64
Les plages de l'Ilha de São Luis	65
Activités culturelles	65
Priorités financières	65
(2) <u>Alcantara</u>	66
Historique	66
Description	66
Propositions : 1) Réanimation rurale	67
11) Réanimation touristique	67
Protection à trois niveaux	67
Action du Patrimoine	68
Conclusion	68
VII. Etat de Para	69
H. <u>Belem</u>	69
Historique	69

N° de série : 492

São Alexandre	69
Autres édifices religieux	70
Muséographie amazonienne	70
Tourisme amazonien	71
<u>Quatrième chapitre : Centre</u>	71
VIII. District fédéral	71
I. <u>Brasília</u>	71
P.M. Goiás (Etat de Goiás)	72
IX. Etat de Minas Gerais	72
J. <u>Ouro Preto, Sabara et le circuit des villes d'art de Minas Gerais</u>	72
Les villes d'art de Minas Gerais	72
Rappel historique	73
(1) <u>Belo Horizonte et Pampunhá</u>	74
(2) <u>Ouro Preto</u>	75
Ouro Preto dans l'étude d'ensemble	76
(a) Etude détaillée annexe	76
(1) <u>Les églises baroques</u>	76
S. Francesco d'Assis	76
N.S. da Conceição	77
N.S. do Monte do Carmo	77
Merces de Baixo	78
Merces de Cima	78
N.S. do Pilar	78
N.S. do Rosario	78
N.S. do Rosario dos Pretos	78
São Francisco de Paula	79
São Miguel e Almas	79
Autres églises	79
Chapelles	79
(2) <u>Edifices civils</u>	80
Palais municipal	80
Palais du gouverneur	80
Casa do Contos	80
Théâtre	81
(3) <u>Architecture urbaine</u>	81
(b) Mesures conservatoires	81
(c) Festival d'Ouro Preto	82
(d) Conclusion sur Ouro Preto	83

N° de série : 492

(3) <u>Sabara - Etude détaillée annexe</u>	83
(a) Le musée de l'or	83
(b) Matriz	84
(c) Carmo	84
(d) N.S. do O	84
(e) Conclusions	84
(4) <u>Mariana</u>	85
(5) <u>Congonhas do Campo</u>	85
(6) <u>São João del Rey</u>	86
(7) <u>Tiradentes</u>	86
(8) <u>Conclusions sur le Minas</u>	87
<u>Cinquième chapitre : Sud</u>	88
X. <u>Etat de Parana</u>	88
K. <u>Paranaguá</u>	88
(1) Le vieux port et le centre	89
(a) Quartier historique.	89
(b) <u>Zone non altus tolendi</u>	90
(2) Développements modernes	90
L. <u>Préservation de la nature, et politique touristique du Parana</u>	91
Villa Velha	91
Foz de Igassu	91
Les Sambaquis	91
Conclusion	92
P.M. <u>Etat de Santa Catarina</u>	92
XI. <u>Etat de Rio Grande do Sul</u>	92
M. <u>São Miguel et les "réductions d'indiens"</u>	92
Le pays "gaúcho"	92
Les "réductions d'indiens"; historique	93
São Miguel.	94
Pèlerinage	94
Mise en valeur	94
Liaison routière	94
N. <u>Observations</u>	95
(1) Intégration dans le plan de développement économique	95
(2) Motivations du tourisme au Brésil	95

TROISIEME PARTIE : CONCLUSIONS	98
1. Comparaison avec le Mexique et le Pérou	98
2. Du "mystère au familier"	98
3. L'attrait de la "fête"	99
4. L'urbanisme et le tourisme	100
5. La forme de vie	100
6. Appréciations chiffrées	101
7. Choix géographique et discontinuités	101
8. Plan d'ensemble	102
9. Les dilemmes brésiliens	103
10. L'âme consciencieuse du "vieux Brésil"	103
11. La participation universitaire et les instances locales	104
12. Urgences	104
13. Equilibre régional	104
14. Etude de rentabilité	105
15. Recommandations d'assistance technique	107
(a) Cas particulier de Parati	107
(b) Bourses de techniciens brésiliens	107
(c) Experts pédologues	108
(d) Coopération de chantiers internationaux	108
(e) Archéologie pré-colombienne	109
(f) Plan d'organisation des festivals	109
(g) Recommandations générales	109
QUATRIEME PARTIE : ESTIMATIONS	111
Post face : Remerciements	128

Pièces jointes : Documents photographiques
Cartes (dans le rapport)
Liste des routes à aménager pour l'amélioration du Tourisme.

N° de série : 492

INTRODUCTION

Orientation générale

Le Brésil est, par excellence, le pays doué par la nature, par l'histoire, par les qualités natives et potentielles de ses habitants, de chances exceptionnelles qu'accroissent aujourd'hui singulièrement les données de la conjoncture universelle :

Raccourcissement des liaisons intercontinentales;
Universalité de la culture technique;
Etat concurrentiel des investissements, etc.

Mais le Brésil reste également le pays des difficultés démesurées, dès lors qu'il s'agit de réaligner la mutation globale et structurale dans laquelle il ne peut pas mettre à profit ses ressources profondes.

Toute "planification globale de la conservation des biens artistiques et de certains patrimoines naturels" soumise par le gouvernement, et prise en considération par l'Unesco, doit, ainsi que le souligne M. l'ambassadeur Chagas, être entreprise "en l'intégrant dans les projets de développement du pays".

L'une de ces possibilités de développement peut être le tourisme. Et, le fait que le tourisme prend appui sur la qualité et la multiplicité des biens culturels et naturels, les structures de préservation et plan d'expansion et cela dicte les lignes d'une action préalable.

- (1) l'établissement d'un inventaire exhaustif,
- (2) les mesures administratives conséquentes de protection,
- (3) les moens financiers nécessaires à l'entretien, la restauration, l'animation de ce patrimoine.

Cette entreprise doit être complétée par les équipements nécessaires à la connaissance de ce patrimoine par des visiteurs de plus en plus nombreux :

Liaisons (routières, aériennes, maritimes)
Infrastructures des villes d'art
Équipement hôtelier et habitat
Activités culturelles complémentaires.

Mais dans sa hâte à satisfaire une grande clientèle, source de profit, le tourisme peut lui-même ajouter de sa malveillance aux autres facteurs de dégradations, et tant matériellement que psychiquement, il peut contribuer à anéantir les biens naturels et culturels, et par conséquent à se nier lui-même.

Ce mouvement qui est de l'ordre universel, et préoccupe l'Unesco dans tous les pays, doit être suivi et contrôlé avec une plus particulière attention au Brésil.

En effet, il y a d'abord un tel écart entre la faiblesse du mouvement touristique actuel (100.000 étrangers en 1965) et le développement potentiel de ce tourisme brésilien à l'ère proche de l'avion-cargo, que le phénomène peut peser plus

gouvernement qu'ailleurs, en bien comme en mal. Plus particulièrement dans un pays tropical qui a intégré au cours des siècles à la splendeur de ses paysages un important dépôt culturel, notamment sous la forme tangible et fiade de ses monuments et de ses villes d'art.

C'est dans ce double sens que le Brésil peut en appeler utilement à l'assistance internationale non seulement pour son propre bien mais pour le bien de tous.

Et en effet, face aux doutes qui peuvent assaillir aujourd'hui les pays les plus développés quant aux vocations finales que leur sur-développement peut leur assigner, il est possible que :

d'une part, la richesse géographique latente,

d'autre part, sa vitalité culturelle permanente, destinent le Brésil à être un pays où l'investissement dans l'ordre culturel, soit d'une "rentabilité" à plus court terme qu'ailleurs, autrement dit soit plus vite bénéfique au monde entier.

Certes, pendant ces trente dernières années, le patrimoine culturel, architectural notamment, a été largement entamé. Mais justement, si ce mouvement se poursuivait, il atteindrait la spécificité brésilienne, et peut-être lui porterait-il un coup mortel.

Ce dont on peut être sûr, c'est que cette spécificité est toujours vivante, est toujours "vécue", et qu'elle n'est point encore, comme dans d'autres pays, défigurée sous la strafe fraîche et vorace du cosmopolitisme.

Mais il n'est que temps. Car si le Brésil présente la caution d'un grand passé culturel, et d'une immense espérance, son présent est parfois incertain et même accablant; et le combat pour la prospérité et l'éducation ne s'y révèle pas plus aisé qu'ailleurs. Bien au contraire, c'est l'ampleur du péril qui justifie le fait de mener le combat avec les meilleurs atouts. On touche au Brésil à un moment décisif, à un tournant, dont il est encore possible d'infléchir spectaculairement le sens.

C'est bien, en effet, l'un des champs clos où l'avenir du monde se joue simultanément en termes de quantité et de qualité. Or, la qualité sans la quantité n'est plus aujourd'hui que le signe d'une culture repliée, et au bout du compte vaincue; mais la quantité sans la qualité est une force aussi aveugle d'ensevelissement, d'inaboutissement, d'autant plus sournoise qu'elle a l'apparence de la générosité et qu'en fait, elle consomme, sans les recréer, les fonds vitaux sur lesquels vit l'humanité et qui ne sont pas inépuisables : la nature et la culture.

La chance objective du monde au Brésil, c'est sous ce double rapport quantitatif et qualitatif, le fait qu'il possède à la fois :

- (1) Un espace naturel aussi riche de sites spectaculaires et d'espèces précieuses, utiles à l'écologie générale, que de potentialités agricoles et industrielles;
- (2) Une vie culturelle vivante et complexe née de la confluence historique de trois courants : Amérique indienne, Europe latine, Afrique noire;

- (3) Enfin la capacité virtuelle de ses habitants, déjà plusieurs fois témoinnée en quatre siècles d'histoire, d'engager dans des combats vitaux toutes les forces de leur esprit et de leurs bras. Mais ce qui accroît l'urgence de l'entreprise, c'est précisément que c'est cette part là du Brésil - qui s'évalue en termes démographiques, sociologiques, psychologiques - qui est la plus menacée aujourd'hui.

- Car au moment d'ouvrir ce dossier sur le patrimoine culturel et sa mise en exercice, s'impose à nous cette réalité sociale qui domine toutes les autres, dont on ne peut que sur place mesurer tout le caractère tragique, bien qu'y fassent écho depuis quelques années les voix des plus grands écrivains brésiliens: c'est l'obscur bruyage d'une population qui quitte les territoires aux structures agricoles dégradées et qui ne survit dans les grandes villes que le temps de voir détrompés les espoirs que ces villes avaient suscités.

Or, cette même population, ici réduite à un état de misère sub-humain, là constitue la main-d'œuvre intelligente et adroite, qui, en dépit de l'analphabétisme est assez douée pour créer, par exemple, en moins de dix ans, au Brésil, une vaste industrie automobile. Voilà le paradasse, et en même temps voilà le signe d'une dissipation continue de forces humaines latentes, et celui de l'importance de l'enjeu. Le défaut de culture technique est-il particulièrement responsable de cette déperdition, et en un sens, la persévérance de la culture traditionnelle constitue-t-elle ou non un frein à l'accession à un niveau économique assurant au moins une vie biologiquement saine ? Quel pourra être l'effet de la création d'un important impact touristique auprès de cet univers déjà manifestement déséquilibré des grandes villes de la Côte, et en particulier de celles du Nord-est : Salvador de Bahia et Recife ? C'est ce que nous devons essayer de mesurer au cours de cette étude.

Bornons-nous à souligner, pour l'instant, que la culture spécifique du Brésil est née historiquement à travers les combats que le Brésilien a menés pour créer son espace vital à travers une nature rebelle :

- (1) L'épopée de la canne à sucre au XVII^e siècle et au XVIII^e siècle a fait le Nord-est et ses villes d'art : Salvador, Olinda, Recife, Igarassu, São Luis, Alcantara, etc.
- (2) L'épopée des "bandeirantes" et de l'extraction de l'or et des pierres précieuses au XVIII^e siècle a fait les villes d'art de l'Etat de Minas Gerais : Ouro Preto, Congonhas, Sabara, etc.
- (3) L'épopée du café au XIX^e siècle a fait le développement de Mio et de São Paulo.
- (4) Plus récemment la brève épopée du latex, en Amazonie, a polarisé une quatrième fois les énergies brésiliennes et a laissé pour traces au cœur de la forêt impénétrée, la fantomatique cité de Belém.
- (5) Et au XX^e siècle, on doit ajouter l'épopée de la création (Luz) sous toute de Brasilia, "capitale de l'espoir".

Autant d'entreprises dans lesquelles, si une fabuleuse somme d'énergie a été dépensée, sans avoir pu décisivement ouvrir jusqu'ici son horizon sur le plan économique, le Brésil a défini, du moins, sa propre culture.

(a) L'un des aspects concrets de cette culture, c'est celui qui tient à l'essorisme persévérant des rites ancestraux, qui tient aux croyances et aux ~~usages~~ et relève de l'éthnographie. Dès lors qu'il faudra se prononcer sur les effets réels de cette réalité brésilienne et des projets d'essor économique, il faudra en particulier aborder le point délicat des rapports entre le tourisme et cette réalité spécifique.

(b) Un autre aspect connu de la culture brésilienne, est son aptitude à la modernité, attestée avant Brasília par l'essor de son architecture depuis la guerre. Or, la vitalité de cette architecture brésilienne peut, dans des conditions qui sont toutefois à serrer de près, apporter une caution favorable au problème de l'équipement touristique.

(c) Mais entre ces deux tendances, au moins apparemment contraires, d'une vis aux traditions perpétuées, et de la recherche d'un nouveau cadre de vie, il existe un important dépôt culturel, du cadre de vie antérieur, des villes d'art, des quartiers anciens autrefois patriciens, aujourd'hui peuplés, autrefois témoignage de splendeur, aujourd'hui dans un état de dégradation qui va de pair avec la dégradation économique de ceux qui les habitent.

Or, jusqu'ici, lorsque s'amorce dans une ville, une politique de logement, dans le sens d'une amélioration relative des conditions de vie, cette politique ne va guère dans le sens de la préservation du patrimoine monumental. La reconnaissance de sa valeur sur le plan humain entraîne son remplacement systématique, par une architecture d'habitation indifférenciée, où la qualité reconnue de l'architecture brésilienne a peu de part, mais n'en constitue pas moins une justification supplémentaire de la destruction.

Aussi, voyons-nous combien se trouvent particulièrement liés au Brésil:

les faits géo et socio-économiques,
les spécificités biologiques et psychologiques,
le sort du dépôt culturel du passé,
enfin la dynamique culturelle présente.

Aussi serait-il fallacieux de fixer à ce dépôt culturel une vocation "touristique" sans tenir compte de tous ces facteurs.

Mais, à vrai dire, le rôle de l'assistance internationale pourrait y dépasser singulièrement telle mission de retardement, tendant à prolonger - pour combien de temps ? - la vie et l'usage d'un patrimoine architectural menacé.

Cette entreprise, pour être significative, peut s'insérer dans une oeuvre plus vaste de révélation du Brésil à lui-même : entreprise culturelle donc, à deux degrés. Le Brésil a tant de richesses potentielles qu'il peut être demain, qu'il est peut-être déjà, psychiquement parlant, en état de donner plus encore que de recevoir. Par le même mouvement qu'il élaborerait sa promotion économique, il devrait pouvoir découvrir sa vérité spécifique, et pourrait être appelé grâce à la vitalité de sa culture, et à l'exubérance de sa nature, à proposer au monde de nouveaux modes, de nouveaux chemins de la vie. Car d'une part, c'est à cet

N° de série : 492

appel de tels rivages marins ensoleillés qu'est de plus en plus sensible l'homme moderne, et c'est lui qui paraît devoir susciter dans l'avenir ces grandes migrations saisonnières qui seront donc de plus en plus favorables aux pays tropicaux. Mais d'autre part, le Brésil a les moyens d'offrir au monde plus que la réalité vide de paradis dits exotiques. Son sens de l'accueil, ce n'est pas même seulement l'esprit d'hospitalité persévérant des civilisations traditionnelles; c'est peut-être, le sens philosophique de l'acceptation d'autrui, de ce qui est différent de soi, c'est l'extraordinaire facilité d'assimilation nationale en un tout toujours ouvert à l'extérieur, et dépourvu de toute prévalence raciale: en un mot le sens de l'universel, plus rare aujourd'hui qu'on ne pourrait croire. En somme, le grain le plus précieux aux temps futurs, déposé sur un terreau qui manque d'assolement mais qui est par lui-même, le gage de récoltes futures.

Cette métaphore trop banale, référant les cycles de la culture spirituelle à ceux de l'agriculture, peut s'entendre ici dans son sens propre. La monoculture y a fait ses ravages, non seulement sur le plan de la dépendance économique, mais en épuisant les terres privées des bienfaits de l'assolement. La pratique du brûlis pour constituer des terres agricoles a anéanti une grande part de la forêt tropicale sans créer un enracinement, une véritable culture agraire. La dégradation agricole, et la dégradation du cadre ancien de la vie urbaine ont des causes et ont suivi des cheminements parallèles: (a) dès le XVII^e siècle spécialisation et exigence d'un profit immédiat - critères des agricultures coloniales; (b) au XIX^e siècle, abandon des anciens centres de la vie urbaine coloniale par la classe dirigeante et possédante au profit des grands centres commerciaux et industriels (pour ne pas dire d'un seul: São Paulo produisant à elle seule près de la moitié du revenu national). La population rurale abandonnant une terre et une économie dégradées, se retrouve, soit dans les "favelas", les bidonvilles des grandes cités industrielles, soit précisément dans les anciens quartiers patriciens aussi dégradés que l'économie rurale, témoins aussi symptomatiques d'une évolution régressive là où on espère un progrès décisif.

L'ampleur du problème de la sauvegarde du patrimoine culturel brésilien est tel qu'il passe nécessairement par la mutation économique du pays tout entier.

Le tourisme peut, certes, constituer une des sources du futur développement du revenu national, et donner un élan économique aux efforts considérables qui doivent être faits si l'on veut sauvegarder le vaste patrimoine culturel qui est depuis longtemps en péril mais dont la ruine sera bientôt irréversible.

Mais le tourisme ne peut tout faire. Livrer ce patrimoine aux seuls critères d'une rentabilité touristique immédiate, ce serait faire des choix contestables, accroître certains déséquilibres, confronter des "effets de façade" à un accroissement de la dégradation interne; ce serait finalement poursuivre par d'autres moyens et selon d'autres fins cette politique de la première moitié du XIX^e siècle, ce cosmopolitisme qui partout où il en a eu les moyens, a détruit la richesse de la culture passée en même temps que ses contraintes, au profit seul d'une vanité elle-même plus contraignante que féconde.

Le Brésil se rend d'autant plus vivement compte de cette déviance à condition que ses cultures traditionnelles méritées n'en sont pas moins vivantes, et que

par un trait dominant de sa psychologie nationale, il ressent, avec une particulière impatience, l'aspiration à une culture du XXe siècle fondée sur une haute technologie.

Il s'agit donc pour nous de recenser bien autre chose que les épaves d'un décor qui reste encore le plus copieux et le plus homogène du continent américain. Il s'agit d'investir une culture vivante ou plutôt douloureusement et incertainement survivante dans une culture à naître.

PREMIERE PARTIE

Nature et culture brésiliennes

A. LE DOMAINE NATUREL A PRESERVER

I. L'espace vacant

Le Brésil : 8,5 millions de km² : le 1/16^e des terres émergées, la moitié de l'Amérique du sud, le cinquième pays du monde par l'étendue.

Cette étendue, longtemps considérée comme un handicap, constitue un privilège, dont témoignent l'essor des Etats-Unis d'Amérique, celui de l'URSS, celui de la Chine.

Au Brésil, l'étendue signifie en outre un immense champs libre. (densité démographique : 8,3).

Il s'ensuit qu'à condition d'équilibrer son développement interne, le Brésil est l'un des pays les plus propres à échapper à la crise mondiale tenant à la pénurie d'espace d'où résulte un taux excessif d'occupation et par suite de pollution, engendrant toutes sortes de carences.

Le Brésil peut donc, sous la même réserve essentielle de préserver son équilibre interne, accueillir massivement dans l'avenir les flux de la migration saisonnière du tourisme, et simultanément persévérer dans sa politique d'assimilation de l'émigration, très favorable à sa promotion, sans réduire pour autant son taux d'accroissement interne.

Il est très spécifique du problème du tourisme au Brésil, de ne pas le considérer comme un phénomène isolé de "visite de curiosité", dépourvu de tout rapport avec les autres liaisons entre le Brésil et le monde. Le tourisme est souvent, dès à présent, un acte complémentaire à un voyage qui a la profession pour noble central. A un autre niveau, l'Européen qui est venu travailler au Brésil pour plusieurs années devient souvent Brésilien. Dans l'avenir, entre le touriste pressé, curieux de collectionner quelques images de la vie tropicale et du Carnaval de Rio, et l'émigrant "technicien qualifié", bientôt assailli, il y a au Brésil la place pour toute une gamme de visiteurs diversement associés tant par l'intérêt matériel et culturel, que par la fraternité de l'accueil et l'évidence des tâches de toute nature à y accomplir. Il se prépare une période où la mobilité de la jeunesse, déjà aujourd'hui évidente, sera décuplée, et que dans cette perspective la notion du pur tourisme d'évasion doit être rapidement dépassée. Nous avons cru devoir souligner combien les caractères de l'espace Brésilien prédisposaient le Brésil à constituer l'un des terrains où viennent particulièrement liées les notions de tourisme et de coopération.

II. La côte brésilienne

Dans cet espace vacant, la côte reste le lieu privilégié, et non seulement la zone de contact, mais également la zone de séjour la plus habituelle. Déjà vers 1500, le Brésil a été pendant le premier siècle de son histoire, une

encore une côte qu'une succession de points d'impact : quelques ports à l'abri de mâtes et admirables baies. Les temps modernes n'ont fait qu'accentuer ce caractère discontinu de l'implantation côtière : quelques grandes villes d'abord métropoles : Belem, São-Luis, Recife, Salvador (Bahia), Rio, Niteroi, Santos ... puis, surtout aux environs de Rio et entre Rio et Santos (le port de São Paulo), quelques petits ports moins fortunés mais devenus soudain des lieux de villégiature maritime. Entre eux, sur plus de 7.000 kilomètres de côte, des plages désertes, ombragées, quelques bays rocheux en promontoire au-dessus de paysages largement déployés : estuaires de fleuves, lagunes miroitantes, bordon forestier du littoral. Ni le Brésilien, ni l'étranger ne jouit à vrai dire de ce capital de bonheur et de santé. L'avion seul en permet le repérage. Les routes d'accès y sont rares. La masse des citoyens s'éloigne peu des villes. Rio a ses propres plages, célèbres dans le monde entier, où la concentration dépasse la densité des plus célèbres plages méditerranéennes. A voir les lotissements de Buzios au nord de Cabo Rio (Etat de Rio de Janeiro), on prévoit les dommages que l'établissement d'une infrastructure routière qui ne serait pas liée à un plan global d'aménagement pourrait causer.

Si la côte brésilienne reste un précieux capital, c'est qu'elle a été oubliée.

Il y a pour l'avenir une juste mesure à trouver, entre deux excès : la concentration excessive, et la dilution excessive qui ôteraient à l'ensemble de la côte brésilienne son caractère de franche nature. Mais ces points de fixation de l'équipement touristique sur la côte devront être également choisis en fonction d'autres facteurs que leur seule capacité propre, et en particulier en fonction :

- (1) d'une part, de leur alternance avec les zones de réserve, dans lesquelles la nature tropicale est étudiée, et sauvegardée dans ses espèces rares ou menacées;
- (2) d'autre part, de leur proximité des centres d'intérêt culturel, afin de constituer un réseau cohérent.

Aussi l'examen général du patrimoine naturel à préserver s'ouvre-t-il sur l'examen du patrimoine culturel. Mais soulignons que l'inventaire des zones de réserves qui devrait être préalable à celui des implantations touristiques, ne nous paraît pas encore, du moins en première analyse, suffisamment élaboré.

Nous aurons donc à recommander dès l'abord :

- (1) l'établissement par les services brésiliens compétents, en particulier les universités, d'un vaste inventaire des réserves naturelles côtières;
- (2) l'établissement d'un plan directeur général de la côte définissant les possibles impacts du tourisme côtier, en tenant compte du respect des zones de réserve, de la proximité des centres culturels, et des liaisons possibles.

B. LE DOMAINE CULTUREL A PRESERVER

I. L'architecture ancienne

En énumérant les principaux événements socio-économiques du Brésil, nous avons déjà été amenés à situer historiquement et géographiquement le développement de son patrimoine artistique et monumental.

Soulignons-en brièvement les caractères permanents, et indiquons de quoi il se compose.

Surpassant dans une nature quasi vierge occupée par des populations qui, à la différence des Incas du Pérou, ou des Mayas et des Aztèques du Mexique, ne possédaient aucune technologie architecturale, les Portugais importèrent au Brésil, dès le XVII^e siècle, les modes de constructions européens. Les Jésuites implantés par le premier Gouverneur Thomé de Souza à Bahia, sa capitale, puis à São Paulo dont ils font leur quartier général, sont les premiers bâtisseurs.

La première vague des églises brésiliennes de la fin du XVI^e siècle à la fin du XVII^e est donc essentiellement une architecture jésuitique, faite d'une grande simplicité et dont il subsiste quelques exemplaires intacts, et surtout de nombreux vestiges dans les édifices développés ultérieurement.

Au XVIII^e siècle, ce développement est le fait de l'architecture baroque, qui, avec quelque temps de décalage par rapport à l'Europe, prend au Brésil un véritable caractère explosif : l'art baroque qui para les églises de Bahia, de Recife, d'Olinda, de Rio et de tout le Minas Gerais, est, en outre, au Brésil un jaillissement d'architecture approprié au contexte, et qui ne tarde pas à prendre sous les tropiques ses caractères particuliers. Ces caractères sont plus particulièrement évidents dans les aménagements intérieurs, dans le développement des décors en bois doré, (de la taille), des plafonds peints, de la statuaire, qui revêt, au Brésil, une somptuosité, et en même temps une saveur populaire toutes particulières. Les chefs-d'œuvre sculptés de l'Alcibadinho dans le Minas révèlent en même temps, qu'à travers l'art baroque se manifeste au Brésil un expressionnisme systématique qui n'a d'équivalent en Europe qu'au moyen-âge. On dirait, en quelque sorte, qu'en quatre siècles, le Brésil refait pour son propre compte, le cycle esthétique qui a mis vingt siècles à s'élaborer en Europe.

Cependant, c'est une erreur, souvent commise loin du Brésil, de réduire l'intérêt de l'art brésilien à celui de son art sacré.

Dès le XVII^e siècle, le Brésil connaît une architecture d'habitation particulière, notamment aux environs de São Paulo. Ce sont les fazendas, admirables maisons rurales au centre des domaines, et qui constituent un apport spécifique du Brésil à la création architecturale universelle. De la même époque proviennent également des exemplaires d'architecture militaire provenant de l'épave compétitive qui opposa les Français et surtout les Hollandais aux Portugais pour la possession du Brésil.

Mais c'est surtout l'architecture urbaine qui se déploie à l'époque coloniale et fait encore de Salvador (Bahia), une des plus étonnantes villes d'art du monde. Qu'il s'agisse de la simple maison à rez-de-chaussée qu'en hauteur.

surtout dans les petites bourgades, ou de la Sobrado à étages, la maison urbaine à, elle aussi, au Brésil, ses caractères particuliers, dérivés de ceux de l'architecture portugaise, et des conditions particulières de vie au Brésil à l'époque coloniales. Les contrastes colorés y jouent un grand rôle. Les encadrements des ouvertures s'opposent par le matériau et la couleur à l'enduit nu du mur. Les balcons et les jalousies de bois, appropriées aux exigences de l'aération, en sont les principaux ornements. Sur les toits, la tuile romaine est souveraine.

Ainsi se présentent les centaines de maisons anciennes serrées les unes contre les autres, dans les vieux quartiers de Salvador, parmis d'églises baroques, et dont on trouve tant d'ensembles encore à Belo, São-Luis, Ouro Preto notamment,

Mais ces ensembles sont ceux-là mêmes que l'aristocratie qui les avait fait construire a faits, aussi bien d'ailleurs que les favelas rurales; ils sont devenus les quartiers les plus denses, et à part les favelas (bidonvilles), les quartiers les moins salubres. Ces mêmes quartiers ont totalement disparu à Sao Paulo; il n'en existe plus que des débris à Rio et à Recife. Mais à Salvador et dans les villes de moindre importance, ils constituent avec les églises baroques, dont ils sont d'ailleurs le cadre, la richesse culturelle de l'ancien Brésil, à la fois la plus évidente et la plus menacée. Menacée par l'usure, c'est à dire la dégradation spontanée que ne corrige aucun entretien; menacée par la dégradation par l'usage, car la surpopulation dont ces quartiers sont les réceptacles contribue à les endommager, enfin menacée par la destruction volontaire invoquée par l'exigence du développement, du progrès, de la modernité.

II. Les cultures traditionnelles

Il est remarquable qu'au Brésil, ni l'état d'esclavage qui a brouillé les langues et les ethnies, et par suite les croyances originelles, ni l'heureuse métissage entre la race noire et la race blanche, et marginalement la race indienne, n'ont provoqué l'effondrement de la culture africaine à travers la culture brésilienne, mais ont, au contraire, contribué à fonder une culture brésilienne à la fois très diversifiée et très particulière. Car, par ailleurs, la vocation de la culture européenne qui a suscité la grande révolution technologique moderne, n'y a pas été compromise, ni l'aptitude du Brésil à recevoir et à relayer les grandes révolutions de la pensée contemporaine universelle. Mais, parallèlement, la culture populaire afro-américaine a suivi sciemment son chemin, et aujourd'hui se révèle aux chercheurs dans toute l'étendue de la signification humaine et la force de son sens du sacré.

D'une part, la masse noire et mulâtre a assimilé les croyances chrétiennes de ses anciens maîtres en les colorant de sa mentalité et de ses mythologies originelles.

D'autre part, la culture philosophique à base rationaliste et positiviste du XVIIIe siècle à nos jours, à partir de l'épopée de Tiradentes, a façonné le Brésil moderne, a créé l'indépendance et l'empire, décrété l'abolition de l'esclavage, institué la république.

Aujourd'hui aucun modèle socio-culturel ignorant de la réalité brésilienne ne pourrait concourir efficacement au développement et à l'essor harmonieux du pays. Pas davantage une planification partielle rapportée sur un contexte socio-rural ou urbain, dégradé. Il importe donc que l'équipement touristique n'apparaisse à aucun prix comme l'alibi ou le prolongement de dominations économiques externes ou internes. Il importe au contraire que le tourisme ne constitue pas une fin en soi, pas même un moyen de satisfaire simultanément la curiosité et le confort des non-Brésiliens ou des rares Brésiliens installés hors de la réalité brésilienne, mais la forme technique de l'équipement qui pourra associer la façon de connaître la culture brésilienne, à la façon de la vivre, et pourra intégrer ainsi la tradition à la science, et la sauvegarde des valeurs de l'ancien Brésil, au développement du Brésil futur.

Or, si l'on voit comment une intelligente et prudente planification peut remettre en exercice un patrimoine architectural dans le cadre d'une politique de développement touristique, il est infiniment plus délicat de révéler les formes extérieures d'une culture à caractère sacré à des visiteurs qui n'y sont pas préparés. Et cependant, hors de ce contexte sacralisé, le Brésil n'est pas le Brésil, et l'on n'en saisit que l'écorce cosmopolite. Et l'architecture brésilienne baroque elle-même peut-elle être saisie dans sa vraie substance ? Il suffit de visiter les multiples églises dédiées au Rosaire des Noirs, d'en appeler à Ouro Preto, à l'histoire de Chico Rey et aux légendes vécues qui l'entourent, voire à celles de l'Aleijadinho, le "Michel-Ange maître", pour mesurer à quel point la véritable ressource du tourisme culturel au Brésil est dans son approfondissement dans toutes ses dimensions aussi bien ethnologiques qu'artistiques.

Nous ne saurions donc trop insister sur l'efficacité d'une préparation à la visite du Brésil, et au cours de la visite même. On pourrait contribuer à pervertir rapidement un capital culturel qu'essaient actuellement de préserver des savants attentifs, et parallèlement on risquerait d'engager le visiteur pressé dans des méprises qui iraient à l'encontre des buts fondamentaux que s'assigne l'Unesco, si l'on vulgarisait, au nom de la prospérité touristique, les "quarta d'heure" de candomblé et de macumba, ou si on développait la commercialisation des objets rituels. La préservation du patrimoine culturel, c'est, aussi bien, la préservation de toutes les authenticités.

Si nous avons insisté sur les problèmes posés par la culture afro-brésilienne et non sur le problème de l'ethnographie indienne, c'est d'abord en fonction de la nature même des états et des villes plus directement concernées par notre étude. C'est aussi en raison du fait qu'en dehors de l'apport racial du métissage de l'Indien avec le Blanc, dans la région centrale, le Peuple Amérindien reste, au Brésil à la différence du phénomène noir, encore séparé de la communauté, si bien qu'on a pu et dû en 1910 y constituer le "Service de protection des Indiens".

L'existence même de cet organisme qui, sous l'inspiration généreuse du général Rondon a rendu des services humanitaires signalés, ne laisse pas de poser des problèmes qui, à la faveur de la création de Brasilia et des grands axes de pénétration intérieure qui en découlent, vont revêtir, dans un proche avenir, une acuité nouvelle.

Il y a tout lieu d'espérer que, dans ce contexte brésilien exemplairement dépourvu de tous les racismes, l'ère qui marqua la cruelle et négative épopée du latex en Amazonie est close. Mais l'approche des peuplades indiennes centrales par la civilisation industrielle, sans être tout à fait nouvelle, pose des problèmes de tous ordres : économiques, sanitaires, psychiques, culturels. En rayons concentriques autour de Brasilia, l'université de la nouvelle capitale serait à côté de recenser et d'établir les conditions de sauvegarde d'un patrimoine culturel à double niveau : d'une part, le patrimoine purement indien, d'autre part, notamment dans l'Etat de Goiás, le patrimoine élaboré par le contact entre le pays et la première pénétration portugaise : patrimoine culturel peu connu et d'autant plus vivant, où la "fête" revêt un caractère d'une grande richesse et d'une grande variété, moins exposé pour l'instant que le patrimoine culturel afro-américain de la côte, ce patrimoine indien et afro-américain risque de se dissoudre sous l'effet de la pénétration économique et de son corollaire touristique.

III. Tradition et modernité

Au vrai, au-delà même du confusionnisme qui atteint souvent les cultures au moment où elles communiquent, il semble bien que le Brésil ait déjà su dégager quelques-unes des lignes essentielles de sa modernité, soit d'une façon autonome c'est-à-dire sans entamer certaines conditions, soit en s'en nourrissant.

Le succès de l'école d'architecture brésilienne contemporaine, la vie culturelle de Rio et de São Paulo, l'entreprise de Brasilia ou des événements plus occasionnels comme la Biennale de São Paulo, ou récemment la première Biennale nationale de Bahia, nous montrent que le Brésil est l'un des pays dont la modernité est la plus entreprenante.

Or, dans la conjoncture que vit le Brésil sur le plan humain, toute révolution artistique formelle ne reste pas longtemps étrangère à son contenu. L'apport des arts traditionnels dans la simplicité des formes, dans la recherche des contrastes colorés féconds, au Brésil, des révolutions picturales qui n'ont, ailleurs, aucun lien avec les dépôts culturels du passé. Et réciproquement, la modernité semble plus rapidement assimilée qu'ailleurs par le peuple lui-même : en témoigne par exemple la rapidité de l'implantation des modes nouvelles, fut-ce dans les bourgades les plus reculées, l'accord entre les harmonies des tissus nouveaux et les goûts traditionnels, le caractère spécifique et national de la rénovation de la chanson populaire.

D'ailleurs, c'est l'attitude de la jeunesse brésilienne qui, en face des courants d'expression moderne, permet de prévoir, au Brésil, l'essor d'une culture populaire assimilant à la fois les sources traditionnelles et la remise en question universelle du XXe siècle. D'une part, comme nous l'avons souligné, la jeunesse populaire reste toujours aussi imprégnée par le besoin de ritualisation - d'où la vitalité des fêtes comme le Carnaval - d'autre part la jeunesse étudiante ressent le même phénomène par la conquête lucide de la culture historique, artistique, ethnographique et accède ainsi à une culture à la fois neuve et plongeant ses racines dans la réalité nationale brésilienne, sinon trouvant au moins l'objet de ses descriptions dans cette réalité. C'est ce qui est attesté aujourd'hui par l'élan de la littérature et de la poésie, par celui du jeune théâtre et du jeune cinéma.

N° de série : 492

Il y a des apparences qui pourraient prêter à des conclusions moins optimistes : la prospérité de certains grands spectacles qui offrent, du Brésil au Brésil, l'image qu'un poérisé exotisme a d'abord donnée de lui à l'étranger. On pourrait également s'inquiéter de la dégradation de certaines grandes fêtes populaires.

Le premier fait n'est que le cas particulier d'un phénomène mondial : la prospérité commerciale du business-show. Or, dans le monde, le seul moyen dont ait jamais finalement disposé le théâtre de qualité, même populaire, du Siècle d'or espagnol et de Shakespeare à nos jours, est le mécénat public ou privé. Sans mécénat pas de théâtre, ni en France, en Italie ou en Allemagne qui justifie que celui-ci relève de la rubrique culturelle. Or, nous avons eu l'occasion de rendre visite à des troupes théâtrales de grande qualité - qui se font, dans le Brésil moderne, et dans le sens de sa culture traditionnelle, une haute et juste idée de leur fonction sociale - et qui ne reçoivent aucun concours financier ni des villes, ni des Etats, ni du gouvernement. Après deux, trois, cinq années d'activité courageuse et efficace, ces troupes éloignées de Rio et de São Paulo ne peuvent persévérer et se dispersent. La participation de tous les arts qu'implique l'exercice du théâtre est cependant un moyen efficace de catalyser les énergies pour un développement de la culture, surtout dans un pays où le sens du rythme, et le sens du masque sont innés (tandis que par contre, la culture purement littéraire est encore, dans l'analphabétisme ambiant des classes pauvres, le privilège d'une élite).

Une aide très importante aux animateurs de théâtre qui existent et ont fait largement preuve de leur capacité, permettrait en outre de créer une politique d'animation du patrimoine monumental, par exemple à Ouro Preto et à Olinda, qui constituerait à d'autres périodes annuelles que celles des carnivals, une attraction touristique mondiale.

Parallèlement, le large développement d'un théâtre brésilien confié à des hommes de qualité ne serait pas sans effet sur la maintenance des traditions culturelles populaires : d'une part, à travers les ateliers liés au développement du théâtre, pourrait se maintenir la qualité plastique actuellement menacée des fêtes populaires; d'autre part, il existe, et il se développerait, un répertoire d'expression essentiellement visuelle et d'essence traditionnelle; mais ce répertoire avouerait et légitimerait son caractère de spectacle, et polariserait l'attraction des foules touristiques plutôt que celles-ci ne viennent submerger sans préparation et dénaturer les manifestations de caractère spécifiquement sacré.

IV. L'architecture contemporaine

Dans l'inventaire d'un "Brésil culturel", même dans celui d'un paysan à préserver, et dans une certaine mesure menacé, nous comptons les principaux monuments de l'architecture contemporaine brésilienne.

Indépendamment de ses autres rôles, il n'est pas douteux que Brésilien constitue aujourd'hui pour le Brésil une attraction touristique de première grandeur. Mais si Belô Horizonte (Pampulha), Rio et São Paulo sont depuis 1950 devenus des étapes marquantes de l'architecture contemporaine, - certaines églises ont été, comme tels, classés "monuments historiques" - il est effrayant de constater que certains de ces ouvrages récents manquent autant d'entretien que les œuvres du

XVIII^e siècle. Qui plus est, la ville de São Paulo n'a pas hésité à dénaturer le plan du "Pauk Ibirá puera" dont elle avait confié la conception d'enseñla à Oscar Niemeyer.

Cependant, le Brésil est légitimement très fier de l'essor de son architecture contemporaine. On peut être étonné parfois qu'à la différence de ce qui se passe dans les autres domaines de l'expression artistique le coupure paraisse très affirmée, en architecture, entre le passé et le présent. Il faut d'abord considérer que si, en peinture, la continuité se manifeste seulement à travers la veine populaire (et non les succès éphémères d'un académisme qui emplit de nos souvenirs certains musées historiques), en matière architecturale le hiatus est effectivement causé, avant tout, par la souveraineté. Jusqu'à l'approche de la guerre, ou plus pompeux art néo-classique. La réaction a été d'autant plus vive et salutaire, et Le Corbusier a trouvé au Brésil mieux que des épigones, mais des hommes qui ont créé leur propre esthétique.

Le fait que M. Lucio Costa soit à la fois haut-fonctionnaire du "Patrimoine historique" et l'un des auteurs de Brasilia, atteste que l'architecte brésilien peut être à la fois le vigilant défenseur de son patrimoine ancien, et le créateur d'un Brésil futur.

Toutefois, on ne peut manquer de s'affliger que, là où le développement de l'urbanisation moderne menace le plus directement le patrimoine ancien, ce ne soit pas au profit de la qualité, mais - parce que les moyens manquent - au profit de l'architecture moderne la plus banale et la plus médiocre.

Plus généralement, si le développement vertical des villes a résolu dans les grands centres les problèmes posés par les exigences de la concentration administrative et commerciale, il n'a pu et ne semble pas devoir résoudre le problème de l'habitat - qui reste entièrement posé - et pas davantage celui de l'urbanisme des villes existantes (par opposition au cas de Brasilia, ville entièrement neuve). Toute question de pittoresque mise à part, il y a dans les sordides favelles de Rio plus d'invention architecturale et urbanistique (particulièrement révélée depuis le point haut du Corcovado) que dans ce mur presque continu de béton qui emprisonne et surchauffe le site célèbre de Copacabana imolé à la spéculation. Il est à prévoir que le jour où le Brésil résoudra le problème des infrastructures et celui de la disponibilité des terrains, les nouvelles générations d'architectes sauront créer une architecture d'habitat digne du peuple brésilien - l'un des plus déshérités du monde sous ce rapport - et que cette architecture, à la fois, fera usage de la technologie moderne la plus avancée, et fera des choix plus strictement adaptés aux données permanentes et non occasionnelles de la réalité brésilienne. Car le pan de verre, par exemple, n'est pas décisivement le matériau électif d'un pays aussi chaud et lumineux. On peut faire en tout cas confiance, dans ce domaine encore plus que dans les autres, au tempérament des Brésiliens pour savoir se renouveler. Mais tout incline à penser que, là aussi, plus on cernera de près la réalité brésilienne, plus l'architecture contemporaine sera apte à résoudre le problème majeur qui lui est posé (qui n'est ni la construction des banques ou des villas mais celle de l'habitat de millions d'hommes), et par ailleurs plus l'apport de l'architecture urbaine du XVIII^e siècle apparaîtra comme un composant précieux du Brésil architectural de demain; et combien il serait grave aujourd'hui de laisser dilapider une telle richesse !

C. AMENAGEMENT ET TOURISME

RAPPORTS ENTRE LA NATURE ET LA CULTURE BRÉSILIENNES

I. La nature, source de culture

Nous avons pris d'abord en considération l'espace vacant naturel du Brésil en tant que tel, et l'investissement culturel que l'homme y a inséré. Mais pour prendre la mesure exacte des dangers qui pèsent sur l'un et l'autre, il nous faut les étudier dans leurs rapports mutuels. Sous cet éclairage, la nature tropicale est moins un champ disponible qu'un aliment culturel de base. Il est en effet des pays où la nature a été depuis longtemps disciplinée, et où les modelages successifs des siècles juxtaposent leur trace sur le terrain en des ensembles de reliefs et de végétation, de parcellaires et de cheminements aussi cohérents que les créations proprement artificielles, villes ou ouvrages d'art. La culture de tels pays est alors en grande partie le reflet de cette nature humanisée et disciplinée, puis hors de toute gêne, la culture y prend ses distances avec la nature jusqu'à l'ignorer. Tel est le schéma des rapports entre nature et culture en des pays aussi exemplaires sous ce rapport que la France.

Au Brésil, tout au long de son histoire, la culture a vécu avec la nature des rapports à la fois infiniment plus violents et plus constamment proches, en quelque sorte des rapports passionnels. Le Brésil n'est pas né d'une lente accoutumance de l'homme au site et du site à l'homme, un homme dont les exigences vis-à-vis de la nature auraient été lentement progressives au long de son évolution. Le Brésil, c'est d'abord un choix délibéré au-delà du hasard, d'hommes d'ancienne culture surgissant dans une nature vierge qui les émeut et qu'ils viennent posséder. Le choix des sites comme la Baie de Rio ou la Baie de tous les saints (Bahia) tient aussi bien de l'amour que de la raison. Cinq siècles plus tard, le Carioca ressent le fait d'habiter Rio comme une fortune élective. Il n'a cessé de ressentir ce paysage et la vie sociale qu'il porte, comme un grand spectacle parfaitement organisé jusque dans les surprises qu'il réserve. Mais l'amour qui lie Rio à son site est de l'espèce de ceux qui étouffent l'objet aimé. Le développement de Rio sur lui-même entraîne le disaillement du relief, voire son nivellement, tandis que les derniers flots de verdure sont anéantis. Et sur cette terre martyrisée les désastres pédologiques sanctionnés de terribles hécatombes, vont de pair avec l'unure généralisée du relief.

Or, c'est tout le Brésil qui vit le drame de Rio. Et c'est bien en terme de tragédie que peuvent se conter les rapports historiques qui lient le Brésilien à la nature tropicale. Il en est fanatiquement épris, il en mesure la puissance, et il mesure sa propre valeur dans son aptitude à la vaincre. Mais il la vainc sans la mettre à son service. Le colon portugais a fait de l'Africain son esclave, mais il n'a pu dompter pareillement la nature brésilienne, ni son premier occupant l'Indien. La nature reste le rival de la possession du territoire. Ce rival, il faut le subtiler pour l'empêcher de reprendre un bien durement acquis. Devant la difficulté d'intégrer l'homme à une écologie naturelle aussi serrée, on doit donc détruire les cycles organiques et on méconnaît alors qu'il n'y a pas de vie humaine possible, non plus, sans intégration de l'homme à cette écologie générale. Fâcheuse méprise et qui se perpétue. Au XIX^e siècle, le Brésil découvre sur, sans en Amazonie, son immense forêt tropicale à presque entièrement disparu, du premier

colon à toutes les vagues successives de l'immigration, de l'esclave à l'agriculteur libre, qui, faute du plus élémentaire acquis, des plus élémentaires ressources de base, n'est libre de survivre qu'en dissipant sa vraie richesse potentielle, se perpétue ce catastrophique "arboricida".

II. Le martyre de la forêt

On brûla d'abord la forêt tropicale pour passer. On la brûla pour planter, ou encore pour pouvoir "laver" la terre et recueillir ainsi l'or qui affleurait à la surface des collines de l'est de "Minas Gerais". La terre végétale et la mine une fois épuisées, le sol s'est trouvé si ravagé que ni la forêt ni les cultures n'ont pu, après plusieurs siècles, s'en ressaisir. Le brûlage des forêts tropicales subsistantes persévère aujourd'hui malgré les consignes. Les règlements n'y pourront rien puisque la survie des agriculteurs est souvent à ce prix. En outre la surveillance est inconcevable. C'est une profonde réforme des structures agraires qui pourra seule sauver la forêt et revitaliser l'agriculture. Et, comme dans le domaine de la sauvegarde des ensembles d'architecture urbaine, la sauvegarde du patrimoine passe par une réforme déterminée des structures. Et faute de la reconstitution de la forêt, le sol meuble du Brésil sans, en outre, de plus en plus ravagé par l'érosion, et celle-ci rend pressante l'aménagement de villes nouvelles et surtout l'équipement routier, condition de l'essor économique et naturellement touristique.

Au début de 1967, un glissement de terrain a coupé la liaison routière vitale du pays, Rio - São Paulo, anéantissant un village qui devait son expansion à l'importance économique de cette artère et causant plus de 500 victimes. On est frappé de la fragilité générale de l'équipement brésilien. Or, elle tient moins au choix des techniques, ou à la brutalité des agents naturels, qu'au fait que trop souvent l'équilibre naturel a été détruit par main d'homme et qu'a été ainsi ouvert imprudemment le processus qui mène au chaos. Là encore, le parallèle est frappant entre l'histoire de la terre du Brésil et celle de sa culture urbaine.

III. Etat des liaisons et leur amélioration

Ceci étant, l'équipement routier qui est actuellement l'objet d'un plan, préparé avec soin par un organisme spécialisé, le GEIPOP, doit vaincre avant tout une difficulté majeure qui s'oppose au développement du Brésil : les considérables distances de ses liaisons intérieures. C'est évidemment la rançon de l'ampleur de l'espace disponible. L'éducation, l'économie industrielle, la préservation du patrimoine naturel et culturel lui-même, sont conditionnées par l'établissement du quadrillage routier de cet immense pays. Bien sûr, l'essor du tourisme n'en dépend pas moins, surtout du tourisme interne du continent où l'usage de l'automobile peut rester prioritaire.

Examinons justement les possibilités comparatives des réseaux routiers, aériens et maritimes et leurs interférences dans les problèmes qui nous préoccupent :

(a) Réseau routier :

Malgré l'effort entrepris depuis quinze ans, l'état du réseau routier est médiocre, à l'exception de l'axe nord-sud de Salvador de Bahia à Rio Grande

de São, du polygone Rio de Janeiro - Belo Horizonte - Brasília - São Paulo, et de quelques routes de dégagement autour de Rio et São Paulo. L'axe Rio - São Paulo est en cours de dédoublement sous forme d'autoroute à double voie, ce qui sera tout juste suffisant à l'intense trafic entre les deux métropoles. Un autre cheminement entre elles est prévu le long de la côte. Mais d'une façon générale l'équipement routier se heurte au Brésil au dilemme suivant : ou bien améliorer un vaste réseau de mauvaises pistes par des travaux légers et extensifs, ou bien concentrer l'effort des opérations poussées mais limitées. On a fait jusqu'ici prévaloir la première politique. Mais les effets de la chaleur sur des revêtements plus minces que les revêtements européens, les effets de pluies sur l'éventrement de terres meubles, et qu'aucun mur de soutènement ne vient conforter, remettent souvent en cause les résultats des travaux entrepris. Quel que soit l'effort spécial fait par le gouvernement dans ce domaine, le résultat n'en sera spectaculaire que dans une dizaine d'années. Et l'essor du tourisme devant être assumé simultanément et non à sa suite, il est approprié de concevoir une première phase de développement touristique sur d'autres bases que le développement d'un vaste réseau routier bien entretenu.

Du moins, le programme qui nous intéresse plus directement pourrait-il par priorité concerner les liaisons courtes entre les points d'aboutissement des autres réseaux (aérien, maritime, et fluvial) et les lieux de visite et de séjour (sites illustres, villes d'art, monuments exceptionnels, villages anciens, pèlerinages, lieux de séjour aménagés). Parallèlement le Gouvernement du Brésil mettra en place ses grandes liaisons continentales.

(b) Réseau aérien

L'important réseau aérien actuel qui ne doit cesser de se perfectionner demeure nécessairement la base d'une visite étendue du Brésil. C'est essentiellement par l'avion, et demain par l'avion-cargo, que les pays susceptibles d'amener le plus grand nombre de visiteurs au Brésil sont liés à celui-ci. Mais l'avion est tout aussi approprié à déposer un touriste sur huit ou dix centres vitaux du Brésil historique d'où il rayonnera, qu'à intégrer deux ou trois escales brésiliennes dans un vaste circuit continental. De même qu'il existe aux Etats-Unis d'avantageuses conditions offertes aux Européens pour visiter par avion ce pays un mois durant, dès lors qu'ils ont traversé l'Atlantique, de même les pays sud-américains devraient s'entendre pour offrir des possibilités semblables en faveur de tous ceux qui sont susceptibles de visiter leur continent.

Notons enfin, que l'avion-taxi et surtout l'hélicoptère pourraient également constituer des liaisons de petites distances entre les aéroports et les ports et les sites à visiter, et même des services particuliers des plages aux sites culturels.

(c) Réseau maritime et fluvial :

Le Brésil historique étant essentiellement celui de la côte, le voia maritime peut constituer également un moyen de visite efficace.

La visite maritime de Rio à Belém peut être privilégiée par la traversée de l'Amazonie, par les cours de l'Amazonie et de ses affluents. Un autre moyen

être incluse dans la visite générale. Les agences se penchent sur ce problème dont la réalisation pourrait d'ailleurs être particulièrement bénéfique au tourisme intérieur : la formule attirerait beaucoup de Brésiliens, qui, en fin de compte, connaissent souvent mal leur pays, et de Rio vont plus communément à New York et à Paris qu'à Belém ou à Bahia.

(d) Nous ne signalons que pour mémoire le réseau ferroviaire. Son développement a rangé son heure au XIXe siècle. Si la conquête de l'ouest aux Etats-Unis a été en partie le fait du chemin de fer, entré depuis dans les légendaires épopées des westerns, la conquête du centre brésilien sera, au XXe siècle, l'œuvre de la route et non du chemin de fer. Celui-ci ne constitue aujourd'hui un élément important du trafic que pour des distances moyennes ou la liaison internationale avec le sud et l'ouest. Les quelques 3.800 kilomètres de lignes sont plutôt à l'objet de travaux d'amélioration et de renforcement que de développement.

IV. Tourisme et échanges culturels

Aussi bien la nature des problèmes posés que les moyens à mettre en œuvre pour les résoudre nous invitent à rechercher simultanément des possibilités diversifiées de pénétration - en quelque sorte différents motifs - et en correspondance, différentes formes d'accueil approprié.

Observons que l'objectif du concours de l'Unesco au Brésil et la vocation générale de l'Unesco n'étant évidemment pas le développement du tourisme pour lui-même, mais essentiellement la compréhension mutuelle des peuples, le développement et la sauvegarde de leurs cultures spécifiques, nous serions fondés à préparer à la visite du Brésil, des voies assez distinctes :

- (1) d'une part celles d'un "grand tourisme" source efficace de devises,
- (2) d'autre part, celles d'une association étroite de la jeunesse des autres pays, à une vaste entreprise de révélation de la réalité brésilienne.

Pour atteindre ces deux objectifs, il existe des moyens particuliers à l'un et à l'autre, mais il y a également des troncans d'équipement communs à constituer. Ce sont eux, évidemment, qui présente le plus d'urgence, et dont la définition sera à établir en fin d'examen avec le plus de précision.

V. Harmonisation du séjour

(a) Le cycle climatique

Le climat est parfois considéré comme une relative entrave à la popularisation du tourisme, et notamment des longues villégiatures, sous les tropiques.

Or, la seule exigence que fait peser le climat sur l'organisation touristique du Brésil consiste à prévoir son intégration dans les saisons les plus appropriées. Cependant, le carnaval de Rio qui polarise actuellement le flux touristique essentiel, se situe dans la période la moins favorable : la fin de l'été antarctique, sujet à de grandes pluies dévastatrices. Or, l'hiver - correspondant

à l'été européen - est, au sud-est du Brésil, une saison plus tempérée. Quant au Nordeste, si la température y est assez étale, la brise continuelle qui rafraîchit tout son littoral, rend le climat de Salvador et de Recife très accueillant toute l'année.

L'essentiel consiste à ménager simplement un rythme de déplacement modéré, éloigné de ce rythme haletant assez en usage en Europe occidentale en fait de tourisme culturel collectif ou individuel. Autrement dit, si les données du climat brésilien sont parfaitement en correspondance avec les préférences de l'homme moderne de tous les pays pour les rivages ensoleillés elles incitent, toutefois, à rechercher les formulations de visites les plus appropriées : une alternance entre les séjours sur les côtes propres aux implantations touristiques légères, et les séjours dans les villes d'art côtières et les autres centres d'intérêt culturel; une organisation grâce à laquelle le séjour de repos sera associé aux meilleures possibilités d'information et de dialogue préparant au contact avec la réalité brésilienne.

(b) L'accueil

Le premier moyen c'est d'associer étroitement le développement du tourisme intérieur et du tourisme extérieur. Grâce à la disponibilité naturelle du Brésilien à être un hôte à la fois plein de simplicité et d'attention chaleureuse, on devrait pouvoir beaucoup attendre de ces contacts pour peu qu'ils soient préparés, pour peu que l'information touristique soit au niveau du problème. Nul doute qu'on rencontrera pour une entreprise de cette nature l'entier concours de la jeunesse brésilienne étudiante et même du corps enseignant. La structure administrative du tourisme brésilien étant jusqu'ici pour ainsi dire inexistante, mais étant appelée à se mettre en place dans les prochains mois, une chance supplémentaire s'offre en quelque sorte de faire bien les choses faute de ne pas les avoir faites plus tôt.

Rares sont les pays, il faut bien l'avouer, où l'information touristique et la pensée qui tentent d'orienter le visiteur en ménageant son libre arbitre et son goût de la découverte, sont à la hauteur du problème. L'association des meilleurs architectes pour résoudre le problème de l'accueil, des meilleurs pédagogues et des meilleurs savants pour présenter le Brésil ne sera pas de trop pour la grande entreprise nationale qui est à poursuivre. Mais tout peut dépendre en fin de compte de l'intermédiaire, de celui qui assurera le contact direct. La dignité du Brésilien, qui n'est pas pour autant outrageuse, est un autre facteur propre à créer ce climat psychologique particulier, propre à définir un nouveau type de relations humaines à travers le voyage qui ait le visage de l'amitié et de la connaissance profonde de "l'Autre". Un type de relations humaines exactement opposé à celles dont un certain tourisme, soit de masse, soit d'élite, se prévaut : celui de la transplantation de groupes homogènes, préservant jalousement dans le déplacement même leur façon de vivre et de juger, leurs aises et leurs connivences, leurs préjugés et leurs défoulements. Rien n'est plus ravageur pour le pays visité comme pour le groupe visiteur, qu'un contact qui se limite à la confirmation de certains clichés, à base d'exotisme facile et de condensation d'un côté, d'avidité d'un autre, et de comme ignorance. Le tourisme de plus en plus vulgarisé est désormais un état de fait propre à peser de plus en plus dans la vie quotidienne de tous, et il n'est pas dans la charge des organismes internationaux à vocation culturelle et immédiate d'accomplir ce qui se

N° de série : 493

forçément de soi et que les pressants de la société de consommation suscitent à la plus vaste échelle en même temps qu'ils en pervertissent l'essentiel contenu humain. Ce qui ne paraît devoir importer le plus à l'Unesco, face à un développement touristique inévitable à échelle mondiale, se situe à trois niveaux :

- (1) L'orienter de préférence vers des pays qui, comme le Brésil, associent patrimoine culturel et beauté naturelle et auxquels il peut apporter un singulier appoint de devises indispensables à leur développement.
- (2) Lier l'essor du tourisme à toutes les mesures de sauvegarde d'entretien et de mise en valeur d'un patrimoine culturel et naturel en danger, et que l'essor même du tourisme peut contribuer à faire périr plus vite.
- (3) Formuler à travers ce contact inévitable les bases d'une connaissance objective et d'une coopération amicale entre les peuples et en particulier leur jeunesse, haussant le sens de l'équipement touristique au-dessus des critères d'une pure rentabilité commerciale immédiate mais visant une rentabilité économique durable.

D. LA PROTECTION DU PATRIMOINE CULTUREL AU BRÉSIL

I. Le D.P.H.A.N.

Nous étudierons dans ce chapitre la structure administrative du service qui assure la protection des monuments historiques et des sites du Brésil. Ce service dépend du Ministère de l'éducation et de la culture.

Notons que si ce service est fédéral, et présente donc une grande unité, ce n'est pas le fait, par contre, de l'organisation des musées brésiliens rattachés les uns à plusieurs services fédéraux, les autres situés au niveau des Etats ou des municipalités ou gérés par des fondations privées. De sorte que si certains musées, notamment d'art moderne, sont dotés d'un mécénat public ou privé enviable, d'autres pâtissent de cette situation et se présentent au visiteur dans une situation assez regrettable. Ce n'est heureusement pas le cas des musées archéologiques et technologiques du D.P.H.A.N. qui sont des modèles du genre.

(a) Structure du D.P.H.A.N.

Le "Directoria do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional" (D.P.H.A.N.) plus couramment désigné sous le nom de "Patrimônio" a été fondé en 1936. Son promoteur, M. Rodrigo Mello Franco de Andrade en est resté jusqu'en 1967 le directeur. Il en fut l'ouvrier infatigable et l'âme. Il en reste la conscience exemplaire. Ayant pris sa retraite, M. Rodrigo de Andrade a pour successeur son plus intime collaborateur, l'architecte Renato Socio.

Le "Patrimônio" est divisé en deux sections : celle des études et classements dirigée par M. Lúcia Costa, l'éminent urbaniste de Brasilia, et celle de la conservation et des restaurations que dirigeait jusqu'ici M. Socio. A cette section est rattaché le laboratoire fondé en 1847 et dirigé par M. Edeon Motta.

Depuis 1936, le "Patrimônio" a classé et sauvegardé un grand nombre d'oeuvres architecturales, en a acheté à des prix fort avantageux certaines qui auraient disparu sans les combats courageux qu'il a menés. Il se trouve ainsi au nom de l'Etat fédéral, propriétaire de divers édifices dont la valeur marchande dépasserait de beaucoup effectivement les disponibilités financières qui lui ont été accordées au cours des ans. Mais bien entendu, ces biens ne sont pas aliénables.

L'oeuvre scientifique du "Patrimônio" consiste en un inventaire monumental très minutieux qui porte sur plus de mille édifices et reste le meilleur instrument de ce genre de tout le continent. Il est fondé sur les plus sûrs critères de la science archéologique et de l'histoire de l'art, et les collaborateurs du "Patrimônio" sont, dans l'ensemble, d'éminents spécialistes, dont la compétence n'a rien à envier à celle de leurs meilleurs collègues européens.

Ce qui n'exclut pas, tout à l'avantage du Brésil, une osmose entre la connaissance du passé et la pleine possession des problèmes architecturaux contemporains, osmose dont la présence de M. Lucio Costa au "Patrimônio" est précisément le symbole.

(b) Nécessité du développement du D.P.H.A.N.

Mais les grandes faiblesses du "Patrimônio" sont l'insuffisance numérique de son personnel, et celle de ses moyens financiers. Ainsi, sa vigilance n'est-elle pas à même de couvrir très théoriquement le territoire national. Et l'autorité de ses représentants hors de l'état où ils résident n'est que très nominale dans bien des cas. C'est pourquoi M. Rodrigo de Andrade a proposé au Gouvernement fédéral un plan d'organisation du service, plus étoffé, et qui serait adapté aux nouvelles exigences : neuf districts seraient ainsi constitués qui auraient leurs chefs-lieux à Boim (Pa.a), São-Luis, Salvador-de-Bahia, Recife, Brasília, Rio de Janeiro, Ouro Preto (Minas Gerais), São Paulo et Porto-Alegre. A un second niveau, seize résidences seraient pourvues de conservateurs qui manifesteraient leur présence dans chaque ville d'art. Ce plan est cohérent, il pose, certes, des problèmes de recrutement mais qui ne sont pas insolubles. Beaucoup d'architectes manifestent au Brésil de l'intérêt pour l'architecture ancienne, mais ne trouvent pas ensuite de débouchés à cette spécialité. Il faudrait que l'enseignement dans les écoles d'architecture aille de pair avec l'ouverture du recrutement d'architectes spécialisés. Or, s'il est fréquent de voir s'ouvrir des possibilités de recrutement pour des agents à vocation indifférenciée de différents niveaux pour l'ensemble des ministères brésiliens, le recrutement spécifique de spécialistes de cette branche étroite du Ministère de la Culture est quasiment nul. De sorte que la formation et l'exceptionnelle qualité du petit noyau des collaborateurs actuels du "Patrimônio" sont des effets de circonstances circonstancielles et de l'action acharnée de M. Rodrigo de Andrade. Mais pour faire face aux problèmes nouveaux, au niveau même où s'opérera le développement du pays, niveau d'une large décentralisation, et niveau d'une remise en question globale, il faut un développement et par conséquent une formation et un recrutement qui font défaut.

(c) Nécessité d'un accroissement du budget du D.P.H.A.N.

Plus préoccupant encore est le problème des crédits. Sur le budget ordinaire, ceux-ci s'élevaient en 1966 à 1.925.000,000 anciens réaux, soit environ

1 million de dollars par an. Or, ces crédits doivent non seulement couvrir le programme des travaux de restauration, mais également les frais de personnel, de fonctionnement, d'études, de publication, de déplacement, etc. Au regard de mille édifices classés qui ne constituent qu'une part du patrimoine monumental, cela représente, en fait de travaux, la moyenne dérisoire de 600 dollars par édifice et par an, ce qui serait indispensable à l'entretien, et laisserait dans sans financement les projets de restauration proprement dits, sans l'exécution desquels une part essentielle du patrimoine monumental ancien est appelée à disparaître. Cette parcimonie n'a d'égale que la haute qualification et le dévouement des agents du "Patrimônio" et souvent des artisans qui travaillent au marché de la construction brésilienne. Cependant, les pratiques sont généralement telles que, dès lors qu'un propriétaire public ou privé, et notamment les municipalités, voient leurs propriétés classées, elles laissent dès lors la charge intégrale de l'entretien et des restaurations peser exclusivement sur le "Patrimônio". Cette situation est anormale. Un partage équitable entre l'autorité fédérale et les différents niveaux de l'autorité locale devrait supporter cette charge. Mais il se trouve souvent que les communes qui ont hérité de la plus lourde charge de patrimoine ancien, sont en même temps les cités les plus dégradées sur le plan social. Aussi, les crédits municipaux sont-ils affectés à des urgences prioritaires dont est exclue la sauvegarde du patrimoine.

Cependant, le double souci d'accroître les investissements culturels et d'établir une plus grande cohésion entre les différents organismes appelés à pratiquer une politique culturelle, vient d'inciter le gouvernement à créer en 1967 un Conseil fédéral de la culture, présidé par M. Montellat, qui est chargé de répartir une dotation financière supplémentaire ayant l'avantage d'échapper à la notion d'annualité budgétaire, et de pouvoir ainsi être reportée d'un exercice à l'autre si elle n'est pas dépensée dans l'année. Le Conseil fédéral est composé de quatre chambres correspondant à quatre domaines culturels distincts. L'une d'elle, présidée par M. Rodrigo de Andrade, concerne le patrimoine historique et monumental. Le "Patrimônio" présentera chaque année au Conseil fédéral une proposition de programme supplémentaire sur lequel se prononcera cette chambre, et qui s'ajoutera ainsi au programme annuel du "Patrimônio" soumis à l'annualité budgétaire. Mais d'autres organismes que le "Patrimônio" peuvent également faire des propositions de financement de travaux de restauration au Conseil fédéral, notamment les États et les municipalités.

Nous retiendrons que ce nouveau système, en dépit de la dispersion éventuelle qu'il implique, a au moins l'avantage d'apporter un financement supplémentaire substantiel à l'œuvre de restauration, sans qu'il soit toutefois suffisant pour permettre d'aborder la restauration des vastes ensembles encore non classés. Car, insuffisantes pour assurer la sauvegarde du domaine déjà classé, les ressources actuelles sont sans proportion avec les besoins du domaine à classer. Telles qu'elles, elles n'incitent guère le "Patrimônio" à accroître ses protections.

Mais il serait regrettable qu'à la faveur de financements directement octroyés d'une façon ou d'une autre aux municipalités, des travaux soient exécutés sur les monuments par un personnel insuffisamment qualifié.

Là où le "Patrimonio" n'exécuterait pas les travaux lui-même, il importerait qu'il en exerce le contrôle avec toute l'autorité nécessaire.

De toute manière, il est certain que, face aux grandes mutations urbaines qui se préparent aujourd'hui à côté de son travail propre, le "Patrimonio" doit être de plus en plus appelé à coopérer avec les autres services publics.

(d) Extension de la notion de protection

Il ne faut pas oublier en effet, que, de par la loi, la notion de protection peut tout aussi bien concerner le vaste espace d'un site qu'un monument particulier.

Or, dans la pratique, la notion de site concernait essentiellement des zones naturelles. Pour les plus vastes d'entre elles, la législation des sites se trouve d'ailleurs recouverte par celle des Parcs nationaux.

1. Les mutations urbaines :

Mais la sauvegarde des monuments elle-même a conservé longtemps un caractère ponctuel. Or, la mutation soudaine des villes a entraîné ces vingt dernières années des dégradations de villes qui, comme Salvador de Bahia, possédaient une très grande homogénéité. Ainsi la procédure du classement a-t-elle été employée à des ensembles de plus en plus vastes : le plus récent exemple est, après l'inscription des quartiers de Soledade ou du Pelourinho à Salvador, le classement de tout le territoire municipal de Parati. Cependant, le manquement de ce classement global n'est pas sans préoccuper le Service du Patrimonio qui paraît hésiter à classer très largement Olinda. Néanmoins, je le recommande moi-même nettement.

Mais l'insuffisance de ses structures actuelles et de son budget peut faire légitimement craindre au "Patrimonio" qu'il soit rapidement débordé par la tâche qu'une politique extensive du classement entraînerait.

2. Le mécanisme du classement :

En premier lieu, le mécanisme juridique du classement entraînera nécessairement, avec la pratique des classements extensifs, un travail administratif sous lequel, avec ses effectifs trop réduits, le Service du "Patrimonio" risque de ployer. Voici rapidement quel est ce mécanisme.

En cas d'initiative du "Patrimonio" lui-même, le classement est prononcé par le ministre sur la proposition du directeur, mais le propriétaire a la possibilité de faire appel à la proposition de classement. Le Conseil du "Patrimonio", composé de personnalités choisies hors du service, donne son avis auquel se range le ministre. Et le Président de la République ne peut rapporter le classement que s'il est convaincu qu'il est en sape l'intérêt public. En cas de demande de propriétaire, le "Patrimonio" classe ou non selon l'avis du Conseil. On voit que si, au Brésil, les moyens financiers sont insuffisants, l'expérience administrative est excellente. Elle est infiniment plus fertile, par exemple, que celle

dent également les services français, où le classement prononcé contre le gré du propriétaire donne lieu à indemnisation devant les tribunaux civils appréciant le tort causé.

Contre l'opposition des propriétaires, parfois puissants, le "Patrimônio" a à son actif de spectaculaires victoires. Mais il peut craindre que dans son dévouement financier actuel il ne puisse assumer les charges auxquelles il aurait droit, non en droit mais en fait, les propriétaires, surtout ceux-ci ne songent pas d'assailir le Service pour lui demander de procéder à des modifications de l'état des lieux. Or, une autre objection est faite à la pratique généralisée de classements étendus : l'inclusion d'éléments médiocres, de maisons dont l'architecture aura été modifiée, et dont les modifications seront évoquées comme des malbis et des précédents. Le "Patrimônio" craint ainsi d'affaiblir sa position dans les négociations relatives aux travaux des lieux. En réalité, il garde une légitime appréciation de ceux-ci, et les considérants du classement peuvent toujours spécifier qu'un élément modifié n'est pas inclus à titre de référence des modifications tolérables, mais afin que, dans un ensemble, cet élément déjà modifié ne subisse pas une dégradation supplémentaire.

3. Les sauvegardes et les restaurations globales :

En réalité, le problème fondamental est là : il faut classer de vastes ensembles pour les contrôler certes, mais surtout en vue de leur restauration globale. Car, à Salvador, par exemple, la dégradation s'opère d'elle-même dans les quartiers historiques, à une grande vitesse. Il faut classer pour réaliser de grandes opérations de renovation urbaine de caractère à la fois social et culturel. Pour atteindre ce but, le "Patrimônio" ne peut agir seul. Il faut que ses efforts soient joints à ceux de la Banque nationale de l'habitation, à ceux de l'EMERATUR (nouvel Office national de tourisme), à ceux des Etats, à ceux des Services du Planifimonta (plan) de l'Etat fédéral, enfin à ceux de la coopération internationale.

(e) la restauration des décors intérieurs et des objets mobiliers :

L'action du "Patrimônio" s'est également portée avec beaucoup de succès sur la sauvegarde et la restauration, parfois même la découverte, d'ensembles décoratifs importants appartenant aux églises classées; talha (bois doré sculpté), plafonds peints, panneaux peints, azulejos, ensembles de retables et mobilier divers, constituant du XVII^e au XIX^e siècle, une des richesses artistiques les plus spécifiques et les plus précieuses du Brésil. L'ouvrage de M. Germain Bazin sur l'art baroque au Brésil, y fait à juste titre une très large place. Les restaurations minutieuses du décor de bois peint et doré, et des peintures sur toile et sur bois ainsi que des statues polychromes ne sont pas d'un coût élevé par rapport aux restaurations architecturales. Mais elles exigent beaucoup de talent, et on se plaît à souligner que les collaborateurs du "Patrimônio" dirigés par son laboratoire de Rio, excellent particulièrement dans cette entreprise.

Mais faire d'heureuses restaurations de décor, et devoir faire de crédits recette sans cesse les travaux de base, est une situation dont ne cesse de s'alarmer le "Patrimônio".

(f) En conclusion, le problème consiste à multiplier d'ici peu par six puis par dix la présente activité du "Patrimônio"

Ce programme exige une orchestration générale dans laquelle s'insère l'action du "Patrimônio".

Au titre des choix des urgences dans le développement socio-culturel;

Au titre des études des restaurations du service;

Au titre du contrôle des opérations des tiers;

Cela implique une certaine mutation du Service qui doit être ainsi renforcé de l'intérieur et de l'extérieur.

II. Participation de l'Office brésilien du tourisme (Empresa Brasileira turismo - EMBRATUR)

Un décret-loi du 18 novembre a créé un Conseil national du tourisme et un Office brésilien du tourisme (EMBRATUR), et a défini les grandes lignes de la politique nationale.

Ce décret comble une grande lacune, car les organismes qui s'occupent du tourisme étaient jusqu'ici dispersés, inégalement répartis, et n'eurent pas toujours la compétence souhaitable.

L'Office aura une autonomie financière et disposera d'un capital de 50 milliards de cruzeiros anciens, constitués en cinq ans par des crédits provenant du Gouvernement fédéral (soit 20 millions de dollars). On voit que cette somme est importante, comparée aux ressources dérisoires du "Patrimônio". A cette dotation gouvernementale pourraient s'ajouter d'autres donations (taxes parafiscales; timbre touristique, dotations privées, etc.). Les attributions de l'Office consistent à gérer ce capital en finançant des programmes ayant pour objectif le développement de l'industrie touristique. Le "Patrimônio" est représenté au Conseil national du tourisme par son directeur, mais il conviendrait que ce Conseil et son Office soient hautement pénétrés du fait qu'il serait vain de développer les structures commerciales du tourisme, si le capital culturel de base capable de la susciter disparaissait. Il conviendrait d'étudier de très près l'affectation des crédits nationaux ainsi disponibles en faveur du tourisme. Les revenus résultant de taxes parafiscales ne sont pas susceptibles de remboursement. Il serait donc indiqué de les attribuer à des opérations à revenu indirect, mais à fonds perdus. La publicité est dans ce cas. Elle est très insuffisante actuellement, mais il conviendrait de l'étudier en liaison avec le "Patrimônio" et les autres services culturels afin qu'elle présente toutes les garanties nécessaires.

Il serait par ailleurs souhaitable de réserver une part importante du capital destiné à l'EMBRATUR, en équipement touristique des villes et stations touristiques qui seraient simultanément retenues dans un plan de rénovation urbaine et de sauvegarde du patrimoine culturel. Une autre partie serait à consacrer à l'animation culturelle (festivals notamment) sur la base d'une régionalisation appropriée.

III. Participation de la Banque nationale de l'habitation

La Banque nationale de l'habitation pourrait de son côté être invitée à donner une priorité au relogement dans les quartiers anciens, à ces cités de relogement des anciens habitants des anciens quartiers.

E. LA PROTECTION DE LA NATURE AU BRÉSIL

Nous n'étudierons pas dans ce rapport les problèmes administratifs et financiers posés par le problème de la protection de la nature dans son ensemble. La quantification de ces questions relève de l'ordre agronomique et rural.

Le problème financier ne se pose pas vis-à-vis des sites naturels de la même manière que vis-à-vis du patrimoine monumental. Le problème de la sauvegarde de la nature s'inscrit dans le cadre suivant :

(a) La préservation et la reconstitution de la forêt brésilienne est prioritaire

C'est, avons-nous déjà dit, un problème capital qui concerne la politique agricole et la politique de l'équipement général du pays. La pénétration vers le centre et l'ouest ne doit pas se faire aux dépens des lambeaux de forêt qui subsistent. Mais c'est surtout la forêt littorale qu'il faut sauver et reconstituer par une révision des pratiques agricoles. Or, la dégradation de la structure agricole de la zone littorale, et de la zone intermédiaire entre le littoral et la Sertão est une des causes les plus évidentes des difficultés du Brésil. Dans l'opération de restructuration agricole de cette zone et du développement industriel, le souci de ménager la forêt et de la reconstituer doit être particulièrement présent aux esprits.

(b) Les grands sites naturels de caractère spectaculaire sont à préserver, mais ils ne sont pas les seuls

Les plages, même éloignées des grands centres, seraient à recenser et des modes d'équipements légers seraient à adopter, sur les bases de dispositions générales qui laisseraient toujours en zone non édificanti le cordon littoral même. Le charme de ces plages, c'est, outre leur calme et leur propreté, la proximité des ombrages.

(c) Dans les études de détail qui vont suivre, nous ne pouvons que nous borner à proposer des protections d'éléments naturels particuliers ou impliqués dans des ensembles monumentaux. Mais nous avons cru devoir insister, idéologiquement sur la nécessité de la protection d'ensemble de la nature brésilienne. Mais cette protection ne pourrait être évaluée, et ne pourrait faire l'objet de recommandations techniques spéciales que par une étude qui serait faite conjointement par l'Unesco et la FAO.

(d) Les parcs nationaux enfin ont suscité au Brésil une attention et un effort particuliers. Parmi les 14 parcs nationaux du Brésil, certains sont des

ensembles forestiers et montagneux de dimension relativement modestes et situés généralement à proximité de grandes villes ou de centres touristiques ou climatiques importants. C'est le cas de deux d'entre eux que nous avons visités: le parc national de Tijucas à Rio même et celui de Teresopolis. L'entretien et la protection de tous ces parcs sont bien assurés: l'accès automobile y est limité et contrôlé. Un travail botanique sérieux y est entrepris en liaison avec les autres services compétents: Jardin botanique de Rio, Institut brésilien de développement forestier qui coiffe à la fois l'organisation des parcs nationaux et celle des réserves naturelles, sous la tutelle du Ministre de l'Agriculture.

D'autres parcs nationaux ont un tout autre caractère. Tracés à larges traits dans des ensembles vierges, et de proportions très vastes, ce sont avant tout des déclarations d'intention. Leur conservation passe par l'établissement de mesures d'ordre plus général, celles que nous avons évoquées à propos de la dégradation de la forêt, et dont justement l'Institut brésilien de développement forestier, présidé par le général Pinto da Luz, se préoccupe.

(e) Le Jardin botanique, conçu comme un laboratoire propre à l'étude et à la sauvegarde des espèces est également une formule que l'on se propose de développer en fonction des contrastes manifestes que présente la nature brésilienne du nord au sud et de l'est à l'ouest. Il est suggéré qu'entre le Jardin botanique de Rio, classé monument national et modèle du genre, un Jardin botanique soit créé à Brasilia, un autre à Recife, un autre enfin en Amazonie.

Parcs nationaux et jardins botaniques ne répondent pas, par le monde, à la seule nécessité de la protection de la nature, mais pour mieux la protéger et en jouir à celle de mieux la connaître: connaissance scientifique et recherche dans les jardins botaniques et les réserves; connaissance vulgarisée et usage de loisir dans les parcs nationaux et secondairement dans les jardins botaniques;

La liaison des parcs nationaux avec les centres urbains par route ou par ligne aérienne, les équipements à la fois de protection et de séjour dans ces mêmes parcs sont donc à considérer dans un plan d'équipement touristique brésilien. L'accueil hôtelier existe par exemple au Parc national d'Igassu. Le développement de semblables initiatives auprès d'autres parcs nationaux ne saurait toutefois précéder le recensement scientifique, et l'étude approfondie des parcs qui sont seulement en cours d'élaboration.

(f) Une formule en cours d'élaboration en France sous le nom de Parcs naturels régionaux et qui se rapproche de la formule des parcs japonais et des Field centers britanniques entend associer plus étroitement l'idée d'outre de loisir métropolitain et celle de préservation, et dans une certaine mesure, en France, de rénovation rurale.

Le Brésil, pays à la fois de vastes étendues disponibles et de grandes concentrations urbaines, serait sans doute très désigné pour équiper la version tropicale de cette formule.

DEUXIEME PARTIE

Etudes de détail

Nous avons choisi de grouper les études de détail en cinq chapitres.

Le premier est consacré à la région côtière centrale de Rio de Janeiro - São Paulo.

En remontant vers le nord, le second et le troisième chapitre sont consacrés respectivement à la côte du Nordeste et à la côte nord.

Le quatrième chapitre étudie le centre du pays, et, en particulier, l'état du Minas Gerais.

Le cinquième chapitre enfin est relatif au sud du Brésil.

A l'exception de Manaus, au centre de l'Amazonie, qui ne figurait pas dans la requête du gouvernement, tous les centres d'intérêt artistique du Brésil sont ainsi étudiés.

Premier chapitre

Région de Rio et de São Paulo

I. ETAT DE RIO DE JANEIRO

A. PARATI ET LA BAYE DE L'ILHA GRANDE

Situation géographique et historique

Les chances de Parati, sous le double plan culturel et économique dans la perspective d'un développement par le tourisme tiennent à divers faits :

(1) Le premier est sa situation privilégiée :

Sur l'océan, au fond d'une des merveilles naturelles du Brésil, la baie de l'Ilha Grande;

A égale distance de Rio et de São Paulo, les deux plus grands centres urbains du Brésil.

(2) Cette situation géographique privilégiée tient à l'histoire :

Parati était au XVIIIe siècle le port d'accès de la riche région de Minas Gerais. Depuis Rio la liaison était uniquement maritime jusqu'à Parati. Depuis Parati, la "route des esclaves" dont il reste des traces sur la route Parati-Damha, s'enfonce vers l'intérieur. Lorsqu'en 1725 on joignit directement Rio à São Paulo par la route (le "caminho novo"), Parati qui atteignait 20.000 habitants perdit de son importance.

Singularité de Parati

- (3) Mais c'est cette mise à l'écart des courants commerciaux qui a sauvé jusqu'ici Parati, à la différence des autres ports voisins de Rio ou de São Paulo, plus aisément liés à ces métropoles par la route, et qui ont perdu presque toute leur architecture traditionnelle au cours des cinquante dernières années.
- (4) Au contraire, Parati est encore pratiquement intact. Bâti sur plan en damier dont les axes ouest-est divergent légèrement vers la mer et dont les transversales nord-sud affectent une légère courbure qui correspond à cette divergence, Parati offre l'heureux exemple urbanistique d'un plan préconçu mais non rigide. Ainsi les perspectives y sont-elles très heureuses, et la symétrie générale qui inspire cette composition y a-t-elle son caractère plus biologique que froidement géométrique.

Patrimoine monumental et ensemble architectural

Quatre églises baroques, la sétriz : Nossa Senhora dos Remedios, Nossa Senhora de Bomfio, Santa Rita de Cassia et la chapelle de Nossa Senhora das Dores, constituent les accents monumentaux de ce quadrilatère. La seconde est l'objet d'une excellente restauration par les soins du "Patrimônio". Les trois autres églises ont besoin d'intervention mais les crédits manquent.

L'intérêt principal de Parati tient à la remarquable homogénéité de son architecture urbaine faite de 500 demeures environ, les unes "sobrados", les autres sans étage, dont les caractéristiques sont typiques de l'architecture brésilienne du XVIII^e siècle : toit de tuile, canal à la corniche très proéminente, ouvertures hautes aux linteaux courbes ou festonnés, jalousies de bois, murs généralement colorés, aux chauds contrastes, et rehaussés par les colorations des encadrements des ouvertures, balcons au premier étage des sobrados.

L'intérêt croissant que portent notamment les habitants de São Paulo, à Parati, a commencé à créer un mouvement de rénovation de ces maisons anciennes dont beaucoup restent abandonnées, et sont, sauf intervention proche, sur la voie d'une destruction irrémédiable. D'autre part, le mouvement des restaurations individuelles doit être contrôlé car il risque de dénaturer l'ensemble. Le "Patrimônio" a procédé à quelques acquisitions, mais n'est en mesure, avec ses possibilités actuelles, que de résoudre quelques cas individuels.

D'autre part, si au-delà de la ville ancienne, le quartier moderne est encore peu développé, il y a le risque aujourd'hui sérieux, que l'attraction que constitue Parati sur le plan touristique, entraîne des implantations regrettables, qui possèdent hiérarchiquement près de la ville ancienne. L'école moderne brésilienne selon les critères d'un faux modernisme agressif en est l'exemple le plus évident et heureusement le seul très voyant.

Plan d'urbanisme

Donc, non seulement pour la ville ancienne, mais pour la ville nouvelle tout entier l'adoption d'un plan d'urbanisme s'impose, prévoyant à la fois les moyens de la sauvegarde et de l'entretien de la ville ancienne, et les possibilités de

développement du nouveau Parati. C'est à cette tâche que s'est dévoué depuis plusieurs années l'architecte Frédéric de Limburg-Stirum, dont le plan, avec quelques correctifs, a été adopté officiellement par le "Patrimonio". Celui-ci a donc demandé au gouvernement que la prise en considération de ce projet débouche sur le financement de l'étude de détail susceptible de constituer à la fois un instrument juridique d'affectation des sols et une procédure financière d'aide à la sauvegarde et à la mise en valeur.

Classement de Parati

L'aspect juridique de base d'une telle action, est d'ailleurs déjà acquis par le classement comme monument national de tout le "municipio" de Parati, c'est-à-dire de tout le territoire communal.

Les interventions multiples qui peuvent en découler pour autant que l'on disposera des moyens financiers nécessaires, et d'un pouvoir de gestion spécifique (fondation ou société mixte établie auprès du pouvoir municipal et gérant les crédits notamment sous le contrôle du "Patrimonio") se répartissent en diverses catégories correspondant à des zones concentriques successives autour du Parati ancien.

(a) Mesures concernant la ville ancienne

(Parati ancien ou quartier historique (18 ha))

1. Action générale sur le territoire municipal (domaine public)
 - a. Réfection des rues en gardant le pavement ancien.
 - b. A la faveur de cette réfection mise en souterrain du réseau de distribution électrique, et réalisation de toute l'infrastructure urbaine.
 - c. Groupements collectifs des antennes de télévision.
2. Aménagement portuaire
3. Restauration des édifices publics notamment des églises par le "Patrimonio".
4. Politique d'acquisition ou d'expropriation des maisons anciennes menaçant ruine en vue de remise en état et revente.
5. Politique d'aide financière aux restaurations strictement contrôlées par le "Patrimonio".
6. Schéma directeur prévoyant l'affectation des terrains encore libres à l'intérieur du quartier ancien : réserves de préférence aux jardins, aux dépendances des installations hôtelières, aux équipements publics nécessaires à cette ville de séjour.

(b) Zone verte non aedificandi et zone verte de délaissement

(Zone de protection de la ville ancienne)

M.F. de Limburg-Stirum propose l'établissement d'une "zone verte non aedificandi" de 46 ha. et une "zone verte de délaissement" de 90 ha. incluant au

N° de série : 492

nord, au-delà de Rio Pereque Assu, le site de la Santa Casa (hôpital) et du Morro da Vila Velha ("morre" boisé) avec fort militaire, dominant la mer. Sur cette zone doit être menée une politique d'acquisition qui "gèlera" le terrain disponible, et valorisera d'autant les terrains extérieurs à cette zone verte, qui seront eux-mêmes les terrains de développement de la Ville nouvelle. Est également à incorporer à la zone de protection non aedificandi la plage située entre le Morro da Vila velha et la ville (Praia de Pontal) et la plage située au sud du nouveau port et ses arrière-plans au nord et au sud du Rio Petitiba. Dans cette zone verte de délaçsement fortement arborisée les seules constructions admises seraient d'intérêt public : équipement sportif, culturel, hôtelier. Ces constructions seraient soumises à une règle de non altus tolendi très stricte, la hauteur maximum ne dépassant pas celle des sobrados de la ville ancienne.

(c) Quartiers futurs

Les quartiers neufs enfin se déploieraient en-deça de cette zone, séparé entre eux par de larges bandes vertes. Ils auraient notamment toute faculté de se déployer au nord du "morre" de Vila Velha dans un éventuel développement d'architecture verticale, et à l'ouest selon des critères de développement horizontal de résidences parsemant la verdure.

On le voit, ce projet est nettement optimiste quant à l'essor futur de Parati, et il a un caractère d'anticipation évident. Mais ce n'est pas là son moindre mérite. Il s'agit moins de savoir dans combien d'années le Parati neuf prendra de telles proportions que de prévoir toutes les dispositions pour que, au cas où il prendrait un tel essor, son expansion ne soit pas la cause irrémédiable de la dégradation de ce qui aurait fait sa fortune : son site et sa ville ancienne.

(d) Protection de la forêt environnante

Au-delà du développement éventuel de la ville neuve, il importe d'assurer une protection sévère d'une nature exceptionnellement belle mais qui n'est déjà plus intacte. En montant vers Cunha par l'ancienne "route des esclaves", nous avons pu constater sur le territoire même du "município" aujourd'hui classé, que les ravages du défrichage par brûlage se poursuivaient. La sauvegarde de la forêt de Parati, liée intimement à l'agrément de cette station balnéaire et de ce site artistique, pose le problème d'une coopération de l'action du Ministère de l'Agriculture et du "Pararimonio", portant non seulement sur les forêts domaniales, mais sur les forêts privées. Cela est lié évidemment à la politique agronomique de l'Etat de Rio de Janeiro et du Gouvernement fédéral. A peine franchies les premières lignes de crêtes du cirque de montagnes qui encadre Parati, le spectacle de la pratique de déboisement systématique est particulièrement saisissant. Les abords de Parati, et de l'ensemble de la baie de l'Ilha Grande y apparaissent comme un des derniers cantonniers de la forêt brésilienne à protéger à tout prix.

(e) Protection de la baie de l'Ilha Grande

La protection de Parati soulève en effet, le sort de l'incroyable et si admirable site de la baie de l'Ilha Grande, dont le port principal Angra dos Reis a subi ces dernières trente années le sort auquel il faut faire dévier l'œil.

Angra dos Reis

Angra dos Reis possède certes encore des maisons du XVIII^e siècle et trois églises anciennes dont l'une en ruine. Mais les établissements industriels, les médiocres installations portuaires, l'hôtellerie moderne anarchiquement disposée ont dégradé la ville dans son ensemble. Compte tenu cependant que Angra dos Reis est le port d'entrée de la baie de l'Ilha Grande par lequel on accède par bateau à Parati, compte tenu de la liaison directe entre Rio et Angra dos Reis, compte tenu surtout de la beauté exceptionnelle de la baie aussi bien appréciable de l'intérieur (la descente sur Angra le long d'une embouchure fluviale), que de la mer (parcours d'admirables îlots dont l'un est surmonté d'un oratoire ancien), il est important d'essayer de redresser la situation d'Angra dos Reis par l'établissement d'un plan d'urbanisme. Il faudrait que le "Patrimoine" puisse y remettre en état les églises anciennes, puisse restructurer le site urbain de la Patriz, et que le port soit convenablement équipé.

(f) Sonéma directeur de la zone Rio - São Paulo

Cela nous conduit à étudier les moyens de liaison entre Rio et Parati, et entre São Paulo et Parati.

En premier lieu les conditions d'une liaison aérienne privée sont à rétablir : le terrain d'aviation de Parati est à remettre en état et à classer. La liaison routière de Rio à Parati est pour l'instant déplorable. La bretelle qui mène de la route Rio - São Paulo à Angra dos Reis est déjà assez mauvaise. La route qui longe la baie d'Angra à Parati est rarement praticable. Ce n'est d'ailleurs actuellement que la piste de desserte du chantier de la route future. C'est le bateau qui est donc utilisé de Angra à Parati. Mais celui-ci est vétuste, et les appentements tant à Parati qu'à Angra sont bien sommaires. Quant à l'escale intermédiaire de Mambucaba, elle se fait par yole. L'aménagement d'un appentement à Mambucaba aurait de multiples avantages, d'abord pour la population locale réduite à des exercices périlleux en pleine mer, la baie étant à cet endroit très ouverte à la houle de l'océan. D'autre part, il raccourcirait la durée de la liaison Angra - Parati de près d'une heure. Enfin, il permettrait sans doute de créer une petite implantation touristique à Mambucaba même, dont la plage et la couronne forestière sont admirables et qui possède une église et un établissement conventuel dont la silhouette est très appréciable depuis la mer.

Il y a un moyen de joindre la route Rio - São Paulo depuis Parati. C'est l'ancienne "route des esclaves" qui, à Dambo, rejoint une route en cours d'aménagement, celle-ci lie Guaratingueta sur la route Rio - São Paulo à Ubatuba sur l'océan à l'ouest de Parati. On le voit, un gros effort est fait pour quadriller cette zone touristique située entre Rio et São Paulo d'un équipement routier suffisant. Il s'imposerait donc d'améliorer également le tronçon Cunha - Parati, afin de désenclaver Parati. Néanmoins, la grande liaison routière Guaratingueta - Rio, tronçon de l'autoroute São Paulo - Rio, reste fastidieuse pour un Carioca désireux de venir passer le week-end à Parati. Aussi n'est-il pas étonnant que, bien que Parati relève administrativement de Rio, son sort touristique et, par conséquent économique, ait jusqu'ici dépendu surtout de l'intérêt que lui ont porté les Paulistes.

A l'ouest de Parati, Ubatuba et São Sebastião sont devenus les exotiques balnéaires de São Paulo, mais la rançon de cet essor a été une dégradation artistique à laquelle Parati a échappé. Nous estimons néanmoins que le plan de sauvegarde du Vieux-Parati, complété d'un plan financier d'équipement et d'urbanisme d'un nouveau Parati doit être lié et intégré à un schéma directeur concernant tout le secteur maritime Rio - São Paulo, dont les délimitations de l'aire d'étude seraient la côte, la route Santos - São Paulo et l'autoroute Rio - São Paulo. Ce schéma directeur inclurait intégralement les données du plan d'urbanisme de Parati, préparé par M. Limburg-Stirum et amendé par le Conseil du "Patrimônio", et associerait les autorités responsables de l'Etat de Rio de Janeiro, de l'Etat de São Paulo et éventuellement de l'Etat de Guanabara. Seraient ainsi coordonnées, sur cet espace relativement étroit mais ayant une vocation précisée face au phénomène urbain bipolaire de Rio et de São Paulo qui ne groupe pas moins de 10 millions d'individus, les actions aujourd'hui trop autonomes des Ministres de l'agriculture, des travaux publics et de l'éducation. C'est également dans ce cadre précis que devrait s'insérer l'action de l'EMERATUR.

(g) Développement de l'hôtellerie

Le développement de l'hôtellerie est certainement une des conditions sine qua non de ce développement touristique. Encore faut-il situer l'aide à l'hôtellerie dans le cadre de la sauvegarde artistique des villes comme Parati. Nous déconseillons formellement à Parati l'aménagement d'hôtels neufs alors qu'on est à la recherche de vocations à donner à des maisons abandonnées dont les murs extérieurs sont viables, sont de qualité et appartiennent au décor et à la structure de la ville ancienne. Deux hôteliers et deux restaurateurs s'efforcent actuellement de créer des équipements convenables et une réelle attraction gastronomique dans le cadre de la vieille ville, et c'est dans ce sens que les prêts hôteliers seraient les mieux fondés. Ils auraient pour contrepartie une soumission étroite aux exigences du "Patrimônio" quant à la nature des travaux d'aménagement extérieurs. Outre le prêt hôtelier, une participation financière publique à ces travaux de restauration extérieure serait à envisager aussi bien au profit des commerces à caractère touristique que des autres formes de résidences à caractère privé ou public (auberge de la jeunesse par exemple).

(h) Etudes pédologiques

Si de nombreux architectes, à commencer par M. Limburg-Stirum qui pourrait coordonner l'opération d'ensemble sous la tutelle du "Patrimônio", sont disponibles pour engager cette opération de Parati et son prolongement éventuel à Angra dos Reis et à Nambucaba, tous ces aménagements mettent également en question des études très précises touchant le sol, les lits et les estuaires des fleuves, la disposition des jetées et appentements, les assainissements (à réaliser avec prudence), la sauvegarde des plages, etc.

Il faut noter ici qu'il a été récemment procédé à la rectification du lit du Rio Fureque Baixo, devenu rectiligne, mais que cela pourrait être nuisible à l'assainissement du site du nord de Parati, bien au contraire. Les rives s'effondrent plus que par le passé et, pour autant que guise au jour le versant, l'unique remède n'en est que plus ensablé.

Or, l'espoir de Parati en tant que ville d'art est lié aux agréments qu'elle pourra offrir en tant que ville balnéaire. Condamnait tous aménagements en dur près des plages, admettant certaines formes d'installations légères, on devra avoir le souci de l'assainissement et, si possible, de l'accroissement des dépôts sableux. Il nous paraît indispensable que tout le secteur soit l'objet d'une étude pédologique d'ensemble, tendant plus à limiter les interventions qu'à les multiplier. Au devant de la ville, la mer dépose des terres nouvelles: résultent-elles de l'établissement portuaire actuel ? Quelles conséquences entraînerait son déplacement ? Comment réviser la rectification inopportune du Rio Fereque Assu ? La zone au-delà de Jabaquara prévue par M. Limburg-Stirum pour l'établissement de la future "ville verticale" est-elle réellement propre à l'habitation, et à la fondation de blocs importants ? Avant d'adopter le plan d'aménagement définitif de Parati, s'imposerait une vaste étude pédologique du secteur qui insurserait d'ailleurs l'étude du sol du Vieux-Parati. Jadis la mer pénétrait dans les rues est-ouest : était-ce là un fait intentionnel de la structure urbaine, ou un phénomène pédologique subséquent à la construction ? Le fait est important pour l'avenir même du projet d'ensemble.

(4) Conclusions

Nous concluons l'étude du problème posé par Parati et le site de la baie de l'Ilha Grande par les propositions suivantes :

1. Assistance technique sous la forme d'une mission de pédologie. La définition de cette mission serait liée au programme d'ensemble de sauvegarde du patrimoine monumental connu au Gouvernement du Brésil et à l'Unesco.
2. Développement de l'étude du plan directeur de la région et du plan d'urbanisme de Parati. La mission que l'Unesco vient de confier à M. Limburg-Stirum s'insère dans cette perspective.
3. Création par le Gouvernement du Brésil d'une fondation ou de tout organisme juridique dont le bras exécutif serait une société mixte gérée sous le contrôle artistique et technique du "Patrimônio" afin de réaliser la politique foncière et les équipements nécessaires à la promotion de Parati et à sa sauvegarde. Cette opération se décomposerait en :
 - (a) Travaux d'étude.
 - (b) Travaux édilitaires (infrastructure, pavage, travaux portuaires, fluviaux, etc, équipement culturel, sportif, reboisement).
 - (c) Travaux de restauration de l'ensemble de la ville ancienne.
 - (d) Prêt à l'hôtellerie par l'Office du tourisme selon les critères fixés par l'organisme central de l'opération. Pour mener à bien cette opération, le Brésil dispose sur place des compétences voulues. Le plus difficile sera de conférer à ces compétences toute l'autorité nécessaire. Les circonstances semblent plus favorables aujourd'hui qu'hier sous ce

rapport à Parati. Il sera indispensable que le "Patrimônio" dispose d'une part des moyens disponibles pour étoffer son personnel et accroître son emprise.

4. Un effort d'information et de propagande devra être mené de pair tant à Rio et à São Paulo qu'à l'étranger pour faire connaître Parati, les possibilités qui y sont offertes. Il conviendra que toutes les opérations foncières soient menées avant cette campagne.
5. L'opération Parati sera à situer dans une opération plus vaste touchant plus légèrement Angra dos Reis et Mambucaba, la sauvegarde de la forêt encadrant tout le site de la baie de l'Ilha Grande, et dans le cadre d'un schéma directeur concernant la vocation individuelle de chaque agglomération de la région côtière Rio - São Paulo, et fixant un calendrier précis à un plan de développement des liaisons routières, maritimes et aériennes du secteur.
6. Les universités de Rio et de São Paulo seraient à intéresser conjointement à l'opération de Parati afin que Parati constitue à la fois un centre de séjour et un centre d'étude, pour ses membres et un centre de rencontre avec la jeunesse universitaire étrangère. La proximité de Rio et de São Paulo constitue une facilité certaine pour qu'une expérience de coopération sous cette forme puisse constituer à Parati un test encourageant et significatif.

B. CABO FRIO ET LE LAGO D'ARARUAMA

Cadre naturel

Cabo Frio dont l'intérêt architectural est loin d'égaliser celui de Parati, a l'avantage de la proximité de Rio qu'on atteint dès à présent en deux heures. La liaison sera facilitée lorsque le bac qui traverse le détroit de la Baie de Guanabara sera remplacé par un pont joignant Rio à Niterói. Cette échéance est encore lointaine.

Cabo Frio est situé à l'embouchure de la lagune dite Lago de Araruama entre les caps Cabo Frio et Cabo dos Buxios. La côte de la lagune et celle de l'océan sont également appréciées. Dans le voisinage, Buxios est une station plus lancée que Cabo Frio mais très dégradée par les lotissements. C'est un sort qu'il faut éviter à Cabo Frio dont le charme est comparable à celui de petits ports méditerranéens.

Situation climatique

Cabo Frio est comme son nom l'indique une station balnéaire au relief privilégié. Des vents continus, une position avancée dans l'océan, des courants marins qui s'approchent des rives lui valent un climat dont le confort est particulièrement apprécié des habitants de Rio pendant la saison chaude. L'attrait de Cabo Frio est d'être agréable en toute saison. Sa plage est très fréquentée.

Intérêt architectural

En outre, Cabo Frio est une ville ancienne qui a sauvé une part de son patrimoine. Son église paroissiale a été entièrement restaurée par la municipalité grâce à un mécène, mais l'opération n'est pas à l'abri de toute critique.

C'est surtout le couvent N.S. das Anjoas (1686) qui est intéressant. Le "Patrimônio" a entrepris la restauration de son église. Il faut la compléter par celle des bâtiments conventuels qui comportent un cloître.

Derrière cet édifice s'élève un "morro" couronné par la chapelle Nossa Senhora d'Aguilha. Enfin des maisons anciennes constituent face à l'église un cadre harmonieux partiellement dégradé, mais dont un architecte habile pourrait tirer parti pour restructurer l'ensemble.

L'ensemble des constructions, sans avoir le caractère de Parati, est d'ailleurs resté homogène. Il y a peu de constructions modernes à étages. La place principale reste assez bien agencée.

Expériences exemplaires

M. Miran Latif est l'auteur d'un ensemble de résidences touristiques modestes qui est un modèle du genre. En effet, au lieu d'éparpiller ces résidences en petits pavillons séparés, ou d'en faire les impersonnelles unités d'un vaste bâtiment rectiligne, l'architecte Miran Latif a composé un ensemble cohérent et fermé sur lui-même autour d'un vaste patio, qui intègre parfaitement ses lignes dans le paysage. Le souci de se préserver de la chaleur est manifeste, et correspond ici à la vocation d'une architecture qui invite au repos, à la détente face au doux paysage de la lagune de Cabo Frio.

Des agressions inconséquentes

Malheureusement la gestion municipale de Cabo Frio n'a pas obéi, ces temps derniers à ses critères. Pour gravir quelques dizaines de mètres la colline de N.S. d'Aguilha a été éventrée par la route destinée à faciliter son accès. Par ailleurs, une éléphantasque gare routière, apparemment disproportionnée aux exigences fonctionnelles (pourquoi tant de développement en hauteur ?) est venue enlaidir le quartier résidentiel.

Il est donc indispensable que le plan d'urbanisme suggéré par M. Miran Latif, membre du Conseil du "Patrimônio", soit adopté et sauvegarde l'aspect général de Cabo Frio.

Action culturelle

La région de Cabo Frio se révèle une région très riche de vestiges des traditions locales. Le peintre Guillaume qui réside à Cabo Frio s'est soucié à la fois de ces traditions, et de la remise en exercice d'un artisanat local susceptible de trouver des débouchés dans la clientèle balnéaire. Un musée d'art de tradition populaire pourrait constituer à Cabo Frio le pôle d'une animation culturelle certaine.

Aménagement routier

La moins mauvaise route qui conduit de Niteroi à Cabo Frio emprunte d'abord une dépression intérieure par Itabora et Rio Bonito. Puis à partir de Silva Jardim, franchit le Morro Grande pour atteindre la lagune d'Araruama à Pedro da Aldera. Cet itinéraire routier, si l'on veut donner à Cabo Frio l'essor qu'il mérite, il serait souhaitable de le compléter par la route côtière qui joint Cabo Frio à Niteroi par Pedro da Aldera, Araruama, Saquarema et Maricá.

Monuments sur le circuit touristique

L'église de Saquarema est digne d'attention mais surtout l'ensemble de l'église et de l'établissement jésuite de Pedro da Aldera, avec son vieux cimetière. Des travaux d'entretien sont à y entreprendre.

En conclusion, Cabo Frio peut constituer à partir de Rio le prototype d'un circuit culturel et d'un court séjour de délasserment.

Équipement hôtelier

L'hôtellerie est franchement à améliorer à Cabo Frio, si l'on veut en faire l'aboutissement de cette visite d'une zone à mettre en valeur dans son ensemble. Des études devront être faites à ce sujet pour apprécier notamment l'importance que pourrait y prendre le tourisme intérieur. Beaucoup de Cariocas (habitants de Rio) vont à Cabo Frio, comme l'été ils vont chercher la fraîcheur des hauteurs de Teresopolis ou de Petropolis. Mais les Brésiliens très aisés ont, aux environs de ces deux stations, leurs villas et parfois leurs domaines. Rien apparemment de tel à Cabo Frio, sinon des villas balnéaires infiniment plus modestes. Pour certaine clientèle, il semble que l'hôtellerie locale corresponde à un standing insuffisant, pour certaine autre à un coût trop élevé. Le niveau du petit hôtel confortable, ou de la bonne pension de famille ne semble pas correspondre dans les stations balnéaires du Brésil à une clientèle locale nombreuse. Le développement du tourisme intérieur implique cependant l'accès d'une clientèle de classe moyenne à un tel équipement hôtelier. Le problème est particulièrement à considérer dans le cadre du plan général d'expansion économique.

II. ÉTAT DE GUANABARA

G. RIO DE JANEIRO

Dans une étude portant sur l'ensemble du patrimoine artistique et naturel du Brésil, il est impossible de ne pas citer sa capitale historique, Rio de Janeiro, dont le paysage est l'un des plus beaux et les plus fameux du monde, sachant en outre que du couvent São Bento à la charmante colline de la Glória, Rio possède quelques-uns des plus remarquables édifices religieux du Brésil, sans parler de ses nombreux musées, de son parc national et de ses fractures Charles Meyer de Tijuca.

Si cependant Rio de Janeiro ne figure pas parmi les premières cités dans les exposés des motifs des autorités brésiliennes, c'est pour les raisons citées suivantes :

N° de série : 492

D'une part, dans son ensemble, les monuments historiques de Rio sont en meilleur état que dans le reste du Brésil. Ils ont fait, à juste titre, l'objet de travaux prioritaires, et ils ont bénéficié de la présence, à demeure, des meilleurs spécialistes. La restauration de l'intérieur de l'église de São Bento, l'une des plus anciennes du Brésil, est à ce titre révélatrice ; sa visite est un événement, et constitue presque en soi, tant par la qualité et la variété des décors, que par le bonheur avec lesquels ils ont été restaurés, une anthologie de l'art brésilien et un élément de pédagogie.

Ainsi, peut-on dire que, sur ce plan, Rio se suffit à lui-même.

Il y a un autre problème, toutefois, et plus délicat : c'est le sort des vestiges des vieux quartiers, qui témoignent à Rio moins du XVIII^e que du XIX^e siècle, mais le XIX^e siècle y conservant une vitalité baroque qui l'a longtemps préservé de la dégradation du goût. On peut dire, qu'à l'exception de grands édifices officiels "pompiers" nés de l'influence d'une certaine "mission française" peu inspirée dans le domaine de l'architecture, on y est passé parfois directement du baroque "classique" à sa résurgence dans le "modern style". Beaucoup de maisons de Rio du XIX^e ont un grand charme. Mais elles ont une échelle que le développement vertical de la ville a condamnée. Aussi disparaissent-elles aujourd'hui une par une : avec elles disparaissent les jardins qui les entouraient, et tous les témoignages d'un certain bonheur de vivre. On doit le regretter, surtout lorsqu'on voit que ce sont rarement des édifices de qualité qui les remplacent. Peut-on à Rio s'opposer à cette mutation ? Nous émettrons simplement le vœu de voir classées un certain nombre de résidences anciennes, en particulier rue de Catete, rue Luz de Cavéis, rue Gonçalves Ledo, rue du Lavrada et dans les quartiers de Iapa, et du Morro da Conceição.

Enfin, dans la Traversa do Comercio entre la place du 15 novembre et la rue de Quvidor, il y aurait, semble-t-il, la possibilité d'engager une action d'ensemble sur le plan urbain, avec le concours des commerçants qui y résident, et dont l'intérêt est non seulement conciliable mais manifestement en conjonction étroite avec celui de la préservation de ces édifices. Il y a en effet une ambiance très favorable à la prospérité des commerces d'art, et si cette ambiance n'était pas préservée, il est probable que ces activités commerciales périclipseraient. Dans certains cas, il faudrait évidemment favoriser des substitutions d'activités commerciales.

Pour en terminer sur Rio, on ne peut pas non plus ne pas rappeler le problème du sacage de la nature dont les conséquences tragiques se manifestent rituellement à chaque saison des pluies. Nous avons évoqué le problème sur le plan général. A Rio, il revêt simplement un caractère d'exemplarité encore plus cruelle.

Le plus grave problème de la vie dans les favelas de Rio est, il faut bien le dire, celui de leur insécurité. Tandis que le tableau du "Coque" de Recife est celui de la "mort lente", à Rio l'intelligente structuration spontanée, le grouillement de vie qui s'y manifeste, l'étonnante situation en balcon sur le développement du site, sans constituer des compensations suffisantes à l'insuffisance de l'hygiène, à l'absence de l'eau ou à l'entassement, font que la vie y est beaucoup plus tolérable ; sauf lorsque les pluies font glisser une part de la "favela" avec une part de la colline.

C'est non seulement le fait de la précarité des constructions, mais des déboisements et des véritables sciages des reliefs opérés sur tout le moutonnant relief de Rio. On souhaiterait que la nécessité de prélever la nature soit de plus en plus entendue comme la sauvegarde de ce qu'elle a produit de plus précieux : l'homme.

III. ETAT DE SAO PAULO

D. ENVIRONS DE SAO PAULO - LES "FAZENDAS"

Situation géographique et historique de São Paulo

Si la frénétique expansion de São Paulo n'a guère laissé de trace de la culture traditionnelle dans le domaine monumental, si, avec son expansion industrielle et commerciale qui représente 40% du revenu national du Brésil, avec le déploiement de l'architecture contemporaine, le succès du Musée d'art contemporain et de la Biennale, São Paulo semble exclure toute préoccupation de culture historique, il n'en est que plus nécessaire d'inventorier dans sa zone de développement ce qui peut encore se référer à cette culture historique.

En effet, São Paulo n'est pas né tout armé d'acier et de béton comme un phénomène étranger au contexte, ainsi qu'il peut le paraître au visiteur pressé. São Paulo doit son développement à différentes circonstances historiques, qui ont orienté sa fortune.

Les premières "fazendas"

La première étape de cette fortune fut celle de l'implantation d'une agriculture plus diversifiée que dans le nord, dans une région où les Portugais retrouvaient plus sensiblement qu'ailleurs les conditions climatiques de l'Europe. C'est l'époque des premières fazendas (exploitations agricoles) de la région de São Paulo, et de l'expansion due aux Jésuites à partir de São Paulo.

Cette période, le XVIII^e, a laissé sa marque : les fazendas du XVIII^e siècle constituent un témoignage de la civilisation spécifique brésilienne. Ces fazendas n'ont, architecturalement et sociologiquement parlant, aucun équivalent en Europe. Ce n'est pas un art d'importation acclimaté comme l'art baroque, c'est un apport spécifique du Brésil à la culture universelle. C'est pourquoi les fazendas doivent toutes être sauvegardées avec le plus grand soin, ce à quoi, d'ailleurs s'emploie le "Patrimônio".

La seconde étape historique qui fit la fortune de São Paulo fut la découverte par les Bandeirantes, de l'or, de l'argent, des pierres précieuses dans la région située au nord de São Paulo et qui allait devenir les "Minas Gerais". Le plupart des Bandeirantes étaient paulistes. C'est sur São Paulo que fut réalisé un trafic qui dans une certaine mesure - pour les pierres précieuses - dura encore. Cette période a évidemment laissé peu de traces dans São Paulo, mais a fait du "Minas Gerais" l'état du Brésil le plus riche en sites d'art (XVIII^e siècle).

Les "fazendas" du café

La troisième fortune de São Paulo nous ramène au voisinage de la métropole: le café, qui acclimaté dans le nord au XVIII^e siècle, trouve sa terre d'élection autour de São Paulo: le début du XIX^e siècle est marqué par la génération des fazendas du café. La polyculture y est remplacée partout par le café.

Le circuit des "fazendas"

Il nous paraît donc très approprié sur le plan de l'histoire générale et de l'histoire technologique d'accorder une priorité à la conservation et à la mise en valeur de ces deux générations de fazendas qui parsèment l'arrière pays de São Paulo, et d'étudier pour elles un programme de mise en valeur et d'affectation.

Le "Patrimônio" en a acheté quatre :

celle de Padre Ignacio, déjà remarquablement restaurée;

celle de São Antonio (à São Roque) plus grande (et qui possède une admirable chapelle) en cours de restauration;

celle de Sítio Mirim un peu plus tardive (XVIII^e siècle) et à restaurer;

celle de Mandú dont la restauration est commencée;

celle de Tatuapé à l'est de São Paulo.

Deux autres appartiennent à la municipalité de São Paulo :

celle de Coxingui, à restaurer;

celle de Butantan, déjà restaurée, et où est installé un musée municipal nécessitant de sérieuses améliorations.

Enfin, d'eux d'entre elles, sont à la fois des résidences et des établissements jésuites avec église incorporée, à Embu et Carpicuíba, et leur intérêt architectural et historique est double.

Quant à la fazenda de Pao d'Albo (1818) elle va devenir le musée du café. Il s'agit là d'un ensemble de fazendas (dont l'inventaire serait d'ailleurs à compléter) et qui doit être traité selon une politique d'ensemble. Il ne semble pas qu'il faille toutes les convertir en musées: on s'exposerait à des pléonasmes. Complétant toutefois le programme muséographique de Pao d'Albo (civilisation du café), un sort particulier serait à réserver à la plus ancienne fazenda de la première génération, São Antonio (1643), dont l'admirable chapelle est de 1681. Il conviendrait d'en faire en quelque sorte le musée de la fazenda et de lier ce programme au développement touristique de la station voisine de São Roque. Les premières cultures et les premières industries locales (eau de rose, chapeau de bois, pomme rouge, canne à sucre, carmelade) auraient leur expression technologique auprès de documents relatifs à l'ameublement et aux autres éléments de la vie quotidienne. Cette fazenda est située au bord d'un étang qu'il conviendrait d'assainir et qui serait propre à la baignade. La ville de São Roque serait d'accord pour affecter une très belle forêt voisine dont elle est la propriétaire à un parc public aménagé. Ses vignobles sont intéressés au développement touristique de la région. Il conviendrait de financer la création d'un hôtel dans le voisinage du parc avec vue sur la vallée.

N° de série : 492

Aménagement routier et touristique

La grande autoroute São Paulo - Mato Grosso, en construction, va passer dans le voisinage. Il conviendrait qu'une bretelle soit prévue qui place ce complexe touristique São Roque - São Antonio à moins d'une demi-heure de São Paulo. Mais la remise en état des deux routes actuelles liant la fazenda, d'une part à São Roque en longeant le parc et l'implantation future de l'hôtel, d'autre part, au circuit général des fazendas de São Paulo, serait à entreprendre. Ce circuit devrait d'ailleurs être amélioré dans son ensemble. Certaines de ses fazendas, proches de São Paulo, pourraient constituer des résidences d'artistes notamment dans le cadre de l'activité de la Biennale. Mais toutes devraient pouvoir être en partie visitées.

Rôle de la Biennale de São Paulo

La Biennale de São Paulo se préoccupe de créer parallèlement à ses activités présentes d'importants colloques scientifiques réunissant les plus hautes sommités internationales sur un sujet déterminé. Plus que l'ambiance cosmopolite des clubs, la réception de cette élite scientifique dans les fazendas serait appropriée. Il est certain que c'est le rôle de São Paulo, dans un Brésil aux multiples visages, d'offrir celui de la modernité la plus résolue et la plus tranchée. Mais il importe que cette modernité n'ignore pas ses racines. Pourquoi, auprès des fazendas-musées, ou de fazendas de résidences, d'autres ne recevraient-elles pas des expositions d'art contemporain ? Au près du touriste qui vient spécialement au Brésil pour le voir, il y a beaucoup de visiteurs étrangers, actuellement la majorité, qui viennent en même temps pour affaire. La plupart de ceux-ci passent à São Paulo. L'atmosphère de la ville est haletante. La nuit même, la ville est très bruyante. La mise en valeur touristique de ce secteur, en réalisant du même coup un important programme de sauvegarde des monuments et d'objets figurant trois siècles de technologie et d'art, aurait un heureux effet, non de dissuasion culturelle par rapport aux vocations du São Paulo moderne, mais d'indispensable équilibre.

L'université serait à associer étroitement à cette entreprise.

Pour mémoire : Etat de Espírito Santo

Les deux pôles d'attraction de cet Etat qui n'a pas fait l'objet d'une étude particulière se situent à Anchieta et à Serra.

À Anchieta, le Gouvernement brésilien prévoit :

- La restauration de l'église Matriz N.S. Assunção
- L'aménagement des abords de cette église
- L'établissement d'un plan directeur pour cette ville balnéaire et touristique dont la capacité hôtelière est insuffisante.

À Serra, le Gouvernement brésilien prévoit :

- La restauration de l'église des Terços
- La protection du site de Nova Almeida.

Des opérations ont été comptabilisées en 1960 sur ces deux sites touristiques, dans la dernière rubrique Autres sites, mentionnées dans les annexes I et II.

Second chapitre

Le "Nordeste"

Ce chapitre comporte, dans notre étude, les projets relatifs à deux États :

- (1) ceux de Bahia, avec la ville de Salvador
- (2) ceux de Pernambuco, avec les projets des environs de Recife

Le projet de Salvador (Bahia) est, sur le plan financier, de très loin le plus important de cette étude. Son intérêt nous paraît capital, car ce projet pose, à la plus vaste échelle, le problème de la sauvegarde globale d'une ville dont l'ampleur et la qualité des quartiers anciens sont comparables aux plus célèbres villes d'art européennes. Mais les dégradations irréversibles sont imminentes, d'où l'urgence extrême de l'intervention. Mais on ne saurait non plus négliger dans ce chapitre ce pur joyau qu'est Olinda (Pernambuco), ville typique, absolument intacte.

IV. ETAT DE BAHIA

B. SALVADOR (BAHIA) ET SES ENVIRONS

I. Salvador

Quartiers anciens : Pelourinho, Anchetta, Soledad

La "Baie de tous les saints" où les premiers Portugais qui y débarquèrent situèrent le paradis terrestre, offre aujourd'hui à l'Etat de Bahia un faisceau d'éléments favorables permettant de bien augurer de la promotion générale du Brésil.

Essor économique

L'économie de l'état est en voie de transformation en raison de l'essor de l'industrie pétrolière (pompage sous-marin dans la baie et raffineries), mais il est capital qu'au lieu de créer un traumatisme, stérilisant soudain tous les secteurs de l'économie traditionnelle et apportant ici la congestion économique et là le dénuement, le développement de cette nouvelle et soudaine richesse s'intègre dans l'économie générale de l'Etat de Bahia, et de celle du Brésil tout entier. Les "royalties" perçues par l'Etat de Bahia et dont 10% vont au Département de l'éducation et de la culture constituent en tout cas, dès à présent, une première plate-forme d'action financière au niveau de l'état, sur le plan culturel, dont il n'est pas actuellement d'équivalent dans les autres états du Brésil.

La première ville d'art du Brésil

Salvador, capitale de l'Etat de Bahia, et connue à l'étranger sous ce nom, est la première ville d'art du Brésil. Dressée sur les deux étages d'un promontoire rocheux, Salvador a connu une ère de grande richesse au XVIII^e siècle au centre de l'aire de production de la canne à sucre. Principal port de liaison avec le Portugal pour l'exportation du sucre et avec l'Afrique pour l'importation des esclaves noirs, Salvador avait été fondée par le Gouverneur général Thomé de Souza pour être le siège de l'administration du Brésil et le resta pendant plus de deux siècles.

À la fin du XVIII^e siècle, au moment où Salvador va décliner, c'est une ville d'art comparable à Talède; cent églises s'élèvent au-dessus de ses places, de ses rues, de ses ruelles serpentant le long d'un relief accidenté qui ménage au visiteur un continuel renouvellement des plans, des vues et des accès.

La destruction en cours du plus précieux ensemble architectural brésilien

Il y a trente ans encore, cette cité unique dans tout le continent américain, frappée par une lente et inexorable décadence était encore architecturalement intacte. Aujourd'hui des points hauts de la vieille cité, on domine encore le souterrain continu des toits anciens de tuile romaine, au-dessus desquels surgissent les tours et les façades des églises. Mais une trentaine de blocs de béton - s'est ailleurs qu'il faut aller chercher les œuvres marquantes de l'école architecturale moderne - dénature déjà cet immense ensemble. La destruction systématique de l'ancien Salvador est commencée. Où s'arrêtera-t-elle ?

Moyens de sauvegarde

Pour conjurer ce bouleversement, on doit simultanément agir de deux façons : établir une zone de protection administrative très étendue qui sauvegardera désormais toute la ville haute ancienne. Cette zone est à définir à partir des panoramas élevés de la ville. Elle doit inclure inévitablement certaines constructions récentes regrettables. Il n'est pas interdit de penser que, dans un stade plus évolué du développement de Bahia, ces blocs déjà dans un état de dégradation révélateur, pourront être remplacés par des structures sans doute adaptées à ces temps futurs mais constituant un lien ou au moins une composition volontairement définie avec le relief du paysage et le mouvement et visible de la ville ancienne. Il n'est pas interdit de penser qu'un tel paysage, l'un des plus beaux paysages urbains du monde, pourra inclure des accents architecturaux nouveaux pourvu qu'ils soient de qualité comme il inclut le jaillissement des multiples façades et éléments des églises anciennes. Mais on ne peut que redouter cet assomblissement systématique d'une richesse des plus évidentes du Brésil par une agilité architecturale à laquelle il ne nous a pas habitués.

La disposition d'un plan général d'urbanisme ou d'aménagement des zones de protection ainsi étendues, ne se fera pas sans l'intervention de la municipalité et des moyens d'intervention, tels que plans, crédits, etc., de l'Etat financier favorable. Elle est essentielle pour l'urbanisme brésilien et doit être mise à son expansion et à son développement d'urgence dans le cadre de l'Etat d'urgence d'un arrière-pays très pauvre.

N° de série : 492

Mutation nécessaire des quartiers anciens

Cependant la sauvegarde de la ville ancienne peut en quelques années transformer la vocation économique de Salvador à condition que les parties les plus belles de la ville, le Pelourinho, la place Anchieta et le quartier de Soledade soient renoués de fond en comble et constituent l'attraction urbaine majeure de l'Amérique du sud.

Le Pelourinho - Plan de rénovation

La dégratée des maisons de qualité dans ses quartiers rend la chose possible. En ce qui concerne le Pelourinho, les intentions de l'Etat de Bahia, celles de la ville et celles du "Patrimônio" se rejoignent. Il semble qu'un vaste plan d'ensemble puisse être mené à bien selon l'ordre suivant :

1. Détermination de la zone de rénovation générale du quartier de Pelourinho.

Nous proposons qu'elle soit considérée dans sa plus grande étendue et englobe le quartier des Carmes (couvent des Carmes, rue des Carmes, rue Ribeira dos Santos, rue Luiz Viana, rue Eduardo Caruge, rue Joao de Prato), la place du Pelourinho et ses rues adjacentes (place J. de Alencar, rue Gregorio de Matos, rue C. de Carvalho, rue Alfredo Prato, rue S. Joao de Deus, rue Silva Jardim).

2. Cet ensemble serait traité de la manière suivante :

- (a) Infrastructure générale du quartier : eau, égouts, électricité (mise en souterrain), téléphone (mise en souterrain), réfection des chaussées (repavage);
- (b) Acquisition des trente maisons composant le coeur de cet ensemble: la place Pelourinho, indemnisation des locataires leur permettant de loger dans d'autres quartiers et association de ceux qui restent à l'oeuvre de rénovation.
- (c) Restauration de ces trente maisons sous le contrôle du "Patrimônio" en ce qui concerne les façades extérieures (plan de M. Paulo de Azavedo).
- (d) Affectation de ces maisons à l'usage commercial, touristique, culturel et résidentiel.
- (e) Création d'une "Fondation publique" remettant en état les intérieurs de ces immeubles, les recomposant selon les besoins et les louant ou les exploitant directement, éventuellement en en revendant une partie afin de créer des ressources pour poursuivre l'opération plus loin.
- (f) Les mêmes opérations (c), (d) et (e) seraient ensuite à réaliser sur l'ensemble du quartier des Carmes, puis sur les rues intégrées dans la zone de rénovation au sud du Pelourinho.

Place Anchieta

3. La même opération devra ensuite concerner le quartier jouxtant la première zone de rénovation, dite du Felourinho, et qui comporte la place Anchieta et les rues joignant cette place à la première zone de rénovation (rue S. Isabel, rue Ignacio Accioli, rue Francisco Barrato, rue Frei Vicente)

Quartier de Soledade

4. Une opération similaire pourra enfin concerner le quartier de Soledade dont l'ensemble des maisons de la rue Augusto Guimarães (Soledade) côté pair du n° 126 au n° 158 constitue un ensemble de maisons remarquables généralement patriciennes qui surplombent de leurs façades opposées à la rue, des jardins en terrasse orientés vers la baie. Beaucoup de ces maisons sont couvertes d'azulejos. On trouve même les vestiges de la décoration d'azulejos du jardin et des terrasses de la somptueuse sobrado de Pedro-Rodríguez Bandeira (n° 126), maison dont l'intérieur est décomposé en une dizaine de logements distincts, mais qui a conservé sa somptueuse décoration intérieure. Il ne fait pas de doute que la rénovation de la Soledade, étant donné la situation des immeubles, serait particulièrement rentable, et pourrait être vouée à la résidence et au séjour touristique d'assez longue durée (pension de famille, suberge de la jeunesse, etc.). Les maisons de qualité sur le côté impair qui, classées, seraient à inclure dans l'opération.

L'oeuvre du "Patrimônio" hors des quartiers à rénover

A l'intérieur de ces trois zones de rénovation se trouvent de nombreux édifices culturels que l'on peut encore sauver. Le "Patrimônio", en disposant des crédits nécessaires pourrait entreprendre la restauration systématique de ces églises. L'état de plusieurs d'entre elles n'est d'ailleurs pas mauvais. Les oeuvres d'art que possèdent ces monuments feront également l'objet d'un plan de restauration. Parmi les églises concernées se trouvent São Francisco, l'église tertiaire de São Francisco, la cathédrale (ex-église des Jésuites), São Pedro, São Domingo, le couvent et l'église des Carmes (restaurés par l'Etat de Bahia, et siège de la Biennale nationale), le Tertiaire des Carmes, le Sacramento do Rua dos Passos et l'église Rosário dos Pretos au coeur du Felourinho.

Il faudrait cependant envisager quelques autres opérations ponctuelles à Salvador au bénéfice d'édifices situés hors des zones de rénovation, notamment à la basilique de Conceição de Praia, au couvent de Beata Rosa, au couvent des Clarissas, au fort de Montserrat et à Bozza Senhora de Montserrat.

Plan muséographique et Biennale nationale

5. Le Musée d'art et de l'artisanat installé aux Carmes de Santa Teresinha, et le Musée d'art populaire en voie d'aménagement dans l'ancien couvent de Beata Rosa, le Musée océanographique projeté face au port de Ilhéus et le Musée de São Manoel constituent d'excellents sites pour le développement de la tradition culturelle de la ville. Il y a tout intérêt à ce que le couvent des Carmes renoué pour y accueillir la Biennale nationale, manifestation dont la qualité et l'ampleur ont enlevé au Salvador de la ville de Salvador. Jusque là restés en retrait par rapport à Rio de Janeiro, nous sommes prêts à l'essai.

N° de série : 492

Capitals du Folklore afro-américain

Il faut ajouter à ces atouts, l'attrait de la culture afro-américaine dont Salvador de Bahia est le centre vivant. Les carnevals, rite religieux noir d'origine à la fois chrétienne et païenne, la capoeira à la fois danse et lutte simulée, le ressac de l'Université, le rôle de l'Institut afro-oriental, enfin les objets d'artisanat du Marché modie, la multiplicité des fêtes de caractère religieux ou folklorique font de Salvador, la ville par excellence où le Brésil peut témoigner devant ses visiteurs de ses cultures spécifiques; il est surtout capital que toute cette fébrile vie culturelle se manifeste dans un cadre architectural admirable très vaste, mais doublement mis en péril par la dégradation spontanée et par d'inadéquates opérations de rénovation urbaine.

Enfin Salvador est entourée de quelques-unes des plus belles plages brésiliennes. Les liaisons entre ces plages et Salvador sont rudimentaires. Des équipements balnéaires pourraient être envisagés qui sauvegarderaient les littoraux forestiers le long des plages.

Le séjour au cœur de la ville pourrait aisément alterner à Salvador avec quelques jours de repos dans les sites naturels maritimes. Une prospection plus détaillée serait nécessaire pour examiner ce problème et voir s'il serait approprié de faire construire quelques hôtels auprès des plages qui complèteraient leur clientèle avec les hôtels que l'on aménagerait dans les vieux quartiers.

Création d'une fondation

Une seconde visite approfondie à Salvador, visite effectuée en compagnie de M. Wladimir de Sousa, directeur de l'EMEPATUR (Office national du tourisme), a permis de sonder utilement les autorités de l'état quant à la possibilité de mettre en oeuvre ce plan d'ensemble.

Cet examen s'est avéré tout à fait positif et place le projet de Salvador dans la priorité des priorités, non seulement parce qu'existe la nécessité impérieuse de sauver dans les plus brefs délais - vu les menaces - la première ville d'art du Brésil, mais également parce qu'il existe sur place, semble-t-il, la volonté efficace de mettre ce projet à exécution, M. Luis Viana gouverneur de l'état a l'intention de constituer très prochainement une fondation de droit public, qui recevrait ses fonds tant du Gouvernement fédéral de l'état et de la ville que d'organismes semi-publics comme l'EMEPATUR. Cette fondation aurait la faculté d'acquérir les édifices vétustes du Felourinho et par la suite des autres quartiers, de façon à les restaurer et à les intégrer ensuite dans la vie culturelle et commerciale de la cité ainsi que cela a été indiqué ci-dessus. Le plan à établir serait nécessairement placé sous le contrôle du "Patrimônio", mais il est certain que tout travail concret doit être précédé d'un plan d'ensemble très précis non seulement quant au choix des restaurations mais quant à celui des affectations.

C'est pourquoi, au cours des multiples entretiens qui ont jalonné ma seconde visite, j'ai pu formuler des suggestions méthodologiques et techniques qui ont été retenues par le gouverneur Viana.

N° de série : 492

Enquêtes sur le Felsurhino

A. Il s'agit d'abord de délimiter la zone de protection la plus large, qui fera l'objet d'un classement de la part du "Patrimonio". Les délimitations ont déjà été indiquées précédemment. Ce classement ne peut être effectué que sur la base d'une première enquête descriptive, pour laquelle j'ai fourni un modèle de fiche individuelle propre à chaque maison du quartier. Cette fiche dispose des éléments suivants :

- (a) Le croquis sommaire de la façade et des plans des étages;
- (b) Sur l'élévation de la façade, l'indication de ce qui est dans l'état ancien et de ce qui a été modifié;
- (c) La description de l'état actuel : Etat général,
modifications modernes,
restitutions à effectuer,
possibilité de réaménagements, d'extension et,
de transformation.

- (d) La description archéologique :

époque,
utilisation d'origine,
personnage connu ayant habité la maison,
caractères : façade: { fenêtre
 { conduit (couleur)
 intérieur: { disparu
 { maintenu
 { éléments intéressants

couverture
dégagements,
terrasses et jardins,
observations particulières.

Références photographiques,
références bibliographiques,
références au plan : rue, nom actuel, nom ancien, numéro,
propriétaire.

B. Cette fiche qui doit être le travail des représentants locaux du "Patrimonio" doit être complétée par une enquête photographique dont s'est chargé l'EMERATUR et qui a été déjà commencée. L'importance du travail d'enquête archéologique nécessite le soutien de l'État.

Le gouverneur a donné son accord pour mettre un certain nombre d'enquêteurs qualifiés à la disposition du "Patrimonio".

C. Les services touristiques de la ville de São Paulo sont actuellement réorganisés sous la direction de M. Flavio Costa. Cette Direction s'avère positive et efficace et la Fondation pourra certainement trouver en lui un animateur à la fois sagace et ambassadeur. Pour compléter l'enquête archéologique, M. Flavio Costa doit établir une enquête sondage.

constituée comme la première, de fiches individuelles, par habitation et portant les données nécessaires aux transactions futures et relatives aux propriétaires, aux locataires, à leurs possibilités et volontés de participer à la rénovation du quartier.

D. C'est sur la base de cette triple enquête : archéologique, photographique, sociologique, après classement, que pourra être déterminé le secteur expérimental sur lequel se portera en priorité l'effort global de rénovation du quartier dont nécessairement les trente maisons de la place triangulaire du Pelourinho constituent le noyau central.

E. Parallèlement, doivent être ajustés les plans de rénovation des infrastructures de la ville en fonction du développement culturel, commercial et touristique du Pelourinho, de la place Archdieta et du quartier du Solimão (électricité, téléphone, eau, etc.). Cette infrastructure générale de la ville doit être conçue en fonction de ses nouveaux besoins en ce qui concerne la capacité de fournitures, mais en outre, elle doit être adaptée dans sa forme extérieure aux exigences des quartiers anciens. C'est ainsi que, si le pavage des rues doit être amélioré, il doit conserver son caractère, notamment sur la place du Pelourinho. C'est ainsi que toute l'installation électrique et l'installation téléphonique doivent être entièrement pratiquées en souterrain à l'intérieur du périmètre retenu par le classement. Le fait que, justement, tous ces équipements doivent être réalisés ensemble rend cette réalisation praticable dans les meilleures conditions.

F. Le "Patrimônio" a été au cours de ces réunions invité à évaluer une première tranche d'opérations de restauration.

Il y a lieu de distinguer ici de l'opération globale, un certain nombre d'édifices publics ou particuliers d'édifices culturels qui doivent être placés sur les programmes nationaux normaux du "Patrimônio" et n'impliquent pour leur restauration nulle autre enquête préalable que l'établissement de devis appropriés.

Voici la liste de ces évaluations comptées en nouveaux cruzeiros (1.000 cruzeiros anciens) à la date du 1er août 1967.

	ARCHITECTURE	SCULPTURES ET PEINTURES
Cathédrale	441.000	56.000
Eglise São Pedro	54.000	8.000
Eglise São Domingo et maison de l'ordre	270.000	30.000
Eglise et couvent de São Francisco	675.000	50.000
Eglise du Tiers-Ordre de São Francisco	570.000	10.000
Eglise du Rosario	82.200	15.000

N° de série : 492

	ARCHITECTURE	SCULPTURES ET PEINTURES
Eglise du Passo	86.400	12.000
Eglise du Tiers-Ordre du Carme et Maison de l'ordre	350.000	18.000
Eglise et Couvent du Carme	424.000	55.000
Totaux	3.152.600	254.000
Total 3.406.600 n/cr.		

A titre indicatif, le "Património" a également évalué la restauration d'autres édifices classés inclus dans le périmètre, et dont l'urgence apparaît tout particulièrement. Dans cette évaluation ne figure évidemment que la restauration proprement dite, sans tenir compte des travaux intérieurs et des équipements nécessaires à l'affectation ultérieure. Ces travaux pourraient être engagés avant la mise en place du mécanisme de la fondation si l'urgence l'exige. Mais il conviendrait qu'ils soient réalisés dans leur ensemble, seulement dans le cadre de l'opération globale.

Il s'agit des édifices suivants :

(1) Place Anchieta

N° 2 donnant sur la place du 15 novembre	47.700
N° 18 maison natale du poète Grégorio de Matos	45.120
N° 18 et 20	108.000

(2) Rua Macie

N° 4	4.800
N° 6	71.000

(3) Rua Castro Rebelo, n° 5 63.700

(4) Palais Ferrado 495.600

(5) Rua Ribeiro dos Santos

Maison des "sept morts"	95.700
-----------------------------------	--------

Total 931.620

Totaux précédents . . . 3.152.600
254.000

4.338.200 n/cr.

II. Cachoeira

Couvent de Beias

Richesse monumentale

Cachoeira est une admirable petite cité de 12.000 habitants située à 185 km de Salvador sur le fleuve Muritiba.

Se place centrale triangulaire, le praça da Anlacaço est d'une composition très heureuse; elle est entièrement bordée de monuments anciens civils et religieux:

L'église des Carmes dont la très belle façade rococo est assez dégradée;

L'église des Terceiras des Carmes à l'intérieur de laquelle domine le bois doré d'azulejos. Son autel majeur à baldaquin est particulièrement superbe;

Deux très belles demeures : la maison du gouverneur, et en face, la maison acquise par le "Patrimônio" pour constituer à la fois un musée et le siège de l'institution. A l'étage, celle-ci possède de remarquables plafonds peints. Son aménagement est en cours.

Outre le Praça da Anlacaço, Cachoeira possède de remarquables maisons le long de la rue Benjamin Constant, le long de la rue Ana Neri, et enfin il convient d'admirer son église Matriz dont les murs de la nef sont couverts des plus grands panneaux d'auléjoia du monde.

Périls dus aux inondations

Tout cet ensemble de Cachoeira qui est certainement l'un des plus homogènes du Brésil et qui a l'avantage d'être toujours situé dans l'ambiance paisible qu'on ne trouve plus qu'à l'écart des grandes cités maritimes, est menacé presque annuellement par les eaux du Muritiba. Des travaux pour éviter ces inondations qui portent les flots du fleuve à deux, parfois trois mètres au-dessus du niveau du rez-de-chaussée des édifices n'ont pas abouti jusqu'ici à des résultats. L'état des édifices se ressent de cette situation. Des travaux très délicats de remise en état des peintures et des décors sculptés ont été réalisés par le "Patrimônio", mais leur résultat est compromis. Il est à craindre qu'au mois de février dernier (1967), depuis notre passage, des dommages plus amples encore soient à déplorer.

Ces inondations portent un préjudice très sensible non seulement aux trésors d'art de Cachoeira, mais également à sa vie économique. Les cultures et les modestes habitations privées sont systématiquement ravagées.

Nous recommandons que d'importantes études d'experts soient entreprises, avec tous les moyens dont disposent en Europe, en France par exemple, les services d'hydrologie (circulation sur maquette) pour que soient définies les causes et les remèdes de ce fléau.

Si des remèdes ne peuvent être apportés avant plusieurs années, la dépose provisoire des éléments décoratifs menacés serait à envisager.

N° de série : 492

Insuffisance des moyens d'accueil

Cachoeira ne dispose d'aucun hôtel, et son unique restaurant est peu attrayant. Il serait approprié qu'une maison ancienne soit acquise pour y aménager un véritable hôtel dans le genre de ceux d'Ouro Preto.

Couvent des Jésuites de Belem

A ne pas confondre avec la ville de Belem, capitale de l'Etat de Para, l'église du couvent des Jésuites de Belem, à 20 km de Cachoeira est un but d'excursion complémentaire. Cet édifice est à remettre en état.

Accès à Cachoeira et à Belem

La route qui contourne la baie est celle-là même qu'on emprunte depuis Salvador pour descendre sur Rio. Elle est très bonne. Les embranchements qui, depuis cette route, mènent à Cachoeira et à Belem, ne sont que des pistes mais leur état n'est pas particulièrement mauvais.

III. Castello de la Torre de Garcia d'Avila

Garcia d'Avila, parent de Sainte Thérèse, construisait au XVIIe siècle une maison forte sur le bord de l'océan à 150 km au nord de Salvador. Dans son testament, il signale qu'il habite la "Torre", d'où le nom actuel du lieu. La maison forte reconstruite au XVIIIe siècle est appelée improprement Castello, elle est aujourd'hui une imposante ruine dont tous les murs sont actuellement encore bons, mais dont le plan paraît difficile à reconstituer. Il s'y trouve adjoint une petite chapelle tout à fait remarquable, dont le type est très rare au Brésil: chapelle à coupole ronde sur plan hexagonal, complétée par une abside à sul-de-four.

La chapelle nécessiterait des travaux d'entretien, mais non de gros travaux.

V. ETAT DE PERNAMBUCO

F. ENVIRONS DE RECIFE

1. Olinda

Architecture et paysage

Olinda est un des joyaux du Brésil où se composent admirablement le paysage marin et la ville d'art riche d'une vingtaine d'églises baroques et d'un grand nombre de maisons anciennes aux vives couleurs. Ce qui frappe à Olinda, c'est que, par un concours heureux de circonstances, mais sans doute providentiel et on n'intervient pas immédiatement, le site est encore intact. La seule construction moderne visible est un château d'eau qui constitue une tache dans l'architecture contemporaine. Certes, on pourrait souhaiter de voir placés ailleurs du tal édifice qui s'accorde mal avec l'ensemble. On doit surtout observer qu'il a une apparence de dégradation beaucoup plus prononcée que celle des édifices anciens,

N° de série : 492

Il conviendrait de confier à un paysagiste le soin d'associer plus harmonieusement cet élément moderne au paysage d'ensemble. Tel quel d'ailleurs l'admirable homogénéité d'Olinda le fait vite oublier.

Olinda peut être comparée à Bahia en lui étant opposée. A Bahia, l'architecture couvre tout l'immense site. A Olinda, l'architecture jaillit parmi les splendeurs de la nature tropicale. L'océan apparaît en fond de tableau derrière les clochers et les palmiers. Entre les ruelles, la végétation luxuriante occupe la colline. Cet aspect distendu du tissu urbain doit être absolument préservé. Olinda n'est pas une cité, c'est un jardin parsemé de chefs-d'œuvre d'art, et qui ne cesse de polariser et de hanter l'imagination des artistes.

Une ville intacte

Il est révélateur qu'à quelques 5 kilomètres de Recife, "la ville malade" du Brésil, dont le taux d'accroissement démographique est le plus grand du Brésil avec celui de São Paulo, ce n'est pas sur le haut Olinda, la ville ancienne que les habitants de Recife qui en ont les moyens sont venus construire leurs villas, mais dans le bas Olinda, en plaine au bord de mer. Ce fut là une providentielle circonstance qui a épargné au vieux Olinda un irrémédiable enlaidissement.

Classement et plan d'urbanisme

Mais cette situation ne saurait longtemps se maintenir sans l'appui d'un classement entier de la colline du vieux Olinda comme monument national, et sans l'établissement d'un plan d'urbanisme qui réserve une zone non aedificandi tous les terrains actuellement disponibles. La construction doit être strictement limitée en qualité et en quantité à des éléments de complément le long des rues actuelles, et sans renoncer, dans ce cas particulier, à copier les maisons existantes dont la simplicité est d'ailleurs la principale qualité.

Vocation d'Olinda

La vocation d'Olinda est d'ailleurs déjà définie dans les faits : c'est une ville d'artistes. On y voit les jeunes peintres y travailler en atelier, et puiser leur double inspiration dans le caractère paradisiaque de la nature tropicale, et dans la tragédie des agglomérations urbaines telle qu'elle apparaît dans son état extrême à Recife. Relativement proche de l'Amérique du nord et de l'Europe, Olinda peut, en tant que ville d'atelier d'art, connaître un prodigieux essor dans le cadre du développement d'une politique touristique. Le Gouvernement de l'Etat de Pernambuco a compris que l'intérêt général devait conduire à y développer l'artisanat d'art et des efforts sont faits dans ce sens.

Pour un festival à Olinda

Olinda serait également le cadre à des manifestations théâtrales appropriées sous forme d'un festival de plein air. La très vivante littérature populaire et dramatique du Nordeste est susceptible d'apporter sa propre originalité à une telle entreprise, auprès de la littérature classique - notamment hispanique - et la littérature moderne universelle. Mais il faudrait pouvoir donner à la campagne du Nordeste les moyens qui lui font défaut : avec une persévérance admirable,

elle poursuit son excellent travail, quoique privée de toute subvention. Nous examinerons ce problème important sur le plan général dans notre rapport définitif et nous comparerons les possibilités qui s'offrent dans ce domaine à Ouro Preto (Minas Gerais) et à Olinda.

Problèmes pédologiques

Énumérons maintenant les principaux édifices d'Olinda, pour signaler les problèmes particuliers qui s'y posent :

(a) Glissement du terrain à São Bento

Monastère de São Bento : la remarquable restauration des éléments décoratifs effectuée par le "Patrimônio" est un exemple de l'excellence des réalisations de ce service.

Mais cet édifice est en péril, notamment sa belle sacristie, en raison du glissement du sol. Un expert géologue de l'Unesco a fait une étude à ce sujet. Le financement de l'opération pédologique qu'il a proposée est à placer parmi les priorités (100.000 dollars).

(b) Travaux du "Patrimônio" à Olinda

L'église de São Francisco et surtout sa chapelle des tertiaires, son cloître. L'église de São João, l'église de Amparo, l'église de Misericórdia, l'église São Pedro, l'église de la Conceição, l'église de Ben fim et l'importante église des Carmes, auxquelles il faut joindre l'église et le couvent Santa Theresa à l'écart, constituent un des plus admirables musées d'art baroque du monde. Chacun de ces édifices aurait besoin d'une intervention plus ou moins poussée. Mais celles-ci peuvent s'étaler dans le temps selon un programme gradué correspondant en outre aux possibilités de travail des spécialistes.

(c) Utilisation du séminaire

Le séminaire, désaffecté, offre des possibilités d'accueil qu'il y a lieu d'étudier, soit pour développer une fondation pour artistes, soit pour accueillir la jeunesse internationale, soit pour installer un hôtel. Ces trois solutions doivent être examinées en détail sur le plan financier.

(d) Développement de l'équipement touristique

Comme il est exclu de construire des hôtels modernes dans le site, il faut envisager, soit de convertir certains bâtiments existants, soit établir une hôtellerie à une certaine distance de la ville d'art par exemple, à l'ouest de Santa Theresa.

Le "Patrimônio" a aménagé en musée d'art un très belle maison ancienne dont il est propriétaire et qu'il a remarquablement restaurée. Cette maison doit dans l'avenir, grâce à des expositions de

qualité, et en particulier des sélections des œuvres des Artistes d'Olinda même et de Recife, constituer un pôle d'attraction culturel important.

A Olinda, le visiteur peut associer aux agréments de la vieille ville, les plaisirs de la plage. Il pourrait donc être envisagé également de concevoir un équipement hôtelier au bas de la colline, auprès de la mer, l'attraction spécifique de ce lieu de villégiature restant le vieil Olinda.

2. Igarassu

Si Igarassu est un peu plus éloigné de Recife qu'Olinda, si elle n'est pas au contact immédiat de la côte, comme Olinda, elle n'en constitue pas moins aux environs de Recife un site également plein d'attrait et qui complète celui d'Olinda.

Dressés également sur une colline boisée, les édifices religieux sont moins nombreux qu'à Olinda mais de qualité comparable. Le plus pur d'entre eux est sans doute São Cosme e São Damião (XVI et XVIIe siècles) auquel fait face l'église de Malagida (devenue le Sacré Cœur (XVIIIe)) qui est en mauvais état. Remarquons aussi particulièrement le couvent de Santo Antonio, dont l'église possède un admirable plafond et une de ces très belles sacristies si caractéristiques de l'architecture du Nordeste; enfin, il faut signaler aussi une intéressante pinacothèque où quatre tableaux retracent l'histoire de la cité épargnée par les épreuves qui se sont abattues au cours des siècles sur Recife et Olinda.

Les religieux qui occupent actuellement le couvent de Santo Antonio doivent le quitter. L'archevêque de Recife serait susceptible de vendre cet ensemble, qui dans ce cas pourrait constituer un centre d'accueil pour la jeunesse. Des pourparlers ont été engagés dans ce sens avec la Fédération internationale des auberges de la jeunesse.

Comme à Olinda, les maisons d'Igarassu généralement modestes mais toutes anciennes et d'un style caractéristique, sont alignées le long des rues. Derrière elles s'est la végétation tropicale qui reprend ses droits, et c'est cette liberté de la végétation associée au jaillissement de ces monuments baroques qui fait le charme d'Igarassu comme d'Olinda. C'est dans ce sens que les élèves de la Faculté d'architecture de Recife sont en train d'étudier un plan de développement d'Igarassu.

Olinda et Igarassu constituent les pôles d'attraction majeurs des environs de Recife. Il est recommandé d'en faire des centres de séjour, d'où on pourra aller visiter Recife et ses admirables églises baroques sans y habiter. Au sud de Recife se déploient des plages admirables préservées par la ligne rocheuse qui a donné son nom à la capitale du Nordeste.

3. Paulista : le port hollandais de Pau Amarello

Recife, établie sur des flots plats traversés de canaux, fut l'établissement hollandais que les Portugais attaquèrent depuis Olinda et finirent par vaincre.

Cette opposition de la colonisation hollandaise et de la colonisation portugaise trouve son expression dans deux sites caractéristiques : à Olinda, celui de la colline côtière sur le modèle de Lisbonne, à Recife, celui de la plaine maritime sur le modèle d'Amsterdam.

La rivalité des deux civilisations est attestée par la présence de nombreux forts auprès des plages.

Le Fort hollandais de Pau Amarello est situé entre Recife et Igarassu devant une plage très appréciée, où il convient d'établir une zone non aedificandi qui maintienne les constructions à une distance suffisante de la mer. Malgré l'interdiction de construction aux abords du fort en cours de restauration, l'autorité militaire est en train d'agrandir une villa toute proche du fort.

4. Sites au sud de Recife

Au sud de Recife, en pendant à Olinda, s'élève une colline entièrement boisée dont les pentes descendent vers l'océan. C'est le Parc du Monte dos Guararapes érigé en parc national. Au sommet de la colline s'élève Nossa Senhora dos Prazeres, église de pèlerinage de l'ordre bénédictin, où peut se lire une véritable histoire de l'architecture religieuse du Brésil puisque de proche en proche cet édifice s'est développé du début du XVII^e à la fin du XVIII^e.

Plus loin encore, sur le cap de Santa Agostinho, s'élève N.S. do Nazare do Cabo, église qui possède une coupole octogone sur trompes en forme de coquille. Auprès de l'église, on trouve les ruines d'un établissement conventuel. De Nazare do Cabo on découvre d'admirables panoramas. Pour ce site très privilégié auquel on n'accède pas sans difficulté, il conviendrait d'aménager sa route d'accès. Les plages qui, au nord de Recife alternent avec les caps rocheux jusqu'à l'embouchure fluviale qui délimite le Cap Santo Agostinho, doivent garder leur caractère. Il conviendrait de ne pas y bâtir en dur.

5. Recife

Considérant que les villes touristiques sont Olinda et Igarassu, c'est par leur développement que nous souhaitons voir résolu le problème touristique de Recife. Mais si Recife a perdu une grande part de son intérêt sur le plan de l'ambiance urbaine, il ne faut pas oublier que Recife possède encore un des plus beaux ensembles d'églises baroques du Brésil.

Parmi elles on peut citer les Carmes, São Pedro das Clerigos, São Pedro, Madre de Deus, Rosario dos Pretos, N.S. da Laurado (la chapelle dorée). Le Musée du sucre attire également les visiteurs.

C'est pourquoi tout en proposant que l'accueil et l'action culturelle se concentrent sur Olinda (à 2 km de Recife), il est certain que Recife doit semblablement pouvoir bénéficier de ce mouvement. D'une part, les universitaires, les artistes, le public, les commerçants sont ceux de Recife, d'autre part, sans l'opération un crédit doit être prévu pour les restaurations de Recife elles-mêmes.

Troisième chapitre

Côte nord

VI. ÉTAT DE MARANHÃO

G. SÃO LUIS ET ALCANTARA

1. São Luis

Historique

La situation excentrique de l'Etat de Maranhão et de sa capitale São Luis méritent une attention particulière dans une étude relative à l'expansion culturelle intégrée au plan de développement du Brésil.

Entre Recife à la pointe du continent orientée vers l'Europe et l'Afrique, et Belém à l'embouchure de l'Amazone, São Luis dans sa position côtière intermédiaire et bien retranchée dans son île doit sa présente homogénéité urbaine à son essor tout au cours du XVII^e et du XVIII^e siècle et à son déclin dès l'avènement de l'ère industrielle.

L'île avait été découverte en 1535. Les Français y fondèrent São Luis en 1612 et en hommage à la fois à Saint-Louis et Louis XIII, et il faut rappeler à ce sujet qu'il est fréquent de voir dans les églises brésiliennes Saint-Louis représenté sous les traits de Louis XIII. Il s'agissait de créer au Brésil une "France équinoxiale", mais malgré les efforts d'Yves d'Évreux et de la Reverdière et de l'esprit coopératif des Indiens Tupinambas les canons portugais mirent fin dès 1612 à cette entreprise. La ville de São Luis au caractère portugais très accentué, bâtie sur un plan orthogonal et adossée à l'ancien fort possède de nombreux édifices religieux, mais ce qui fait son originalité est davantage la multitude de ses demeures de qualité, dont les façades sont couvertes d'azulejos : Aussi a-t-on appelé São Luis "la cité des petits palais".

Édifices civils et religieux

Le palais du gouverneur est établi sur les vestiges de l'ancien fort militaire, auprès du palais épiscopal de la préfecture. Mais le quartier le plus riche en maisons anciennes de qualité descend vers le port. Il est aujourd'hui très peuplé.

Parmi les églises, citons N.S. de Desterro, Santo Antonio, le Carmo, São Pantaleão, S. José Batista, los Remedios et la SE (cathédrale). La restauration du quartier ancien est compatible avec le maintien d'une grande partie de la population qui l'habite. Il conviendrait donc préalablement d'effectuer comme à Salvador un inventaire précis permettant le classement global et la délimitation du quartier à préserver en priorité.

Inventaire des maisons anciennes

Cet inventaire de caractère archéologique doit être établi sur l'ensemble de la ville, et il en résultera l'établissement d'une carte où chaque élément

N° de série : 492

intéressant sera ponctué. De ce premier travail, on pourra dégager une enquête par fiche analogue à celle du Pelourinho à Salvador, et dont la fiche-type a été remise par mes soins au Secrétaire des travaux publics qui, auprès du gouverneur du Maranhão, est particulièrement attentif à la sauvegarde de São Luis en même temps qu'à son développement. Comme à Salvador, cette enquête doit être complétée par une enquête sociologique et une campagne photographique relevant individuellement chaque façade intéressante.

La sauvegarde de São Luis s'inscrit dans un plan de développement de la capitale du Maranhão et de l'ensemble de l'État, qui suscite l'intérêt tout particulier des organismes de décentralisation économique du Brésil comme la Sudene. Le Maranhão est en passe de devenir le premier État pétrolier du Brésil, avant même Bahia. Il doit pouvoir alors s'instituer le même mécanisme d'attributions de royalties en faveur de l'éducation (5%) et la culture (5%) que dans ce dernier État.

Projets d'urbanisme - l'université

Un vaste projet d'urbanisme consiste à déplacer le port de São Luis sur la péninsule voisine, sur son île, où il y aurait la place de développer autour de lui toute la zone industrielle. Un vaste pont franchira la baie, reliant ainsi le nouveau São Luis à l'ancien. La fonction culturelle et touristique du vieux São Luis pourra alors se préciser, mais si une fonction précise et permanente n'était pas définie pour l'ancienne agglomération, elle serait sans doute en grand péril. Il a été discuté de l'implantation de la grande université sans laquelle l'essor du Maranhão serait impossible. Le gouvernement de l'État paraît hostile à l'installation globale de l'université dans le cadre de la ville ancienne, en en conservant strictement le décor ancien, et en aménageant l'intérieur des demeures. Cette option se heurte en effet aux critères actuels des organisations rationnelles de l'enseignement, notamment de l'enseignement scientifique et aux dimensions exigées par les laboratoires.

Ne pourrait-on néanmoins envisager de séparer les diverses fonctions universitaires de manière à donner un visage vivant permanent et moderne à la cité ancienne strictement conservée : les facultés de droit, de lettres, d'architecture, les habitations estudiantines pourraient, en partie du moins, s'intégrer dans la ville ancienne. Cette affectation serait ainsi associée à l'affectation administrative, commerciale et touristique, tandis que la faculté des sciences et ses laboratoires seraient implantés sur l'autre berge de la baie, non loin du nouveau port et de la zone industrielle.

Avant que des décisions précises ne soient prises tant en ce qui concerne les enquêtes archéologiques et sociologiques que les finitions et affectations urbaines de São Luis, il est difficile de se livrer à une appréciation précise des besoins financiers sur le plan culturel et touristique.

Équipement hôtelier

Mais ce qui est déjà patent à São Luis, c'est l'insuffisance pour ne pas dire l'insistance de son équipement hôtelier. Cette capitale d'État, pourvue demain d'une université importante, capitale d'une région pétrolière mondiale

et ville d'art, ne possède pas un seul hôtel correct. Faute d'un tourisme développé, les visiteurs de São Luis sont cependant nombreux quotidiennement, en raison du centre d'affaires que constitue São Luis et de son importante fonction administrative.

Or, de nombreuses maisons anciennes pourraient être récupérées et restaurées et équipées pour recevoir cette première clientèle et bientôt la clientèle touristique. Il est donc capital que EMERATUR étudie en liaison avec la "Patrincio" et les autorités locales un plan d'affectation au tourisme d'un certain nombre de maisons anciennes dans le vieux São Luis, en réservant l'implantation éventuelle d'hôtels neufs hors de la ville, auprès des admirables plages qui ne constituent pas le moindre attrait touristique de l'île de São Luis.

Les plages de l'Ilha de São Luis (Ilha d'Água)

S'ouvrant largement sur l'océan atlantique, ce sont des plages de sable fin s'étendant à perte de vue et dont l'agrément tient également aux immenses étendues sablonneuses mais très stables laissées par les marées.

La pêche y est pratiquée par quelques autochtones; quelques rares maisons sont édifiées sur le côté qui borde ces plages, et un hôtel est en construction. Si l'on ajoute que le climat équatorial de São Luis est relativement assez égal - les écarts de température plus faibles qu'à Rio, par exemple - et que, mis à part le début du printemps, très pluvieux, il est agréable en toutes saisons - de juin à décembre la chaleur y est adoucie par le vent - on voit que l'ensemble de la vieille ville de São Luis et de ses plages constitue un des points du Brésil où le développement du tourisme aurait les meilleures chances de se développer.

Activités culturelles

L'isolement de São Luis par rapport aux grands centres de l'activité brésilienne, a traditionnellement engagé cette ville à ne compter que sur elle-même. Historiquement, elle possède une grande réputation littéraire. Cette activité de l'esprit a tendu à s'assoupir un peu ces vingt dernières années, mais les conditions de sa renaissance et de son développement demeurent. Un très beau théâtre de 1.000 places, le théâtre "Arthur Azevedo", construit en 1810, qui est par ailleurs un des beaux édifices de la ville ancienne, doit être restauré par priorité. Le problème de son animation permanente sera alors à résoudre. Par ailleurs, São Luis est très active sur le plan musical, et il serait souhaitable que les sociétés musicales puissent se voir affecter l'une des maisons anciennes de la ville.

Priorités financières

Parmi les aménagements prioritaires se posent actuellement les problèmes suivants :

- (1) Le développement de l'aéroport - 40.000 n/cr (16.000 dollars)
- (2) L'aménagement du quai du petit port - 20.000 n/cr (8.000 dollars)

- (3) Le développement de l'infrastructure routière dans l'île de São Luis et dans le Maranhão, la liaison entre la ville et l'aéroport est actuellement médiocre.
- (4) L'établissement d'un ferry-boat entre le continent et l'île.
- (5) L'aménagement d'une maison commune au Bureau de tourisme de la Sudene et au "Patrimônio".

Au développement général du tourisme, le gouvernement de l'Etat affecte en 1967 une somme de 150.000 n/cr (60.000 dollars) et de son côté, la Sudene a prévu pour l'infrastructure hôtelière, la gare d'autobus et le développement du folklore et de l'artisanat la somme de 500.000 n/cr (200.000 dollars). C'est dire qu'il y a ici une grande volonté de sortir de la léthargie, de miser largement sur le développement du tourisme, et que le facteur culturel en raison même de la tradition et de la qualité du vieux São Luis y sera déterminant.

Mais il m'est apparu que l'atout majeur du Maranhão n'est cependant pas São Luis, mais Alcantara, la ville oubliée, la cité endormie, à dix minutes de vol et à une heure de navigation de São Luis, dans la baie de São Marco, l'embouchure du Rio Mearim.

2. Alcantara

Historique

Santo Antonio de Alcantara, escale naturelle entre Belem et São Luis, fut élevée au rang de ville en 1648. Ce fut la consécration de l'occupation primitive des colons. La seconde moitié du XVII^e siècle est une période de crise et de déclin, liée à l'absorption du Portugal par l'Espagne. Par contre, la seconde moitié du XVIII^e est pour Alcantara une époque de grand développement celle de la prospérité des "fazendas" du coton, de la compagnie commerciale du Grao Para et du Maranhão, fondée par le marquis de Pombal. A cette époque, Alcantara supplante São Luis par sa richesse. Puis c'est l'effondrement subit. Il en est résulté un curieux phénomène qui pourrait faire penser à l'effet de quelque cataclysme telurique qui aurait à la fois ruiné et préservé une ville du XVIII^e siècle, intacte de toute modification ou extension ultérieure : Alcantara, c'est un peu le Pompéï ou l'Herculaneum brésilien.

Description

Sur la place centrale, rectangle, composé de beaux édifices classiques dont certains ont été récemment remis en état, l'église Matriz du XVII^e siècle se dresse; elle fut incendiée et ses pierres brutes contrastent avec les enduits blancs des édifices voisins. C'est dans ces ruines que l'on se propose d'installer une exposition documentaire expliquant la signification économique de l'essor d'Alcantara, aussi vif que sa chute fut brutale.

D'autres édifices religieux doivent être restaurés : l'ensemble convent des Carmes, dont l'église possède un Christ noir et de, avec d'épave et développé en étages, et un extraordinaire Christ sculpté, ainsi inspiré de mysticisme qu'un Christ européen du moyen âge.

Il serait souhaitable de rassembler, après restauration, toutes les richesses du couvent des Carmes et d'en faire une présentation digne de leur mérite.

Citons encore l'Église du Rosario, la chapelle de Guiterro et les ruines de São Francisco et Santa Quitéria.

D'une façon générale, la situation d'Alcantara est la suivante : le quartier central est composé d'édifices dans un bon état relatif; certains sont déjà restaurés - l'un d'eux constitue une agréable hôtellerie - et autour du quartier central on trouve des ruines extrêmement avancées, dont les pierres rongées composent avec la végétation envahissante un type très attachant de paysage - romantique.

Propositions

Il y a donc un parti clair à prendre en face des projets d'expansion nouvelle et qui sont de deux sortes :

- i) la réanimation partielle d'Alcantara, projet auquel s'intéresse la Suède, et qui est fondé sur l'excellente potentialité agricole de la région. Des familles seraient encouragées, par des concessions de terre et une politique de construction de logements, à venir s'installer à Alcantara. Pour l'instant, les quelques dizaines de familles qui occupent encore cette cité fantôme semblent retranchées du monde. Mais la misère ne semble pas y sévir comme en tant d'autres campagnes ou cités du nord et du nord-est.
- ii) L'autre atout de la réanimation d'Alcantara est son essor touristique : telle quelle, cette cité, par la pureté de ses vestiges, par la beauté de son plan original, intégralement respecté et qui en fait un prototype exceptionnellement intact de l'urbanisme classique, justifie une très grande fréquentation; ce qui pose immédiatement divers problèmes d'équipements, notamment l'amélioration de la liaison maritime avec São Luis; et celle du terrain d'aviation d'Alcantara qui est vraiment des plus sommaires (une étroite butte, sur laquelle les adroits pilotes des avions-taxis de São Luis parviennent à se poser avec un évident bonheur ...) ainsi que le développement de l'accueil (hôtel, auberge, routes et chemins, camping).

Protection à trois niveaux

On voit les incidences fâcheuses que pourraient avoir ces deux entreprises de développement sur la beauté pure et tranquille des lieux, s'il n'y était veillé, et s'il n'était pas mis en application un plan d'urbanisme dont le "Património" détient les clés. Il s'agit de fixer trois périmètres concentriques :

1. Périmètre de conservation et restauration intégrale, qui comprend nécessairement le quartier central avec sa place, le couvent des Carmes, etc.

Restauration, entretien, affectation utile des édifices devant être assurés dans le cadre du respect le plus strict de la vérité archéologique.

2. Périimètre de préservation des ruines : on peut, en effet, difficilement envisager la reconstruction exactement conforme à l'ancienne architecture de tout ce qui manifeste encore sa présence par quelques pans de murs en ruines. Mais il ne serait pas pour autant légitime de les abattre : ces ruines sont aussi un moment de la vie de la cité et un gage de son attrait : couronne de verdure autour du noyau central, agrémenté de nos vestiges respectables, maintenu dans son aspect de nature romantique dans la mesure où c'est compatible avec la préservation des vestiges, tel serait le critère qui définirait cette seconde zone.

3. Périimètre de construction neuve ou d'aménagement des constructions actuelles. A l'intérieur de ce périmètre seraient à définir des servitudes très précises de construction excluant notamment la construction en hauteur (pas d'édifices de plus d'un étage) et prescrivant l'usage des matériaux traditionnels et de proportions définies par les édifices de la partie centrale. Il ne s'agit pas pour autant de créer l'architecture classique du pauvre, ni la fausse architecture d'accompagnement. Il s'agit d'engager un concours architectural proposant de résoudre ce problème difficile, mais non insoluble : rendre possible le développement d'une architecture rurale associée à la zone de ruines et au centre artistique, sans créer de traumatisme, tout en étant capable de répondre à la vocation économique fixée.

Action du "Patrimoine"

Dans le cadre de cette politique, l'action du "Patrimoine" est primordiale et concerne :

- (a) La fixation des limites des trois périmètres dans un esprit de très vaste préservation;
- (b) La restauration des édifices anciens;
- (c) La fixation des servitudes architecturales du troisième périmètre, les deux premiers étant non edificandi.
- (d) La participation à l'animation culturelle d'Alcantara.

En effet, un semblable effort de sauvegarde et de promotion économique peut se doubler dans des conditions très favorables d'une activité culturelle suscitant un déplacement saisonnier. Alcantara est un cadre suffisamment vaste et libre pour que des manifestations artistiques puissent aisément fixer un grand public sans troubler, si peu que ne soit, la vie quotidienne, mais lui apportant une prospérité commerciale évidente. La ruine de la Matris, la saisissante beauté du cadre de la place centrale et du couvent des Carmes, constituaient le cadre idéal pour de larges mises en scène théâtrales et pour un spectacle de "scen et lumière", contant l'histoire de cette ville oubliée.

Conclusion

En conclusion, je dirai que si Salvador de Bahia se penche sur un problème prioritaire parmi tous ceux que nous examinons ici, ce serait celui de l'imbriication du problème culturel et du problème social et de cette double

Historique qui fait de Salvador la première ville d'art du Brésil, la seconde priorité se devrait porter sur Alcantara, liée naturellement à l'expansion de la capitale de l'Etat du Maranhão, São Luis.

Le problème d'Alcantara frappe évidemment par sa simplicité, par rapport au complexe problème de Salvador. Nous disons qu'à la différence de Salvador ce n'est pas un point chaud : ni de grandes destructions n'y sont à craindre, ni des "choix éditoriaux" n'y sont à faire. Alcantara peut continuer pendant de longues années à s'effacer lentement du Brésil : en dépit de son caractère unique, elle est systématiquement négligée dans les guides et les reportages du Brésil. Mais il existe à Alcantara les conditions types d'une opération culturelle heureuse et relativement facile à mener à bien, où les critères du "Patrimoine" ne pourraient être contestés parce que l'affaire peut être prise à la base : un ensemble d'une pureté, d'une unité absolument unique, un développement valable puisqu'aujourd'hui fondé sur la valeur culturelle et touristique d'une part, et d'autre part, sur des équipements agricoles qui peuvent s'intégrer très aisément dans le parti-pris architectural général. Enfin, les avantages de l'isolement et ceux de la proximité d'une capitale elle-même ville d'art et en pleine mutation économique et urbanistique : rien n'est plus justement tentant pour le visiteur que de franchir ce bras de mer au-delà duquel git le mystère de la "ville idéale" de cette utopie matérialisée que fut cette Alcantara que la décadence économique quelques décennies après sa naissance a frappée si soudainement, qu'elle a comme "gelé" sans laisser de trace d'une progressive décrépitude.

VII. ETAT DE PARA

H. BELÉM

Historique

Bélem est le grand port nordique du Brésil et l'exutoire de toute l'Amazonie. Ville de 600.000 habitants, que la brève époque de l'exploitation de l'hévéa en Amazonie a développée et qui connaît et va connaître un essor nouveau avec l'établissement de la liaison routière Brasilia - Bélem.

Bélem est essentiellement une ville du XIXe siècle aux vastes avenues et aux parcs ombragés, où les quartiers plus anciens ne sont, ni aussi homogènes, ni aussi riches que ceux de São Luis. L'essor du milieu de ce siècle y a déjà fait son œuvre : de nombreux buildings très élevés, et d'ailleurs d'une qualité généralement meilleure qu'à Salvador, attirent plus l'attention que les groupes de maisons Anciennes. Il en reste encore cependant, surtout près du port, encadrant celui-ci, et également entre le quai du port et la rue du 15 novembre. Ces ensembles seraient à inventorier, classer et à entretenir. Cela n'entraînera pas une grosse dépense.

En raison de son développement au XIXe et au XXe siècle Bélem est bien davantage la ville des édifices isolés que celle des ensembles urbains.

São Alexandre

Un programme de travaux concerne déjà d'une manière très précise l'église São Alexandre du collège des Jésuites. Celle-ci possède un retable du XVIIIe

N° de série : 492

et deux chaires de type espagnol remarquablement ouvragées. D'autres éléments sculptés ont été transportés dans l'édifice : un São Joaquim, une vierge de la Conceição, etc. Cet édifice désaffecté doit être transformé en musée d'Art sacré. Mais il doit préalablement être restauré. Ensuite, il est prévu que l'Evêché s'en démissionne pour en remettre la gestion à l'université. Le recteur, au cours de notre visite a confirmé l'accord de l'université sur ce point. Dans l'avenir c'est tout le souvent qui serait d'ailleurs transféré à l'université. Ainsi cette restauration de São Alexandre nous paraît-elle revêtir une urgence et un intérêt prioritaires à Belém en raison du rôle pédagogique qui pourra lui être dévolu dans l'enceinte d'un ensemble universitaire, qui n'en sera pas moins accessible aux visiteurs extérieurs.

Autres édifices religieux

En dehors de São Alexandre, les édifices religieux de Belém se ressentent pour la plupart du passage de l'architecte italien Antonio Landi qui y fit école à la fin du XVIII^e siècle, et leur vaut leur italianisme marqué. C'est le cas de la cathédrale N.S. da Graça qui fut au surplus restaurée et peinte intérieurement par un autre Italien à la fin du XIX^e siècle. Les travaux de N.S. da Graça sont réalisés actuellement par une commission locale surveillée par le "Patrimônio".

L'église des Carmes avec son cœur portugais de 1740 et sa nef italienne plus tardive ajoutée par Landi, est douée d'une belle façade classique où règne le nombre d'or. Les chaires de la nef, de caractère espagnol rappellent celles de São Alexandre. L'état général de cet édifice est bon, mais sa façade est à nettoyer. Le "Patrimônio" souhaite débarrasser cet édifice de sa redoutable peinture intérieure.

Parmi les édifices civils, la Préfecture municipale (Palais Antonio Lemos) et le Palais du gouverneur présentent leurs façades symétriquement sur la Place Don Pedro II. La restitution éventuelle du Palais Antonio Lemos dans ses dispositions originales, ne nous paraît pas être parmi les opérations de restauration qui s'imposent.

Muséographie amazonienne

Sur un plan très général, Belém ne peut être ignoré dans un plan d'expansion culturelle du Brésil, en raison même de sa situation géographique : c'est l'entrée obligée de l'Amazonie côté Brésil. C'est cette proximité de l'Amazonie qui fait l'intérêt du remarquable Musée ethnologique "Emilio Goeldi" qui constitue avec le parc zoologique un ensemble éducatif de premier ordre. Dans le même sens on peut considérer le port de Belém comme un véritable musée vivant de la batellerie sur l'Amazonie et ses affluents ; mais pour combien de temps encore ? Les moyens traditionnels de navigation sur l'Amazonie ne seront-ils pas inévitablement remplacés dans les années à venir ? Dans ce cas ne faudrait-il pas commencer à compléter le Musée Goeldi par un musée de la Batellerie qui serait alimenté par les vieilles embarcations amonées par les plus typiques de l'époque de leur réforme : navigation fluviale, pêche en mer constituées dans les lieux les plus conservables en vraie grandeur pourvu qu'on dispose, grâce à des installations géographiques actuelles, d'une étendue suffisante de sites dans lesquels sont aménagées les darses propres à recevoir les embarcations des milliers de navigateurs.

Tourisme amazonien

Il n'est pas douteux que la navigation sur l'Amazonne depuis Iquitos au Pérou est appelée à se développer comme itinéraire touristique. Cet itinéraire n'est plus considéré comme aussi aventureux que par le passé. Les moyens de lutte contre les insectes sont maintenant de nature à encourager des visiteurs de plus en plus nombreux à joindre Iquitos à Belém en descendant l'Amazonne. Dans la région d'Iquitos la découverte d'étonnantes cités indiennes excitera un jour l'intérêt d'un certain public comme celui des spécialistes. Le développement des liaisons commerciales le long de l'Amazonne et de ses affluents, les implantations de "Petropolis" à l'intérieur de l'Amazonie qui contribuent à faciliter la pénétration générale, la mise en valeur de la grande île de Marajó en face de Belém, le déplacement de la capitale de Rio à Brasilia, tout concourt à promouvoir à Belém un nouveau bord dans le développement, en raison même de son éminente situation géographique aux portes de l'Amazonie. Grande cité Brésilienne, la plus proche de l'hémisphère nord, Belém est à la confluence de courants touristiques majeurs:

La direction nord - sud : New York - Belém - Brasilia - Rio ou São Paulo.

La direction ouest : pénétration de l'Amazonie ou descente de l'Amazonne depuis le Pérou.

La direction est : Belém - Maranhão (São Luis et Alcantara) puis Recife - Bahia - Rio ou Recife - Europe.

L'accent doit être donc mis à Belém sur cette vocation de plaque tournante, et de centre d'information scientifique et touristique et de porte de pénétration en Amazonie. C'est pourquoi ce qui pourra être fait pour le développement du Musée ethnographique, et d'une manière générale tout ce qui pourra lier la recherche et l'information sur l'indianité du Brésil revêt une grande importance. Par opposition à São Luis, Alcantara, Olinda ou Salvador, le patrimoine architectural ancien y est évidemment mineur. Mais le financement de l'opération de São Alexandre, et d'un crédit global affecté à des édifices classés isolés s'imposent dans le cadre d'un plan général.

Quatrième chapitre

Centre

VIII. DISTRICT FEDERAL

I. BRASILIA

La pénétration du développement économique dans le centre

Brasilia, nouvelle capitale fédérale surgie sur un plateau dénudé, est dès à présent en train de drainer activités économiques et populations à l'intérieur du pays. Des villes naissent et se développent le long de la nouvelle artère Brasilia - Belém. Le pari de Brasilia est, sur ce point, en train d'être gagné; la "capitale de l'espoir", comme l'appela André Malraux peut devenir demain la capitale du développement, et l'un ne saurait aller sans l'autre, la capitale de la culture.

Il faut donc souhaiter que la nouvelle capitale soit mue du dedans par une activité culturelle qui lui fait défaut. L'essor de son université a été interrompu, et il y a quelque paradoxe à contempler un cadre de vie aussi engagé dans l'avenir et à constater l'immobilité de son essor culturel.

Le fait suivant ne doit pas être méconnu : l'oeuvre urbanistique et architecturale de Lúcio Costa et Oscar Niemeyer est dès à présent l'attraction majeure du Brésil. On ne demande plus de prime abord à l'étranger de retour du Brésil ce qu'il pense de Rio mais ce qu'il pense de Brasília. "Avez-vous vu Brasília ?" La question est sur toutes les lèvres. De sorte qu'un tableau des problèmes culturels, un bilan du patrimoine architectural, et un plan d'action touristique seraient non seulement incomplets sans la mention de Brasília; ils seraient véritablement falsifiés.

Un certain temps arrêté, l'essor de Brasília a repris et le Gouvernement actuel considère le transfert de la capitale comme un fait irréversible. L'achèvement de l'Itamaraty (Ministère des affaires étrangères), la plus belle oeuvre d'Oscar Niemeyer, est une date. Le développement harmonieux de "super-quadrans", l'aménagement végétal du paysage en vastes compositions colorées commencent à donner à l'ensemble une vie qui appellera à son tour la vie.

Nous avons cru devoir souligner simplement ici la place que doit tenir Brasília dans l'essor touristique du pays, et manifester l'espoir que l'université de Brasília, conçue comme université modèle et aujourd'hui très dépourvue, ne tardera pas à retrouver l'élan qui avait été le sien dans les années qui suivirent sa fondation.

Four mémoire : Etat de Goiás

Ville de Goiás

L'intérêt de la ville ancienne de Goiás, ancienne capitale de l'Etat du même nom, est aujourd'hui à relative proximité de Brasília.

L'accès se fait par la nouvelle capitale du Goiás, la ville moderne du Goiânia.

Ville coloniale, la seule à l'intérieur des terres avec les villes du Minas, Goiás sans avoir le caractère de Salvador ou de São Luis, justifie une opération de restauration : celle de sa place principale et de sa rue ancienne. Cette opération tient une place infime dans la comptabilité de la rubrique : "autres états".

IX. ETAT DE MINAS GERAIS

J. ORO PRETO, SABARA ET LE COURS DES VILLES D'ART DE MINAS GERAIS

Les villes d'art de Minas Gerais

Si l'on continue de dire que le Brésil ancien ne contient la trace du littoral de Rio jusqu'à Rio Grande do Sul, il y a cependant deux exceptions dont une de

N° de série : 492

ville : l'ensemble de l'État de Minas Gerais - l'autre étant la ville historique de Minas, capitale de l'État de ce nom.

Le "Minas" est tout un État d'une superficie plus grande que celle de la France et dont les toutes terres sont parsemées de villes d'art qui ont nom : Ouro Preto, São João, Congonhas do Campo, São João del Rei, Tiradentes, Cariés, Igaras do Gerais, Santa Bárbara, Catas Altas, Santa Rita Darão et Mariana. La multiplicité des centres d'intérêt exige ici un choix, mais en même temps justifie une action d'ensemble dans la sauvegarde et dans l'exploitation touristique : c'est pourquoi la possibilité d'organiser des circuits de visite des villes avec certaines les unes des autres doit être précisé et confère à certaines de ces villes un intérêt qui s'ajoute à leur mérite intrinsèque.

Nous suivrons donc, pour l'étude de cet important état le plan suivant : après un rappel historique qui situe le patrimoine de Minas, nous étudierons en détail et à titre d'exemple la ville d'art majeure qui est Ouro Preto l'ancienne capitale. Ensuite, nous situerons les richesses des autres sites et les problèmes qu'elles posent en fonction d'un plan d'ensemble gravitant autour de la capitale moderne de l'État de Belo Horizonte.

Tout autre plan consistant à traiter chacune des douze villes citées avec la même attention détaillée qu'Ouro Preto nous conduirait à déborder des propositions raisonnables de la présente étude générale sur le Brésil. Cette investigation serait justifiable d'une mission spécifique et d'une étude particulière dont l'intérêt et la nécessité ne sont d'ailleurs pas contestables.

Rappel historique

Minas Gerais signifie "mines générales" et le prestige de cet état est lié à l'épopée de la ruée vers l'or qui éclat le XVIIIe siècle brésilien. Mais comme l'écrit Pierre Monbeig, cette renommée est aussi solidaire des ambitions du Brésil d'aujourd'hui. Les mines de fer et des autres métaux industriels ont pris le relais de celles de l'or, de l'argent et des pierres précieuses découvertes à partir de 1740.

Cette exploitation industrielle, tant du XVIIIe que du XIXe siècle n'a pas été sans constituer un violent traumatisme dans l'économie végétale. Le sol du Minas se ressent des "lavages" de colline destinés à recueillir l'or, du déboisement systématique : sur de vastes territoires, dans les villes elles-mêmes, l'arbre est rare et une herbe vivace couvre irrégulièrement la terre rougeâtre parfois sujette aux glissements, aux effondrements. Mais dans ce milieu naturel martyrisé surgissent des témoignages toujours vivants d'une civilisation brillante. Au XVIIe siècle, 300.000 émigrants étaient entrés au Brésil, au XVIIIe siècle, il en entra 3 millions, principalement à destination de Minas.

Au XVIIIe siècle, les "Bandeirantes" s'étaient mis en marche depuis São Paulo, et leur chef, Fernao Dias Paes, les avait conduits au prix des pires souffrances jusqu'au cœur du futur État dont les terres étaient réputées impénétrables. Dès 1693, les premières pépites d'or sont découvertes. En 1709, est constituée la Capitainerie de São Paulo et des mines et en 1709, Vila Rica de Albuquerque, future Ouro Preto est fondée au centre des grands gisements. Les aventuriers

déferlent, d'innombrables esclaves noirs sont affectés aux mines. Les colons amassent des fortunes qui entraînent aussitôt un vaste trafic commercial entre l'Europe et le Minas. Bientôt un esprit d'indépendance souffle sur le pays. La révolte contre le "quint", en 1720, c'est-à-dire la redevance due au pouvoir central menée par Felipe dos Santos aboutit à la séparation du Minas de l'Etat de São Paulo. Et, en 1788, c'est la révolte contre la "derrama" qui a remplacé le "quint" qui sera à l'origine du complot des Inconfidentes et du martyre de l'indépendance brésilienne, Tiradentes. Le coeur du Brésil bat au Minas et c'est le Minas qui lui prépare sa personnalité nationale acquise en 1822. Mais, c'est au moment où l'élan du Minas a entraîné le Brésil tout entier, que la décadence subite frappe le Minas. Les mines d'or sont épuisées. Ouro Preto qui comptait 300.000 habitants tombe à 30.000. Les mines de fer qui viennent peu à peu prendre le relais retiennent une part de la population noire descendant des anciens esclaves, mais bon nombre de ces mines sont administrées par des sociétés étrangères.

L'élan du XVIII^e siècle vaut aujourd'hui au Minas les témoignages innombrables d'une culture nettement spécifique : nulle part l'architecture baroque n'a été si riche, si diverse et en même temps si homogène. Le Minas est, à ce titre, comme une espèce de Bavière tropicale. L'importance du facteur racial métis et noir doit y être souligné. Nombreuses sont les églises de noirs consacrées surtout au rosaire. Un abondant folklore littéraire et artistique noir est lié à l'exploitation des mines, à la dure condition de l'esclavage noir sur ces mines. "Chico Rei", le roi Chico, est le Spartacus mi-historique, mi-légitime de cette épopée du travail : grâce à la poudre d'or que les femmes noires déposaient dans le bénitier de leur église en y plongeant leur chevelure, les corréligionnaires de Chico lui achetèrent son affranchissement et sa liberté.

Pays d'hommes laborieux, pays imprégné de la "saudade" (nostalgie) de l'âge d'or, le Minas qui fut au XVIII^e le fabuleux et désordonné pays de la ruée vers l'or, dégage aujourd'hui une impression de gravité parfois même de tristesse singulièrement prenante. Sans la connaissance du Minas, une dimension du Brésil échappe au visiteur, le sens d'une profondeur qui n'a pas manqué de frapper les plus grands esprits du Brésil, tel l'illustre poète Manuel Bandeira qui ne dédaigne pas d'écrire le guide d'Ouro Preto.

1. Belo Horizonte et Pampanha

Sur le plan qui nous occupe, il y a relativement peu à dire de Belo Horizonte, la nouvelle capitale, qui fut fondée en 1897 pour remplacer Ouro Preto; elle compte aujourd'hui un million d'habitants et avec ses buildings et ses banques, elle est le signe du nouveau départ de l'expansion du Minas. Unique liaison entre Rio et Brasilia, Belo Horizonte ne peut espérer maintenant de bénéficier du transfert de la capitale fédérale. Belo Horizonte n'est pas une très belle ville. Son expansion a été assez désordonnée. Mais lorsque le Président Getulio était gouverneur du Minas, l'école de l'architecture moderne brésilienne a été placée dans le voisinage autour du plus d'eau de la ville. C'est là qu'à partir de 1943 avec la célèbre église São Francisco, le Musée, maintenant Musée d'art moderne, le club de centre nautique et plus récemment le nouveau Centre National, qu'Oscar Niemeyer a cherché à éclaircir, d'une façon le langage de la Corbusier puis avec une manifestation personnelle et véritablement originale, les formes d'un art entré désormais dans l'histoire de l'architecture, et qui expose

à Escaliva. C'est là que se noue l'association de l'architecture avec les talents du dessin technique et du paysagiste Euclides Weitz. Dans toute liaison aérienne, ferroviaire ou en car routière, cet ensemble de Pampulha mène le visiteur obliquoirement à Belo Horizonte.

Belo Horizonte est, en outre, une cité aux activités culturelles prospères, et qui peut servir, parallèlement à Ouro Preto, de "dispatching" touristique pour l'ensemble du Minas.

2. Ouro Preto

Ouro Preto est, après Salvador de Bahia, la ville d'art la plus riche du Brésil. Mais l'impression générale est bien différente : Salvador, c'est le réseau serré d'une ville portuaire développée sur deux plans : la ville basse au tracé orthogonal, la ville haute modelée sur le relief, et dont le radiocentrisme autour de l'élément initial conquiert et recouvre le relief.

Au contraire, dans sa phase initiale, Ouro Preto n'est pas plus urbanisée qu'une de ces agglomérations du Par-West que les westerns nous ont rendus familières. Les placiers occupent les "moroes", non en raison d'une liaison logique mais en fonction de l'exploitation des filons. Il est resté quelque chose à Ouro Preto, au-delà de l'âge de sa surpopulation, de cette déarticulation. Mais les églises baroques ont remplacé les placiers, et l'herbe recouvre les pentes des moroes que lavaient les eaux aurifères. Ce tissu distendu de la ville ménage des découvertes, et comme une conquête progressive de l'œil, associée, au fur et à mesure de la visite, le proche et le lointain, quelques ruelles encastrées dans les fonds, et quelque clocher couronnant et signalant la colline au loin. Aussi, Ouro Preto ne se laisse-t-elle pas saisir aussi vite que Salvador ou Rio. Sa beauté n'est pas servie par l'évidence d'un site acoustique : elle se présente dès l'abord, puis elle fuit, puis elle se conquiert. C'est la ville des longs séjours, du repos méditatif. Le climat, très frais en hiver, se prête à cette sorte d'accueil. Le ciel y est alors d'une pureté absolue, qui n'adégale que la qualité de son silence, un silence auquel les chercheurs d'or de la ville de l'or noir n'étaient sans doute pas accoutumés jadis.

Il ne s'agit donc pas d'essayer de restituer un Ouro Preto historique : ce serait faire de la pseudo-reconstitution. Il s'agit de favoriser un équilibre qui s'établit entre l'éclat de la symphonie baroque, la simplicité et la discontinuité du tissu urbain ancien, et à travers l'émergence d'une nature longtemps martyrisée et en quelque sorte résiduelle. Cet équilibre est fragile, il l'est topologiquement, il l'est esthétiquement.

Les glissements de terrain sont à prévenir. Il est des travaux de voirie qui urgent et d'autres qui ne doivent être menés qu'avec circonspection. Nous venons d'apprendre que le gouvernement a décidé de réaliser, en priorité, la déviation de la route fédérale qui contournera Ouro Preto. Cette décision est capitale car l'intense trafic de poids lourd qui traversait la ville jusqu'ici n'était pas seulement une incovenience qui dénaturait les évidentes vertus d'Ouro Preto, c'était aussi une menace pour la stabilité des fondations de ses plus précieux édifices. De ceux-ci faisons maintenant le rapide inventaire. Auparavant, soulignons l'importance d'un artiste à qui l'architecture d'Ouro Preto doit beaucoup et qui s'est manifesté dans tout le Minas : c'est l'Aleijadinho le plus grand sculpteur du baroque brésilien. Nombre de ses dessins, de ses maquettes sont conservés au

N° de série : 492

au musée. Le décor de certaines églises d'Ouro Preto est de lui, ou modifié par lui. Enfin, son style caractéristique fait d'une extrême vigueur et d'un extrême lyrisme qui hausse l'esthétique baroque aussi haut que l'esthétique gothique se lit sur saintes statues de sa main ou de celles de ses émules. La visite du Minas est indiscutablement un pèlerinage au pays de l'Aleijadinho; le sanctuaire de ce pèlerinage n'est pas Ouro Preto mais Congonhas. Nous reviendrons sur le mythe d'Aleijadinho à son propos.

Ouro Preto dans l'étude d'ensemble

L'état d'avancement des études du "Patrimônio", et la remarquable publication du guide d'Ouro Preto par le grand écrivain et poète Manuel Bandeira nous permettent, à titre d'illustration détaillée, de faire ici un sort particulier à la description et aux problèmes touchant les églises d'Ouro Preto et ses édifices civils. Il ne pouvait être question sans déborder de ses limites raisonnables de consacrer des développements équivalents aux édifices des autres villes d'art du Brésil. Mais il nous a paru approprié de choisir Ouro Preto, comme exemple d'étude plus poussée puisque les circonstances le permettaient plus aisément qu'ailleurs. Il va de soi que ce choix n'est inspiré par aucun critère subjectif soit de la part des services brésiliens, soit de la part de l'auteur du rapport. A plus forte raison il n'influence en rien les appréciations financières et comparées des besoins, à telle enseigne que les chiffres retenus pour Ouro Preto et même tout le Minas Gerais ne sont nullement de la même échelle que ceux que nous indiquons pour Salvador.

Il reste que nulle part ailleurs qu'à Ouro Preto, le Brésil n'offre un ensemble aussi complet d'édifices religieux. L'état de ses édifices met, en outre, plus qu'ailleurs en évidence, d'une part les intéressants travaux effectués par le "Patrimônio", d'autre part ce qui reste à faire. Le Minas et surtout Ouro Preto sont certainement le champ d'expérience et comme le laboratoire le plus approprié à l'oeuvre du "Patrimônio". Il nous a paru justifié de traduire dans l'étude annexée ci-dessous, cette attention particulière portée à Ouro Preto, par un affinement de l'examen qui n'implique nullement une hiérarchie des valeurs, ni une prévalence des projets,

(a) Etude détaillée annexée des édifices d'Ouro Preto

1. Les églises baroques

São Francisco d'Assis

São Francisco d'Assis conçue par l'Aleijadinho en 1771, possède un admirable travail du maître : le choeur exécuté entre 1792 et 1795. Le plafond de la nef fut peint en trompe l'oeil en 1802 de façon très habile par Manuel da Costa Ataíde. Par contre, on aménagea en 1850 et d'après des dessins d'Aleijadinho mal interprétés, six autels latéraux fort colossaux. Le rétable central est dédié à Saint-Louis figuré en Louis XIII roi de France. Quant aux caulões, ils sont, comme généralement au Minas, remplis par un décor en bois découpé appliqué aux murs et qui reprend les thèmes décoratifs en camafeu des cartons de stuc. Le sanctuaire, avec sa très belle fontaine de l'Aleijadinho et son beau plafond peint à fresque,

est très caractéristique de l'architecture religieuse brésilienne : ces associations, qui, à Salvador, sont encore plus sculptées, sont spacieuses et soigneusement décorées, et occupent traditionnellement le chevet de l'église au-delà l'autel majeur. Elles sont liées à l'aspic des fonctions ecclésiastiques lors des manifestations purement rituelles. Soulignons pour terminer, l'arrangement, toujours fort pédestre, entre la façade et le parvis : une façade de la main de l'Aleijadinho jusqu'au médaillon supérieur.

Nous avons décrit ces édifices à titre d'exemple : nous nous bornerons à citer les autres, encore que, tout en étant à peu près de la même époque, chacun ait sa personnalité par les conceptions du plan comme du décor.

Le décor intérieur de São Francisco d'Assis, peintures et sculptures, a été sauvé par le "Patrimônio" et son excellente restauration est un échantillon du savoir-faire de ses collaborateurs. C'était là le plus difficile, mais en même temps, le moins coûteux. Or, un ensemble si précieux, tant par sa valeur intrinsèque que par les efforts judicieux qui lui ont été consacrés récemment, se situe sous un toit qui attend sa restauration depuis plusieurs années, opération différée faute de crédits suffisants. Le sol de São Francisco est également à refaire. Voici un exemple typique de la situation des édifices du Minas : le constat tout à la fois optimiste et pessimiste de l'œuvre d'un service qui réussit si bien le plus difficile, mais ne peut toujours entreprendre ce qui est le plus coûteux et en même temps prioritaire. Il n'est pas besoin d'insister sur le fait que, dans la situation présente, toutes ces heureuses restaurations d'intérieur d'édifices risqueraient d'avoir été inutiles si les travaux d'architecture ne suivaient pas. Il est bien évident aussi qu'il eût été préférable qu'ils précèdent au lieu de suivre.

N. S. De Conceição d'Antonio Diaz

C'est la Matriz, l'église paroissiale qui s'élève à l'emplacement de la chapelle qu'Antonio Diaz avait fait construire en 1699 en l'honneur de Notre-Dame de la Conception. C'est la fortune léguée par le Bandeirante qui permit d'élever l'église actuelle commencée en 1727. Cette église, plusieurs fois restaurée, est en bon état. Le "Patrimônio" entreprend actuellement la restauration de son beau décor doré. C'est dans cette église qu'est enterré l'Aleijadinho.

N. S. do Monte do Carmo (N.D. du Mont Carmel)

C'est un admirable édifice conçu en 1766 sur les plans de l'architecte Manuel Francisco Lisboa, le père de l'Aleijadinho. Le Tiers-Ordre du Carmel en confia la décoration à un groupe d'artistes éminents sous la direction de l'Aleijadinho lui-même, qui la transforma. Les sculptures en pierre de savon du Carmo sont particulièrement remarquables ainsi que les azulejos de la chapelle majeure représentant les épisodes sacrés de l'ordre, et les peintures des plafonds. Le Carmo est une église en bon état, restaurée en 1936.

N. S. das Mercês dite Mercês de Baixo

Notre-Dame des Grâces ou "Grâces d'en bas" tire son surnom de sa situation topographique par opposition à la "Mercês de Cima". Construite en 1772 et très restaurée au XIX^e siècle.

La Mercês de Cima

"Grâces d'en haut" construite à partir de 1771, elle renferme de beaux tableaux et des meubles intéressants, et sur son portique un médaillon représente la Vierge étendant son manteau pour protéger les chrétiens, selon une tradition médiévale. Il serait utile, dans cette église, d'effacer les effets de travaux intempestifs du début de ce siècle.

N. S. do Pilar

(Notre-Dame du Pillier). C'est l'église paroissiale de la ville basse. Elle est attribuée à Pedro Gomes Chanen. C'est en 1733 qu'eut lieu la mémorable cérémonie du "Triomphe Eucharistique" qui conduisit le Très-Saint-Sacrement de N. S. do Rosario à N. S. do Pilar encore inachevée. La description détaillée qu'on possède de cette solennelle cérémonie ne permettrait la reconstitution historique qui ferait de tout Ouro Preto un vaste théâtre sacré. Le Pilar ne fut achevé qu'en 1848 par sa façade. Mais la nef, due sans doute à Antonio Francisco Postel, est plus ancienne, et présente cette particularité d'offrir un plan ovale à l'intérieur et rectanglé à l'extérieur. Le "Patrimônio" a exécuté la restauration complète des peintures et des sculptures de bois.

N. S. do Rosario

(Notre-Dame du Rosaire). Elevée en 1785 sur un plan représentant l'association de deux ovales, l'un pour le choeur, l'autre pour la nef, elle s'ouvre sur une large façade sur plan courbe. L'ensemble est en pierre de taille. L'intérieur de l'église est très pauvre malgré son caractère monumental.

N. S. do Rosario dos Pretos do Alto da Cruz, ou Santa-I-Figínia

(Notre-Dame du Rosaire des Noirs au sommet de la croix, ou Sainte Iphigénie). Elle paraît avoir été achevée par la façade en 1785, mais elle appartient à la plus ancienne paroisse d'Ouro Preto. Sa silhouette se dresse sur la plus haute colline de la ville à l'extrémité opposée à celle de São Francisco de Paula. Le "Rosaire des Noirs" est lié à l'histoire légendaire de Chico Rei ainsi que l'érection de l'église. Chico aurait été roi en Afrique avant d'être enlevé en esclavage au Brésil, ne réussit à s'affranchir et d'obtenir l'affranchissement de nombreux Noirs qui firent à nouveau de lui le roi de leur communauté.

Le Rosaire de la Vierge, thème chrétien attesté dans l'Évangile, fut alors dédié l'église que fit construire pour elle cette communauté dont Chico était le roi et qui possédait la rive sud de l'Immaculada.

Au choeur de cet édifice, le "Tatrimonia" vient de découvrir un très beau décor profane, en stuc, portant notamment une scène représentant Robinson Crusoé, le plafond du choeur, également redécouvert ainsi que celui de la nef, datant de 1760, Le Refectoire possède de très beaux objets. L'ensemble de l'intérieur de l'édifice a été admirablement restauré. La restauration du décor est en voie d'achèvement mais il reste à entreprendre la restauration générale de l'extérieur qui est très délabrée et l'aménagement du site : un mur voisin dérobe la vue admissible sur l'ensemble de la villa qu'on découvre le long du mur sud de l'église.

São Francisco de Paula

(Saint-François de Paul) Couronne une autre colline d'Ouro Preto au sud-est de la ville. Très tardive puisque édifiée seulement de 1804 à 1878 pour n'être réellement achevée que cent ans après sa fondation, elle se présente au sommet d'un escalier monumental encadré par les statues de faïence des quatre évangélistes. L'intérieur ne manque pas d'intérêt avec ses six autels latéraux, Le statue de Saint-Michel. A São Francisco de Paula la suite a lié la petite chapelle édifiée sur le Morro do Cruzeiro où l'on avait placé la statue de N.D. de la Pitié qui est retournée à São Francisco de Paula car la chapelle est aujourd'hui en ruine. L'église, elle-même, a besoin des travaux de restauration et son site, d'aménagement.

São Miguel e Anjos

Cette église (Saint-Michel et Anges du Purgatoire) possède deux bons tableaux qui sont à restaurer mais l'intérieur de cet édifice n'est pas intéressant. Par contre, la façade possède d'intéressants décors sculptés et une statue de l'Alcibadino de Saint-Michel dominant la scène en bas-relief, de la purification des âmes du purgatoire par le feu, représentées par des corps nus. Saint-Michel a l'aspect très mexicain d'un indien coiffé de plumes. Cet édifice a besoin d'entretien. Un vaste parvis longé par un collège permettrait d'utiliser São Miguel pour un Festival.

Autres églises

Il faudrait encore citer N.S. das Dores (Notre-Dame des Douleurs) commencée en 1763 et située sur une troisième colline et São José (Saint Joseph) commencée en 1752 et dont l'autel majeur est attribué à l'Alcibadino.

Chapelles

Mais une part du charme d'Ouro Preto tient également à la multiplicité des petites chapelles; la plus belle d'entre elles est la chapelle du Père Faria. Son autel majeur et ses autels latéraux sont d'excellente facture. Les peintures latérales du choeur alternent avec les fenêtres selon une disposition très harmonieuse. Le décor de l'arc tripartite est particulièrement original : décor de fantaisie sur une structure antique qui fait songer aux décors mexicains tant par les couleurs que les motifs. Cette chapelle a été restaurée mais réclamerait une nouvelle intervention.

Il faudrait citer encore d'autres chapelles : N.S. da Piedade (de la Pitié), N.S. da Piedade do Morro do Cruzeiro (de la Pitié

de la Colline de la Croix), Sant'ana, Santa Cruz, N.S. do Bonfim, São-Joaõ Sebastião ainsi que quelques oratoires privés dans les maisons particulières d'Ouro Preto, et les petites chapelles des chemins de Croix appelés au Brésil les "passos".

Tout cet ensemble nécessite certaines interventions de sauvegarde faute de quoi le caractère religieux de la Cité risque de s'atténuer, de ne plus être perceptible dans sa signification spécifique. Cet immense patrimoine témoigne dans cette ville qui fut à la fois celle du labeur, du douloureux esclavage des Noirs - qui n'était pas exempt de révoltes et parfois de spectaculaires revanches - d'une foi qui associait parfois opposait non seulement Blancs Mulâtres et Noirs, mais aussi souvent les confréries rivales qui se disputaient lieux de culte et patronages sacrés. Cette vie bouillonnante imprégnée d'une religiosité naïve, traversée de rivalités profanes, n'est pas sans rappeler l'ambiance du monde médiéval européen. C'est ce sentiment que les efforts pour développer Ouro Preto doivent ménager, et, s'il se peut, rendre encore plus perceptible.

2. Édifices civils

Ancien Palais municipal (Musée de "l'Inconfidência")

Le Palais municipal, construit à partir de 1754 est situé sur la place Tiradentes, laquelle en pente accentuée lui constitue une sorte de socle. En 1944, on y a ouvert le Musée de "l'Inconfidência" musée qui commémore le sacrifice des précurseurs de l'Indépendance, groupés autour de Tiradentes, et qui, par ailleurs, constitue un remarquable musée historique et artistique du Minas. Une grande part des collections provient des dons de D. Helvécio Gomes de Oliveira, archevêque de Mariana. Le musée est parfaitement répertorié, présenté et entretenu. C'est un exemple typique de la valeur scientifique et artistique des travaux du "Patrimônio" en matière de muséographie. On ne peut souhaiter qu'une chose : que le "Patrimônio" dispose des moyens financiers propres à lui permettre d'achever son programme.

Palais des Gouverneurs (Aujourd'hui Ecole des Mines)

Il fait face au Musée sur la Place Tiradentes. Son plan porte la date de 1741. Il possède l'unique façade de marbre existant à Ouro Preto. Son usage comme Ecole des Mines, souligne la mutation de l'Etat orientant son économie sur l'extraction du fer. Il serait souhaitable de déplacer le statut de Tiradentes et son immense piédestal hors d'échelle avec cette jolie place, et qui s'inscrirait mieux place de la Gare.

La Casa dos Contos (Maison des contrats)

C'est, selon Manuel Bandeira "le meilleur et le plus bel exemple de résidence à Ouro Preto". Construction de pierre de taille par João Rodrigues de Moxedo, elle fut terminée en 1787, et couverte au moyen des postes. L'objectif du "Patrimônio" est, après restauration, d'en faire la maison du "Patrimônio" d'Ouro Preto à la fois Centre de documentation, musée

ré-séjour du service. Ce projet doit très heureusement s'insérer dans le développement touristique artistique d'Ouro Preto. Il serait indiqué d'y requérir le concours de l'Esbratar (Office national du tourisme).

Théâtre

Sans égaler en qualité le théâtre de Sabarra, celui d'Ouro Preto est digne d'attention. Malgré ses transformations, c'est le plus ancien théâtre d'Amérique du sud : situé place des Carmes, près de l'église de ce nom, il doit pouvoir être restauré, restitué dans ses dispositions originales et en même temps équipé afin de satisfaire aux exigences techniques actuelles. Il sera alors un élément d'appoint décisif pour le succès du Festival d'Ouro Preto et le développement culturel du Minas.

3. L'architecture urbaine

Elle est généralement très simple. Quelques "sobrados" sont à balcons de bois comme certaines maisons de la Rua de Gloria ou celles du Largo do Romario. Parmi les caractéristiques architecturales de ces nombreuses demeures aux couleurs vives signalons le toit de tuile canal qui se prolonge au-dessus des façades en avant-toit à corbeau, les persiennes à rotule, les impostes courbes de fenêtres.

Il est encore deux éléments caractéristiques d'Ouro Preto, et qui contribuent intensément à son charme : ses fontaines et ses ponts. Les fontaines sont à Ouro Preto la prétexte à une parure architecturale. Il semble que l'ingéniosité des architectes n'ait cessé de rivaliser sur ce thème où l'invention ne subit nulle contrainte. Citons la fontaine du Largo de Marília, celle du Passo d'Antonio Diaz et surtout la fontaine des Contos. Mais il faudrait en citer vingt dont l'état est plus ou moins satisfaisant et qui exigeraient un crédit global de remise en état de présentation.

Quant aux ponts d'Ouro Preto, sur lesquels Manuel Bandeira attire notre attention, c'est deux cents ans plus tôt un autre poète, Gonzaga, qui les a chantés : c'est non seulement leur architecture qui est digne d'intérêt mais les vues sur les façades arrière des édifices qu'ils révèlent, comme celle de la rue Tiradentes depuis le pont des Contos.

(b) Mesures conservatoires et développement d'Ouro Preto

En définitive, c'est bien le caractère global d'Ouro Preto, anciennement Vila Rica, qui en fait le prix. Son homogénéité est unique au Brésil, si l'on excepte Parati et la ville morte d'Alcantara. C'est pourquoi le classement global comme "monument national" est parfaitement justifié. C'est pourquoi le détour du gros trafic industriel et commercial est indispensable et constitue la première mesure prioritaire de sauvegarde concrète.

Mais il faut faire face simultanément à deux risques : d'une part beaucoup d'édifices exigent une intervention de sauvegarde immédiate, la ville de l'or appauvrie vivant depuis deux siècles sur son acquis. Il y a maintenant une échéance :

ou bien Ouro Preto doit être l'objet d'un plan de travaux de restauration systématique, ou bien son exceptionnel capital artistique s'épuisera. Et pour commencer on doit reconstituer la couverture végétale des "Morros".

L'autre risque, qui peut être une chance, tient à sa faculté de développement. Ouro Preto dispose déjà de bons hôtels. A l'hôtel de Chico Rei, par exemple, on est accueilli dans l'ambiance d'une belle maison ancienne, meublée d'un excellent mobilier de l'époque coloniale, et l'on y apprécie les spécialités de la cuisine brésilienne. C'est cette formule qui retiendra à Ouro Preto le voyageur pour des séjours. Certes, dès à présent, aucun visiteur sérieux du Brésil ne manque Ouro Preto: de 1816 à nos jours, les attestations d'un Saint-Hilaire, d'un Supervielle ou d'un Jean-Paul Sartre témoignent pour Ouro Preto, où sont nombreux, également, les peintres qui y séjournent et même s'y fixent. Cependant, l'attrait d'Ouro Preto doit aujourd'hui déborder de cette aristocratie spirituelle sans pour autant modifier le caractère de la ville. Les problèmes ne sont pas à l'échelle de Salvador qui pose une question de restructuration urbaine. Ici, l'ambiance qui n'est pas exempte, comme on l'a déjà dit, d'une étrange mélancolie, est plus à préserver qu'à créer.

Il y faut des moyens financiers pour entretenir l'acquis; il faut aussi pouvoir surveiller, d'une manière continue, un tel ensemble; il faut enfin trouver des solutions pour augmenter la capacité hôtelière, maintenir l'activité technologique (Ecole des Mines) sans dénaturer. Le nouvel hôtel dont les plans ont été dressés par Oscar Niemeyer est un exemple satisfaisant d'intégration architecturale sans pastiche.

(c) Festival d'Ouro Preto

Une excellente initiative a abouti, l'hiver dernier (c'est-à-dire ce dernier mois de juillet). Il s'agit d'un festival principalement musical associé à des manifestations d'art plastique et notamment trois mois de cours théoriques et pratiques qui ont été suivis par des élèves venant de tout le Brésil et d'autres pays d'Amérique latine.

À l'origine, un projet de festival de théâtre exploitant l'admirable patrimoine monumental avait été conçu par la grande actrice Domitilla Amaral, dont beaucoup de parisiens n'ont pas oublié la création de Yvra de Federico Garcia Lorca voici une quinzaine d'années.

Avec l'appui du "Patrimoine", le vœu de Domitilla Amaral était de consacrer principalement le festival de théâtre d'Ouro-Preto au théâtre de la culture ibérique, ancien et moderne, depuis les autosacramentales portugais et espagnols jusqu'à Valle Inclan, Lorca et les meilleurs auteurs brésiliens actuels.

La réalisation actuelle menée avec succès cette année par l'Université semble rejoindre les vœux de D. Amaral qui laisserait tout le reste à la partie théâtrale du festival.

Dans ces conditions, le festival d'Ouro-Preto pourrait devenir un événement mondial. On connaît les dons et les capacités de nombreuses écrivains, musiciens, poètes qui, du Nord-est à Rio, sont inspirés par la grande tradition ibérique de

Portugal (et de l'Espagne), et baroque du Brésil. C'est un théâtre de caractère populaire appuyé sur une belle tradition plastique, elle-même en plein renouveau. L'aide internationale devrait à l'avenir en faveur de ce mouvement artistique à Ouro Preto, pour autant, bien sûr, que cette orientation suggérée par D. Araral et le "Patrimônio" soit maintenue. Les grandes œuvres historiques qui placent sur Ouro Preto : Casa Real, l'Alcaidatão et Tiradentes ne devraient pas manquer de susciter l'intérêt de pièces nouvelles auprès de réalisations des manifestations culturelles comme celles du "Tricépe Eucharistique" de 1733. Il faudrait aussi rendre leur lustre aux processions liturgiques de la Semaine Sainte.

(d) Conclusion sur Ouro Preto.

En conclusion, nous proposerons pour Ouro Preto :

1. Un important crédit destiné aux restaurations des édifices;
2. Un autre pour l'établissement d'un plan directeur;
3. Un autre pour le reboisement;
4. Un autre pour l'aménagement de l'équipement urbain (parage) et le développement hôtelier;
5. Un autre enfin pour le festival.

Rappelons que le Gouvernement fédéral a décidé récemment de financer la déviation routière.

3. Sabara

Sabara a sur Ouro Preto l'avantage de son extrême proximité de Belo Horizonte. Cette ville peut donc constituer avec Pampunha une donnée touristique unique. Avant d'aller séjourner à Ouro Preto le visiteur prend à Sabara un excellent contact avec l'art baroque du Minas et peut l'associer, dans la même journée, à l'art moderne de Pampunha.

Il ne semble guère souhaitable, par contre, d'assigner à Sabara une fonction de séjour de longue durée comparable à celle d'Ouro Preto. Cependant ses centres d'intérêt sont nombreux. Décrivons seulement le Musée de l'or dans la maison de l'Intendance, la Matriz, l'église du Carmel (do Carmo 1761), N.S. do G. Il faudrait citer encore : Le Rosario (église du Rosaire) et la Fontaine du Rosario. La Mercês (N.D. des Grâces), le couvent et la chapelle de La Terre Sainte (1715) et parmi les maisons civiles, la Casa da Opera (1812) la Préfecture (1773).

Etude détaillée annexée :

(a) Le Musée de l'or

Il a été installé dans la maison de l'Intendance par le "Patrimônio". C'est une très belle maison du début du XVIII^e siècle à l'époque où Sabara était déjà en déclin. Tous les éléments technologiques qui illustrent l'extraction et la métallurgie de l'or y ont été réunis avec autant de soin que d'intelligence. Ce

musée, par ailleurs très agréablement meublé de mobilier colonial dont la plupart des pièces proviennent de Sabara même, est le modèle des petits musées documentaires qu'il y aurait lieu de multiplier au Brésil en fonction des particularités ethnologiques, économiques et culturelles de chaque région. Sa bibliothèque spécialisée peut être également utile.

La restauration de la maison de l'Intendance, réalisée avec la même sûreté de goût que l'aménagement du musée est en voie d'achèvement. Le musée lui-même sera à compléter.

(b) Matriz (ou N. D. da Conceição. N. D. de la Conception)

C'est une des plus anciennes, des plus vastes et des plus belles églises du Minas. Datée de 1703, elle comprend trois nefs et un chœur plafonné. Le plafond de la nef est blanc et or. La profusion du décor baroque, or, bleu et rouge crée une ambiance de richesse précieuse et de mysticisme populaire qui n'est pas dépourvu de sensibilité et d'élégance. Une seule fausse note : la statue de la vierge nichée dans le chœur, vierge ancienne récemment repeinte à grands frais mais sans résultat heureux. De ce temps, le "Patrimônio" a assuré à ses seuls frais la restauration de tout le décor de l'édifice avec un respect et une délicatesse exemplaires. Des hommes comme Don Clemente, l'éminent conservateur du Musée d'art sacré de Salvador pourraient être utilement associés à une œuvre éducative des gardiens naturels de trésors de l'art voué qui devrait engager à la fois l'église et l'Etat.

(c) Carmo

Le Carmel de Sabara est un très attachant édifice baroque, dont la balustrade du chœur (due à l'Alcadjidino) et la tribune, toutes deux morceaux d'architecture très festonnés sont particulièrement remarquables. Le plafond peint est du début du XIXe. La façade de 1760 a été modifiée par l'Alcadjidino en 1770. Cet édifice très original est dans un très mauvais état. Il doit être restauré entièrement: structure et décor.

(d) N. S. do O

Par contre, ce petit édifice entièrement peint à l'intérieur a déjà été restauré avec bonheur par le "Patrimônio". Des panneaux "chinois" sur fond noir, dénotent l'influence, au Brésil, de la colonie orientale du Portugal, Macao. A cette occasion, on peut noter la fréquence, au Brésil, du mélange des vocabulaires décoratifs, due à la pénétration des navigateurs portugais tant en Asie qu'en Afrique ou en Amérique.

(e) Conclusions sur Sabara

Il est possible qu'un programme d'expansion industrielle et économique entraîne de profondes modifications urbaines à Sabara. Il faut donc prendre les devants, établir un plan directeur, achever les programmes utiles, consacrer des crédits à la restauration des édifices de Sabara.

4. Mariana

À environ 12 kilomètres à l'ouest d'Ouro Preto, se situe une autre ville d'art, Mariana, l'ancienne Vila de Carmo, également classée comme monument national en 1935.

Nous citerons les édifices principaux : São Pedro (1770) dont le plan architectural est à double ovale, percé sur une hauteur d'où l'on découvre un admirable panorama, et transformé en musée.

L'église de São Francisco da Confraria (1784) et le Grand et petit Séminaires (et la charmante petite chapelle de celui-ci (1750) sont riches de nombreuses sculptures et de belles fresques de plafond). Sur le Largo de São Francisco (Largo do Passo), la principale place de la ville, se situent, la Câmara municipale, les Carmes et l'église São Francisco d'Aviz commencée en 1763 qui ne fut achevée qu'au XIXe siècle, et qui par sa façade, son décor extérieur et son mobilier est un ensemble de qualité. On doit enfin noter la Sé (cathédrale) de Mariana autre remarquable édifice religieux, tandis que, parmi les autres édifices civils, il faut citer les maisons de la rue Nova, de la rue São Francisco, de la place de l'Indépendance, de la rue Direita, de la rue Conde de Condição où se situe la maison capitulaire (Musée d'art sacré). L'ensemble des églises de Mariana exige des interventions de restauration et d'entretien, ainsi que, comme à Ouro Preto, des aménagements de voirie. Un plan directeur doit être mis à l'étude comme à Ouro Preto.

5. Congonhas do Campo

Par rapport à la route Rio - Belo Horizonte, la ville de Congonhas se situe du côté opposé à Ouro Preto et Mariana et à 126 kilomètres d'Ouro Preto. Mais son insertion dans le circuit du Minas est tout à fait indispensable du fait qu'elle possède un chef-d'œuvre incontesté de l'art universel : le sanctuaire du Senhor Bom Jesus de Matosinhos dont le pèlerinage religieux attire les grandes foules de fidèles au mois de septembre de chaque année, possède en effet le plus illustre ensemble sculpté d'Amérique du sud. Il ne faut pas s'étonner qu'il porte la signature de l'Aleijadinho.

Fils maître de l'architecte Lisboa, au corps contrefait d'où son surnom signifiant l'estropié, l'Aleijadinho conquiert par son génie une gloire qui en fait aujourd'hui une figure de légende. Entre toutes les œuvres de cette époque d'épanouissement de l'art baroque, les œuvres de l'Aleijadinho se distinguent toujours par l'ampleur et le lyrisme des formes. Nulle part au monde, l'art baroque n'a, en fait, atteint cette même grandeur d'où toute l'affectation, même la mièvrerie, dont le XVIIIe siècle est parfois affligé, sont absolument bannies. Les rythmes sont puissants, les envolées de drapés ont une force qui montre que l'observation du réel est transcendée moins pour des motifs décoratifs que pour exprimer la dignité, la majesté du modèle. Et à Congonhas s'ajoute à ce lyrisme stylistique un lyrisme d'expression qui apparente l'Aleijadinho plus aux sculpteurs du Moyen-Âge et à Michel-Ange qu'à ses contemporains. L'ensemble sculpté de Congonhas comporte deux parties : les douze statues en pierre de savon des prophètes, exécutées de 1800 à 1805 et qui parent la terrasse du parvis du Bon Jésus, et les 55 statues en bois, du chemin de croix exécutées un peu avant, et qui

N° de série : 492

constituent notamment les stations du Jardin des Oliviers, de la Passion, du Portement de la Croix et de l'admirable Cène. Ce sont dans ces ensembles, qui sont agencés comme de véritables scènes de théâtre (et à cet égard elles nous font penser un peu aux Mises au Tombeau de l'art champenois du XVII^e siècle), que l'expression mystique des visages est poussée à sa culminance. On peut dire à cet égard que l'Aleijadinho est à l'aube du XIX^e siècle le dernier imagier médiéval qui ne manque pas pour autant de faire son profit de trois siècles d'étude anatomique et de savoir-faire.

Il y a quelques années encore, ces chefs-d'oeuvres étaient dégradés par les couches de peinture qui en avaient absolument perverti la beauté. Le "Patrimônio" a entrepris et réussi cette périlleuse restauration des figures du chemin de Croix et leur a rendu leur beauté originale. Lourival Gomes Machado et le photographe Eduardo Ayrosa, ont, dans un admirable album, rendu un juste hommage à cette entreprise dont le "Patrimônio" doit particulièrement s'enorgueillir.

Cette oeuvre exemplaire, qui témoigne hautement des capacités des techniciens du "Patrimônio", justifie l'établissement d'un programme global de restauration qui trouve, notamment au Minas, ses points évidents d'application.

6. São João del Rey

Autre ville d'art pleine de mérites, São João possède de très nombreux édifices religieux baroques : S. Francisco de Assis, N. S. do Carmo, où a travaillé l'Aleijadinho et la Sé (cathédrale) N. S. do Pilar (N. D. du Pilier) riche de reliques d'or et d'argent, sont les plus beaux édifices religieux de cette ville, comparables à ceux d'Ouro Preto.

Comme à Ouro Preto, une part du charme de São João tient à ses vieux ponts notamment le Pont du Rosário et celui de Cadera. Parmi les édifices civils citons la Chambre municipale et le musée régional du "Patrimônio".

Le développement moderne de São João, plus manifeste que celui d'Ouro Preto, s'est toutefois effectué à l'écart de la ville ancienne qui reste relativement intacte. Mais la vétusté est manifeste comme dans l'ensemble du Minas et exige d'importantes interventions de restauration.

7. Tiradentes

À 16 kilomètres de São João del Rey se situe Tiradentes fondée en 1710 sous le nom de São José del Rey et à qui on donna, par la suite, le nom de Précurseur de l'indépendance brésilienne. La cathédrale de Tiradentes fut bâtie sur les plans de l'Aleijadinho et elle possède de remarquables reliques d'or et d'argent; la ville est justifiable d'un plan directeur. Le circuit des villes d'art du Minas peut comporter également Castro, Barco de Cocais, Santa Bárbara, Catas Altas, et Santa Rita Burgo. À l'écart de ce circuit, Diamantina, dont le nom est lié à la découverte des mines de diamant au Brésil, est également une vieille ville coloniale avec deux édifices religieux à préserver : la Sé (cathédrale) et le Carmo, São Francisco de Assis. Parmi les édifices civils la maison de Cléa da Silva.

B. Conclusions sur le Minas

(1) Les premières mesures à prendre au Minas consistent à compléter les diagnostics par des classements globaux comme il en existe sur l'ensemble de la cité à Ouro Preto et à Mariana. Des classements étendus devraient concerner une partie de Sabara, une partie de Congonhas, une partie de Triandentes, et surtout une partie de São João del Rey.

(2) Des plans directeurs d'urbanisme seraient à dresser pour des villes, outre ceux de Mariana et évidemment d'Ouro Preto. Ces plans d'urbanisme auront à tenir compte de la définition :

- (a) Des zones considérées comme des sanctuaires archéologiques.
- (b) Des zones de sites urbains étendus, incluant notamment les rues typiques, les berges des rivières et leurs ponts, etc. Des servitudes non-aedificandi devront concerner ces zones, sur lesquelles pourra, par contre, se porter l'effort principal d'aménagement en résidence et en hôtellerie, et ateliers d'artisanat des maisons coloniales.

Les musées existants pourront être également développés et pour la plupart réaménagés dans lesdites zones.

- (c) Des zones où pourra se développer la construction nouvelle soumise, toutefois, à des servitudes précises touchant les dimensions et les matériaux. Il s'agit aussi qu'en dehors de ces servitudes générales, le critère de la qualité inspire les constructeurs travaillant dans ces zones et que, de cette qualité, le service du "Patrimônio" soit juge.

- (d) Le plan directeur pourra enfin fixer, non à Ouro Preto et à Mariana, mais dans les autres villes, des zones de fixation d'architecture libre, et de conceptions urbanistiques entièrement nouvelles.

(3) Des crédits importants devront être accordés aux édifices de ces villes d'art constituant en elles-mêmes des ensembles, et constituant à elles toutes un ensemble régional qui n'a pas d'équivalent au Brésil. Nous présentons, en fin de rapport, quelques suggestions chiffrées.

(4) Il faut lier à ces restaurations l'équipement routier, l'amélioration de la voirie de ces villes, qui est dans la plupart des cas, et notamment à Ouro Preto tout à fait déplorable. La décision concernant la déviation routière autour d'Ouro Preto est de bon augure. Nous la considérons comme capitale. Elle devra être suivie par l'entretien des liaisons de l'ensemble du circuit, et par l'aménagement de gares routières extérieures pour préserver les villes de la circulation des poids lourds.

(5) L'équipement hôtelier doit être développé dans un sens de l'accueil traditionnel notamment à Ouro Preto. Moins indiqué à Sabara qui est très proche de Belo Horizonte, il serait également à envisager à Congonhas,

à Diamantina, à São João del Rey et à Mariana. Si Ouro Preto et Belo Horizonte peuvent être considérés comme des pôles hôtelliers (le premier de séjour culturel, de repos, et d'une manière générale de séjour durable autant que d'étape, et le second associant au séjour d'affaire le tourisme occasionnel), il faudrait qu'au moins dans les autres cités, en particulier à Sabaró, à Mariana, à Congonhas et à São João, on puisse trouver des restaurants agréables dans des maisons coloniales, ainsi que à Tiradentes, à Caxte, à Serro, à Santa Barbara.

(6) L'effort sur le plan culturel est déjà vigoureux à Belo Horizonte une des villes du Brésil où, par exemple, les conférences sont les plus nombreuses et les plus suivies. Mais c'est à Ouro Preto qu'il faudrait développer cette attraction intellectuelle notamment par le développement du festival du mois de juillet, qui pourrait utiliser systématiquement les monuments de la ville comme cadres des manifestations théâtrales; les suggestions de Mlle Domitilla Amaral, à ce sujet, nous paraissent particulièrement dignes d'attention.

(7) Tout ce programme, le seul proposé à l'échelon global d'une province ne pourra se réaliser que par étapes : il demandera de la persévérance et des moyens appropriés. Mais alors que dans un cas comme celui du Maranhão (São Luiz Alcantara) on part pratiquement de rien, alors qu'à Salvador il s'agit d'effectuer un renversement complet de la vapeur; on peut dire qu'au Minas, il existe plus que des potentialités, des réalités exemplaires auxquelles il s'agit de donner surtout une ampleur croissante.

Cinquième chapitre

Sud

X. ETAT DE PARANA

X. PARANAGUA

Problème général

En 1966, l'architecte Frédéric de Lisberg-Stirus a été présenté par le Professeur Dalens dos Guimarães Alvès du Département de la culture du Parana, en vue de présenter des suggestions relatives à un plan d'urbanisme de la ville ancienne de Paranagua.

Il en est résulté une intéressante étude, et qui, sous réserve d'un examen approfondi par la "Parrisunio", et d'un rapport devant le Conseil fédéral de la culture pourrait constituer la base à la fois d'un plan directeur d'urbanisme de cette ville, et d'une opération de rénovation de ses quartiers anciens.

Situation historique et géographique - Possibilité de développement économique et touristique

Avant que Curitiba ne devienne la capitale du Parana, Paranaguá en a été sur l'embarcadere du Rio Itibore et en communication directe avec l'océan le plus

important établissement. Mais la moitié du XVIII^e siècle, les colons s'y installèrent et cent ans plus tard Paranaguá devint "vila" avant de devenir "cidade" en 1842, lorsque fut créé, à l'intérieur des terres, Curitiba la nouvelle capitale, une route la relie à Paranaguá bientôt doublée par une voie ferrée. Aujourd'hui s'achève une nouvelle liaison : une autoroute qui doit drainer tout le trafic lourd. La route ancienne, entièrement pavée et en excellent état, traverse de belles forêts et d'admirables paysages, d'où son nom révélateur de "grazioso". C'est par excellence une route touristique à recommander avec, à mi-chemin, sa halte de la petite ville coloniale de Morretes, et qui conduit du centre administratif du Paraná à son port principal qui est en même temps sa ville d'art. Ainsi se conçoit dans cet état un évident équilibre des fonctions dans le cadre général du développement économique et culturel du Brésil.

L'occasion nous paraît bonne à saisir, de dispositions favorables des autorités locales de Curitiba, de l'ouverture avertie que constitue l'étude de M. Limburg-Stürum, pour engager une opération à Paranaguá.

Celle-ci concerne :

- (1) Le vieux port et le centre de la ville.
- (2) Les développements modernes dont le nouveau port.

(1) Le vieux port et le centre

Il est caractéristique que Paranaguá, après avoir connu un passé brillant, était une ville en régression, jusqu'au jour récent où le café et le pétrole tendent à en faire un des principaux ports du Brésil. Cinq premiers "gratte-ciel" ont déjà surgi au hasard des places disponibles dans le contexte de rues resserrées. Le mouvement n'est qu'amorcé. Mieux qu'ailleurs, il est donc possible d'y mettre de l'ordre, mais il n'est que temps.

M. Limburg-Stürum prévoit trois zones successives étagées depuis le rivage :

- (a) Le quartier historique qui possède les édifices déjà classés dont la "Chácara do Caju" ancienne capitainerie menaçant ruine se dressant sur une plateforme surélevée et plantée; l'Ancienne fontaine, l'Eglise São Bento en voie de restauration par le "Patrimônio"; le long de la rue Conseiller-Sinimbu de nombreuses demeures coloniales seraient à préserver systématiquement. A son extrémité s'élève la Matriz commencée en 1575 et de nombreux "sobrados". Citons encore l'ancien Couvent des Jésuites transformé en Musée et très restauré. Le musée bien aménagé et d'un vif intérêt, est selon les meilleures formules actuelles un musée diachronique de civilisation et d'histoire naturelle du pays. L'édifice pose le problème de la lutte contre les termites dévastateurs. Il pose également un problème archéologique qu'il serait souhaitable d'éclaircir par quelques travaux. Les quais du vieux port possèdent de vieux édifices qui tombent en ruine. Citons encore l'église Terceira de São Francisco (1741) qui a été incendiée et dont la restauration est en cours, et l'ancienne résidence du Vicomte de Nacar

devenue préfecture. Quant à la rue du 15 novembre ses façades anciennes ont été modifiées, mais l'unité des volumes de cette rue a été préservée. M. Limburg-Stirum observe très justement que les prospects de ces différents édifices constituent une chaîne continue qui compose le quartier historique qu'il y a lieu de conserver intégralement et de restaurer. Dans ce quartier, il convient de prendre une mesure générale de non édificandi, ainsi que l'interdiction d'abattre les arbres. La fontaine ancienne doit être mieux protégée et ses eaux assainies en empêchant les infiltrations d'huile. Des curetages peuvent permettre l'extension de la surface des jardins. Entre La Casaca, São Bento et la vieille fontaine, pourrait être définie une petite zone commerciale et artistique à l'abri de la circulation automobile.

L'option essentielle porte sur le vieux port. Si on le transformait en l'adaptant aux besoins présents, on le démantèlerait à grand prix et sans réel profit. On forcerait le gros trafic commercial à traverser la ville, et on serait conduit un jour à l'éventrer. Cette solution est à la fois incompatible avec les exigences de la vie portuaire moderne, et la préservation du patrimoine culturel de Paranaguá.

On sait que la formule nouvelle de l'urbanisme portuaire - adoptée en France à Fos, pour doubler la capacité portuaire de Marseille - consiste à intégrer au port certaines usines de transformation, ou plutôt à intégrer le port à la zone industrielle. C'est à cette sorte de développement que peut répondre le nouveau port de Paranaguá actuellement en voie de croissance constante - encore qu'il s'agisse surtout de transborder le café et les produits inflammables.

Il s'agit donc de préserver le vieux port, d'en empêcher une vaine transformation, de le débarrasser même de ses constructions récentes et de l'affecter à l'agrément. En tout état de cause, il n'aurait point le tirant d'eau nécessaire à la navigation commerciale de l'avenir.

Autre opération utile : la mise en valeur de l'église Terceiro São Francisco.

(b) Zone non altus tolendi

Enfin derrière le quartier historique M. Limburg-Stirum propose de définir une zone non altus tolendi correspondant au centre actuel de la ville.

(2) Développements modernes

Au-delà de cette zone non altus tolendi, M. Limburg-Stirum suggère que les constructions puissent devenir plus hautes au fur et à mesure qu'on s'éloigne du quartier historique.

Il serait peut-être préférable de distinguer, voire d'opposer deux ensembles de façon plus tranchée, et de prévoir la délimitation entre l'un et l'autre après une étude faite point par point sur le terrain et tenant compte de la topographie de détail. Une audacieuse liberté de conception et de structuration de la

ville nouvelle s'étendant à la place de quartiers suburbains désordonnés, peut être opposée avec bonheur au manoir ancien, sans que la proximité de l'un influence l'autre, ce exige une accoutumance.

Au contraire, deux harmonies autonomes peuvent créer un état de "tonus" salutaire à une "présence de l'être aux choses". C'est là une philosophie de la construction dont le Brésil a précisément donné souvent des exemples salubres, mais très rarement il a pu aller au bout de l'entreprise. L'exemple de Paranaguá serait une occasion à ne pas manquer. A cette réserve près, encore qu'il faudrait pouvoir se donner le loisir de confronter patiemment le principe et son application sur le terrain, les options prises par M. Lisburg-Stirum servant de base à un examen par le "Patrimônio", devrait engager l'Etat de Paraná à une rénovation générale de Paranaguá.

D. PRESERVATION DE LA NATURE ET POLITIQUE TOURISTIQUE DU PARANA

Vila Velha

La plus singulière et la plus importante curiosité naturelle du Paraná est Vila Velha ("vieille ville") à 84 kilomètres à l'ouest de Curitiba. Elle est constituée par un ensemble de hautes roches verticales érodées par l'eau et le vent et qui, surgissant au-dessus d'une plaine nue, ont l'aspect de ruines d'une ville monumentale.

Vila Velha figure au centre d'un des vastes parcs nationaux du Brésil. Il conviendrait qu'à la législation propre aux parcs sur la préservation des espèces, s'ajoute une protection non négligeant d'un large périmètre entourant Vila Velha et d'un contrôle des constructions agricoles et touristiques sur une zone encore plus étendue. Il va de soi que tout développement industriel ou urbain doit être banni du Parc national. (D'une manière plus générale, les circonstances ont été plus favorables à la protection de la nature dans le sud que dans le nord).

Du point de vue touristique, la forêt que traverse la "Graciosa" est à préserver intégralement, et l'inventaire administratif des autres serait à fixer.

Foz de Iguaçu

L'Iguaçu, fleuve du Paraná dont la source se situe au Paraguay, est célèbre en Amérique du sud en raison de ses chutes situées au Brésil, à la frontière du Paraguay, et dignes d'être comparées à celles du Niagara.

La liaison aérienne est actuellement organisée de façon à visiter les chutes d'Iguaçu entre Ascension et Curitiba.

"Les Sambaquis"

Il faut signaler enfin près de Paranaguá, sur le littoral, la présence au dépôt de "Sambaquis" (coquilles) qui peut constituer au sein de son paysage côtier une réelle attraction touristique pourvu qu'elle soit protégée de l'exploitation industrielle, car ce gisement se prête à l'exploitation de la chaux.

Mais n'est avant tout pour des raisons scientifiques que le classement doit être prononcé et une zone de protection stable.

Conclusion

À Curitiba même, il est envisagé l'établissement d'un musée, soit dans l'actuelle préfecture, soit dans une architecture spécialement conçue pour lui. Nous avons vu le part que devait prendre le "Patrimônio" dans la préservation et la restauration de Paranaguá, mais au Paraná c'est l'effort d'organisation touristique qui sera décisif. L'Empire pourrait mettre à profit une situation privilégiée entre São Paulo et l'Argentine, et des sites naturels exceptionnels pour développer la publicité touristique du Paraná avant tout sur le plan du continent sud-américain, et secondairement sur le plan mondial.

Pour mémoire : Etat de Santa Catarina

Voisin sud de l'Etat de Paraná, l'Etat de Santa Catarina possède en Florianópolis, une ville en pleine extension dont les quatre forts militaires du XVIII^e siècle sont à restaurer (comptabilité dans la rubrique : autres états).

XI. ETAT DE RIO GRANDE DO SUL

M. SÃO MIGUEL ET LES "REDUCTIONS D'INDIENS"

Le pays "gaúcho"

À l'extrême pointe sud du Brésil, l'Etat de Rio Grande do Sul présente des attraits tout à fait différents de ceux auxquels nous sommes accoutumés le Brésil tropical. C'est le pays "gaúcho", avec sa "Campinha" (campagne) toujours verdoyante, ses prospères élevages, ses forêts, et sa côte sablonneuse au devant des grandes lagunes.

Porto Alegre l'industrielle capitale, a l'aspect d'une ville européenne, plus particulièrement d'Europe centrale, mais sans le moindre élément architectural ancien. On ne retiendra que le panorama qui se déploie au-dessus de la ville sur la Laguna dos Patos et le Rio Guaíba.

La belle route qui conduit de Porto Alegre en Argentine passe à Pelotas l'une des rares villes de l'Etat à avoir conservé un caractère colonial.

À travers la "Serra do Sudeste" la route qui de Porto Alegre s'enfonce dans la Campinha mène à Cachoeira do Sul et à Crivias do Sul qui possède une forteresse de 1655. La piste mène à l'ouest de Cachoeira à Santa Maria, puis au bout de 12 heures depuis Porto Alegre à Santo Angelo gros bourg germanique depuis lequel on peut parvenir enfin à São Miguel.

Qu'est-ce que São Miguel qui justifie une expédition si lassante, et que la liaison aérienne n'écourte guère puisque, n'étant pas quotidienne, elle n'assure pas à la fois l'aller et le retour à Porto Alegre après un séjour raisonnable d'un ou deux jours à São Miguel ?

Les "réductions d'indiens" - Historique

São Miguel est, au Brésil, le témoin le plus éloquent d'une entreprise historique fondée par les Jésuites pour préserver les Indiens du génocide qui pesait sur eux aux premiers temps de la colonisation du sud. Les "réductions d'indiens" furent des matérialisations apparemment réussies des projets de sociétés et de cités utopiques telles qu'au XVII^e siècle les humanistes les conçurent en particulier Thomas Moore. Il est d'ailleurs singulier qu'"Utopie" de Thomas Moore parut en 1551, île imaginaire, fût néanmoins située au Brésil, et qu'au moment d'en définir les lois démocratiques et égalitaires, Moore eut connaissance par un Jésuite des lois de l'empire Inca du Pérou qui venait d'être découvert. Or, en 1586, les Jésuites ayant reçu la charge d'évangéliser le Paraguay, y fondent leurs premières missions. En 1626, ils pénètrent dans la région du Rio Grande et y fondent São Nicolau, puis en 1707 Santo Angelo. Ce pays est occupé par les Indiens Guaranis, peuple pacifique menacé d'extermination par les colonisations voisines, mais convergentes du Portugal et de l'Espagne. Bénéficiant de l'indétermination qui règne sur cette région prospère dans l'application du Traité de Tordesillas qui partageait, dès la découverte, le nouveau monde entre l'Espagne et le Portugal, les Jésuites attirant les Guaranis à l'intérieur d'enceintes fortifiées qui les protègent et qu'on appelle les "réductions", procèdent à la fois à leur évangélisation et à l'organisation de ce qu'on appellerait aujourd'hui leur "autogestion". Ils semblent, à travers les modèles "utopiques" s'être souvenus des observations faites par l'un des leurs chez les Incas du Pérou. Toujours est-il qu'il se constitue sous leur inspiration une sorte de République guarani pacifique mais vigilante, et dont les nouvelles vagues de colonisation ne peuvent tolérer la présence. En 1750, l'Espagne cède les "Sept missions" au Portugal, auxquelles les Indiens résistent victorieusement. C'est alors que naît la légende du plus brave d'entre eux, le chef Sepé Tiaraju, qui leur donne pour emblème la "Croix du sud" brillant dans le ciel. C'est en 1826 que l'ensemble des 36 missions établies tant au Paraguay et en Uruguay qu'au Brésil, sont finalement détruites à la suite d'un accord entre les trois pays. Indiens et Jésuites, les seuls blancs qui étaient autorisés à pénétrer dans les "réductions", résistent héroïquement et sont exterminés, et leurs "réductions" brûlées.

São Miguel

Cette épopée douloureuse conserve un témoin très évocateur : les ruines de l'église de São Miguel du plus pur style jésuite, édifiée en 1735, et que l'incendie n'a pu entièrement ravager.

Après de l'église São Miguel, le "Patrimônio" a édifié un musée. Il serait nécessaire de le développer afin de retirer des ruines elles-mêmes l'appentis qui protège d'autres œuvres d'art. La restauration de l'église elle-même a été amorcée, mais il est indispensable qu'elle soit poursuivie. Un devis de l'ordre de 50.000 dollars a été établi pour les travaux les plus urgents. São Miguel est une ruine très spectaculaire. Après d'elle, les autres "réductions" du Brésil se présentent de façon beaucoup plus humble. Il semble que ce soit à São Miguel qu'il faille donc faire l'effort essentiel, sur le plan de la présentation, de la propagande, et du séjour, tout en entretenant convenablement les autres ruines.

Les visites des habitants de Porto Alegre et de São Paulo et Rio, ainsi que des Argentins étant fréquentes, un hôtel est en construction dans le voisinage. Mais on pourrait faire de São Miguel un lieu de pèlerinage artistique infiniment plus fréquenté.

Pèlerinage

De même qu'en Europe, Vézelay, où Saint Bernard prêcha la Croisade, est devenu aussi bien sur le plan religieux que laïc (amis de Teilhard de Chardin, cercles Romain Rolland, etc.) un lieu de fraternité humaine, São Miguel, dans ce pays que se sont disputés Portugais et Espagnols, et où a vécu, avant d'être étouffée, une "utopie" bien réelle et apparemment heureuse et fraternelle, pourrait être le siège de colloques où serait évoquée l'histoire des missions. Un spectacle de "Son et lumière" très attractif pourrait aussi y être installé. Nous ne sommes généralement pas très favorables à cette sorte d'expression spectaculaire, mais il faut reconnaître que dans le cas de São Miguel, il existe à la fois la matière historique et légendaire pour l'animer et le support architectural nécessaire.

Mise en valeur

Il reste que la mise en valeur de São Miguel exigerait une surveillance et des efforts particuliers. Récemment, une pompe à essence a été implantée sans l'autorisation du "Patrimônio" auprès des ruines.

Liaison routière

La route de Santo Angelo à São Miguel, empruntée par temps de pluie est absolument impraticable par les voitures de tourisme; il nous a fallu 3 heures pour franchir 40 kilomètres grâce à un chauffeur particulièrement exercé au dérapage contrôlé sur la boue, grâce à l'usage de chaînes, et grâce au poids d'un véhicule utilitaire. Comme nous l'avons dit la liaison avec Porto Alegre est elle-même médiocre; la liaison aérienne est lassante; l'avion "omnibus" descend en fin de parcours tous les 20 kilomètres. La liaison ferrée est irrégulière à cause de la fréquence des accidents et la liaison par car, sur piste non goudronnée, exige de s'armer de patience. Je pense, en fait, que la liaison entre São Paulo et Santo Angelo ou mieux directement São Miguel serait possible à condition d'aménager un terrain d'atterrissage en conséquence - celui de Santo Angelo est fort modeste. Autre solution: une liaison par avion-taxi depuis Porto Alegre que l'on rallie soit d'Argentine, ou d'Uruguay, soit de São Paulo. Par contre, on ne peut aller au Paraguay tout proche, ni de Porto Alegre, ni de Santo Angelo. À l'aéroport de Porto Alegre, on ignore absolument les horaires de correspondances qui, par Buenos Aires pourraient mener à Asunción. En définitive, ce pays "gaucho", géographique transition entre ces quatre pays de l'Amérique du sud, malgré ses laborieux peuplements actuels (Brésiliens, Italiens, Polonais) et sa prospérité (qui tranche avec la sous-alimentation endémique des Etats du nord), constitue du point de vue des liaisons touristiques plutôt qu'un véritable lien, un obstacle qu'on saute. Un lancement touristique de São Miguel implique un perfectionnement de ces liaisons qui pourrait concourir en même temps à développer par lui-même le tourisme inter-américain.

E. OBSERVATIONS

1. Intégration dans le plan de développement économique

Le plan de développement économique du Brésil a retenu cinq priorités régionales qui s'inscrivent ainsi sur le plan géo-touristique :

(a) Première priorité : liaison de Rio

Au nord et au sud de Rio, aménagement général le long de la côte (au sud jusqu'au niveau de São Paulo).

Nos projets : Parati (A), Cabo Frio (B) et Rio de Janeiro (C) s'inscrivent exactement dans cette priorité et également le circuit des fazendas autour de São Paulo (D).

(b) Deuxième priorité : Axe de pénétration au sud

(A travers les Etats du sud, et notamment de Rio Grande do Sul)
(Communications avec l'Argentine et l'Uruguay)

S'y insèrent les projets de São Miguel (J) et celui de Paranaguá (K).

(c) Troisième priorité - Pénétration depuis l'Etat de Para (Amazonie)

S'y insèrent notamment les projets relatifs à São Luis - Alcantara (G) et Belém-Para (H).

(d) Quatrième priorité : au centre, développement autour de Brasilia

S'y insèrent notamment les observations faites au sujet de l'Etat de Minas Gerais (J) de Brasilia (I) et de Goiás (I).

(e) Cinquième priorité - au Nordeste : Liaison Recife-Bahia (Salvador) et pénétration intérieure

S'insèrent exactement dans cette priorité les projets de l'Etat de Bahia (IV) et de celui de Pernambuco (D).

2. Motivation du tourisme au Brésil

Depuis l'Europe et l'Amérique du nord : L'appel d'une nature admirable, libre et vaste, l'appel d'un riche milieu de civilisation traditionnelle, vivant carrefour de trois cultures, l'appel d'un pays en voie d'industrialisation dont l'école d'architecture fut après la guerre la plus avancée du globe, et qui s'est donnée pour capitale la seule ville du monde conçue selon l'esthétique et avec les techniques du milieu du XXe siècle, tout cela hante d'une façon de plus en plus pressante le champ onirique de l'Européen et de l'Américain du nord. Peut-être ces appels souffrent-ils de s'être élaborés sous le signe d'un "exotisme" qui refermait ainsi le rêve sur lui-même. Aujourd'hui le voyage est à la portée des gens aisés et dans quelques années à la portée de ce que la sociologie appelle les "cadres moyens".

N° de série : 492

Selon ces mêmes critères, il y aura bientôt, à l'époque de l'avion-cargo, la même possibilité - la même légitimité - à visiter le Brésil et à y séjourner qu'à prendre ses vacances en Espagne, en Grèce ou en Yougoslavie.

Pour l'instant cependant, il n'y a que 25.000 Européens et 25.000 Américains du nord qui visitent annuellement le Brésil.

Depuis l'Afrique : La persévérance des pratiques culturelles et le développement des études ethnologiques recréent aujourd'hui sous le signe de la négritude des liens entre l'Afrique et le Brésil noir. De Dakar à Recife, la traversée est courte. On ne peut négliger ce contact progressif, dans ces proches perspectives, contact non seulement considéré comme un apport mutuel de ressources, mais aussi comme le moyen de garder une authenticité à cette culture spécifique.

Depuis les autres pays latino-américains : Mais du point de vue culturel et touristique, on ne peut séparer non plus la vocation du Brésil et celle des autres pays d'Amérique latine; 50.000 Latino-américains visitent annuellement le Brésil et principalement des Argentins. La communauté de culture, malgré la frontière très relative de la langue, lie le Brésil à ses voisins, en ce sens qu'au lieu de se ressembler ils se complètent. Cette complémentarité est aussi appréciable pour quelqu'un d'intérieur que pour quelqu'un d'extérieur à elle. D'ailleurs des formes rapides et synthétiques de la visite de l'univers latino-américain et même de toutes les "Amériques" peuvent inclure certaines parties du Brésil plus particulièrement que d'autres. Sous ce rapport, Bahia et Recife doivent tirer avantage de leur situation plus centrale. Par contre la proximité de l'Argentine et de l'Uruguay, la nécessité pour le Paraguay de se démanteler, peuvent justifier l'amélioration et le développement de certains accès et des relais hôteliers conséquents.

Pour les Brésiliens eux-mêmes : Mais l'interpénétration des diverses communautés brésiliennes constitue pour l'avenir l'un des plus grands profits psychosociologiques que le Brésil puisse tirer d'un développement conjoint de la sauvegarde de sa culture et de l'équipement touristique. La "rentabilité" de cet effet ne sera jamais évaluée en monnaie, et cependant ce peut être matériellement comme spirituellement la plus fastueuse.

Le Brésilien aisé vit souvent assez loin de la réalité brésilienne. Certaines professions l'y ramènent et beaucoup peut être fait dans ce domaine par l'intégration des enseignants, des architectes, des naturalistes à ce plan d'ensemble.

Si le grand tourisme peut apporter des devises, et rentabiliser les investissements sur un plan strictement comptable, la coopération fraternelle de la jeunesse brésilienne et des étrangers à cette entreprise sera infiniment plus payante concrètement parlant dès lors qu'elle contribuera à donner à de jeunes Brésiliens le métier et la compétence dans le métier qui leur manque. On sait, il est démontré chaque fois qu'on en fait l'expérience, que leurs aptitudes sont réelles et justifient ce pari. Il est aussi justifié que le pari sur l'attrait des villes d'art brésiliennes ou des plages tropicales. Au fond, les choix sont clairs, mais il faut beaucoup de foi, beaucoup de travail, assez d'habileté aussi pour

éviter les confusions dans une matière tout de même complexe; enfin et d'abord, beaucoup de moyens financiers car il y a au départ un grand saut à franchir faute de quoi tout serait perdu à la fois.

Le Brésil a certainement souffert de ce que certaines de ses mutations soient restées formelles parce qu'elles s'étaient opérées du dehors. L'abolition de l'esclavage elle-même, n'a pas débouché sur des structures économiques qui aient donné à tous une citoyenneté effective - l'état sub-humain, la "mort lente" pèse encore dans certaines régions sur les descendants des esclaves comme une fatalité parfois pire que l'écclavage. Dans ce contexte, il serait tout simplement indécent et vain que le tourisme, même populaire, des pays nantis, ne soit pas autre chose que la promenade oisive d'hommes bien nourris en quête de soleil et de vie sauvage, ou même d'initiation et d'évasion esthétique.

On pourrait en dire autant du technicien occidental venant faire bénéficier de son expérience un pays tropical en échange d'un haut salaire sans se soucier de connaître et de pratiquer la réalité brésilienne. Son acte limité à lui-même sans effet prolongé est le simple signe d'une double aliénation supplémentaire.

Il faut introduire dans l'esprit de tout participant à ce mouvement d'ouverture culturelle du Brésil sur le monde et sur lui-même, un sens de l'apostolat laïc, comme il existe dans l'assistance médicale ou la lutte contre la faim et qui puisse avoir valeur d'engagement comme sur le plan religieux "Economie et Humanisme" du Père Lebret, dont S.S. Paul VI vient de souligner l'oeuvre féconde au Brésil même.

Ce sens de l'apostolat anime déjà profondément le service du "Patrimoine". C'est là une cellule de haute qualification technologique qu'il faut alimenter de moyens appropriés, et autour de laquelle une structure plus ample, mais animée par le même esprit peut ambitionner, de réaliser cette oeuvre plus vaste.

S'il existe au Brésil toutes les disponibilités morales et intellectuelles pour l'accomplir, il reste essentiel que l'étranger ne vienne pas au Brésil "donner la leçon" mais aille y chercher la source d'une formulation nouvelle de la vie civilisée; c'est pourquoi il n'est pas déraisonnable de penser que la vacuité de l'homme qui, en première approximation, irait au Brésil "en vacance" serait un bon point de départ, le point d'arrivée étant comme nous l'avons déjà souligné, une coopération en profondeur, une participation active aux cultures, une fraternité des jeunessees.

TROISIEME PARTIE

Conclusions

Au terme de cette étude analytique, et avant d'en chiffrer les incidences financières, et d'en ventiler les urgences, il y a lieu de faire certaines observations qui éclairent le problème brésilien, et d'abord pour mieux fixer les idées, il convient d'en appeler à l'exemple du Mexique et du Pérou.

1. Comparaison avec le Mexique et le Pérou

Certes, l'essor culturel et touristique du Mexique montre à quel point un développement culturel conçu comme une ligne de force d'une politique nationale peut être efficace sur le plan touristique, et, de quel poids peut être alors le tourisme dans l'économie générale; un seul chiffre suffit à l'attester : ses 65% de l'ensemble des exportations mexicaines que constituent à elles seules les exportations des biens et services touristiques. Mais si cette réussite doit servir d'exemple au Brésil et lui inspirer à la fois optimisme et résolution, l'expérience n'est pas tout à fait transposable mutatis mutandis, même à dix ou quinze ans de distance.

Les critères du Mexique sont sans doute bien plus valables pour le Pérou. Des civilisations pré-colombiennes prestigieuses, exaltent vers les deux pays l'imagination occidentale; des sites artistiques et archéologiques éminents comptant parmi les plus illustres du monde y appellent les hommes avec toute la suggestion de leurs mystères.

Et l'homme moderne peut aller non seulement rêver à Machu-Picchu ou à Uxmal, mais y entendre par-delà les siècles des leçons d'architecture pure, étrangères à nos présents critères de civilisation et par conséquent, dans le contexte de nos incohérences et de nos doutes, d'autant plus polarisants.

En un mot, le pouvoir suggestif du Mexique, comme du Pérou est du puissant domaine de la métaphore. On y va fréquenter plus que "l'ailleurs", mais en quelque sorte l'insaisissable. Or, sur le plan plastique, l'art contemporain nous prépare à sa révélation sensible sans rien déflorer de ses significations qui nous restent fermées, donc inépuisables, inaltérables. Ainsi posé, l'appel du Mexique et du Pérou ne peut, dans les temps à venir qu'être multiplicateur: et d'ailleurs littéralement parlant, il ne multipliera pas seulement les visiteurs mais également les sites encore à révéler, on découvre encore de nouveaux Palenques dans la jungle guatémaltèque sinon mexicaine, et dans l'Amazone péruvienne au-delà d'Iquitos.

2. Du mystère au familier

Dans son ensemble le contenu architectural brésilien est principalement d'une toute autre espèce. Il est formé de villes énoques, contemporaines ou

développement des villes européennes. Comme en Europe, y prédomine, selon le lieu, le tissu architectural traditionnel ou le tissu moderne, mais ils sont souvent imbriqués, et l'un de l'autre. Les lieux culturels sont ceux d'une religion vivante, celle-là même qui a pétri la civilisation occidentale. Ce sont bien des églises avant d'être des monuments d'art. Sans doute, le spécialiste raffinerait sur les différences entre le baroque bavarois ou lusitanien et le baroque du Minas ou de Bahia. Mais l'hors-la-porte homme ou le simple curieux sera, paradoxalement, moins dépaysé que le spécialiste. La clé du tourisme brésilien, sur le plan monumental du moins, à l'inverse du tourisme mexicain, ce n'est pas l'appel de l'étrange. C'est tout au contraire l'attrait de la similitude et, dirais-je, de la familiarité.

Il faut prendre conscience, sans se permettre d'établir aucune hiérarchie de valeur sur le fond, que cette motivation-ci est moins forte que celle-là. Mais dans le contexte brésilien, elle peut être aussi prometteuse à condition que le problème soit traité en conséquence.

3. L'attrait de la fête

Et je vois deux particularités à ce traitement : la première, c'est qu'il faut susciter l'appel qui manque, et remplacer le pouvoir de suggestion permanente provoqué par le mystère de civilisations disparues et différentes, par celui de l'animation vivante, à dates données, de ce cadre architectural plus familier. Ainsi faut-il actualiser sans cesse l'intérêt, et le moyen en est la liaison tant organique qu'au niveau publicitaire de la notion de fête et de la notion de cadre architectural.

Les monuments représentatifs valent autant par leur cadre d'ensemble urbain colonial que par eux-mêmes. A son tour, cet ensemble urbain vaut tout autant par son animation de la vie quotidienne que par ses vertus esthétiques singulières. Et enfin, cette vie quotidienne doit être, à point nommé, exaltée, soit par le maintien rigoureux des fêtes traditionnelles, soit par ces rites esthétiques modernes que sont les festivals et dont les cadres appropriés sont justement en Europe, de Salzbourg à Aix, ces villes d'art riches d'une ambiance spécifique. Certes, la fête traditionnelle est aussi un attrait du Mexique; mais le lien entre le patrimoine architectural de civilisations disparues et les communautés vivantes qui les ont portées se situent moins qu'au Brésil dans la notion de cité coloniale, mais au niveau de l'ethnologie et dans les profondeurs de l'âme.

Au Brésil, le succès du Carnaval de Rio nous enseigne que le contenu épisodique d'une fête peut y fixer le pouvoir de suggestion, et d'attrait du cadre de vie, et en tous cas constituer le prétexte, décisif, à visiter "tel jour" une ville qu'on s'est promis de connaître "un jour". Le problème capital du tourisme brésilien, c'est de créer, pour équilibrer, dans le temps, l'attrait du Carnaval de Rio, des pôles d'attraction saisonniers que la qualité du contexte urbain et monumental brésilien justifie : d'où l'importance du calendrier des fêtes traditionnelles.

4. L'urbanisme et le tourisme

Par ailleurs, en dehors de la restructuration rurale qui nous paraît incontestablement l'exigence préalable à la prospérité du Brésil, le problème du développement tient énoncé dans l'harmonisation, l'équilibre de la vie urbaine entre le contexte brésilien ancien et le contexte brésilien nouveau. L'établissement d'un tourisme prospère est alors l'une des données de l'urbanisme. Beaucoup de villes brésiliennes, et nous avons visité et étudié les principales, possèdent une grande qualité potentielle d'organisation de l'habitat, de par l'existence de leurs quartiers anciens. Comme en Italie, en France ou en Espagne leur beauté n'est pas seulement bonne à montrer à l'étranger, mais propre à offrir du bonheur quotidien au Brésilien. Il n'est pas, en fait, une étude sur un point important de notre rapport qui ne débouche sur un vaste problème d'urbanisme. On peut restaurer, entretenir, montrer Uxmal ou Machu-Picchu, au Mexique ou au Pérou, en prévoyant seulement par ailleurs une extension de l'accueil hôtellerie sans préjuger du reste d'une politique nationale. Au Brésil, on ne peut sauvegarder le monument sans l'insérer au moins à deux niveaux dans un plan de développement culturel global (de contenu aussi bien moderne que traditionnel), et dans une grande politique d'urbanisme (à la fois de conservation et de développement) parce qu'en dehors des beautés naturelles, il y a à admirer des villes (d'art) en exercice, et non des ruines de monuments ensevelis. Or, dans ce pays qui s'est trouvé à la tête du mouvement architectural du XXe siècle et qui a créé Brasilia, il est singulier qu'y fasse défaut une politique générale de dotation de plan d'urbanisme.

Il existe une banque de l'habitat, d'une part, un Ministère des travaux publics et des transports, mais pas à proprement parler, de Ministère de la construction et de l'urbanisme. L'existence de plans d'urbanisme globaux est très rare. Et, sur ce point, la décentralisation des initiatives se traduit par une lenteur accrue. Sans doute, parce qu'il était à la fois le mieux doté du continent américain en architecture traditionnelle, et que le déséquilibre même de son expansion a laissé subsister de vastes ensembles de cette architecture ancienne, le Brésil détient une richesse architecturale qui est foncièrement utile encore plus que décorative, mais qui est en même temps beaucoup plus menacée aujourd'hui par l'expansion que si elle appartenait à un ordre culturel séparé de la vie quotidienne comme les gisements archéologiques. Pour ceux-ci, le problème est facile à résoudre : c'est une affaire de volonté, de quota de l'effort national à consacrer au passé et à la culture, et c'est un pari sur sa rentabilité touristique; le Mexique est en train de résoudre exemplairement ce problème et le Pérou s'y prépare (non d'ailleurs que ces deux pays ne possèdent des villes d'art, mais le phénomène est plus limité, et secondaire dans le contexte).

5. La forme de vie

Au Brésil, c'est toute la politique de développement et c'est toute la politique sociale qui sont imbriquées dans celles de sauvegarde et de création.

Garder seulement quelques exemplaires n'aurait aucune signification. Ce sont les ensembles qu'il faut insérer dans la vie nouvelle, offrir comme cadre de la

vie de demain. Ce problème est donc extensif, et à tel point qu'il associe aussi la préservation au logement, et l'insertion de la nature dans le cadre de vie. C'est un premier point qui rend toute appréciation chiffrée très incertaine : la sauvegarde du patrimoine brésilien ne sera assurée que par une politique débordant de celle des arts, ou de celle du tourisme, mais concernant la forme de vie, elle englobe le pays tout entier.

6. Appréciations chiffrées

L'absence de ministère de l'urbanisme fait en sorte que nul arbitrage, à l'échelon le plus élevé, n'est à même de nous fournir des appréciations chiffrées relatives aux différents projets que nous avons évoqués. Le premier effet de l'intervention de l'Unesco pourrait être d'obtenir ces évaluations à la fois globales et précises, de telles opérations d'urbanisme définies par notre étude de détail. D'ailleurs cela est déjà en train. Notre seconde visite à Salvador notamment nous a permis d'enregistrer la volonté de M. Luis Viana, gouverneur de Bahia, de procéder dès à présent à cette première étape, et d'amorcer les enquêtes précieuses indispensables.

Mais dans l'état actuel, aucune opération d'ensemble n'est chiffrée, ni chiffrable, et les indications que nous fournissons le sont à titre purement indicatif dans le but d'apprécier :

- (1) L'ordre de grandeur du coût de la rénovation générale.
- (2) La proportion entre les opérations de simple restauration et entretien des monuments et les investissements de l'ordre urbain, culturel, touristique, publicitaire, etc.
- (3) Les proportions de crédit à affectuer aux différentes opérations distribuées graphiquement.

7. Choix géographiques et discontinuités

A ce sujet, nous observons une autre différence manifeste entre le Brésil et les autres pays susceptibles d'être concernés par une opération semblable. Au Brésil, le phénomène des distances est tel qu'il ne peut permettre d'entreprendre seulement une opération préférentielle géographiquement continue. Sauf exception, il ne permet pas d'intégrer au projet de longs tronçons de route. Au Pérou par exemple, les routes joignant Cuzco à Nazca, Puno à Machu-Picchu joignent des centres majeurs et leurs effets sur le tourisme peuvent être décisifs.

Mais au Brésil, comment envisager d'améliorer la liaison Rio - Bahia, de créer la liaison Recife - Bahia - São Luis, d'asphalter la nouvelle piste Brasilia - Belem, en donnant pour alibi le tourisme, alors que chaque opération concerne plusieurs milliers de kilomètres, et qu'il s'agit essentiellement de grandes liaisons économiques internes d'un caractère vital, et décidées en tout

état de cause pour susciter l'expansion, et même plus simplement parfois, pour permettre au pays de subsister ?

8. Plan d'ensemble

C'est pourquoi le domaine de l'infrastructure routière est lui-même difficile à délimiter. Nous avons cru devoir en borner l'analyse, sauf exception, à des dessertes directes des aéroports aux villes d'art, à des déviations et à quelques liaisons à l'intérieur des états. En outre, s'il existe actuellement à travers le GEIPOT une entreprise de planification fédérale dont les travaux sont jusqu'ici mis à jour dans les quatre Etats du sud, cette planification est seulement en cours d'établissement pour les autres Etats, et elle ne concerne que les routes fédérales. Des routes d'Etat ou de municipalité échappent à cette planification, et leur planification particulière est très irrégulièrement avancée selon les cas. Nous devons donc nous borner, à ce sujet, à faire figurer des appréciations indicatives relatives à une part de la dépense, et à établir une liste d'opérations routières que chaque organisme compétent au Brésil aurait dans les prochains mois à même de chiffrer.

Par ailleurs, nous donnons en annexe, le recensement exhaustif, chiffré en kilomètres, de toutes les voies routières brésiliennes qui peuvent avoir une incidence sur l'ensemble de la mise en valeur du patrimoine artistique et architectural, sans borner ce recensement aux régions et aux ensembles prioritaires que nous avons décrits. Il est certain que sans pouvoir prétendre manifester la même incidence sur le tourisme international que les opérations prioritaires intégrées au présent plan, l'amélioration des liaisons de tous les sites et monuments brésiliens au réseau routier principal aurait une incidence heureuse sur le développement du tourisme intérieur.

Une coordination non moins étroite doit être établie entre le plan général de développement culturel et les affectations de programme de l'Embratur dont le capital permet d'ici 1971 une planification d'investissements de 4 millions de dollars annuels. Ajoutons qu'en dehors de ce capital destiné à des investissements directement fructueux comme l'hôtellerie, l'Embratur disposera d'autres ressources destinées à son fonctionnement provenant notamment de l'émission d'un timbre surtaxé de dispositions fiscales appropriées; enfin d'un crédit provisionnel d'installation de 800.000 dollars.

Dans ces conditions font surtout défaut, les crédits concernant :

- (a) Strictement la sauvegarde et la mise en valeur du patrimoine artistique
- (b) L'équipement général des ensembles et de l'infrastructure urbaine rendant socialement viable l'insertion des quartiers anciens dans le développement
- (c) De l'aide aux manifestations culturelles exemplaires, aux centres d'études ethnologiques, à la préservation des cultures traditionnelles,
- (d) L'organisation des échanges de jeunesse internationale, de la coopération du Brésil avec ses propres visiteurs à ce plan d'ensemble de sauvegarde.

N° de série : 492

9. Les dilemmes brésiliens

Nous avons donné les motifs pour lesquels il semble que le Brésil soit moins bien approprié que d'autres à livrer le combat touristique dans une simple perspective compétitive et quantitative. C'est en approfondissant le contact, en créant des liens de familiarité culturelle (dans les correspondances de la latinité, de la négritude et de l'indianité) que sur le plan du grand tourisme lui-même, le Brésil pourra créer son propre "marché", au lieu de subir avec retard les lois existantes d'un marché où il resterait en état d'infériorité et qui l'a jusqu'ici si faiblement concerné. Cet approfondissement de la connaissance ne doit pas faire craindre de laisser découvrir les carences, voire les tragédies. Ce sont là les vrais maux à nu du sol brésilien et de l'âme brésilienne. Le Brésil est un pays où les circonstances historiques et géographiques ont poussé les "contrastes naturels" à l'état de drames humains permanents et manifestes. Fatalité qu'il est désormais dans l'ordre des choses de conjurer. Mais on ne résout pas un drame sans être d'abord fasciné par ses dilemmes. Telle est la démarche à offrir désormais au visiteur.

10. L'âme consciencieuse du vieux Brésil

Ici, à São Paulo une métropole désordonnée en pleine explosion industrielle et démographique, attraction des hommes d'affaires du monde entier, pôle économique dont les "retombées" doivent profiter à l'aménagement des sites urbains après que tant d'entre eux eussent été anéantis. Là, à Recife, auprès d'un des sommets de la misère humaine, des jardins paradisiaques, Olinda et ses blancs clochers profilés sur la mer, la prise de conscience de la proximité du paradis et de l'enfer sur la terre de l'Orfeo negro. Entre ces extrêmes, l'âme consciencieuse et droite du vieux Brésil chavire. Or c'est elle qui jusqu'ici a sauvé tout ce qui pouvait l'être : c'est elle qui a réussi ce miracle provisoire, l'oeuvre de sauvegarde de l'architecture ancienne comme cet autre miracle de la protection des Indiens.

Mais, si contre la sottise et la cruauté, les critères de l'intelligence et de la conscience avaient du poids, ceux-ci sont infiniment plus désarmés devant l'infaillibilité des mutations économiques, la stagnation ou la désagrégation de certains secteurs, l'explosion de certains autres.

C'est dans cette faille que surgit la nécessité de la coopération. Il faut que réussisse la mutation de la culture brésilienne parce que c'est dans la richesse culturelle que résident à la fois sa permanence et les chances de son développement, celle-là même de son ratrapage économique et de son équilibre à trouver.

Cela étant, il faut insinuer la coopération dans les meilleures aptitudes du terrain et où résident en même temps les plus imminents dangers : le goût irrésistible du Brésilien pour la construction et pour la "fête", est aussi bien une menace qu'un fondement de l'avenir. Quant à l'infrastructure administrative, on sait qu'elle est inégale, et, à de brillantes exceptions près, telle que le "Patrimoine" notamment, qu'elle est restée longtemps confuse dans ses intentions, impuissante dans son action.

11. La participation universitaire et les instances locales

C'est avec le Gouverneur des Etats et sur le plan technique avec les universités et les Instituts universitaires qu'il faudrait désormais étroitement travailler, pour accomplir la tâche que nous avons préconisée.

Sur le plan humain, les universités regorgent de dévouements et de compétences. Par contre, elles sont très inégalement outillées. (Nous avons cité l'exemple de celle de Brasilia).

Quant aux autorités des Etats, nous n'avons bien entendu pu rendre visite à toutes celles qui sont concernées. Les Gouverneurs de Bahia et de Maranhao manifestent en tout cas des dispositions extrêmement favorables aux projets évoqués et y apportent déjà tout leur appui. La fondation que le Gouverneur Luis Viana a créée à Salvador doit être une de ces structures types au dedans desquelles les intentions manifestées ici peuvent devenir des réalités.

12. Urgences

Devant l'ampleur des projets, leurs diversités, nous pouvons en ventiler le financement en deux urgences. Mais il existe une telle autonomie entre les différents projets que la référence à l'urgence est moins de l'ordre d'un classement par priorité d'intérêt, que de celui d'un rythme à définir propre à chaque opération géographique. Or, pour connaître le rythme utile de la disponibilité des investissements de chaque opération, il faudrait se livrer à une étude de factibilité dont nous ne possédons pas les éléments d'appréciation. Nous indiquons donc les deux tranches d'urgence sans assigner à chacune d'elles une durée précise.

Il faut aussi se garder d'inciter le gouvernement à obtenir des prêts à un moment où il ne serait pas encore en mesure de les investir dans les opérations adéquates car il serait tenu à payer des intérêts sans contrepartie de profit. Toutefois, une période de quatre ans, pour répartir la première urgence, et une seconde période égale pour la seconde urgence ne paraissent de l'ordre de la vraisemblance. Bien entendu, les opérations les plus sûres administrativement (Salvador, Parati) sont prioritaires sur la première urgence. Cela ne doit en rien laisser entendre que les opérations d'Olinda ou d'Alcantara soient secondaires. C'est seulement dans le cas où il faudrait limiter globalement le prêt international à une somme inférieure à celle qui est prévue ici, que nous serions amenés à ventiler les opérations d'une tout autre manière, en en limitant certaines et en en supprimant d'autres; les opérations Salvador, São Luiz, Alcantara, Olinda, Iguarassu, Parati et l'ensemble du Minas Gerais resteraient prioritaires. Mais à l'intérieur de chacune de leurs économies elles forment un tout : les amputer serait les compromettre.

13. Equilibre régional

De même nous avons eu le souci d'un certain équilibre régional correspondant à des possibilités diverses d'appels touristiques ("Rio Grande do Sul" tourné par exemple vers l'Argentine, Recife, Olinda, Bahia, São Luiz, Alcantara)

intégrables dans des visites du nord de l'Amérique latine (Pérou, Mexique, nord-Brazil) et à des natures d'opérations de caractère différent et complémentaire afin de ne pas risquer de faire dépendre le succès global de celui d'une seule formule. C'est ainsi que nous voyons que les meilleures conditions pour une vaste opération urbaine sont réunies à Salvador; celle d'une opération de la Jeunesse Internationale à Recife - Olinda, celle d'une opération extensive sur toute une région dans le Minas, celle d'une association du développement culturel et du développement agricole à Alcantara (Maranhao), celle d'un accueil de congressistes internationaux aux "fazendas" des environs de São Paulo.

14. Etude de rentabilité

Enfin nous est-il tout juste possible d'esquisser l'orientation d'une étude de rentabilité. Emprions-nous de lever quelques hypothèses. Tout ce qui peut être fait en faveur de la sauvegarde de la nature, ne peut à court terme avoir d'effet sur le tourisme, donc sur une rentabilité directe ou indirecte d'entrées de devises. Mais la lutte contre le déboisement n'en est pas moins indispensable, la surveillance des forêts, des monuments nationaux comme le Municipio de Parati, recommandable. Les glissements de terrain qui peuvent être évités par l'arrêt du déboisement, le reboisement et les travaux pédologiques sont inchiffrables et de l'ordre conjectural, quoique statiquement certains et d'une incidence financière et humaine importante.

Il en va de même de toutes les opérations de l'ordre de la sauvegarde culturelle (traditions et architecture). Ce qui existe, quelles que soient les menaces qui pèsent dessus, constitue en l'état l'attraction touristique, le capital de base : s'il faut réaliser un plan de conservation, c'est que dans vingt ans, il serait détruit ou ruiné au moins aux 2/3 si prévalait la tendance des vingt années précédentes. Mais les bénéfices réels retirés par une politique d'intégration de ce patrimoine dans des opérations d'urbanisme débordent de beaucoup, dans le cas présent, l'incidence touristique. L'organisation de festivals, le développement de fêtes traditionnelles, l'amélioration de la voirie et des liaisons routières, l'équipement hôtelier, le développement de l'artisanat, l'implantation de cités d'artiste (comme à Olinda) et un gros effort d'information dans le sens indiqué, sont les moyens précis d'un développement du tourisme. Mais depuis la médiocre base du rendement du tourisme actuel, il n'est pas imprudent de chiffrer l'augmentation en quelque sorte automatique du tourisme brésilien sous le simple effet de la croissance universelle du phénomène au taux annuel de 10% du montant de l'année précédente. Sur la base actuelle (1966) de 100.000 visiteurs annuels d'un séjour moyen de 8 jours, nous comptons 800.000 journées à une moyenne de 50 dollars par jour (compte tenu des transports), cela représente un revenu de 40 millions de dollars et par conséquent une progression en dollars de :

4	millions	la première année pour un revenu de 40	millions
4,4	"	la seconde " " " " de 44	"
4,8	"	la troisième " " " " de 48,4	"
5,3	"	la quatrième " " " " de 53,2	"
5,85	"	la cinquième " " " " de 58,5	"
6,4	"	la sixième " " " " de 64,35	"
7	"	la septième " " " " de 70,8	"
7,8	"	la huitième " " " " de 77,8	"

N° de série : 492

En regard, une disponibilité de 50 millions de dollars en dix ans à un rythme de 5 millions de dollars par an, implique à 5% les intérêts suivants :

La première année	250.000 dollars pour	5 millions de dollars			
La seconde	"	500.000	"	10	"
La troisième	"	750.000	"	15	"
La quatrième	"	1.000.000	"	20	"
La cinquième	"	1.250.000	"	25	"
La sixième	"	1.500.000	"	30	"
La septième	"	1.750.000	"	35	"
La huitième	"	2.000.000	"	40	"
La neuvième	"	2.250.000	"	45	"
La dixième	"	2.500.000	"	50	"

À partir de la onzième année, il faudra commencer le remboursement et on verra décliner les intérêts selon un tableau inverse du tableau ci-dessus. Si le remboursement s'opère également en 10 années, la onzième année exigera une disponibilité maximum de 7,5 millions de dollars (5x2), alors que le développement a atteint 7,8 dès la huitième année et 9,5 millions la dixième année.

Mais il faut tenir compte que ce revenu n'entrera que pour une part relativement faible d'impositions dans les caisses des collectivités (20%). L'opération n'en est pas moins largement positive.

Sur la base d'un revenu des collectivités de 20% du revenu national (il faut tenir compte au Brésil de la répartition aux niveaux fédéral, Etats, municipalités), nous obtenons les disponibilités de crédits d'investissements suivants:

1 ^{re} année	4,75	+ $\frac{4 \times 20}{100}$	(soit 0,80)	=	5,55
2 ^e année	4,50	+ $\frac{4,4 \times 20}{100}$	(soit 0,88)	=	5,38
3 ^e année	4,25	+ $\frac{4,8 \times 20}{100}$	(soit 0,96)	=	5,21
4 ^e année	4	+ $\frac{5,3 \times 20}{100}$	(soit 1,06)	=	5,06
5 ^e année	3,75	+ $\frac{5,8 \times 20}{100}$	(soit 1,16)	=	4,91
6 ^e année	3,50	+ $\frac{6,4 \times 20}{100}$	(soit 1,28)	=	4,78
7 ^e année	3,25	+ $\frac{7 \times 20}{100}$	(soit 1,40)	=	4,65
8 ^e année	3	+ $\frac{7,8 \times 20}{100}$	(soit 1,56)	=	4,56

$$9^{\text{e}} \text{ année } -2,75 * \frac{8,6 \pm 2}{10} \text{ (soit } 1,72) = 4,47$$

$$10^{\text{e}} \text{ année } -2,50 * \frac{9,4 \pm 2}{10} \text{ (soit } 1,88) = 4,38$$

Les remboursements apparaissant ainsi à partir de la 11^e année. Or nous n'avons tenu compte pour ce calcul que d'une progression arithmétique de la clientèle touristique sur la base de 10% du montant de l'année précédente. Dans la mesure où une moyenne de 5 millions de dollars par an est investie dans les moyens d'équipement et d'entretien, de mise en valeur et de publicité, nous pouvons considérer qu'à partir d'un certain nombre d'années le taux de croissance s'élèvera au-dessus de 10%, en même temps que les entreprises commerciales soutenus commenceront à rembourser leurs prêts à l'Etat. Cette augmentation touristique, à vrai dire incalculable, aidera, elle aussi, à franchir la phase de dix années de remboursement de l'Etat aux prêteurs internationaux.

En tout état de cause, les disponibilités offertes à l'Embratur constituent la permanente marge de sécurité quasi égale (4 millions de dollars d'investissements annuels) à une opération de prêt international. Il s'agit de savoir comment se coordonneront l'un et l'autre, à quelles spécialisations d'investissement chacun se consacrera et si une partie de l'un sera alimentée par une partie de l'autre. C'est cette décision qui permettra de chiffrer exactement la part des investissements dont le revenu sera direct et celle dont le revenu sera indirect (étant étendu par exemple qu'un hôtelier paie les intérêts annuels des sommes investies et les rembourse à l'Etat qui n'est alors qu'un simple intermédiaire entre le prêteur et l'hôtelier, tandis que le financement des travaux d'équipement éducatifs, des travaux routiers ou des restaurations de monuments n'a qu'un effet indirect d'augmentation du revenu global).

15. Recommandations d'assistance technique

(a) Cas particulier de Parati

Nous avons déjà suggéré que, pour répondre à la demande formulée en faveur de la nomination d'un expert pour Parati, cette mission soit confiée à M. de Limburg-Stirum qui a déjà établi un avant-projet de plan d'aménagement approuvé par le gouvernement. Mais pour faire aboutir le projet, le traduire en plan d'urbanisme effectif et intégrer à ce plan une répartition détaillée de l'affectation du prêt international destiné à Parati, enfin pour aider les autorités brésiliennes à constituer la structure de fonctionnement administratif et financier propre à la gestion de l'opération, il faudrait que la mission de M. de Limburg-Stirum soit prolongée et portée à un an, soit par l'Unesco, soit par le Gouvernement du Brésil.

(b) Bourses de techniciens brésiliens

Après le séjour d'un peintre restaurateur à Bruxelles (invité par le Gouvernement belge) et la bourse accordée par l'Unesco pour Rome à N. Paolo Azeveda, architecte du patrimoine, je pense souhaitable de multiplier les

bourses de cette nature en faveur des jeunes techniciens brésiliens. Il sera plus utile dans le domaine archéologique et architectural de faire venir quelques boursiers brésiliens en Europe ou à Mexico, que d'envoyer des experts au Brésil, car les compétences des spécialistes brésiliens sont incontestables : ils sont seulement trop peu nombreux pour le projet envisagé et il faut y intéresser les jeunes étudiants. Mais la condition nécessaire pour que ces boursiers aient un débouché est l'adoption par le Gouvernement du Brésil du plan de développement administratif du "Patrimoine" que celui-ci a suggéré.

(c) Experts pédologues

J'ai été informé sur place qu'un expert de pédologie avait été envoyé par l'Unesco pour étudier la sauvegarde de l'église São Bento d'Olinda, menacée par le glissement d'une colline. Il faudrait connaître la suite effective réservée à cette étude et envisager certaines missions analogues permettant de traiter les cas qui concernent les zones faisant l'objet du plan de développement culturel et touristique approuvé par l'Unesco. En particulier à Parati, une erreur paraît avoir été commise sur place par les services qui ont rectifié le lit de la rivière qui longe le bourg. Une autre semble avoir été commise à Cabo Frio. Une fois le plan général défini, un expert pédologue pourrait être chargé d'étudier attentivement et systématiquement les questions pédologiques posées par les zones retenues dans le plan à financer. Parmi les conditions à remplir pour la disponibilité du prêt global figureraient la réalisation des recommandations de cet expert. Pourraient y figurer également celles qui concerneraient spécialement l'avenir de la forêt brésilienne, en accord avec la FAO (liaison qui serait à prendre avec M. J. Prato Laurado, Chief Institution Section, FAO à Rome - Bureau B-522) pour ajuster les recommandations des deux institutions.

(d) Coopération des chantiers internationaux

Nous avons insisté sur le caractère de coopération que pourraient revêtir notamment les expériences centrées autour d'Olinda, ville où se groupent déjà de jeunes artistes, Igarassu où peut être créée une auberge de la jeunesse. Ces deux villes sont voisines de Recife et de ses tragiques spectacles des plus vastes et des plus démunis des "favelas" du Brésil. Les traditions culturelles (religieuses, théâtrales, artisanales, piétérales, musicales) sont également très significatives à Recife et les artistes qui veulent leur rendre leur essor très démunis. C'est autour de Recife, puis autour de Salvador, en la greffant dans ce cas sur l'opération de restauration urbaine, que pourraient être entreprises deux vastes opérations de coopération des Jeunesses sur un plan triangulaire Europe, Afrique, Brésil.

Cette suggestion déborde la présente étude, mais on peut penser que la France et le Sénégal, notamment, pourraient peut-être porter à une telle expérience un intérêt tout particulier. Il faudrait qu'à l'intérieur

du cadre du plan général, elle soit étudiée d'abord au siège même de l'Unesco ou Comité d'Experts, réunissant pays et spécialités concernés. J'accepterais volontiers, pour ma part, d'offrir mon concours à Monsieur le Directeur général de l'Unesco à ce Comité d'Experts dans le cadre de sa présente mission.

(e) Archéologie pré-colombienne

Les importantes découvertes récentes en Amazonie péruvienne peuvent laisser pendante la question de savoir s'il n'existerait pas en territoire de l'Amazonie brésilienne des trésors d'art précolombien ignorés. La faiblesse du bilan artistique brésilien est à ce niveau : l'importante ethnologie indienne qui de l'Amazonie au Mato Grosso a encore une immense tâche à accomplir rapidement, n'y a pas été exaltée par la découverte de vestiges architecturaux. Avant de clore un projet d'assistance culturelle du Brésil orientée sur le patrimoine architectural et sur le tourisme international, il faudrait faire répondre sans ambiguïté aux spécialistes à cette question : "Peut-on estimer qu'une certaine part du concours international puisse être consacrée utilement à des missions de recherche (notamment associé à l'impact des recherches pétrolifères), de telle sorte qu'il soit possible soit de conjecturer des découvertes, soit d'apporter un élan décisif à l'ethnologie indienne et d'en faire un élément qui ravive le tourisme amazonien. Par ailleurs, quelles améliorations techniques est-il possible d'apporter à ce tourisme amazonien ? Quel est son degré possible de développement compte tenu de l'évolution des facteurs d'hygiène et de sécurité et de confort des moyens, de son usage ?"

(f) Plan d'organisation des festivals

L'idée de festivals musicaux ou théâtraux s'est imposée à Ouro Preto. Elle peut s'imposer à Olinda, à Salvador. Un spectacle de son et lumière pourrait être lancé à São Miguel (Rio Grande do Sul). L'art théâtral, malgré son dénuement, est en pleine phase de renouvellement et en même temps de retour aux sources au Brésil. Une compagnie brésilienne s'est imposée dans les confrontations mondiales de théâtre universitaire. Quelques jeunes hommes de théâtre latino-américains sont en Europe à l'extrême point du renouvellement de l'art de scène. L'Unesco pourrait-elle aider à la systématisation des échanges ? Et par exemple le succès d'un Victor Garcia au Portugal, puis à la Biennale de Paris, pourrait trouver, à travers un plan coordonné des festivals brésiliens, que pourrait préparer avec le concours du Ministère de la culture M. Agostino Olavo Rodriguez, secrétaire général de l'IBEOC (Unesco du Brésil), un terrain de choix qui servirait le prestige du patrimoine monumental brésilien et son essor touristique. La fondation Gulbenkian s'intéresserait peut-être à de tels projets.

(g) Recommandations générales

Il va de soi qu'au delà de cette première approche des problèmes, d'autres seront nécessaires concernant :

1. La mise au point de l'imbrication de la restauration des quartiers anciens à l'intérieur des plans généraux d'urbanisme, comme l'étude est en cours à Parati et pourrait être prochainement amorcée à Salvador.
2. L'étude financière générale, l'étude de factibilité par les experts locaux, l'étude de rentabilité.

Je ne saurais pour terminer recommander trop d'associer à l'octroi du prêt certaines réformes évoquées tout au cours de l'étude, et en particulier le développement du personnel du "Patrimonio" conforme au plan qu'il a établi lui-même; d'associer aussi les différentes parties du projet en un ensemble global, qu'il ne serait, à mon avis, profitable pour personne de limiter aux opérations qui ne viseraient qu'une rentabilité immédiate. C'est seulement dans la restructuration générale de la vie urbaine que le patrimoine monumental pourra être préservé. C'est seulement dans la restructuration rurale que la nature pourra être sauvegardée.

N° de série : 492

ESTIMATIONS

Etat et Ville	Opérations	En milliers de dollars			
		1re urgence	2e urgence	Investissements et Sites	Investissements et Sites
<u>RIO DE JANEIRO</u>	<u>I. PARATI et la baie de l'Ilha Grande</u>				
	Réfection du pavage des rues. Mise en sous-terrain du réseau électrique et téléphonique. Infrastructures diverses : eau, égouts. Groupement collectif des antennes de T.V. etc.	60		60	60
	Aménagement portuaire	100		100	180
	Restauration édifices (DPHAN) publics classés	100	20	120	
	Acquisition de maisons anciennes et leur restauration	40	40	80	
	Participation aux restaurations privées	170	150	320	
	Acquisition de terrain pour réservation de la "zone verte".				120
	Aménagement du Morro da Vila Velha	10		10	
	Aménagement du Rio Pereque Assu				20
	Equipement culturel				10
	Reboisement				30
	Terrain d'aviation				100
	Surveillance forestière : équipement				10

N° de série : 492

Etat et Ville	Opérations	En milliers de dollars					
		1re urgence		2e urgence		Totaux	
		Menu- ments et Sites	Inves- tisse- ments et Sites	Menu- ments et Sites	Inves- tisse- ments et Sites	Menu- ments et Sites	
RIO DE JANEIRO (suite)	Frêt hôtelier	200		200		400	
	Animation culturelle	50		50		100	
	Aménagement routier Parati - Dunho	400				400	
	Aménagement Angra dos Reis - Parati (part.)	200		150		350	
	Fectologie (diverses opérations)	110		50		160	
	Total de PARATI	320	1.390	210	550	530 1.940	
	ANGRA DOS REIS ET BAIE	Restauration édifices classés	30		30		60
		Aménagement portuaire		100			100
		Appentement à Macabucaba		50			50
		Aménagement Place de la Matriz	50		50		100
Amélioration routière liant Angra dos Reis à l'autoroute Rio-São Paulo			100			100	
Information touristique et publicitaire pour "Parati et la Baie de l'Ilha Grande"			20		20	40	
Total ANGRA et la Baie		80	270	80	20	160 290	
TOTAL PARATI ET LA BAIE DE L'ILHA GRANDE		400	1.660	290	570	690 2.230	
		2.060		860		2.920	

II. CABO FRIO et le MAÇO d'ARACUAMA

Restauration des édifices classés	15		15	
Réfection des rues		10		10
Équipement hôtelier		200		200
Ramassage des objets de tradition populaire	10		10	20
Atelier d'artisanat		10	10	20
Musée d'art et de tradition populaire	30	20	30	60
Étude pour ces trois projets	5			5
Restauration Couvent Pedro de Aldeia	20			20
Amélioration route littorale		200	200	400
Amélioration route intérieure		400		400
Information touristique et publicitaire		10	10	20
Total	80	850	40	120
	480	2,510	330	810
	2,990		1,140	4,130

TOTAUX POUR RIO DE JANEIROÉTAT DE
BAHIA
SalvadorIII. SALVADORPelourinho - Anchieta et Soledade

Infrastructure d'ensemble Pelourinho -
Anchieta, eau, égouts, électricité,
téléphone, etc.

Restauration des édifices publics classés

Acquisition de maisons de la Place du
Pelourinho

Indemnités aux locataires

	1,500	500	2,000
	800	560	1,360
	300	200	500
	100	100	200

N° de série : 492

En milliers de dollars

Etat et Ville	Opérations	En milliers de dollars			
		1re urgence	2e urgence	Totaux	
		Menu- ments et Sites	Menu- ments et Sites	Menu- ments et Sites	Menu- ments et Sites
<u>SALVADOR</u>					
(suite)	Rénovation intérieure de maisons de la place de Pélicourinho	300	100	400	
	Restauration des façades	500	100	600	
	Aménagements hôteliers	300	100	400	
	Aménagements commerciaux	100	100	200	
	Acquisition autres ensembles : Anchieta - Pélicourinho	400	100	500	
	Aménagements surfaces libres et jardins		100	100	
	Rénovation intérieure de cette 2e tranche	200	400	600	
	Restauration des façades 2e tranche	300	400	700	
	Prêts artisanal et commercial	300	300	600	
	Aménagements hôteliers	100	300	400	
	Aménagements commerciaux		200	200	
	Acquisitions 3e tranche	200	200	400	
	3e tranche de travaux sur Pélicourinho - Anchieta : opération de restauration de façades		400	400	
	3e tranche aménagements intérieurs		800	800	
	Autres aménagements d'espaces libres		100	100	
	Compléments divers et imprévu	200	400	600	

114

N° de série : 492

Publicité information	200	200	400
Gestion	400	400	800
Total pour le PELOURINHO (ensemble)	1.800	1.660	3.460
	6.600	6.260	12.860
<u>Quartier Soledade</u>			
Infrastructure	100		100
Restauration façade et toiture	100	100	200
Rénovation intérieure commerciale hôtelière et locative	50	100	50
Terrasses et jardins	150	100	250
Déviation partielle de la circulation - aménagement rue inférieure	50		50
Publicité et gestion	50	50	100
Divers et imprévus	50	50	100
Total pour SOLEDADE	150	100	250
	550	400	950
<u>Autres charges pour SALVADOR</u>			
Activités culturelles :			
Ethnologie	100	100	200
Muséographie	100	100	200
Artisanat	100	100	200
Total	300	300	600
<u>TOTAUX SALVADOR</u>			
PeLOURinho - Anchieta	1.800	1.660	3.460
Soledade	150	100	250
Divers	300	300	600
Total	1.950	1.760	3.710
	7.450	6.960	14.410

En milliers de dollars

Etat et ville	Opérations				Totaux
	1re urgence Monu- ments et Sites	Inves- tisse- ments et Sites	2e urgence Monu- ments et Sites	Inves- tisse- ments et Sites	
IV. CACHEIRA					
BAHIA					
(suite)					
Restaurations	130		100		230
Musée	20				20
Equipement hôtelier		150		50	200
Accès routier		300		300	600
Etudes pédologiques		150		150	300
Total	150	600	100	500	250 1.100
	750		600		1.350
V. Couvent de BELSA (Bahia)					
Restaurations	20				20
Route		50		50	100
Hôtellerie		50		50	100
Total	20	100		100	20 200
	120		100		220
VI. CASTILLO de la TORRE de GARCIA D'AVILA					
Fouilles et restauration	60				60
Aménagement hôtelier		100			100
Aménagement routier		200		100	300
Pont		200			200
Total	60	500		100	60 600
	560		100		660
TOTAUX POUR BAHIA	8.880		7.760		16.640

ESTAT DE
MINAS
GERAIS

VII. OURO PRETO

Restauration d'églises - Aménagements	500	50	500	1.000	50
Plan directeur - étude		500			800
Infrastructure			300		
Restauration des constructions privées - aide		150	150	300	
Jardins - espaces verts - travaux pédologiques		300	200		500
Cas dos Contos	20			20	
Musée	10			10	
Aménagements hôteliers		50	100		150
Animations culturelles : festival et ateliers		100	100		200
Déviatlon routière - gare routière		900			900
Prêt hôtelier		50	50		100
Publicité artistique et touristique		100	100		200
Total	680	2.050	650	1.230	2.900
	2.730		1.500		4.230

Total

VIII. AUTRES VILLES DU MINAS

SABARA - Restauration et asénagements	200	250	100	250	300	500
MARIANA	200	250	100	250	300	500
CONGONHAS DE CAMPO	200	250	50	200	250	450
SAO JOAO DEL REY	20	20	120	120	140	140
MIRADENTES	20	20	120	120	140	140
Total	640	790	490	940	1.130	1.720
	1.430		1.430			2.860

		En milliers de dollars					
		1re urgence		2e urgence		Totaux	
Etat et Ville	Opérations	Monu-ments et Sites	Investissements et Sites	Monu-ments et Sites	Investissements et Sites	Monu-ments et Sites	Investissements et Sites
<u>ETAT DE MINAS GERAIS (Suite)</u>							
	<u>IX. MISE EN VALEUR GENERALE</u>						
	Desserte aérienne : liaison par hélicoptère, terrain d'aviation de tourisme à Ouro Preto	600	400	400	1.000		1.000
	Amélioration du trafic routier	400	600	600	1.000		1.000
	Publicité générale	200	100	100	300		300
	Organisation du circuit stations routières	500	200	200	700		700
	Total	1.700	1.300	1.300	3.000		3.000
<u>TOTAUX POUR LE MINAS :</u>							
	Ouro Preto	2.730	1.500	1.500	4.230		4.230
	Autres villes	1.430	1.430	1.430	2.860		2.860
	Mise en valeur générale	1.700	1.300	1.300	3.000		3.000
	Total	5.860	4.230	4.230	10.090		10.090
<u>ETAT DE PERNAMBUCO</u>							
	<u>X. OLINDA</u>						
	Plan d'urbanisme - étude	20	200	200	400		20
	Restaurations	200	760	400	1.160		1.160
	Infrastructure - sol des rues et routes	50	50	50	50		50
	Travaux pédologiques (São Bento)	20	20	20	20		20
	Maisons des artistes	100	100	100	200		200
	Entretien des immeubles privés, aides						

N° de série : 402

Soutènements - Jardins	30	100	130
Action culturelle diverse	20	50	70
Artisanat	30	40	70
Organisation de festivals	60	30	90
Publicité touristique	30	30	60
Prêt hôtelier	80	120	210
Total pour CLINDA	300	780	1.850
	1.400	1.080	2.480

XI. IGARASSU

Plan d'urbanisme - étude	20		20
Restaurations	300	200	500
Infrastructure et eol des rues et routes	300	200	500
Entretiens édifices privés	50	50	100
Auberge de la jeunesse	30	20	50
Action culturelle diverse	20	20	40
Prêt hôtelier	30	20	50
Publicité touristique	30	20	50
Total pour IGARASSU	350	280	710
	780	530	1.310

XII. RECIFE

(1) (environs)

Paulist.

Route d'accès à Pau Amarello	50		50
Aménagement du port de Pau Amarello	10	10	

		En milliers de dollars			
		1 ^{re} urgence	2 ^e urgence	Totaux	
Etat	Opérations	Monu- ments et Sites	Monu- ments et Sites	Monu- ments et Sites	Monu- ments et Sites
<u>ETAT DE</u>					
<u>FERNAMBUCO</u>					
<u>RECIFE</u>					
<u>(Suite)</u>					
	<u>Au nord de Recife</u>				
	Aménagement hôtelier	100	50		150
	Aménagement balnéaire	100		10	100
	Restauration de N.S. dos Frades	10			10
	Aménagement du parc dos Guararapes	10			10
	Route de N.S. de Nazare do Cabo	50			50
	Restauration de N.S. do Nazare	10	10	20	
	(2) <u>Monuments de Recife</u>				
	Restauration	200	100	300	
	Total pour RECIFE	230	310	110	360
		540	160		710
TOTAUX POUR FERNAMBUCO :					
	Ollinda	1.400	1.080		2.480
	Igarassu	780	530		1.310
	Recife et environs	540	160		710
	Total	2.720	1.770		4.500

EMT DE XIII. SAO LUIS
MIRAPAO

Restauration des édifices publics	200	400	150	300	600
Restauration des édifices privés, aide	150	150			300
Aménagements intérieurs : investissements commerciaux			150		
Aménagements universitaires : logements ou logements locatifs			100	300	400
Plan directeur - enquête			100		100
Infrastructure			400	500	900
Aménagement portuaire			200	100	300
Aménagement balnéaire			200	100	300
Equipement hôtelier			500	200	700
Animation culturelle			100	100	200
Routes			300	300	600
Publicité			100	100	200
Total	750	2.150	550	1.850	900
	2.500	2.400			4.900

1 21

XIV. ALCANTAPA

Plan directeur - étude	100				100
Restaurations	300	100			400
Terrain d'aviation - liaisons				200	300
Liaison maritime					400
Aménagements				200	400
Total	300	800	100	400	400
	1.100	500			1.600

N° de série : 49

Etat et Ville	Opérations	En milliers de dollars					
		1re urgence		2e urgence		Totaux	
		Monu- ments et Sites	Investis- sements et Sites	Monu- ments et Sites	Investis- sements et Sites	Monu- ments et Sites	Investis- sements et Sites
ETAT DE PARA	XV. BELEN						
	São Alesconora	50			50		
	Autres édifices publics	50			50		
	Développement du tourisme amazonien		150				300
	Développement du musée (batellerie)	30		30		60	
	Archéologie a-azonienne	20		20		40	
	Aide aux restaurations privées	20		20		40	
	Publicité		50		50		100
	Total	170	200	70	200	240	400
		370		270		640	
ETAT DE PARANA	XVI. PARANAGUA						
	Plan directeur	30			30		
	Restauration des édifices publics	150		150		300	
	Infrastructure		200		200		400
	Vilha Velha protection	10			10		
	Foz de Iguaçu et "Sambaquis" protection	10			10		
	Moretto et protection de la "Gracioso"			20		20	
	Total	200	200	150	220	350	420
		400		370		770	

N° de série : 422

ETA.º DE
SAO PAULO

XVII. Circuit des "FAZENDAS"
Achèvement des restaurations des "fazendas"
(propriétés du DFHAN)
Aménagement
Acquisition d'autres "fazendas" (Tatuape,
Conzinguí, Eubantan)
Aménagement des autres "fazendas"
Restauration
Equipement hôtelier
Parc et étang de São Antonio
Eretelle routière sur autoroute
Liaison São Roque - São Antonio
Publicité

100				100
10	10			20
		150	150	300
		50	50	100
50	50		100	
		150	150	300
		50		50
		400		400
		300		300
		30	30	60

Total

160	1.130	60	380	220	1.510
	1.290		440		1.730

ETA.º DE
SAO MIGUEL

São Miguel, restauration
Autres "réductions", entretien
Route Santo Angelo - São Miguel
Amélioration terrain d'aviation de
Santo Angelo
"Son et Lumière" de São Miguel
Hôtellerie
Publicité

50		20		70
10				10
	400		200	600
	300			300
	50			50
	50		50	100
	20		30	50

Total

60	820	20	280	80	1.100
	880		300		1.180

DFHAN
BROUIN

En milliers de dollars

Etat et Ville	Opérations			Total
	Urgence	2e urgence	Totaux	
	Monu- ments et Sites	Monu- ments et Sites	Monu- ments et Sites	Monu- ments et Sites
<u>AUTRES</u> XIX. <u>GOIAS</u>				
<u>ETATS</u>	100	100		200
<u>GOIAS</u>		500	500	1,000
	100	100	500	1,000
	600	600		1,200
<u>ESPIRITO</u> <u>AMCHETA</u>				
<u>SANTO</u>	30			30
		50		50
	100		100	200
	100	100		200
	230	50	200	430
	230	250		480
<u>SERGA</u>				
Restaurations	100	30	100	200
TOTAL POUR ESPIRITO SANTO	330	380		710

N° de série : 492

SANTA FLORIANOPOLIS
CATARINA Restauration
GUANABARA RIO DE JANEIRO
Etudes
DISTRICT BRASILIA
FEDERAL Pour mémoire

30 100 30 100 60 200
100 100

TOTAL AUTRES ETATS

130 1.030 210 900 340 1.930
1.160 1.110 2.270

RECAPITULATIONS	1re urgence			2e urgence			Total		
	Monu- ments	Inves- tisse- ments	Total	Monu- ments	Inves- tisse- ments	Total	Monu- ments	Inves- tisse- ments	Total
<u>PARATI ET</u>									
L'ILHA	400	1,660	2,060	290	570	860	690	2,230	2,920
GRANDE									
<u>RIO DE</u>									
JACUHO	80	850	930	40	240	280	120	1,090	1,210
<u>SALVADOR</u>									
	1,950	5,500	7,450	1,760	5,200	6,960	3,710	10,700	14,410
<u>CACHOIERA</u>									
	150	600	750	100	500	600	250	1,100	1,350
<u>BELEM (Bahia)</u>									
	20	100	120		100	100	20	200	220
<u>TORRE GARCIA</u>									
AVILA	60	500	560		100	100	60	600	660
<u>OURO PRETO</u>									
	680	2,050	2,730	660	850	1,500	1,330	2,900	4,230
<u>AUTRES</u>									
VILLES	640	790	1,430	490	940	1,430	1,130	1,730	2,860
<u>OPERATION</u>									
GENERALE		1,700	1,700		1,300	1,300		3,000	3,000
<u>OLINDA</u>									
	300	1,100	1,400	300	780	1,080	600	1,880	2,480
<u>IGUARASSU</u>									
	350	430	780	250	280	530	600	710	1,310
<u>RECIFE et</u>									
ENVIRONS	230	310	540	110	50	160	340	360	710

N° de serie : 492

N^o de série : 438

<u>MARANHAO</u>	SAO LUIS	350	2.150	2.500	550	1.850	2.400	900	4.000	4.500
	ALCANTARA	300	800	1.100	100	400	500	400	1.200	1.600
<u>PARA</u>	BELEM	170	200	370	70	200	270	240	400	640
<u>PARAUA</u>	PARAMAGUA	200	200	400	150	220	370	350	420	770
<u>SAO PAULO</u>	"FAZENDAS"	160	1.130	1.290	60	380	440	220	1.510	1.730
<u>RIO GRANDE DO SUL</u>	SAO MIGUEL	60	820	880	20	280	300	80	1.100	1.180
<u>AUTRES ETATS</u>	AUTRES VILLES	130	1.030	1.160	210	900	1.110	340	1.930	2.270

TOTAL 48.450

TOTAL 48.450

Imprévue 5% 2.420

TOTAL GENERAL 50.870

Remerciements à l'Unesco

Nous exprimons notre gratitude à M. le Directeur général de l'Unesco, M. le Directeur général adjoint et M. le Directeur de la culture de l'Unesco, de nous avoir témoigné leur confiance en nous confiant cette mission et de nous avoir aidés par leurs conseils à l'accomplir. A la Direction de la culture, nous remercions en particulier M. Hardouin des soins particulièrement attentifs qu'il a bien voulu réserver à sa mission.

Nous sommes heureux de leur dire combien le Chef de la Mission de l'Unesco au Brésil, M. Howe nous a facilité notre tâche et nous a apporté un appui constant. C'est entre autre, grâce à son diligent secrétariat que nous avons pu, pendant le temps relativement bref que nous avons passé à Rio, multiplier les contacts administratifs. Nous avons également reçu l'aide efficace de M. Albertal, Chef de Mission des Nations Unies à Rio et de ses collaborateurs.

Nous voudrions enfin exprimer notre reconnaissance à M. l'Ambassadeur Chagas représentant du Brésil auprès de l'Unesco à Paris, dont les conseils et les recommandations nous ont été si précieux.

Nous avons souhaité enfin faire l'hommage de cette étude à la mémoire de Lourival Gomes Machado, qui était si averti des dilemmes qui se posent à sa patrie, et qui souhaitait que l'entreprise que préface cette étude contribuât à l'aider à les résoudre.

Remerciements au Brésil

Au cours des deux séjours que comportait notre mission, nous avons reçu des autorités brésiliennes le meilleur accueil.

Nous avons été reçus par le Ministre de l'éducation et de la culture en exercice au cours de notre premier séjour, et seule une grave maladie à la fin de notre second séjour nous a empêché de présenter nos devoirs à son successeur.

M. Rodrigo Mello Franco de Andrade, directeur du "Patrimônio" depuis 1936 et tout son service ont été nos guides constants et amicaux à travers le Brésil, le plus long périple ayant été effectué en compagnie de M. Renato Solera le successeur de M. Andrade à la direction du "Patrimônio".

Infinitement précieuse nous a été l'amicale sollicitude de M. Miran Latif, président de l'ICOMOS, qui nous a également accompagné dans nos missions. M. Agostinho Olavo Rodrigues, secrétaire administratif de l'IBICC (Section brésilienne de l'Unesco) nous a également facilités de nombreux contacts ainsi que M. Wladimir de Souza, directeur de l'Esbratur.

Parmi les architectes brésiliens, nous avons rencontré, outre M. Lucia Costa urbaniste de Brasilia et chef de service des études et classements du "Patrimônio", M. Oscar Niemeyer, M. Henrique Medina et les représentants de la nouvelle génération.

Bens referidos por Michel Parent em seu relatório

LEGENDA

LAEP - Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico

LBA - Livro do Tombo das Belas Artes

LH - Livro do Tombo Histórico

Nome do bem - Denominação utilizada por M. Parent

[Nome do bem] - Denominação utilizada na inscrição nos Livros do Tombo

BAHIA			
Localização	Bem	Tombamento	
Cachoeira	Cachoeira [conjunto arquitetônico e paisagístico]	LAEP - 21/09/1971	
	Casa adquirida pelo "Patrimônio"		
	Casa do Governador		
	Casas na Rua Ana Néri		Nº 1: LBA - 27/06/1941
			Nº 2: LBA/LH - 23/03/1943
			Nº 4: LBA/LH - 23/03/1943
			Nº 7: LH - 01/03/1941
			Nº 25: LBA - 16/09/1943
	Casas na Rua Benjamim Constant		Nº 1: LBA - 16/08/1943
			Nº 2: LBA - 06/04/1943
			Nº 17: LBA - 16/09/1943
	Igreja do Carmo		LBA/LH - 22/08/1941
	Igreja do Convento dos Jesuítas de Belém [Igreja do Seminário de Belém]		LBA - 17/06/1938
	Igreja dos Terciários do Carmo [Igreja da Ordem Terceira do Carmo]		LBA/ LH - 22/08/1938
Igreja Matriz de de N ^a Sra. do Rosário		LBA/LH - 15/09/1939	
Igreja Matriz de Santiago		LBA - 01/08/1960	
Praça da Aclamação			
Mata de São João	Capela do Castelo	LBA - 30/04/1938	
	Castelo da Torre de Garcia D'Ávila [Casa da Torre de Garcia D'Ávila e Capela de Nossa Senhora da Conceição]	LBA - 30/04/1938	

BAHIA		
Localização	Bem	Tombamento
Salvador	Bairro da Soledade	
	Basílica de Conceição da Praia [Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Praia]	LBA - 17/06/1938
	Casa das "Sete Mortes" na Rua Ribeiro dos Santos	LH - 23/03/1943
	Casa na Rua Macio, nº 4 [Casa à Rua Inácio, nº 4]	LBA - 02/03/1943
	Casa na Rua Macio, nº 6 [Sobrado à rua Inácio, nº 6]	LH - 23/03/1943
	Catedral (ex-igreja dos jesuítas) [Catedral Basílica da Salvador]	LBA - 25/05/1938
	Convento das Clarissas	
	Convento do Desterro [Convento e Igreja do Desterro]	LBA - 25/03/1938
	Convento e a Igreja do Carmo [Convento e Igreja de Nossa Senhora do Carmo]	LH/LBA - 11/05/1938
	Forte de Montserrat [Fortaleza do Mont Serrat]	LH - 09/01/1957
	Igreja da Ordem Terceira de São Francisco	LBA - 25/05/1938
	Igreja de Nossa Senhora de Montserrat [Igreja e Mosteiro de Monte Serrat]	LBA - 27/06/1938
	Igreja de São Domingos e casa da Ordem [Igreja e Casa da Ordem Terceira de São Domingos]	LBA - 20/06/1938
	Igreja de São Pedro [Igreja de São Pedro dos Clérigos]	LH/LBA - 25/09/1941
	Igreja do Paço [Igreja de Nossa Senhora da Penha e Palácio de Verão dos Arcebispos]	LBA/LH - 25/09/1941
	Igreja do Rosário dos Pretos (Pelourinho)	LBA - 17/06/1938
	Igreja e Convento de São Francisco	LBA/LH - 31/03/1938
	Ordem Terceira do Carmo [Igreja e casa da ordem Terceira do Carmo]	LBA - 20/06/1938
	Palácio Ferrado [Palácio Ferrão ou Casa Ferrão]	LBA - 27/03/1938
	Pelourinho	

BAHIA		
Localização	Bem	Tombamento
Salvador (cont.)	Praça Anchieta	
	Rua Castro Rebello, nº 5 [Prédio à rua J. Castro Rabelo, nº 5]	LH - 16/09/1943
	Sacramento da Rua dos Passos [Igreja da Rua do Passo/ Igreja do Santíssimo Sacramento]	LBA - 17/06/1938

DISTRITO FEDERAL		
Localização	Bem	Tombamento
Brasília	[Brasília - DF: conjunto urbanístico]	LH - 14/03/1990

ESPÍRITO SANTO		
Localização	Bem	Tombamento
Anchieta	Entorno da Igreja	
	Igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção	LH - 21/09/1943
	Município	
Serra	Igreja dos Três Reis Magos	LBA - 21/09/1943
	Sítio de Nova Almeida	

GOIÁS		
Localização	Bem	Tombamento
Cidade de Goiás	[Conjunto arquitetônico e urbanístico]	LAEP/LBA/LH - 18/09/1978
	Praça Principal	
	Rua antiga	

GUANABARA		
Localização	Bem	Tombamento
Rio de Janeiro	[Mosteiro e] Igreja de São Bento	LBA/LH - 15/07/1938
	Residências antigas na rua do Catete, na rua Luiz de Camões, na rua Gonçalves Ledo, na rua do Lavradio e nos bairros da Lapa e do morro da Conceição	
	Travessa do Comércio	

MARANHÃO		
Localização	Bem	Tombamento
Alcântara	Capela do Desterro	
	Convento do Carmo	
	Igreja do Rosário	
	Município [Alcântara, MA: Conjunto arquitetônico e urbanístico]	LAEP - 10/10/1974; LH - 29/12/1948; LBA - 10/10/1974
	Praça central	
	Ruínas da Igreja Matriz	
	Ruínas de Santa Quitéria	
	Ruínas de São Francisco	
São Luís	Bairro antigo	
	Casas Antigas [Casa à Rua Colares Moreira, 84/ à Avenida Pedro II, 199 e 205/ Palacete Gentil Braga]	LH - 09/11/1962; LBA - 17/08/1961; LBA - 01/11/1978
	Igreja do Carmo [Praça João Francisco Lisboa: cj. arquitetônico e paisagístico]	LBA - 23/12/1955
	Igreja de Nossa Senhora do Desterro [Largo do Desterro: conjunto arquitetônico e urbanístico]	LBA - 22/12/1955
	Igreja dos Remédios [Praça Gonçalves Dias: conjunto arquitetônico e paisagístico/ Largo de Nossa Senhora dos Remédios: conjunto arquitetônico e paisagístico]	LBA - 23/12/1955
	Igreja da Sé (Catedral) [Retábulo da Catedral da Sé/ Retábulo de Igreja Nossa Senhora da Vitória]	LBA - 23/08/1954
	Igreja de Santo Antônio	
	Igreja de São João Batista	
	Igreja de São Pantaleão	
	Palácio do Governador	
	Porto	
	Praias de São Luís	
	Teatro Arthur Azevedo	

MINAS GERAIS		
Localização	Bem	Tombamento
Belo Horizonte	Cassino [Museu de Arte Moderna]	[Pampulha: conjunto arquitetônico e paisagístico]
	Clube do Centro Náutico	
	Conjunto da Pampulha	
	Igreja de São Francisco	LBA - 01/12/1947
Congonhas do Campo	Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos [conjunto arquitetônico, paisagístico e escultórico]	LBA - 08/09/1939
Diamantina	Casa de Chica da Silva	LBA - 04/04/1950
	Catedral da Sé	
	Igreja [de Nossa Senhora] do Carmo [Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo]	LBA - 19/04/1940
Mariana	Câmara Municipal	
	Casa Capitular (Museu de Arte Sacra)	LBA - 06/12/1949
	Casas da Rua Conde da Conceição	
	Casas da Rua Direita [Casa do Barão de Pontal/ Solar de Mariana]	LH - 06/07/1962
	Casas da rua Nova	
	Casas da Rua São Francisco	
	Grande e Pequeno Seminários [Seminário Menor e Capela de N. Sra. da Boa Morte]	LBA - 06/12/1949
	Igreja de São Francisco da Confraria [Capela de Nossa Senhora dos Anjos da Arquiconfraria de São Francisco/ Capela dos Anjos]	LBA - 08/09/1939
	Igreja de São Francisco de Assis	LBA - 08/07/1938
	Igreja da Sé de Mariana [Igreja Catedral de N. Sra. da Assunção]	LBA - 08/09/1939
Largo de São Francisco		

MINAS GERAIS

Localização	Bem	Tombamento
Ouro Preto	Antigo palácio Municipal [Casa de Câmara e Cadeia/ Casa na Praça Tiradentes] (Museu da Inconfidência)	LBA/LH - 29/11/1954
	Capela de Sant'Ana [Igreja de Santana]	LBA - 06/12/1949
	Capela do Padre Faria [Capela de N. Sra. do Rosário do Padre Faria]	LBA - 08/09/1939
	Capela Nossa Senhora da Piedade	LBA - 08/09/1939
	Capela Nossa Senhora da Piedade do Morro do Cruzeiro	
	Capela [Oratório] Nosso Senhor do Bonfim	LBA - 08/09/1939
	Capela Santa Cruz	
	Capela São João	LBA - 08/09/1939
	Capela São Sebastião [Batista de Ouro Fino]	LBA - 08/09/1939
	Casa dos Contos [Casa à Rua São José]	LBA/LH - 09/01/1950
	Casas	
	[Conjunto Arquitetônico e Urbanístico]	LBA - 20/01/1938; LH/LAEP - 15/09/1986
	Igreja de São Francisco de Assis	LBA - 04/06/1938
	Igreja [Matriz de] Nossa Senhora da Conceição (de Antônio Dias)	LBA - 08/09/1939
	Igreja Nossa Senhora do Monte do Carmo	LBA - 20/04/1938
	Igreja Nossa Senhora das Mercês [e Perdões] (Mercês de Baixo)	LBA - 20/04/1938
	Igreja Nossa Senhora das Mercês de Cima [Igreja de N. Sra. das Mercês e Misericórdia]	LBA - 08/09/1939
	Igreja Nossa Senhora do Pilar [Igreja Matriz de N. Sra. do Pilar]	LBA - 08/09/1939
	Igreja Nossa Senhora do Rosário	LBA - 08/09/1939
	Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz ou Santa Ifigênia [Igreja da Nossa Senhora do Rosário do Alto da Cruz do Padre Faria]	LBA - 08/09/1939
Igreja São Francisco de Paula	LBA - 08/09/1939	
Igreja São Miguel e Almas [Igreja do Bom Jesus do Matozinhos]	LBA - 08/09/1939	
Igreja Nossa Senhora das Dores [Capela de N. Sra. das Dores]	LBA - 08/09/1939	

MINAS GERAIS

Localização	Bem	Tombamento	
Ouro Preto (cont.)	Fontes	[Chafariz da Praça Marília]	LBA - 19/06/1950
		[Chafariz da Rua Ant ^o de Albuquerque]	
		[Chafariz do Alto da Cruz]	
		[Chafariz do Alto das Cabeças]	
		[Chafariz do Passo de Antônio Dias]	
		[Chafariz dos Contos]	
	Palácio dos Governadores (Escola de Minas e Metalurgia)		LH - 13/03/1950
	Passos	[Passo à Praça Tiradentes]	LBA - 08/09/1939
		[Passo da Ponte Seca]	
		[Passo da Rua do Rosário]	
		[Passo da Rua São José]	
		[Passo de Antônio Dias]	
	Pontes	[Ponte da Barra]	LBA - 19/06/1950
		[Ponte de Antônio Dias]	
		[Ponte de São José]	
		[Ponte do Pilar]	
		[Ponte do Rosário]	
[Ponte Seca]			
Teatro			

MINAS GERAIS		
Localização	Bem	Tombamento
Sabará	Casa de Ópera [Teatro Municipal]	LH - 02/01/1963
	Convento e a capela da Terra Santa [Hospício de Terra Santa e Capela de Nossa Senhora do Pilar/ Hospício de Jerusalém e Igreja do Pilar]	LBA - 09/05/1950
	Fonte do Rosário [Chafariz do Rosário]	LBA - 07/02/1950
	Igreja de Nossa Senhora do Ó	LBA - 13/06/1938
	Igreja do Carmo [Igreja de Nossa Senhora do Carmo/ Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo]	LBA - 13/06/1938
	Igreja do Rosário [Igreja de Nossa Senhora do Rosário/ Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Barra]	LBA - 13/06/1938
	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição	LBA - 13/06/1938
	Museu do Ouro [Casa da Intendência/ Real Intendência do Ouro]	LBA/LH - 28/06/1950
	Prefeitura [Paço Municipal/ Casa à rua Dom Pedro II/ Solar Jacinto Dias/ Solar do Padre Correia]	LBA - 07/02/1950
São João Del Rei	Câmara Municipal	
	Catedral da Sé	
	Igreja de Nossa Senhora do Carmo	LBA/LH - 26/07/1938
	Igreja [Matriz] de Nossa Senhora do Pilar [Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar]	LBA - 29/11/1949
	Igreja de São Francisco de Assis	LBA/LH - 15/07/1939
	Museu Regional [Sobrado à Rua Marechal Deodoro, 12/ Sobrado à Praça Severiano de Rezende]	LBA/ LH - 01/08/1946

PARÁ			
Localização	Bem	Tombamento	
Belém	Catedral de Nossa Senhora das Graças [Igreja da Sé/ Igreja Catedral de N. Sra. da Graça]	LH - 03/01/1941	
	Igreja de Santo Alexandre [Igreja de Santo Alexandre e antigo Colégio dos Jesuítas]	LH - 03/01/1941	
	Igreja do Carmo [Convento e Igreja de Nossa Senhora do Carmo e Capela da Ordem Terceira]	LH - 03/01/1941	
	Museu Emílio Goeldi	[Coleção arqueológica e etnográfica do Museu Paraense Emilio Goeldi]	LAEP - 30/05/1940
		[Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi]	LAEP - 03/01/1994; LH - 03/01/1994
	Palácio do Governador [Palácio Lauro Sodré]		LH/LBA - 20/08/1974
	Prefeitura Municipal (palácio Antônio Lemos) [Palacete Azul/ Casa no Largo do Palácio]	LH - 07/07/1942; LBA - 07/07/1942	

PARANÁ		
Localização	Bem	Tombamento
Foz do Iguaçu	Cataratas da Foz do Iguaçu	
Paranaguá	Antiga fonte	
	Cais	
	Casa do Visconde de Náscar	
	Chácara do Caju	
	Convento dos Jesuítas [Colégio dos Jesuítas]	LBA/LH - 24/05/1938
	Igreja da Ordem Terceira de São Francisco [das Chagas]	LH - 27/02/1967
	Igreja de São Bento [Igreja de São Benedito]	LH - 03/08/1987
	Igreja Matriz	
	Residências coloniais na Rua Conselheiro Sinimbu	
Sambaquis		
Ponta Grossa	Parque Estadual de Vila Velha	

PERNAMBUCO		
Localização	Bem	Tombamento
Cabo de Santo Agostinho	Igreja Nossa Senhora de Nazaré do Cabo [Convento Carmelita: ruínas e Igreja de N ^a Sra. de Nazareth]	LBA - 06/07/1961
	Ruínas de um estabelecimento conventual	LBA - 06/07/1961
Igarauçu	Casas	
	Convento [e Igreja] de Santo Antônio	LBA - 17/05/1938
	Igreja de Malagrida/ Coração de Jesus [Igreja do Sagrado Coração de Jesus]	LH/ LBA - 25/05/1951
	Igreja [Matriz] de São Cosme e São Damião	LH/LBA - 25/05/1951
	Pinacoteca do Convento	LBA - 17/05/1938
Jaboatão dos Guararapes	Igreja Nossa Senhora dos Prazeres	LBA - 16/03/1938
	Parque do Monte dos Guararapes [Parque Histórico Nacional dos Guararapes]	LH - 30/10/1961
Olinda	Capela dos Terceiros de São Francisco e claustro	LBA - 22/07/1938
	Casa antiga de propriedade do DPHAN	
	Conjunto da colina da velha Olinda [Olinda, PE: Conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico]	LBA/LH/LAEP 19/04/1968
	Convento de Santa Tereza	
	Igreja da Conceição	
	Igreja da Misericórdia	LBA - 05/08/1938
	Igreja de São Francisco [Convento e Igreja de São Francisco]	LBA - 22/07/1938
	Igreja de São João	
	Igreja de São Pedro [Capela ou Igreja de São Pedro Advíncula]	LH - 16/03/1966
	Igreja do Amparo	
	Igreja do Bonfim	
	Igreja do Carmo [Convento e Igreja de Nossa Senhora do Carmo]	LH/LBA - 05/10/1938
	Mosteiro de São Bento [Igreja e Mosteiro de São Bento]	LBA/LH - 16/07/1938
	Seminário [Igreja de Nossa Senhora da Graça e Seminário de Olinda]	LBA - 17/05/1938
Terrenos disponíveis		
Paulista	Forte de Pau Amarelo	LH/LBA - 24/05/1938

PERNAMBUCO

Localização	Bem	Tombamento
Recife	Igreja de Nossa Senhora da Douração [Capela Dourada, Claustro e Igreja de Ordem Terceira de São Francisco]	LBA - 14/03/1938
	Igreja de São Pedro	
	Igreja de São Pedro dos Clérigos [e Pátio de São Pedro]	LBA - 20/07/1983
	Igreja de [Nossa Senhora do] Rosário dos Pretos	LBA - 08/07/1965
	Igreja do Carmo [Convento e Igreja do Carmo do Recife e Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Santa Teresa]	LBA/LH - 05/10/1938
	Igreja Mãe de Deus [Igreja da Madre de Deus]	LBA - 20/07/1938
	Museu do Açúcar	

RIO DE JANEIRO

Localização	Bem	Tombamento
Angra dos Reis	Casas do século XVIII	
	Três Igrejas antigas	
Cabo Frio	Casas antigas em frente à Igreja Senhora da Guia	
	Igreja Nossa Senhora dos Anjos	LBA - 17/01/1957
	Igreja Nossa Senhora da Guia	LBA - 15/01/1957
	Conjunto paisagístico	LAEP - 27/04/1967
Ilha Grande	Baía de Ilha Grande	
Parati	Capela de Nossa Senhora das Dores	LH - 13/02/1962
	Casas térreas (bairro antigo)	
	Conjunto arquitetônico e paisagístico	LAEP - 13/02/1958; LBA/LAEP - 01/03/1974
	Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios	LH - 13/02/1962
	Igreja Nossa Senhora do Rosário	LH - 13/02/1962
	Igreja Santa Rita de Cássia	LH - 13/02/1962
	Sobrados (bairro antigo)	
Squarema	Igreja de Squarema	
São Pedro d'Aldeia	Conjunto da igreja e do colégio jesuíta com seu velho cemitério	LH/LBA - 12/08/1938

RIO GRANDE DO SUL

Localização	Bem	Tombamento
São Miguel	Ruínas (Povo de São Miguel: remanescentes e ruínas da Igreja de São Miguel)	LBA - 16/05/1938
	Reduções indígenas	

SANTA CATARINA

Localização	Bem	Tombamento	
Florianópolis	Quatro fortes militares do século XVII	[Fortaleza de Santana]	LBA/LH - 24/05/1938
		[Fortaleza de Santo Antônio]	LBA/LH - 24/05/1938
		[Fortaleza de São José de Ponta Grossa]	LBA/LH - 24/05/1938
		[Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição de Araçatuba]	LAEP/LH - 08/04/1980

SÃO PAULO

Localização	Bem	Tombamento
Interior de São Paulo	Fazenda Butantã	
	Fazenda Coxingui	
	Fazenda de Santo Antônio (São Roque)	LBA - 22/01/1941
	Fazenda do Padre Inácio	
	Fazenda Mandú	
	Fazenda Mirim	
	Fazenda Pau d'Alho (S. José do Barreiro)	LH - 19/02/1968
	Fazenda Tatuapé	
Fazendas		

Índice de imagens

- 113** Alcântara (MA). Ruínas da Igreja Matriz de São Matias, 1949. Foto de Marcel Gautherot. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 127/ Pasta 3/ env. 8. F35919. (50105440.jpg)
- 86** Anchieta (ES). Igreja de N. S. da Assunção, 1980. Foto de Sabino Barroso. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. F093270.
- 76** Angra dos Reis (RJ). Igreja de Santa Luzia. Foto de Eduardo Schultz. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 6F. F019623. (50160749.jpg) fachada não está restaurada sem data
- 98** Belém (BA). Igreja do Seminário de Belém. Fachada principal e lateral. Foto de Pinheiros. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 22/ Pasta 0001/ env. 2. F036562. (60138988.jpg)
- 118** Belém (PA). Catedral Metropolitana de Belém – Catedral N. Sra. das Graças. Foto de E. Kratzenstein. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 11F. F016962. 50161070.jpg
- 117** Belém (PA). Igreja de Santo Alexandre e Colégio, Fachada principal. 1967. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 11F.
- 119** Belém (PA). Museu Parque Emílio Goeldi. Parque e fachada principal do Museu Parque Emílio Goeldi, 1974. Foto de Eurico Antônio Calvente. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. (50161146.jpg)
- 123** Belo Horizonte (MG). Vista do Yacht Club e Cassino sobre lago artificial, Pampulha, 1950. Foto de Florence Arquim. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Slide. S00334 (50115456.jpg)
- 121** Brasília (DF). Conjunto urbanístico de Brasília construído em decorrência do plano piloto traçado para a cidade/ Catetinho ou R.P. Auto pistas com super quadras ao fundo. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. F108028 (50161197.jpg)
- 78** Cabo Frio (RJ). Cemitério do Convento e Igreja de N. S. dos Anjos. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 6F. F019709. (50160765.jpg)

- 6** Cachoeira (BA). Sobrado à Praça da Aclamação, nº 4, 1974. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Arquivo Técnico Administrativo. Cx. 408/P. 2/ env. 5. F075479 (60139144.jpg)
- 93** Cena de rito religioso do candomblé [Bahia, 1980]. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Slide. S03653. (50101743.jpg)
- 142** Congonhas (MG). Vista da cidade tirada a partir da Igreja de Bom Jesus de Matosinhos, 1964. Foto de Leopoldo Castedo. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 170/ Pasta 1/ env. 1. F54772. (50187328.jpg)
- 144** Diamantina (MG). Igreja de N. S. do Carmo. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 182/ Pasta 3/ env. 2. F103664. (50196859.jpg)
- 151** Florianópolis (SC). Vista aérea da Fortaleza de N. S. da Conceição de Araçatuba, 1976. Foto de Luís Saia Neto. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 3F. F076979. (50160914.jpg)
- 150** Foz do Iguaçu (PR). Vista aérea das Cataratas. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Slide. S03600 (50101615.jpg)
- 122** Goiás (GO). Largo do Rosário. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 10F. F9335 (50161239.jpg)
- 104** Igarapu (PE). Igreja Matriz de São Cosme e São Damião. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 311/ Pasta 2/ env. 13. F74355.
- 142** Mariana (MG). Igreja de São Pedro. Foto de Stille. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 202/ Pasta 3/ env. 3. F12530. (50162107.jpg)
- 100** Mata de São João (BA). Castelo da Torre de Garcia D'Avila. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 32/ Pasta 2/ env. 4. F49069.
- 103** Olinda (PE). Convento e igreja de Santa Teresa, 1966. Foto de Augusto C. da Silva Telles. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 328/ Pasta 3/ env. 3. F60293.
- 101** Olinda (PE). Vista da cidade de Olinda. Foto de Stille. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. F018672. (50143703.jpg)

- 132** Ouro Preto (MG). Capela do Padre Faria. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 229/ Pasta 2/ env. 8. F13853. (50174387.jpg)
- 134** Ouro Preto (MG). Chafariz do Passo de Antônio Dias. Foto de Pedro Lobo. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 215/ Pasta 1/ env. 2. F95529. (50162380.jpg)
- 128** Ouro Preto (MG). Igreja de São Francisco de Assis, 1980. Foto de Pedro Lobo. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 215/ Pasta 2/ env. 6. F103508 (50162375.jpg)
- 130** Ouro Preto (MG). Igreja Matriz de N. S. do Pilar. Foto de Marcel Gautherot. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 228/ Pasta 2/ env. 4. F13716 (50174003.jpg)
- 133** Ouro Preto (MG). Passo da Ponte Seca, 1980. Foto de Pedro Lobo. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 215/ Pasta 2/ env. 9. F103515. (50162376.jpg)
- 136** Ouro Preto (MG). Ponte do Rosário. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 235/ Pasta 1/ env. 14. F49056. (50179423.jpg)
- 126** Ouro Preto (MG). Vista de Ouro Preto. Foto de Alfredo Evangelista Viana de Lima. Rapport et Propositions pour la Conservation et Récupération et Expansion – Ouro Preto. Porto, 1969. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Assuntos Internacionais.
- 147** Paranaguá (PR). Colégio dos Jesuítas, fachada principal e lateral direita. Foto de Erich Hess. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 3F. F17878. (50160880.jpg)
- 74** Parati (RJ). Casa à rua Comendador José Luís. Foto de Eduardo Schultz. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 9F. F020989. (50160861.jpg)
- 72** Parati (RJ). Igreja de N. S. do Rosário e São Benedito. Foto de Eduardo Schultz. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 9F. F020989. (50160861.jpg)
- 70** Parati (RJ). Vista aérea da cidade, 1964. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 9F. F055008. (50160879.jpg)

- 106** Recife (PE). Igreja de São Pedro dos Clérigos. Foto de Stille. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 362/ Pasta 0001/ env. 2.
- 81** Rio de Janeiro (RJ). Igreja do Mosteiro de São Bento. Foto de Pedro Lobo. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 1F. F0110294. (50160700.jpg)
- 82** Rio de Janeiro (RJ). Travessa do Comércio. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Processo de Tombamento. (50101072.jpg)
- 66** Rio de Janeiro (RJ). Vista aérea do Jardim Botânico, 1984. Foto de Pedro Lobo. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 538/ Pasta 2/ env. 5. F118147. (50143700.jpg)
- 12** Rio de Janeiro (RJ). Morador da ladeira João Homem, Morro da Conceição. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 453/ Pasta 1/ Wenv. 4. F108.519.
- 139** Sabará (MG). Museu do Ouro. Sede restaurada e adaptada pela DPHAN, 1941. Foto de Erich Hess. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 695/ Pasta 2639. F28318. (50162486.jpg)
- 139** Sabará (MG). Museu do Ouro. Sala de exposição, 1941. Foto de Erich Hess. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 697/ Pasta 2647. F28719. (60147580.jpg)
- 87** Salvador (BA). Casario (Ladeira do Pelourinho). Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Slide. S06142. (50105514.jpg)
- 90** Salvador (BA). Igreja e Convento de São Francisco, 1952. Foto de Marcel Gautherot. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 60/ Pasta 1/ env. 2. F041042. (50104967.jpg)
- 91** Salvador (BA). Fachada da Catedral Basílica de Salvador, 1943. Foto de Pinheiros. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Negativo N14810.
- 92** Salvador (BA). Interior da Igreja de São Pedro dos Clérigos, 1969. Foto de Clarival Prado Valladares. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 74/ Pasta 1/ env. 5. F70416.

- 96** Salvador (BA). Venda de cerâmica no Mercado Modelo, 1950. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Slide. S00690.
- 143** São João Del Rei (MG). Igreja Matriz de N. S. do Pilar, Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 262/ Pasta 1/ env. 2. F15761. (50195739.jpg)
- 108** São Luís (MA). Fachada do Palácio do Governo. Foto de Erich Hess. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 136/ Pasta 580/ env. 1. F009824.
- 110** São Luís (MA). Palacete Gentil Braga, na Rua Oswaldo Cruz, nº 782, 1978. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx 134/ Pasta 571/ env. 1. F84457. (50162526.jpg)
- 110** São Luís (MA). Praça João Francisco Lisboa com Igreja do Carmo à direita, 1955. Foto de Pedro G. Pinto. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx.137/ Pasta 2/ env. 8. F94268. (50162570.jpg)
- 153** São Miguel (RS). Remanescentes e ruínas da igreja de São Miguel. Fachada principal, 1954. Foto de Edgard Jacintho. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 2F. F44232. (50161105.jpg)
- 80** São Pedro d'Aldeia (RJ). Igreja e Colégio Jesuíta. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 1F. F021172. (50160893.jpg)
- 84** São Roque (SP). Casa Grande e capela da Fazenda de Santo Antônio. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 637/ Pasta 2/ env. 6. F39570.

A publicação do relatório da Missão de Michel Parent ao Brasil em 1967, pela Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência do IPHAN (Copedoc) faz parte de um projeto mais amplo de difusão das pesquisas sobre as Missões da Unesco no Brasil iniciadas nos anos de 1960. Essa a missão inaugura, em certos aspectos, as relações de cooperação da Unesco referentes ao Brasil, tendo sido seminal para demais missões que a sucederam, daí a escolha deste relatório como primeiro de uma série que pretendemos divulgar.

O estudo dos relatórios dos consultores da Unesco permite acompanhar a inserção brasileira no sistema internacional de patrimônio cultural liderado pela Unesco, como o principal organismo multilateral do âmbito da cultura da Organização das Nações Unidas. Tais relatórios apontam para os temas mais candentes que se colocam para o campo da preservação do patrimônio cultural em cada época. Trabalhando sobre esse universo é possível perceber as mudanças de ênfases e prioridades nos diferentes contextos em que se dão cada uma das missões já identificadas pela pesquisa no Arquivo Central do IPHAN, Seção Rio de Janeiro.

Com esta publicação, damos mais um passo para consolidar o perfil das pesquisas da Copedoc, sobre a história das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil, visando subsidiar a gestão desse patrimônio na atualidade, por meio da associação dos avanços teórico-conceituais à experiência acumulada na instituição na lida do Patrimônio.

É nesse sentido que a historiadora Cláudia Feierabend Baeta Leal, organizadora deste volume, enfatiza o tema do turismo então visto como uma alternativa para o desenvolvimento das cidades históricas protegidas como patrimônio cultural, como o foco das reflexões no momento da visita de Michel Parent ao Brasil.

Outro aspecto ressaltado no estudo sobre o relatório de Parent é o seu olhar pioneiro, dada a época de sua visita, para manifestações culturais tradicionais, ultrapassando a visão mais rotineira sobre o patrimônio cultural edificado. Com essa sensibilidade, Parent aponta práticas de culto religioso

afro-descendentes como característica marcante da cultura brasileira, especialmente presente na Bahia. Se lembrarmos que somente em 1980, com o então polêmico tombamento do terreiro de candomblé da Casa Branca, em Salvador, esse assunto ganhou destaque no campo do patrimônio cultural, Parent nos surpreende com sua atenção já voltada para temas que seriam destaque anos mais tarde.

Cláudia Leal reflete ainda sobre o papel desempenhado por Parent na formulação da Convenção Internacional do Patrimônio Mundial de 1972, considerando o quanto foi marcante a sua visita ao Brasil para as posições que assumiu nos embates que construíram a norma internacional, hoje plenamente consagrada.

Por fim, gostaríamos de ressaltar a preocupação permanente dessa série em dar amplo acesso à informação por meio da reprodução de documentos arquivísticos, imaginando também proporcionar uma leitura prazerosa, ao apresentar nessa publicação o Relatório de Michel Parent na sua versão original, em fac-símile, além da sua tradução para o português, essa sim, ilustrada com fotos selecionadas do acervo do Arquivo Central do IPHAN.

Márcia Chuva
Gerente de Pesquisas da Copedoc



Michel Parent na década de 1960

Jubilé Michel Parent - une vie au service du patrimoine.
Paris: Comité des amis de Michel Parent / Comité d'Histoire du Ministère de la Culture, c. 1997

Dirección General

RM/AT/CONSULTANT

brésil

Protection et mise en valeur
du patrimoine culturel brésilien
dans le cadre du développement
touristique et économique

024 novembre 1966 - 8 janvier 1967
(19 avril - 1er juin 1967)

par M. Parent

IPHAN
ARQUIVO

IMPRESSÃO DE
TÍTULO DE PROJETO DE DOCUMENTO

N° de série : 482/SMS, RD/CLT
Paris, maio 1968

unesco



Ministério
da Cultura

